



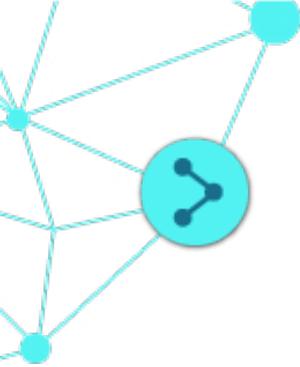
comunicação da ciência: **UM DIÁLOGO NECESSÁRIO**

DOSSIÊ: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Entrevista - UFRB
enfrenta a pandemia de
Covid-19 junto aos seus
territórios

Call center para dúvidas gerais
relacionadas à COVID-19: uso
pelo público alvo e estratégias
de divulgação adotadas pelo
projeto.

Atividades Interativas
Remotas em tempo de
pandemia



Revista Extensão. 19ª edição, vol. 1 (janeiro, 2021) - Cruz das Almas, BA:

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de

Extensão, 2021

Semestral

ISSN: 2236-6784

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do

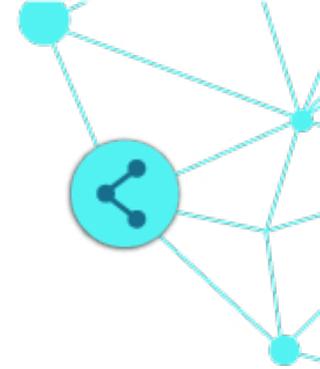
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that sources are cited.

Pede-se permuta./ We ask for exchange.



EDITORIAL

Boa parte da produção acadêmica costuma ficar limitada ao ambiente universitário, sem chegar a ser amplamente divulgada, fato que se deve, em parte, aos canais e linguagens utilizados para difundir a ciência. As revistas acadêmicas e os congressos não costumam ser pensados para o público em geral, que não ocupa esses espaços. A situação não é vista como problema, desde que haja espaços capazes de ampliar, para a sociedade, os benefícios que o conhecimento científico produz. Tais espaços podem ser criados a partir do relacionamento com a imprensa e, também, com estratégias de divulgação das próprias instituições que produzem ciência.

No ano de 2020, com o avanço da pandemia da COVID19, que contaminou mais de sete milhões de brasileiros, tornou-se urgente a veiculação rápida de informação científica para orientar a população sobre como se comportar diante da alta taxa de contaminação. As atividades de pesquisa, extensão e comunicação mostraram-se centrais no enfrentamento da crise sanitária e humanitária. Na comunicação, novos canais, linguagens e ferramentas foram incorporados ao cotidiano, com o objetivo de alcançar, de forma eficiente, um maior número de pessoas.

Universidades e Institutos Federais, do Norte ao Sul do Brasil, criaram cartilhas, tirinhas, vídeos, podcasts, sites, call center, redes sociais, e também aderiram às lives e aplicativos. A necessidade de se aproximar do público em geral, diante da recomendação de distanciamento social, tornou necessário incluir novas tecnologias e novos modos de se comunicar.

Na edição de número 19, volume 1, a Revista Extensão traz um dossiê que reúne as vivências da Extensão Universitária no contexto da pandemia, com sete trabalhos nas áreas de saúde, educação, comunicação, tecnologia e produção. Destes, somente um não aborda o uso de ferramentas de comunicação.

O trabalho “Call center para dúvidas gerais relacionadas à COVID-19: uso pelo público alvo e estratégias de divulgação adotadas pelo projeto” relata e avalia a experiência do serviço de call center, oferecido pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, para socializar informação científica e gratuita às comunidades do seu entorno. O projeto também contou com mobilização nas redes sociais Instagram e Facebook.

O Relato de Experiência “Atividades Interativas Remotas em tempo de pandemia” aborda o uso de metodologias ativas, a partir das ferramentas digitais Google Classroom e WhatsApp, para manter a conexão dos discentes com o Instituto Federal do Amapá.

Em entrevista à Revista Extensão, a especialista em saúde do Comitê de Enfrentamento a Pandemia de Covid 19 da UFRB, Profa. Dra. Paloma Pinho fala das iniciativas da Instituição no enfrentamento da pandemia junto aos Territórios do Recôncavo, Portal do Sertão e Vale do Jiquiriçá. A UFRB produziu material de divulgação em várias linguagens, criou um hotsite para reunir informações sobre a pandemia e intensificou a relação da instituição com a imprensa.

Leia a Revista Extensão 19ª edição, volume 1, com o título “Comunicação da Ciência - um diálogo necessário”, e conheça iniciativas de Instituições de educação que passaram a difundir ciência para quem não é cientista, o que pode ser o pontapé para reflexões e para um diálogo mais do que necessário. Além do dossiê com a temática da pandemia, a edição conta com cinco artigos e 13 relatos de experiências que abarcam outras áreas temáticas do periódico.

Boa leitura!
Revista Extensão



ÍNDICE

- 01** EDITORIAL
- 10** ENTREVISTA: UFRB ENFRENTA A PANDEMIA DA COVID-19 JUNTO AOS SEUS TERRITÓRIOS

DOSSIÊ: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

- 16** A UTILIZAÇÃO DE UMA REDE SOCIAL PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO USO EFICIENTE DA ENERGIA ELÉTRICA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19
- 21** RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A AÇÃO EXTENSIONISTA DE DOCENTES DO CURSO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS DA UFRB NO CONTEXTO DA COVID-19
- 30** POSTERR: FORMAS DE (RE)EXISTÊNCIA NA PANDEMIA
- 37** CISO.UFRB IN LIVES: EM TEMPOS DE PANDEMIA
- 44** ATIVIDADES INTERATIVAS REMOTAS EM TEMPO DE PANDEMIA
- 50** SAÚDE PÚBLICA NA BAHIA: UM CURSO ONLINE EXTENSIONISTA PARA SE PENSAR HISTORICAMENTE A SAÚDE EM TEMPOS DE COVID-19
- 57** CALL CENTER PARA DÚVIDAS GERAIS RELACIONADAS À COVID-19: USO PELO PÚBLICO ALVO E ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO ADOTADAS PELO PROJETO
- 63** MODELAGEM CAD E AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES MECÂNICAS POR ELEMENTOS FINITOS DE VIDEOLARINGOSCÓPIOS IMPRESSOS EM 3D ATRAVÉS DE DIFERENTES POLÍMEROS.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 74** ESPORTE, LAZER E CULTURA: VIVENCIANDO A PRAÇA CEUS DA URBIS I
- 81** O PROJETO ESPAÇO E FESTIVAL "CANTA AÍ" COMO POLÍTICA SOCIAL E CULTURAL DE PROMOÇÃO DAS SOCIABILIDADES NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO
- 87** CINEMA E EXTENSÃO: REFLETINDO ACERCA DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS
- 92** PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE: UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL DA CACHOEIRA-BA12
- 99** EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA EM LIBRAS: O APRENDIZADO PARA ALÉM DO ENSINO DIDÁTICO



104 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

112 EXTENSÃO PARA ALÉM DA EXTENSÃO: NOSSOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL EM PORTUGAL

118 PROMOVEDO A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA DO LAGO DA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

125 ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM EQUIPE TRANSPROFISSIONAL DO GRUPO DE EXTENSÃO DA SAÚDE DO CAMPO EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA

133 PROCESSO DE TRABALHO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF): DESAFIOS DO TRABALHO EM EQUIPE

140 SEMINÁRIO REENCÔNCAVO SAÚDE NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: RELATANDO EXPERIÊNCIAS EM NOVE EDIÇÕES DO EVENTO

148 EMPODERAMENTO DE MULHERES PARA AO PARTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA

155 OS DESAFIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE TRADICIONAL DO QUEBRA FOGO /IRARÁ – BA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ARTIGOS

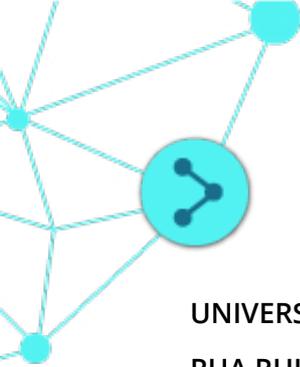
164 ASPECTOS MOTIVACIONAIS EM AULAS COLETIVAS DE VIOLÃO: O PROJETO DEDILHADAS DO RECÔNCAVO

173 PROGRAMA DE EXTENSÃO BRINQUEDOTECA CIRANDAS DO SABER

184 A OFERTA DA LÍNGUA INGLESA NA UFRB: UM MAPEAMENTO DAS ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

195 TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DAS LUTAS SOCIAIS E DAS NARRATIVAS SUBALTERNAS EM CONTEXTOS DE CONFLITOS AMBIENTAIS

204 MEDIADORES DE LEITURA: SUJEITOS, PRÁTICAS E ESPAÇOS NUMA CARTOGRAFIA INICIAL DO TERRITÓRIO DE IRECÊ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

RUA RUI BARBOSA, 710, CENTRO, CRUZ DAS ALMAS - 44.380-000, BAHIA, BRASIL

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Rosilda Santana dos Santos

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAL

Wagner Tavares da Silva

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Karina de Oliveira Santos Cordeiro

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO

Maurício Ferreira da Silva

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

José Joaquim da Silva Ramos

PRÓ-REITOR DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS E ASSUNTOS ESTUDANTIS

Carlos Alberto Santos de Paulo

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Tatiana Ribeiro Velloso

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)

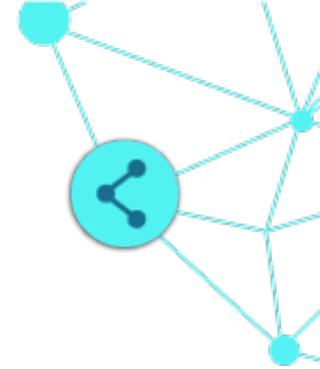
Daniele Pereira Canedo - Coordenadora

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS

Sergio Luiz Bragatto Boss

Tábata Figueiredo Dourado

Míriam da Silva Ferreira



EDITORA

Tábata Figueiredo Dourado, Ma. (UFRB)

EDITORES EXECUTIVOS

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

Míriam da Silva Ferreira, Bela. (UFRB)

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. (UFRB)

Custódia Martins, Dra. (U. Minho/Portugal)

Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)

José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)

Odette González Aportela, Dra. (Universidad de La Habana)

COMITÊ EDITORIAL

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB)

Franceli da Silva, Dra. (UFRB)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

ESTAGIÁRIA

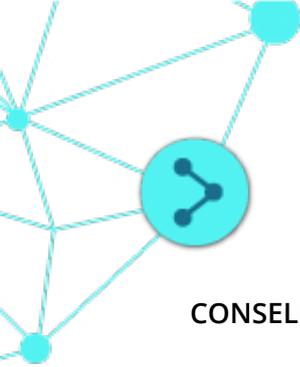
Michele do Nascimento de Jesus - estudante (UFRB)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Renata Machado Gomes, Esp. (UFRB)

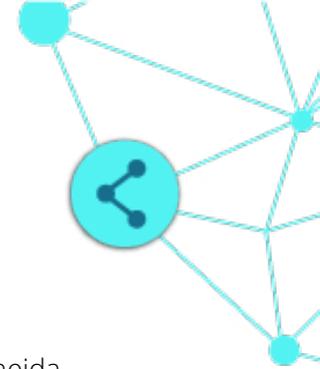
REVISÃO

Antonia Viviane Martins Oliveira, Esp. (UFRB)



CONSELHO CONSULTIVO/ AVALIADORES AD HOC

Dr. Adeânio Almeida Lima
Ma. Adriana Gustavo Cardoso
Ma. Alessandra Dale Giacomini Terra
Dr. Alex Fabiani De Brito Torres
Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva
Dr. Alexnaldo Teixeira Rodrigues
Dr^a. Aline dos Santos Lima
Ma. Amanda Maria Villas Boas Ribeiro
Ma. Ana Cristina de Oliveira Costa
Ma. Andreia Marcilio Valnega
Me. Bartolomeu Conceição Bastos Neto
Dr^a. Carina Santos Silveira
Ma. Carla Daniella Teixeira Girard
Ma. Carla Neves Mariani
Ma. Carla Patrícia da Silva
Dr^a. Célia Aparecida Paulino
Dr^a. Celia Regina da Silva
Me. Cezar Dias Cardoso Júnior
Dr. Cláudio José de Oliveira
Me. Claudio Luiz da Silva Oliveira
Ma. Cristiane Marina Teixeira Girard
Dra. Daiana Camargo
Dra. Daiani Ludmila Barth
Me. Danilo França Conceição dos Santos
Dra. Débora Fabiane Neves da Silva
Dra. Diana Anunciação Santos
Dr. Djeissom Silva Ribeiro
Dr. Ederson Luiz Locatelli
Dr. Edgard Leitão de Albuquerque Neto
Ma. Elvira Rodrigues de Santana
Ma. Erasto Viana Silva Gama
Dra. Erica Bastos da Silva
Ma. Evelyn Siqueira Da Silva
Me. Fabio Paiva De Souza
Me. Fabio Rodrigues da Silva Filho
Me. Filipe Arnaldo Cezarinho
Dra. Graciliana Garcia Leite
Me. Guilherme de Andrade Ruela
Me. Gustavo Augusto Assis Faustino
Dra. Heleni Duarte Dantas de Ávila
Me. Izaquiel Arruda Siqueira
Me. Jackson Santos Dos Reis
Me. Jailton De Jesus Silva
Dra. Jamile Guerra Fonseca
Dr. Joao Vitor Resende Leal
Dr. José Fernando S. Monteiro
Ma. Josuelene Da Silva Souza Dias
Ma. Juliana de Oliveira Ramadas Rodrigues
Me. Júlio Ernesto Souza de Oliveira
Dra. Jussara Santos Pimenta
Dra. Karine Franklin Assis
Ma. Laís Santos De Magalhães Cardoso
Me. Lara Toledo Cordeiro Ottoni
Dr. Leandro Ribeiro Palhares
Me. Luana Ferreira dos Santos
Me. Lucas Henrique Vieira Lenci
Dra. Luciana Canário Mendes
Dr. Luiz Carlos Soares de Carvalho Junior
Me. Manassés dos Santos Silva
Dr. Marcelo Alves Brazil



Me. Marcelo da Cunha Matos
Dr. Marcelo Henrique Siqueira de Araujo
Ma. Márcia Rejane Freire de Oliveira
Dra. Maria Aparecida de Matos
Me. Maria Auxiliadora Gomes de Freitas
Dra. Maria da Graça Bernardes e Silva
Dra. Maria do Socorro Gomes Torres
Dra. Maria Lucélia Da Hora Sales
Dra. Mariângela Alonso
Me. Mário Luis Tavares Mendes
Dra. Marize Torres Magalhães
Me. Mateus Souza De Oliveira
Dr. Maykon dos Santos Marinho
Dra. Olivia Maria Costa Silveira
Ma. Patrícia Ferreira Miranda
Dra. Patrícia Petitinga Silva
Dra. Patricia Teixeira Damasceno Lobo
Dr. Paulo Cesar Gastaldo Claro
Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento

Dra. Priscila Ricardo de Oliveira
Dra. Rejane Cleide Medeiros De Almeida
Ma. Renata Augusto Vieira
Dra. Renata Heisler Neves
Dr. Ricardo Jose Brugger Cardoso
Dra. Rita Garcia
Me. Roger Trindade Pereira
Dra. Rosangela Souza da Silva
Dra. Rosilene Komarcheski
Dr. Samilo Takara
Ma. Sara Jane Cerqueira Bezerra
Dr. Sergio Luiz Bragatto Boss
Dra. Simone Varela
Dr. Solano Sávio Figueiredo Dourado
Dra. Taciana Uecker
Dra. Valéria Nanci de Macêdo Santana
Ma. Waldiselia Dos Santos Passos



UFRB ENFRENTA A PANDEMIA DE COVID 19 JUNTO AOS SEUS TERRITÓRIOS

Por Sandrine Souza

A crise sanitária e humanitária causada pela pandemia de Covid 19 contaminou mais de sete milhões de brasileiros, e foi a causa de mais de 190 mil mortes entre março e dezembro de 2020. Um cenário difícil, que afetou a vida de todos os brasileiros, principalmente, dos mais vulneráveis.

Neste contexto, a federal do Recôncavo se mobilizou, em várias frentes de atuação, para superar os desafios postos, junto aos territórios do Recôncavo, Portal do Sertão e Vale do Jequiçá.

Apesar das limitações, as ações de extensão promovidas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia alcançaram quilombolas, mestres da cultura, gestores culturais, deficientes auditivos, comunidade LGBTQIA+, profissionais de saúde, profissionais de assistência social e a comunidade acadêmica. Mais de 300 ações, com foco no enfrentamento da pandemia, foram registradas pela instituição de abril a novembro de 2020.

A UFRB produziu e distribuiu álcool a 70% e protetor do tipo face shield, desenvolveu respiradores de baixo custo, promoveu atividades culturais, educativas, artísticas, científicas e tecnológicas, retomou o ensino por meio de semestre remoto. No momento, segue em fase de implantação do Laboratório de Diagnóstico Molecular da Covid-19, no Centro de Ciências da Saúde, em Santo Antônio de Jesus, que irá colaborar com a vigilância molecular de 12 mil profissionais de saúde de 48 municípios. Tudo isso utilizando novos canais e linguagens, tendo a pesquisa, a extensão e o trabalho em rede como estratégias para a superação dos problemas sociais em questão.

Os professores, técnicos e estudantes da Universidade precisaram se adaptar ao trabalho remoto e à utilização de novas ferramentas nas atividades administrativas e acadêmicas. Recaíram desafios novos e complexos para a Universidade, já marcada pelos profundos cortes orçamentários, no sentido de manter o seu pleno funcionamento, garantir a permanência dos estudantes, em sua maioria pretos, pobres e sem acesso aos recursos tecnológicos necessários para a dinâmica virtual imposta, e cumprir com a sua função e responsabilidade social nos territórios onde atua.

Especialista em saúde do Comitê de Acompanhamento e Enfrentamento à Covid-19 da Universidade, criado em março de 2020, a profa Dra Paloma de Sousa Pinho, do Centro de Ciências da Saúde da UFRB, conversou com a Revista Extensão sobre a atuação da Universidade na pandemia, especialmente, no campo da saúde. Uma análise que identifica dificuldades, mas também, muitas oportunidades e avanços.

Enfermeira, Mestre e Doutora em Saúde Pública, Paloma de Sousa Pinho atua nos campos de Epidemiologia, Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, Gênero, Saúde Mental e Imunização. É Líder e Pesquisadora do Núcleo Saúde, Educação e Trabalho (NSET) da UFRB e Vice-Líder do Núcleo de Epidemiologia (NEPI) da UEFS.

Confira a entrevista

Revista Extensão - De quais maneiras o comitê da UFRB atua no enfrentamento da pandemia de Covid-19? (ações e números)

Paloma de Sousa Pinho -

Temos registradas, até o momento, aproximadamente 340 ações que envolvem a crise sanitária. As iniciativas são desenvolvidas por toda a comunidade acadêmica da UFRB, nos sete Centros de Ensino.

As ações e estratégias para enfrentamento dessa pandemia são diversas, dentre as quais podemos citar: monitoramento e acompanhamento dentro da comunidade acadêmica (discentes, docentes, servidores técnicos e terceirizados), com o registro de 105 casos suspeitos e/ou confirmados de Covid-19; elaboração de gráficos para acompanhamento do número de casos em todas as cidades com campus da UFRB; articulação e parceria com outros órgãos (secretarias de saúde municipais, estadual, outras IES); atendimento psicológico para a comunidade acadêmica; participação em eventos, concessão de entrevistas em mídias locais (rádio, TV etc); produção e promoção de materiais educativos e informativos que envolvem a temática da pandemia decorrente do novo Coronavírus (higienização das mãos, uso de máscara, distanciamento social, auxílio emergencial); produção e distribuição de álcool a 70% e protetor do tipo "face shield"; atividades culturais, artísticas e tecnológicas.

Destaco, aqui, a instalação do Laboratório de Diagnóstico Molecular da Covid-19, no Centro de Ciências da Saúde, em Santo Antônio de Jesus - um marco para as regiões do Recôncavo da Bahia, Vale do Jiquiriçá e Portal do Sertão. O Laboratório, em fase final de implantação, vai realizar a vigilância molecular de 12 mil profissionais de saúde de 48 municípios.

Revista Extensão - Além das ações para prevenir o contágio do novo coronavírus, a UFRB também protagoniza ações no campo da cultura, da psicologia, da educação, em várias linguagens e formatos, a fim de colaborar com a superação de efeitos colaterais da pandemia. Gostaria que comentasse sobre a abrangência da

atuação da Universidade, no atual contexto.

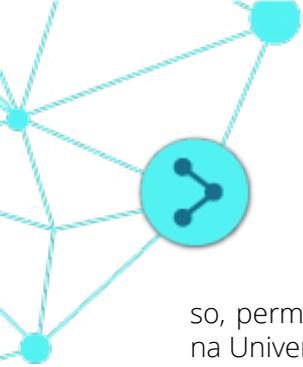
Paloma de Sousa Pinho - As ações promovidas pela UFRB abrangem não apenas nossa comunidade acadêmica, mas, principalmente, a população que nos cerca. A maior parte das ações são extensionistas, formuladas com vistas a atender às especificidades de determinadas populações. Conseguimos alcançar comunidades quilombolas, população com deficiência auditiva, comunidade LGBTQIA+, profissionais de saúde, profissionais de assistência social e indivíduos de diferentes faixas etárias. A diversidade e pluralidade de ações demonstram a preocupação em tornar as ações mais acessíveis, promover a saúde e manter a vida - que é aquilo que mais importa, nesse momento.

Revista Extensão - Quais foram as parcerias e redes que surgiram ou se fortaleceram?

Paloma de Sousa Pinho - Fomos acionados e também firmamos parceria com diversas instituições de saúde loco-regionais, com outras Instituições de Ensino Superior - IES, comunidades quilombolas do Vale e Bacia do Iguape e sua Resex, através da participação do ICMBio e de outras cidades da região, associações, serviços de saúde, segurança pública e instituições privadas. O Laboratório de Diagnóstico Molecular da Covid-19 da UFRB atenderá 48 municípios baianos, que manifestaram a sua adesão, formalmente, nos três territórios onde a universidade atua. A parceria com os municípios permitirá a realização de diagnóstico precoce de profissionais dos estabelecimentos de saúde da atenção primária, o que qualificará o enfrentamento da pandemia. Nesta crise sanitária, também está se consolidando a Rede Estadual de Vigilância Molecular de Zoonoses Emergentes, na qual a UFRB é uma protagonista de expressividade.

Revista Extensão - Como a pandemia afeta o ingresso, a permanência e a formação dos estudantes da Universidade? Quais foram os caminhos encontrados para superar as dificuldades?

Paloma de Sousa Pinho - O contexto pandêmico suscitou alguns entraves para o ingres-



so, permanência e formação dos estudantes na Universidade. A impossibilidade de atividades presenciais, incerteza quanto ao tempo e qualidade da formação, a própria conjuntura socioeconômica do país, são algumas dessas limitações. Com vista a superar a problemática, foram propostas ações como oferta de cursos, eventos e lives com emissão de certificados, editais de apoio à inclusão digital, colação de grau remota, antecipação de formatura, pré-matrícula on-line, oferta de insumos (máscara de tecido, álcool 70% e materiais de limpeza) para discentes moradores das residências. E, após ampla discussão nos espaços acadêmicos, foi planejado e ofertado um calendário suplementar remoto.

“A diversidade e pluralidade de ações demonstram a preocupação em tornar as ações mais acessíveis, promover a saúde e manter a vida – que é aquilo que mais importa, nesse momento.”



Paloma Pinho Especialista em saúde do comitê de Covid 19

Revista Extensão - Quais objetivos a aprovação do Calendário Suplementar 2020.3 e o lançamento dos editais de apoio à inclusão digital buscam atender?

Paloma de Sousa Pinho - O Calendário Suplementar 2020.3 é uma alternativa para o desenvolvimento das atividades de ensino para graduação e pós-graduação, no contexto da pandemia. Os editais de apoio à inclusão digital têm, como público-alvo, estudantes da graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O objetivo é proporcionar melhores condições de conectividade e equipamentos para o acesso à internet, para que os estudantes possam desenvolver as suas atividades.

Revista Extensão - Que desafios estão colocados para a pesquisa, o ensino e a extensão?

Paloma de Sousa Pinho - Poderíamos citar inúmeros desafios aqui, principalmente, porque as universidades já vinham enfrentando um contexto de desmonte, sucateamento e constantes cortes orçamentários. O cenário coloca em xeque as condições de trabalho das universidades e afeta, diretamente, o tripé ensino-pesquisa-extensão. A pandemia vem transformando e reinventando diferentes contextos, e instalou, de forma abrupta, o teletrabalho em todas as esferas. A pesquisa foi visibilizada como importante, porém, mantém-se pouco financiada. Para superar essas dificuldades, o corpo de pesquisadores tem submetido sistematicamente propostas aos editais, estaduais e federais, de fomento à pesquisa. A extensão mostrou-se fonte vital para enfrentar um problema de saúde pública, mas ainda precisa de maiores investimentos. O ensino presencial foi interrompido, trazendo o ensino remoto para centralidade, o que nos trouxe inúmeros questionamentos, dúvidas e incertezas. Enfim, só posso dizer que são desafios gigantescos e que temos vivido, enquanto universidade, um momento histórico de muita resiliência, persistência e luta.

Revista Extensão - A produção acadêmica costuma ficar mais restrita ao ambiente universitário, sem chegar a ser amplamente divulgada para a sociedade. No

contexto da pandemia, as universidades estiveram mais presentes na mídia, o que ampliou o seu público. Na UFRB, quais são as estratégias de comunicação com a sociedade adotadas pelo Comitê?

Paloma de Sousa Pinho - Desde o primeiro momento, o comitê se preocupou com o acesso rápido e eficaz a informações assertivas e de qualidade. Para isso, ainda em março de 2020, criamos o hotsite ufrb.edu.br/coronavirus para disponibilizar informações sobre o vírus SarsCov-2 e a pandemia da Covid-19. Toda forma de comunicação criativa vem sendo utilizada: podcasts, vídeos, textos, artigos científicos, palestras, cursos, eventos, lives, materiais gráficos educativos, entre outros. Utilizamos as mais variadas mídias sociais: YouTube, Instagram, Facebook, WhatsApp, com o intuito de estarmos cada vez mais próximos da comunidade e de darmos o retorno que se espera de uma universidade pública. Ainda, nas nossas reuniões periódicas, estamos abertos ao diálogo com representantes da sociedade.

“Sairemos melhores, mais sensíveis e mais eficientes no pós-pandemia.”

Revista Extensão - As universidades públicas brasileiras produziram equipamentos de proteção individual, respiradores, álcool, além de auxiliar governos e indivíduos, com pesquisa, extensão, publicações e prestação de serviço, para lidar com o novo contexto. Pode-se dizer que as universidades ocupam um papel importante na gestão da crise do coronavírus? A Pandemia resgatou o prestígio das universidades?

Paloma de Sousa Pinho - As universidades são e sempre serão fundamentais para o enfrentamento de qualquer tipo de surto, epidemia, pandemia ou qualquer outra situação que envolva a população. A produção do conhecimento, que é caráter basilar das Universidades, ganhou destaque por contribuir direta-

mente com medidas de prevenção e controle do novo Coronavírus. No entanto, isso não significou, necessariamente, o resgate do prestígio das universidades, mesmo porque muitas atividades, às vezes, são confundidas como sendo de autoria de outros órgãos governamentais ou privados. Longe de estarem sem atividades ou com atividades suspensas, professores-pesquisadores, técnico-administrativos e discentes se engajaram arduamente para atender, de diferentes maneiras, às necessidades emergentes do contexto atual, o que ratifica e visibiliza a missão da universidade pública de gerar conhecimento e servir à sociedade. Mas, resgate de prestígio da Universidade? Não sei ao certo!

“As universidades são e sempre serão fundamentais para o enfrentamento de qualquer tipo de surto, epidemia, pandemia”



Revista Extensão - O que a pandemia do novo coronavírus deixará de aprendizagem para o ensino superior? Quais são as mudanças que estão em curso?



Paloma de Sousa Pinho - A pandemia decorrente da Covid-19 mudou a vida de todos nós. A crise sanitária, o isolamento social e o fechamento da Universidade geraram uma janela de oportunidade para o corpo docente repensar a andragogia e as relações ensino-aprendizagem. Em nenhum outro momento na história da UFRB tantos docentes se dispuseram a receber capacitações sobre temas ligados à educação, como: novas tecnologias, avaliação, metodologias ativas, protagonismo discente, entre outros. Portanto, a aprendizagem vem acontecendo a largos passos e em tempo recorde. As habilidades de reinventar o fazer andragógico e se adequar às mais di-

ferentes situações precisam ser fomentadas continuamente dentro das universidades. A apropriação de novas tecnologias é primordial para o avanço do ensino superior. Além disso, as iniquidades de acesso aos recursos tecnológicos é uma importante limitação a ser superada. Apesar de não sabermos como será o mundo após a pandemia, muitas mudanças vieram para ficar. Vamos valorizar as muitas coisas boas que temos, apesar de não serem perfeitas. Vamos valorizar nossa Universidade, vamos nos orgulhar de ser parte dela. Temos convicção que sairemos melhores, mais sensíveis e mais eficientes no pós-pandemia.



Fabricação de álcool em gel na UFRB Foto: Ascom/UFRB

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

A UTILIZAÇÃO DE UMA REDE SOCIAL PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO USO EFICIENTE DA ENERGIA ELÉTRICA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19

THE USE OF A SOCIAL NETWORK FOR AWARENESS ABOUT THE EFFICIENT ENERGY USE DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Victor Hayne de Andrade

Graduando do Curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da UFRB.
victor_hayne@hotmail.com

Ana Carolina Silva Pinto

Graduando do Curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da UFRB.
anacarolsilva11@hotmail.com

Anete Maria Araujo Vieira

Graduando do Curso de Engenharia Mecânica da UFRB.
anetevieira1@gmail.com

Caique Frois Pinheiro

Graduando do Curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da UFRB.
cai_frois@hotmail.com

Felipe Hayne de Andrade

Graduando do Curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da UFRB.
lpehayne@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa relatar a experiência dos membros do Projeto Uso Racional de Energia Elétrica no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Entorno, vivenciada durante o cenário causado pela pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). Com o distanciamento social e trabalhos remotos, a internet tornou-se a principal aliada para minimizar os efeitos causados pela quarentena. Diante disso, a equipe do Projeto Uso Racional de Energia Elétrica no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) adequou-se à nova realidade e criou um perfil na rede social do Instagram, a fim de instruir e informar sobre um consumo mais racional, econômico e consciente dos recursos energéticos disponíveis.

Palavras chave: Eficiência Energética. Instagram. Uso Racional.

ABSTRACT

The present work aims to report the experience of the members of the Rational Use of Electricity Power in the scope of Federal University of Recôncavo of Bahia (UFRB) and surroundings, experienced during the scenario caused by the pandemic of the New Coronavirus. With the social distancing and home office jobs, the internet became the biggest ally to minimize the effects of the quarantine. Based on above considerations, the project team looking for adapt to the new reality, created a social media profile on Instagram in order to keep instructing and informing about rational, economic and conscious consumption of available energy resources.

Keywords: Energy Efficiency. Instagram. Use Rational.



INTRODUÇÃO

O primeiro semestre de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19, causado pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), doença que se espalhou rapidamente em vários países de todos os continentes, preocupando e gerando impactos variados na população mundial.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) instituiu medidas essenciais para a prevenção e enfrentamento dessa pandemia, entre elas o isolamento social, limitando e afetando a rotina da população em geral (OLIVEIRA et al., 2020). Isso também afetou as atividades acadêmicas, com a paralisação das aulas presenciais e do andamento dos projetos de pesquisas e extensão das Universidades Federais do Brasil (BRASIL, 2020).

Todos esses acontecimentos levaram a maioria da população a permanecer mais tempo dentro de suas residências, causando um aumento do acesso às informações presentes nas plataformas digitais, incluindo as redes sociais. O incentivo à permanência doméstica na quarentena, transformou as interações entre amigos e familiares, assim como aumentou o uso da internet, para divulgação de informações, proporcionando um crescimento no engajamento e uso das mídias sociais, fortalecendo esse poderoso meio de comunicação (FERENTZ et al., 2020).

A pandemia também causou uma redução no consumo de energia elétrica nos setores comerciais e industriais. No entanto, com as ações de confinamento para tentar controlar a contaminação da COVID-19, aumentou-se a demanda no setor residencial, levando a um aumento no valor da conta de energia. Muitos cidadãos, principalmente aqueles que não conseguem trabalhar, estão passando por problemas financeiros, não conseguindo arcar com esse aumento (MASTROPIETRO et al., 2020).

Ante a paralisação das atividades acadêmicas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, e, observando esse cenário, os voluntários do “Projeto Uso Racional de Energia Elétrica no âmbito da UFRB e Entorno”, um dos projetos do Capítulo Estudantil IEEE¹/PES²,

buscaram uma forma de continuar suas ações e atividades e contribuir com a sociedade.

Este projeto tem várias facetas, incluindo o levantamento de dados sobre a forma de utilização de energia nos prédios da UFRB, no campus de Cruz das Almas – BA, e, como medida de intervenção, visando a conscientização da importância da eficiência energética, dentro do campus.

Assim, este relato de experiência tem como objetivo apresentar a forma encontrada por discentes, para que dessem continuidade aos trabalhos acadêmicos que eram realizados, antes das dificuldades impostas pela COVID-19.

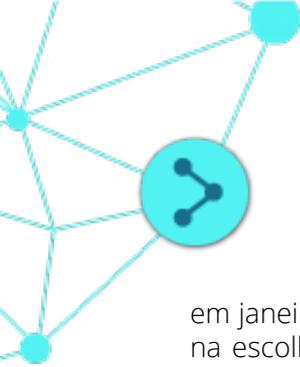
O projeto desenvolvido compartilha conteúdos, agora acessível àqueles que utilizam a internet, para influenciar as pessoas a mudar comportamentos, de modo a economizar e utilizar, de forma mais eficiente, a energia elétrica. Isto se traduz em uma utilização racional, ou seja, consumir em menor quantidade realizando as mesmas atividades, evitando desperdícios e uso ineficiente, diminuindo o gasto energético (LOPES, 2016).

METODOLOGIA

Inicialmente as ações do projeto eram presenciais e voltadas ao público acadêmico da UFRB, onde eram realizadas coletas, análises de dados e intervenções nos prédios da universidade, promovendo a conscientização, como também a economia da energia elétrica. As atividades acadêmicas foram suspensas em meados de março em virtude da pandemia e os grupos de trabalho passaram a manter contato através de reuniões realizadas por mídias sociais.

Dessas reuniões definiu-se a utilização da rede social Instagram como forma de dar continuidade aos trabalhos de forma remota, alcançando não só o público da Universidade, mas também a população extramuros.

No Brasil, o Instagram é a quarta rede social mais acessada, ficando apenas atrás do YouTube, Facebook e WhatsApp. Ele é consumido por 79% de brasileiros entre 16 e 64 anos, alcançando um total de 77 milhões de pessoas



em janeiro de 2020. Outro fator fundamental na escolha desta mídia social foi a facilidade de engajamento entre os usuários (FERENTZ et al., 2020).

Foi necessário analisar maneiras de como seria implementada essa nova etapa do projeto, pensando numa solução em que todos os membros trabalhassem e estivessem envolvidos. Com isso, decidimos que nosso trabalho seria rotativo e seria liderado de forma mensal por um responsável em administrar as atividades dos membros. Os demais trabalharam semanalmente da seguinte forma:

Pesquisa de temas relacionados à Eficiência Energética - Um integrante tem a função, de pesquisar sobre temas que possam desmistificar e levar informações interessantes sobre eficiência energética e apresentá-los para os outros integrantes para ser decidido, por votação, os assuntos que serão abordados;

Elaboração Textual - Um integrante é responsável pela produção e formatação de um texto sobre o tema decidido;

Criação de "cards" informativos para publicações - Um integrante é responsável por criar artes relacionadas ao tema decidido;

Gerenciamento - Um integrante é responsável por fazer a publicação na rede social e promover engajamento com os usuários do Instagram.

Ao fim de toda semana, as publicações são analisadas e verificado o engajamento alcançado com os usuários.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Com a criação do perfil no Instagram, em 11 de maio de 2020, realizou-se a primeira publicação em seu feed (local onde reúne todas as publicações que já foram realizadas no perfil) e através de informações obtidas na própria rede social verificou-se um alcance em 256 contas no Instagram como mostrado na figura 1, assim, percebeu-se que seria capaz de atingir um público maior que o então alcançado,

nas ações de conscientização sobre eficiência energética, já realizada na universidade.

Nas análises de interações mostradas na figura 1 está o engajamento dos usuários da rede social com publicações dos meses de maio, junho e julho. As análises mostram que o engajamento das pessoas com os conteúdos postados aumentou em relação à primeira publicação.

Sendo a primeira publicação curtida por 65, compartilhada por 21 e alcançada por 246 contas diferentes, comparada com uma postagem de junho (captura de tela ao meio da figura 1), duplicou o número de curtidas e compartilhamentos, tendo um alcance de 720 contas diferentes. Vale ressaltar que essa publicação de junho foi a que teve maior engajamento, mas as seguintes mantiveram um bom nível de engajamento como mostrado na publicação mais recente de julho, em que se obteve 89 curtidas, 27 compartilhamentos, 22 visitas ao perfil e um alcance em 601 contas diferentes.



Figura 1 – Engajamento dos usuários com as publicações. **Fonte:** De autoria própria

Baseado nesse alcance começou-se a diversificar as postagens, que antes eram mais focadas no feed, conforme a figura 2, fazendo também publicações no story, (recurso do Instagram que permite que os usuários publiquem conteúdos rápidos e que só podem ser visualizados dentro do período de 24 horas).



estabelecer um contato e/ou disseminação com os usuários que seguem o perfil.

Além de criar e disseminar conteúdos relevantes, o uso de uma mídia social requer indiscutivelmente, a responsabilidade social e uma busca constante do desenvolvimento da cidadania. A necessidade de interagir e con-

tribuir constantemente nesse espaço virtual, fomenta ações, em que todos os envolvidos passam a discutir e adotar comportamentos com base nas informações técnico-científicas, condição sinequa non para apoiar um mundo mais sustentável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: <<http://www.crub.org.br/blog/publicado-no-dou-a-portaria-mec-544-que-estende-as-aulas-remotas-ate-31122020/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

FERENTZ, Larissa; FONSECA, Murilo Noli da; ACCIOLY, Nicole Santos; GARCIAS, Carlos Mello. Hash-tags relacionadas à COVID-19 no Brasil: utilização durante o início do isolamento social. 2020. Disponível em: <<http://www.escs.edu.br/revistac>

[cs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/690/300](http://www.escs.edu.br/revistac/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/690/300)>. Acesso em: 19 jul. 2020.

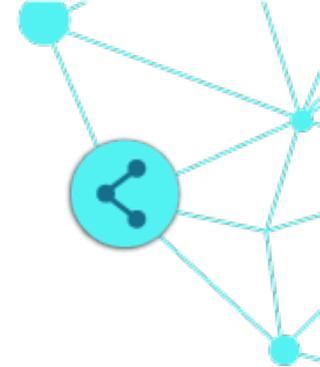
GALO, J. J. M.; MACEDO, M.; Uso racional de energia elétrica nas faculdades Jorge Amado, Seminário nacional de eficiência energética, Belo Horizonte, 2008

GALO, J. J. M.; Projeto de Uso Racional de Água e Energia – COBENGE, 2003;

LOPES, Carlos Rugiere Cardoso. Eficiência energética em residências: estudo de caso. 2016. 82 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Controle e Automação) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1026/1/MONOGRAFIA_Efici%3%aanciaEnerg%3%a9ticaResid%3%aan-cias.pdf>. Acesso em 21 jul. 2020

MASTROPIETRO, Paolo; RODILLA, Pablo; BATLLE, Carlos. Emergency measures to protect energy consumers during the CovidCOVID-19 pandemic: A global review and critical analysis. Energy Research & Social Science. 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S221462962030253X>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; LUCAS, ThabataCoaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a Pandemia da CovidCOVID-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?p_id=S010407072020000100201&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 19 jul. 2020.



RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A AÇÃO EXTENSIONISTA DE DOCENTES DO CURSO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS DA UFRB NO CONTEXTO DA COVID-19

EXPERIENCE REPORT ON THE EXTENSIONIST ACTION OF PROFESSORS
OF THE INTERDISCIPLINARY BACHELOR'S COURSE IN ENVIRONMENTAL
SCIENCES AT UFRB IN THE CONTEXT OF COVID-19

Vanderlei da Conceição Veloso-Junior

Professor Doutor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
vanderlei.veloso@ufrb.edu.br

Marcus Vinicius Costa Almeida Junior

Professor Mestre do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
mvcajr@ufrb.edu.br

Gustavo Luis Schacht

Professor Doutor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
schacht@ufrb.edu.br

Isabel Cristina Moraes

Professora Doutora do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
isabelmoraes@ufrb.edu.br

Leonardo Azevedo Klumb Oliveira

Professor Doutor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
leonardoklumb@ufrb.edu.br



RESUMO

A partir da suspensão do calendário acadêmico da UFRB e da necessidade de praticar o distanciamento social imposto pelo vírus SARS-CoV-2, causador da atual pandemia da Covid-19, surge a necessidade de buscar alternativas ao modelo presencial tradicional de ensino. Assim, o presente relato de experiência objetivou refletir sobre as práticas do Projeto de Extensão “GECAM on-line”, descrevendo suas etapas de realização e desafios encontrados, possibilitando o compartilhamento de experiências com o público interessado nas temáticas educacionais. Vários foram os desafios encontrados pelos atores responsáveis, como a baixa qualidade de internet e a busca por atingir maior público. De todo modo, é possível destacar os aspectos positivos desta iniciativa, compreendendo a importância do uso das ferramentas digitais para divulgação do conhecimento científico e como possibilidade de contato e aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem durante o período de pandemia. Compreende-se que projetos como este tendem a fortalecer a Universidade, a Sociedade e a Educação.

Palavras-Chave: Pandemia. Tecnologia Educacional. Webinário.

ABSTRACT

From the suspension of the academic calendar at UFRB and the need to practice the social distance imposed by the SARS-CoV-2 virus, which caused the current pandemic of Covid-19, the need arose to seek alternatives to the traditional classroom model of teaching. Thus, the present experience report aimed to reflect on the practices of the Extension Project “GECAM on-line”, describing its stages of implementation and challenges encountered, enabling the sharing of experiences with the public interested in educational issues. There were several challenges faced by the responsible actors, such as the low quality of the internet and the search to reach a larger audience. Anyway, it is possible to highlight the positive aspects of this initiative, understanding the importance of using digital tools to disseminate scientific knowledge and also as a possibility of contact and improvement of the teaching-learning process during the pandemic period. It is understood that projects like this tend to strengthen the University, Society and Education.

Keywords: Pandemic. Educational technology. Webinar.

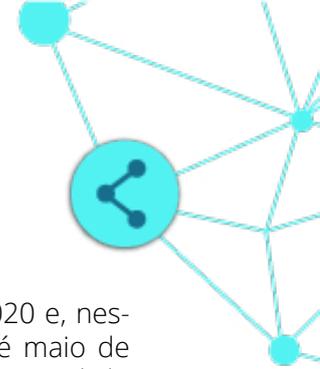
INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 o mundo foi surpreendido pelo relato do surgimento de uma doença causada por um tipo de coronavírus (SARS-CoV-2), ainda pouco conhecido pela ciência (WU et al., 2020). Em cerca de três meses, a doença, que foi denominada Covid-19, chegou ao Brasil e se dispersou por todo o país. (BRASIL, 2020a; CASACA et al., 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como uma pandemia no dia 11 de março de 2020 (WHO, 2020). No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde (MS), até o dia 31 de março, a região Nordeste era a segunda região do país em número de casos, superada apenas pela região Sudeste (BRASIL, 2020b). O número elevado de pessoas contaminadas em um curto intervalo de tempo e a necessidade de resguardar a saúde e a vida

dos membros da comunidade acadêmica foi determinante para a suspensão do calendário acadêmico da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em 17 de março (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2020).

Com a suspensão do calendário acadêmico e a consequente interrupção das atividades presenciais de ensino, pesquisa e extensão universitária, houve a necessidade de se buscar alternativas para manter o compromisso institucional com a formação de recursos humanos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2019). Dessa forma, vários docentes, de maneira convergente, adaptaram suas rotinas para o uso remoto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que se tornaram a forma predominante de estratégias de Ensino à Distância (EaD), no contexto emergencial (SENHORAS, 2020).



Pelo exposto, o presente trabalho se constitui em um relato de experiência de docentes do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Ambientais da UFRB, que objetivou refletir sobre as práticas do Projeto “GECAM on-line”, descrevendo suas etapas de realização e desafios encontrados, possibilitando o compartilhamento de experiências com o público interessado nas temáticas educacionais.

METODOLOGIA

O projeto “GECAM on-line” é caracterizado pelo uso remoto das TICs, através da realização de webinários quinzenais, com duração aproximada de 1 (uma) hora da exposição do palestrante, além de tempo livre para debate com os ouvintes. O projeto busca discutir temas atuais e relacionados aos debates existentes nas Ciências Ambientais de forma a fomentar, por meio de uma atividade extensionista, a divulgação de conhecimento científico para as comunidades interna (universidade) e externa (sociedade), com amplo acesso pela internet em qualquer região do Brasil.

O projeto teve início em maio de 2020 e, nesta primeira edição, terá duração até maio de 2021. Para efeito de delimitação temporal do presente relato de experiência foi considerado o período de análise entre maio de 2020 e julho de 2020. A equipe do projeto é composta pelos(as) docentes Giselle Chagas Damasceno, Gustavo Luis Schacht, Isabel Cristina Moraes, Leonardo Azevedo Klumb Oliveira, Marcus Vinicius Costa Almeida Junior, Mônica Arlinda Vasconcelos Ramos, Vanderlei da Conceição Veloso Junior e Vinícius Machado Rocha, todos docentes do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Ambientais da UFRB, além de seus convidados de outras instituições.

As duas etapas do projeto são apresentadas a seguir, sendo a primeira para organização do webinário e articulação interna da equipe executora e outra para execução da transmissão e emissão de certificados, como apresentam os Quadros 1 e 2. As etapas foram separadas a fim de facilitar a compreensão sobre os dois diferentes momentos da execução do projeto em cada webinário.

Quadro 1. Apresentação da etapa de organização do webinário e sua descrição.

Etapa	Descrição
Definição do tema do webinário	O tema foi definido por cada docente, para sua data de apresentação, mediante sua área de atuação nas Ciências Ambientais.
Definição da plataforma para apresentação do webinário	Cada docente teve liberdade para escolha da plataforma de realização do webinário. As plataformas utilizadas foram: Instagram (uso do recurso “transmissão ao vivo”); Google Meet e transmissão pelo YouTube através da plataforma StreamYard.
Elaboração e divulgação de banner virtual	Os banners virtuais foram elaborados utilizando os softwares “Canvas”, ou “Microsoft PowerPoint”. A divulgação foi feita com, pelo menos, uma semana de antecedência através das mídias sociais “Facebook”, “YouTube”, “Instagram” e “WhatsApp”. Além disso, houve divulgação de cada webinário por e-mail e nos canais oficiais de comunicação do CCAAB/UFRB. A divulgação foi planejada para atingir desde estudantes de ensino médio até profissionais e pesquisadores de áreas ligadas às Ciências Ambientais.
Inscrição dos ouvintes	Não foi requerida inscrição prévia dos ouvintes. Bastava se conectar pela plataforma digital informada no banner de divulgação, na data e horário combinados.



Quadro 2. Apresentação da etapa de execução do webinar e certificação.

Etapa	Descrição
Apresentação do webinar	Foi realizada por cada docente e seus convidados (quando aplicável). Nas transmissões ao vivo, realizadas através do Instagram, houve a exposição oral do tema, enquanto nas demais plataformas on-line também se utilizou o recurso de apresentação de slides. A interação em tempo real com os(as) ouvintes para sanar dúvidas eventuais e as discussões pertinentes ao tema do webinar apresentado foram realizadas da seguinte forma: no Instagram através da opção “chat”, na qual os(as) ouvintes digitaram suas dúvidas e comentários, que em seguida, foram respondidas pelo(a) palestrante. No Google Meet através da opção “chat” e através da possibilidade de o(a) ouvinte solicitar inscrição e, em seguida, realizar suas perguntas e comentários com o áudio e vídeo ligados. No YouTube através da opção “chat ao vivo”, na qual o(a) ouvinte digitava seu questionamento, ou comentário e, em seguida, o(a) palestrante a explanava sobre a dúvida/comentário.
Emissão de certificados e feedback sobre o webinar	Durante a apresentação de cada webinar foi disponibilizado, através do chat on-line das plataformas, link do aplicativo “Google Forms” para ser preenchido com as informações necessárias à emissão de certificado de participação na atividade. Além disso, no formulário havia um campo opcional a ser preenchido com possibilidade do(a) ouvinte fornecer feedback sobre o tema abordado e qualidade da apresentação, a exemplos “Parabéns pelo tema abordado”, “Contribuiu para o meu conhecimento sobre o tema”, “Sanou dúvidas e contribuiu para o esclarecimento sobre pesquisas realizadas em outras localidades envolvendo temas correlatos ao abordado”, “Excelente didática”, “Muito bom webinar”, etc.
Disponibilização da gravação do webinar em canal do YouTube	Após a realização de cada webinar, as gravações foram disponibilizadas no canal do YouTube denominado “GECAM” (https://www.youtube.com/channel/UCnqWGk5DfY9p8xCfw9HtNQ), que foi criado especificamente para essa finalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto “GECAM on-line” iniciou suas atividades em maio de 2020. De acordo com o calendário inicial do projeto estavam previstos um webinar para o mês de maio, dois webinars para o mês de junho e dois webinars para o mês de julho, cada um a ser realizado por um docente diferente. Contudo, a adesão do projeto pelos professores foi tamanha, que um dos docentes do curso realizou quatro webinars no período, além do calendário inicial estabelecido.

Ressalta-se que a criação do canal GECAM on-line na plataforma YouTube, onde os webinars hospedados foi posterior ao início das atividades do projeto homônimo. Sendo

assim, os eventos foram realizados em outras plataformas, a exemplo do Google Meet e Instagram bem como outros canais do YouTube, a exemplo o canal Geologia Geral e depois foram hospedados no canal próprio do GECAM, a fim de dar maior visibilidade e engajamento do projeto, alcançando maior público.

O primeiro webinar intitulado “Princípios Básicos do Raciocínio Geológico e a Dinâmica Interna do Planeta Terra” foi apresentado pelo Prof. Marcus Vinicius Costa Almeida Junior, transmitido ao vivo via plataforma do YouTube (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=atOMlz2-Hw0>), e abordou as diferentes linhas de pensamento dos cientistas naturais interessados nos fenômenos e processos geológicos, bem como a dinâmica interna



do planeta Terra, com enfoque na Teoria das Placas Tectônicas. Finalizou-se a transmissão com uma explicação acerca do Ciclo de Wilson, intimamente ligado ao Ciclo das Rochas e a relação desses processos com a evolução e distribuição da vida no planeta, sendo um dos alicerces que permitem que o planeta Terra seja habitável.

O segundo webinar intitulado “Pandemia e meio ambiente” foi proferido pelo Prof. Vanderlei da Conceição Veloso Junior, teve ênfase na temática específica acerca do contexto da pandemia causada pela Covid-19 e foi transmitido ao vivo, através da plataforma do Instagram (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xJBLGBn8sY&t=16s>), em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Durante a transmissão foram relacionados aspectos ambientais que podem ter favorecido o surgimento do coronavírus e a consequente pandemia. Em seguida, foi explicado sobre a ocupação da fauna nos centros urbanos, analisadas questões relacionadas ao consumo de água, poluição ambiental, produção de resíduos sólidos, consumo de energia e mudanças climáticas no período de isolamento social. Finalmente foi feita uma reflexão acerca do que esperar no “pós-pandemia”, quando as atividades humanas retomarem seu curso. A apresentação se encerrou com a seguinte indagação: “A sociedade humana conseguirá retomar a atividade econômica respeitando as premissas do desenvolvimento sustentável?”

O terceiro webinar intitulado “Noções Básicas de Sedimentos e Rochas Sedimentares” foi apresentado pelo Prof. Marcus Vinicius Costa Almeida Junior, transmitido ao vivo via plataforma do YouTube (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uD2lSscZ058>), e abordou os principais conceitos, agentes atuantes e processos de formação dos sedimentos e das rochas sedimentares, através de um sequenciamento lógico, desde o material inconsolidado até o material consolidado (rocha sedimentar). Discutiu-se sobre os diferentes tipos de rochas sedimentares e suas particularidades e, por fim, a sua inserção no contexto global do Ciclo das Rochas.

O quarto webinar intitulado “Geotecnolo-

gias no contexto da Covid-19” foi proferido pela Profa. Isabel Cristina Moraes, transmitido ao vivo através da plataforma do Google Meet e apresentou como as Geotecnologias e a Geografia da Saúde tem atuado na compreensão da dinâmica de difusão da Covid-19 em diferentes territórios e como podem auxiliar na definição de políticas de combate ao coronavírus. Este evento teve palestrantes convidados externos e a apresentação envolveu 3 eixos temáticos: 1. Geotecnologias no contexto da Covid-19, na qual foram apresentados conceitos sobre as Geotecnologias e a relação entre a epidemiologia e a Geografia, além do uso de recursos tecnológicos para compreensão e divulgação da pandemia. Como exemplos, foram citados o funcionamento dos painéis interativos, como aplicativos de celulares podem auxiliar no isolamento social e uso de ‘drones’ para identificar aglomerações e temperatura corporal; 2. Covid-19: estudos geográficos na região sul do Brasil, abordada pelo professor convidado da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) (Prof. Dr. Tiaraju S. Duarte), o docente apresentou os trabalhos desenvolvidos no Rio Grande do Sul, com mapas sobre os processos de difusão da doença e a relação entre as vias de acesso, polos regionais e a interiorização do contágio; 3. Grupo Geocombate: Covid-19 em Salvador, BA, realizada por discente do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia (Rodrigo Santos de Jesus), o qual abordou os estudos sobre a vulnerabilidade social em Salvador e na península de Itapagipe, com enfoque na sua relação com a pandemia.

O quinto webinar intitulado “Metamorfismo: Rochas e Processos Metamórficos” foi apresentado pelo Prof. Marcus Vinicius Costa Almeida Junior e transmitido ao vivo através da plataforma do YouTube (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s83uNPK7Gmg>). Esta transmissão iniciou com uma reflexão sobre o termo “metamorfose”, e, a partir daí, adentrou-se no contexto geológico no termo. Foi explanado sobre os fatores que condicionam o processo metamórfico e os tipos de metamorfismo existentes. Posteriormente, o palestrante adentrou nos parâmetros de temperatura e pressão, indicando os diferentes ambientes propícios para formação des-



tas rochas e, por fim, a relação deste tipo de rocha com os processos tectônicos e com os aspectos climáticos do planeta Terra.

O sexto webinar intitulado “A relação entre recursos naturais, atividades antrópicas e pandemias”, transmitido ao vivo via plataforma do Instagram (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2vumSLdxuVI>), foi proferido pelo Prof. Marcus Vinicius Costa Almeida Junior, em parceria com discente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Ambientais (Luã Fábio Santana). Durante a transmissão foi realizada discussão da relação entre as atividades antrópicas e a necessidade dos recursos naturais pelo ser humano, e como isso afeta o equilíbrio do meio ambiente, bem como o aparecimento de zoonoses emergentes, desencadeando epidemias. Discutiu-se também o conceito de “pegada ecológica” e como a sociedade pode melhorar seus métodos de consumo em prol de um ambiente mais equilibrado.

O sétimo webinar intitulado “Geomorfologia costeira no âmbito das mudanças climáticas: projeções sobre eventos extremos no litoral central da Bahia” foi apresentado pelo Prof. Leonardo Azevedo Klumb Oliveira, transmitido ao vivo através da plataforma Google Meet e consistiu na apresentação de conceitos pertinentes à geomorfologia costeira e de sua interação com os processos meteocinográficos em diferentes escalas de tempo e espaço. Foi enfatizado que a partir da influência fluvial, e, portanto, de toda a bacia hidrográfica, e ainda, da influência da hidrodinâmica marinha, como ondas, marés e variações do nível do mar na escala milenar, os ambientes costeiros são moldados e se ajustam em um estado de equilíbrio dinâmico entre os agentes modeladores e as formas modeladas. A apresentação foi dividida em três etapas: i. introdução e conceituação básica; ii. as previsões acerca das mudanças climáticas e seus efeitos sobre a morfologia dos litorais; iii. foi apresentado um estudo de caso sobre a evolução do clima de ondas da costa central da Bahia e projeção sobre cenários futuros frente às alterações climáticas.

O oitavo webinar intitulado “Introdução à Mineralogia Macroscópica” foi transmitido ao

vivo através da plataforma do YouTube (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7BwLbWvKrKA>), e teve como enfoque expor os fundamentos da Mineralogia macroscópica, abordando o conceito de mineral, mineralóide e cristal; a formação dos minerais e os critérios utilizados para a identificação dos minerais a partir de análises óptica, mecânica, elétrica e magnética. A atividade foi coordenada pelo Prof. Marcus Vinicius Costa Almeida Junior e o palestrante convidado foi um aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geologia da Universidade Federal da Bahia (Diego Melo Fernandes).

No decorrer dos oito webinários realizados, houve a participação de quatro docentes da UFRB, um docente da UFPel, um discente de pós-graduação e dois discentes de graduação, atingindo um público de 177 ouvintes, com média de 22 ouvintes por evento. O formato de apresentação do webinar mostrou-se adequado, na medida em que inicialmente apresenta o tema de forma abrangente, e sequencialmente é dada profundidade ao assunto, trazendo também um aspecto provocativo a discussões. Pelos espaços do “chat” das plataformas utilizadas, ou por meio de participação oral, no caso do Google Meet por exemplo, foi possível responder a questões pertinentes, e principalmente envolvendo o contexto socioeconômico e ambiental atual. Destaca-se a participação do público a partir de perguntas associadas a notícias e informações da mídia, sendo um aspecto positivo ao oportunizar a explanação da perspectiva científica sobre os diferentes temas, e diferentes cotidianos. Tais debates e reflexões são um exercício à formação de cidadãos críticos.

Neste sentido, o retorno (feedback) instantâneo dos estudantes ao assistirem determinada aula se configura determinante, tornando-se fator responsável pela maior motivação para os oradores. Flóden (2017) compila uma série de efeitos das diversas formas de feedback dos alunos e sua influência sobre a atuação dos professores de ensino superior, concluindo que o feedback positivo, em termos gerais, contribui para motivação e implementação de melhorias nos métodos de aula. Em um ambiente virtual, no qual o orador não vê e nem ouve os alunos, e, portanto, fica alheio ao



retorno instantâneo como expressões faciais, risos e reações corporais, é possível que a fala do orador seja influenciada, alterando-se o tempo da apresentação, o aprofundamento de determinadas discussões, e a objetividade da fala.

O processo de adaptação às novas rotinas de ensino abrange o uso de plataformas virtuais de apresentação de slides, palestras e aulas. Neste sentido, uma série de considerações podem ser feitas acerca da fluência didática por parte dos professores/palestrantes e do recebimento e absorção das informações por parte dos estudantes. Alguns desafios foram encontrados pelos atores responsáveis por essas atividades, desde problemas técnicos relacionados à baixa qualidade de serviço de internet e streaming em algumas localidades ou em períodos específicos, até na busca de atingir públicos maiores. Além disso, o ambiente residencial minimamente apropriado para o estudo; a quantidade de alternativas de distração presentes na residência de cada estudante e professores, também se mostrou um desafio importante ao projeto.

Entende-se que, com o fortalecimento da cibercultura como importante ferramenta de aprendizado no pós-pandemia, teremos um novo desafio, que é a inclusão daqueles ouvintes que encontram dificuldade em se conectar à internet, realidade atualmente debatida no Brasil.

À medida que os eventos individuais foram realizados, reuniões virtuais entre os integrantes do projeto ocorreram, a fim de se obter os feedbacks e poder buscar melhorias que estivessem ao alcance da equipe, permitindo maior organização e, conseqüentemente, minimização dos imprevistos nos eventos seguintes. Por exemplo, no webinar intitulado “Princípios Básicos do Raciocínio Geológico e a Dinâmica Interna do Planeta Terra” comentários no chat ao vivo sobre falha na transmissão foram recorrentes: “ – A transmissão tá falhando.” (R. S., 36 minutos e 50 segundos de vídeo); “– Tá horrível a transmissão” (T. A., 37 minutos e 26 segundos de vídeo). Isso motivou os integrantes do projeto a buscar alternativas de horário fora do “horário de pico” para a transmissão dos webinários, nos quais

o tráfego de dados na internet é usualmente menor. Também se buscou utilizar apresentações de slides no formato “PDF”, que são arquivos menores em tamanho, quando comparados aos arquivos salvos em outros softwares, por exemplo, Microsoft Power Point e, assim, diminuem o uso de dados na internet favorecendo a transmissão.

Além disso, como mencionado acima, a busca por maiores públicos e, conseqüentemente, maior engajamento, fez com que a equipe se debruçar-se sobre análises no que concerne aos melhores meios e plataformas de divulgação, bem como quando se realizar essa divulgação, entendendo que estes webinários são, não só neste momento, mas no pós-pandemia, uma forma atrativa e eficiente de contato e divulgação do conhecimento científico para toda a comunidade.

No que concerne às melhorias técnicas ao alcance da equipe do projeto, pôde-se observar que a utilização de determinadas plataformas, por exemplo StreamYard/YouTube foi mais eficaz em relação a outras, por exemplo Instagram, em virtude do seu desenvolvimento virtual ao longo de uma transmissão e isso foi levado em consideração para as futuras transmissões. Outra melhoria que foi realizada diz respeito ao tamanho dos arquivos utilizados nos webinários; notou-se que, quanto maiores são os arquivos – em megabyte, da sigla MB – mais lentos eles são processados virtualmente e ao vivo, tornando a apresentação menos fluida e mais interrompida. Para isso, a equipe chegou à conclusão da necessidade de uso de arquivos mais compactos, com menos efeitos e mais fluidos.

Importante destacar o impacto de atividades como estas na comunidade acadêmica da UFRB, que não só aprende novos conteúdos como inicia um processo de interação entre os estudantes e docentes, ora afastados fisicamente, que percebem afinidade nos assuntos debatidos com os assuntos abordados rotineiramente em sala de aula. Os comentários realizados durante cada webinar e o aumento gradativo de público nas transmissões são um indicativo importante nessa avaliação.

Será necessária a adoção de medidas para



atrair o público externo à UFRB, para consolidar ainda mais a efetividade do projeto “GECAM on-line”.

CONCLUSÃO

Face a atual situação pandêmica que a sociedade está enfrentando, buscar novos métodos de divulgação científica se tornaram essenciais para os cientistas e educadores, a fim de levar conhecimento, seja para público geral ou para público específico.

Diante disso, o projeto “GECAM on-line” foi idealizado e, tão logo foi possível, iniciou suas atividades, as quais demonstram interesse dos integrantes do projeto citado, bem como interesse do público nos temas abordados. Ressalta-se que o referido projeto se encontra na sua fase inicial de ação, porém, já englobando quantidade e qualidade significativa de material produzido, bem como de público alcançado.

Desafios diversos foram encontrados e desafios diversos ainda serão enfrentados, entretanto a sinergia da equipe do projeto “GECAM on-line” tem conseguido resolver ou aplacar tais obstáculos, o que tem permitido uma

maior visibilidade das atividades desenvolvidas, alcançando maior engajamento do público externo em consonância com os temas abordados.

Determina-se, portanto, que a divulgação da ciência e do conhecimento produzido no âmbito das universidades vem ganhando importância diária e cabe aos pesquisadores tornar públicos suas pesquisas e resultados, justamente para estreitar o relacionamento com a sociedade de maneira geral, formando cidadãos mais críticos. É na discussão de assuntos atuais, com uso de uma linguagem adequada ao público alvo, e com a base científica adequada, que se desenvolve a criticidade nos cidadãos, especialmente quando relacionado a temas ambientais. Isso fortalece a Universidade, a Sociedade e a Educação, pois indivíduos conhecedores e atentos às temáticas ambientais tendem a se posicionar e a cobrar mais dos governantes ações em prol da preservação do meio ambiente e a favor do desenvolvimento sustentável. Um exemplo atual é a recente cobrança da sociedade brasileira por maior empenho do governo federal na prevenção e no combate aos incêndios florestais, que assolam o país e ganharam notoriedade na mídia jornalística.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde; 2020a. Brasil confirma primeiro caso da doença [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 25/07/2020.

BRASIL, Ministério da Saúde; 2020b. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25/07/2020.

CASACA, M. C. G.; CASACA, J. E. G.; CORDES, M. E. G.; CORDES, M. F. G.; CORDES, M. G. G.; BELLINI, M. Z. Comparação de dados de infecções e mortes pelo novo Coronavírus de diferentes países do mundo com os dados brasileiros desde o primeiro infectado até o final da primeira quinzena de Abril de 2020. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, nº 2, p. 3434-3454, mar./apr., 2020.

FLODÉN, J. The impact of student feedback on teaching in higher education. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, v. 42, nº 7, p. 1054-1068, 2017.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, ano II, vol. 2, nº 5, p. 120-136, Boa Vista, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2019. Plano de Desenvolvimento Institucional PDI 2019-2030. Cruz das Almas, BA. 127p. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/pdi/pdi-2019-2030>. Acesso em: 25/07/2020.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2020. Resolução CONAC no. 008/2020, que dispõe sobre a suspensão do calendário acadêmico 2020 da graduação e pós-graduação da UFRB e dá outras providências. Cruz das Almas, BA. 3p. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/soc/atas-e-resolucoes>. Acesso em: 25/07/2020.

WHO, World Health Organization. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 25/07/2020.

WU, F.; ZHAO, S.; YU, B.; CHEN, Y. M.; WANG, W.; SONG, Z. G.; HU, Y.; TAO, Z. W.; TIAN, J. H.; PEI, Y. Y.; YUAN, M. L.; ZHANG, Y. L.; DAI, F.H.; LIU, Y.; WANG, Q. M.; ZHENG, J. J.; XU, L.; HOLMES, E. C.; ZHANG, Y. Z. A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. *Nature*, v. 579, nº 7798, p. 265-269, 2020.



POSTERR: FORMAS DE (RE)EXISTÊNCIA NA PANDEMIA

POSTERR: FORMS OF (RE) EXISTENCE IN PANDEMIC

Heleni Duarte Dantas de Ávila

Professora Adjunta do curso de Serviço Social e do Mestrado em Política Social e Território do CAHL/UFRB. Dra. em Saúde Pública - ISC/UFBA.

E-mail - heleni.ávila@ufrb.edu.br

Jamile Fernanda Conceição de Oliveira

Assistente Social, Esp. Saúde Pública, EESP-Ba. Discente do Programa em Pós Graduação em Política Social e Territórios.

E-mail - jamile.oliveira.fc@gmail.com

Jéssica Bastos Sampaio

Assistente Social. Discente do Programa de Pós Graduação em Política Social e Território. E-mail - jejeubastos@hotmail.com

Jucileide Ferreira do Nascimento

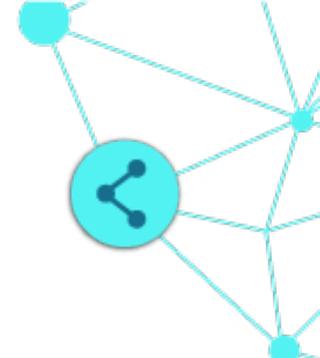
Professora Adjunta do curso de Serviço Social e do Mestrado em Política Social e Território do CAHL/UFRB. Dra. em Política Social - UnB.

E-mail - jucileide@ufrb.edu.br

Sara França Spinola

Administradora de Empresas, Esp. em Formação Integrada Multiprofissional em Educação Permanente, UFRGS. Discente do Programa em Pós Graduação em Política Social e Territórios.

E-mail - sarita.spinola@gmail.com



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações desenvolvidas pelo Programa de Pós-graduação em Política Social e Territórios, na construção de atividades de extensão e pesquisa durante o distanciamento social e consequente suspensão do calendário acadêmico nas universidades públicas do país e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Neste período foi realizada uma pesquisa exploratória, intitulada Você e a Pandemia (com a comunidade universitária da UFRB), envolvendo discentes da graduação e da pós-graduação; uma pesquisa com os discentes do mestrado para compreender as condições que possuem para estudar durante o distanciamento social; bancas de qualificação; um minicurso debatendo políticas sociais em tempos de pandemia; o projeto em curso – POSTERR na Quarentena, composto por lives semanais com temas ligados às políticas sociais setoriais e à pandemia e, em fase inicial, podcast com temas correlatos Políticas Sociais e Territórios. Estas ações têm sido de grande importância, tanto do ponto de vista de envolvimento dos discentes, dos docentes e da comunidade externa à UFRB, quanto na produção de debates e reflexões em uma perspectiva crítica e inovadora.

Palavras-chaves: Extensão universitária. Produção do conhecimento. Pós-graduação.

ABSTRACT

The present work aims to present the actions developed by the Postgraduate Program in Social Policy and Territories, in the construction of extension and research activities during social distance and consequent suspension of the academic calendar at public universities in the country and at the Federal University of Recôncavo da Bahia. During this period, an exploratory research was carried out, entitled You and the Pandemia (with the university community at UFRB), involving undergraduate and graduate students; a survey with master's students to understand the conditions they have to study during social distance; qualification boards; a mini-course debating social policies in times of pandemic; the ongoing project - POSTERR in Quarantine, composed of weekly lives with themes related to sectoral social policies and the pandemic and, in its initial phase, podcast with related themes Social Policies and Territories. These actions have been of great importance, both from the point of view of involving students, teachers and the community outside UFRB, as well as in the production of debates and reflections in a critical and innovative perspective.

Keywords: University Extension. knowledge production. Postgraduate studies.

INTRODUÇÃO

*Um dia
Meus olhos inda hão de ver
Na luz do olhar do amanhecer
Sorrir o dia de graça
Poesias
Brindando essa manhã feliz
Do mal cortado na raiz
Do jeito que o mestre sonhava¹*

Vivemos um momento ímpar na história com a Pandemia da COVID – 19. A última vez que a humanidade vivenciou algo parecido foi há

100 (cem) anos atrás com a gripe Espanhola, porém com contexto histórico diverso do atual. À época da gripe espanhola, “não havia equipamentos de proteção para quem atendia os doentes, as pessoas morriam em geral em suas próprias casas e não se conhecia ainda o material genético dos vírus²”, a gripe espanhola também causou uma série de transtornos e mudanças sociais e econômicas.

Segundo Gilberto Hochman (2013), a gripe espanhola trouxe alguns ganhos, um deles foi a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1919. Hoje, podemos dizer que

1 Por este dia de graça - música de Luís Carlos da Vila - lançada em 1984 - interpretada por Simone e Neguinho da Beija-Flor.

2 <https://revistapesquisa.fapesp.br/semelhancas-entre-a-gripe-espanhola-e-a-covid-19/> acessada em 18/07/2020.



apesar de todo caos político e sanitário que a população brasileira enfrenta, o grande ganho é a valorização do Sistema Único de Saúde - SUS e de forma mais tímida das Universidades Públicas, que tem enfrentado este cenário com inovação, atividades importantes de pesquisa, extensão, formação, solidariedade e responsabilidade social.

Apesar do distanciamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde, como uma das formas de enfrentamento ao coronavírus, uma nova rotina foi estabelecida. Trabalho remoto, mudança na dinâmica familiar, o espaço privado dos profissionais e discentes passa a ser “invadido” com a realização de atividades em casa e através de vídeo e outras inúmeras situações. Está sendo fácil? Alguém tinha a fórmula mágica para enfrentar essa situação? A resposta é não! É um momento de muito aprendizado e de resistência.

As universidades públicas suspenderam os calendários acadêmicos e se reinventaram, mostraram que seguem pulsantes e em constante movimento, mostraram que são o espaço de ciência, de produção de conhecimento, de construção de uma visão crítica e fundamentalmente um espaço de salvar vidas.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, assim como as demais universidades públicas deste país, vem produzindo ciência e conhecimento, aliada no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus (<https://ufrb.edu.br/contracovid19>). O Programa de Pós-Graduação em Política Social e Territórios – POSTERR, criado em 2018, não se furtou ao seu papel de produção e de reinvenção. Iniciou as atividades de 2020, com ações de integração dos discentes recém-ingressantes, realizou exames de qualificação, pesquisas, minicurso e a ferramenta do momento que são as lives, criando um canal no Youtube, intitulado “POSTERR na Quarentena³”. Não paramos por aí, outras iniciativas estão sendo gestadas.

Mesmo com o calendário acadêmico suspenso, a Universidade pública segue com a sua missão e cumprindo seu papel social, envolvi-

da com a comunidade interna e externa.

METODOLOGIA

O desenvolvimento de competências e habilidades nos discentes deve ser de responsabilidade da Instituição de Ensino. No cenário atual de distanciamento social e com os discentes apresentando ansiedade, temor, dificuldade de concentração, fica mais evidente este papel das Escolas e Universidades.

Assim, refletindo acerca do cenário político e sanitário que estamos vivendo, realizamos uma pesquisa para conhecer a realidade dos discentes acerca do acesso à internet, equipamentos para estudo, condições de desenvolver atividades acadêmicas ou de aprendizado, além de questões subjetivas ligadas ao distanciamento social. Os resultados apontam que apesar de possuírem acesso à internet (100%), existe um número relevante que não possui computador (apenas telefone móvel) ou possuem equipamentos compartilhados, outra informação que ficou evidente foi a inexistência de local para estudar. No aspecto subjetivo os discentes informaram dificuldade de concentração para leitura e estudo (100%), ansiedade e medo.

Ante este cenário, houve uma reflexão acerca do papel da Universidade, o papel dos professores e a necessidade de envolver os discentes, criando um ambiente de pertencimento ao Programa. Desta forma, a primeira ação foi a realização de reuniões, criação de uma comissão organizadora para as atividades e o planejamento destas. A primeira atividade foi a realização de um minicurso, com os discentes ingressantes e depois o planejamento das lives, envolvendo professores e estudantes, mesclando com convidados externos.

Com estas atividades e através de uma metodologia participativa, a transmissão de conhecimento ganhou uma responsabilidade maior e compartilhada, em que cada membro do mestrado (POSTERR) tem um papel definido e solidário.

Sabemos que a educação ainda está centrada



no professor como transmissor de conhecimento, ficando o estudante como mero receptor daquele conteúdo transmitido. A ideia foi ampliar o papel do discente e envolver a equipe do mestrado em uma metodologia ativa e participativa.

“O PULSO AINDA PULSA”: A UNIVERSIDADE BRASILEIRA PULSA, MOVIMENTA E EXISTE! ⁴

As universidades públicas têm papel estratégico para o desenvolvimento social, econômico, humano, e também, dentro de um panorama de sustentabilidade, de um projeto de país. As universidades públicas brasileiras são responsáveis pela inserção do nosso país na geopolítica global de forma referenciada, através da produção e do desenvolvimento de conhecimento em escala global – todavia precisamos que o Estado identifique e reconheça essa potencialidade e assim aporte recursos para o fortalecimento de políticas educacionais, de forma a cumprir as ações de ensino, pesquisa e extensão nas diversas áreas de conhecimento.

Em 2016, durante o governo Temer, foi aprovada a Emenda à Constituição 95 que impôs o teto dos gastos públicos por 20 anos, ou seja, reduz drasticamente os recursos para os serviços públicos, principalmente saúde e educação. Agora, o governo Bolsonaro intensifica os efeitos da EC 95 e amplia a retirada de direitos da população. Outrossim, o governo está propondo ao Congresso a aprovação de um conjunto de medidas que irão desmontar o funcionalismo público em todas as esferas e, conseqüentemente, provocará o fim das políticas sociais. Escolas e universidades públicas, hospitais, unidades de saúde da família, UPAs, programas de assistência social, de habitação, entre outros, deixarão de existir em alguns anos se essas propostas forem aprovadas.

O cenário de austeridade orçamentária brutal e de violenta ofensiva contra os direitos em geral, provoca nefastas conseqüências sociais. A Ciência e Tecnologia, desenvolvida principalmente nas Universidades públicas,

também são alvo de desmonte neste governo. Vale salientar que a desresponsabilização do Estado, vem atingindo o desenvolvimento das pesquisas, por avanços e descobertas em todas as áreas de conhecimento, descredibilizando especialmente as produções das Ciências Humanas e Sociais.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 diz em seu Art. 207 que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (JUSBRASIL, 2020). Assim, esperava-se uma equitatividade nos esforços e incentivos para a realização de ações que contemplem os três sustentáculos das ações que são previstas e regidas por lei (PEREIRA, 2009; JUSBRASIL, 2020). Isto é, de passar do projeto à ação no contexto do tripé da universidade: ensino-pesquisa-extensão.

Necessário destacar que recentemente presenciemos lamentáveis episódios de pronunciamentos oficiais que trouxeram questionamentos à sociedade brasileira, sobre o valor e seriedade do trabalho realizado nas universidades públicas. Para nós que militamos no ambiente acadêmico, é nítido o quanto professores/pesquisadores, técnicos administrativos e em muitos casos discentes, estão atuando em diversas trincheiras, preocupados em atender as mais diversas demandas no âmbito da educação.

A pandemia do novo coronavírus criou desafios não só para a saúde física das pessoas, mas também para as universidades públicas brasileiras. Durante este momento de crise sanitária, a extensão universitária mostra sua força na relação Universidade-Sociedade criando alternativas concretas com base no diálogo com as demandas da sociedade em conjunto com sua produção acadêmica, enraizada na realidade que estamos vivendo no país. É por meio da práxis extensionista que a dinâmica das atividades de ensino e pesquisa que se dão num fluxo de normalidade programada puderam ser asseguradas - tornando oportuna à Universidade a possibilidade de

4 O pulso – música dos Titãs – lançada em 1989.



ressignificar-se diante da sociedade para fora dos seus muros.

A Universidade como instituição social, tem incorporado, ao longo do tempo e diversos contextos, funções diversas. São atribuídas à Universidade as funções de transmissão, de produção e de extensão do saber, sendo o ensino a função mais tradicional, pois se consubstancia na transmissão de conhecimentos. (SOUZA, 1996, p. 07)

A extensão universitária constitui-se como uma expressão do compromisso social da universidade com a sociedade, pois representa o elo da pesquisa e do ensino adquirido pelos seus discentes e propagado pelos seus docentes, em um processo contínuo de ensino-aprendizagem, cheio de trocas, saberes, ciência e mutualidade. A ideia de extensão está associada à crença de que o conhecimento gerado pelas instituições universitárias deve necessariamente possuir intenções de transformar a realidade social, intervindo em suas deficiências e não se limitando apenas à formação dos alunos regulares daquela instituição.

Os sentidos apreendidos para a Extensão Universitária até o advento da Pandemia da Covid-19 não consideravam o cenário excepcional e emergencial que vivenciamos hoje. Quem poderia pensar em extensão universitária sob cuidados sanitários, limitação física, barreiras de deslocamento e interação social? A pandemia tem alterado profundamente as formas como nos inserimos no mundo social. O período pandêmico se estabelece e, com ele, os desafios e obstáculos de como pensar a Extensão frente às novas restrições. Ainda que haja sentido em verificar que antes já vivenciávamos uma sociedade em rede, por conta das possibilidades de interação que a internet, e as redes sociais, nos proporcionaram nos últimos anos, o contexto atual é singular. Porque se antes as ferramentas digitais integravam uma das estratégias para desenvolvimento das ações de Extensão, por

exemplo, agora a internet, e as ditas mídias sociais, tornaram-se os principais meios para essa mobilização, articulação e disseminação dos resultados alcançados e a manutenção do diálogo entre Universidade e Sociedade, em tempos de pandemia.

(R)EXISTÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: POSTERR NA QUARENTENA

Há que se cuidar do broto, para que a vida nos dê flor e fruto⁵.

O projeto de extensão POSTERR na Quarentena surgiu em meio à pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), situação que alterou a rotina e estilo de vida da população brasileira (e do mundo) drasticamente. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi considerada uma Pandemia⁶ pela Organização Mundial de Saúde – OMS (OPAS Brasil). Foi em meio a todo esse cenário que nasceu o projeto em questão. As ações do POSTERR na Quarentena foram iniciadas em abril de 2020, e continuam em curso. Até o presente momento, foram realizadas ações de acolhimento aos discentes recém-ingressantes, exames de qualificação, pesquisas, minicursos e a produção de lives, utilizando-se de plataformas digitais como Meet e Youtube.

A extensão universitária e a pesquisa no contexto do Programa de Política Social e Territórios, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB⁷, mantiveram-se ininterruptas durante esse período de crise política e sanitária, assegurando a aproximação, integração e a parceria da universidade com a comunidade - e seguindo as determinações de distanciamento social. No período de abril a julho do ano em curso (2020) foram contabilizadas 120

5 Coração de estudante - música de Milton Nascimento - lançada em 1987.

6 O termo "pandemia" se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

7 A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) foi criada pela Lei nº 11.151 de 2005, que possibilitou a expansão do ensino superior para os interiores dos Estados. Em 2007, com a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) foram criadas mais dezesseis universidades federais públicas em cidades do interior dos Estados do Brasil (ATCHE, 2014).



horas de atividades, promovidas pelo programa de pós-graduação.

O Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais e Territórios agrega docentes e discentes (egressos da graduação) de Serviço Social, Ciências Sociais e áreas afins, cujos estudos e pesquisas estão organizados em duas linhas de pesquisa: Políticas Sociais, Territórios e Estado (Linha 1) e Trabalho, Direitos e Serviço Social (Linha 2), desde a sua criação em 2018, esse mestrado acadêmico vem fomentando debates, reflexões e produzindo conhecimento acerca dos principais temas da área de Serviço Social e Política Social no Brasil nos últimos anos.

Após a publicação da Portaria do MEC N.º.343⁸, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas digitais enquanto durar a situação da pandemia, a coordenação do Colegiado do POSTERR elaborou propostas de atividades com a utilização dos meios digitais, buscando com isso dentre outras coisas preservar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, nutrir e preservar os vínculos entre discentes e docentes, e fomentar a produção de conhecimento acerca do novo cenário nacional de pandemia do COVID-19.

Dentre as atividades realizadas destacamos aqui o projeto de lives: "POSTERR na Quarentena"⁹, já foram realizadas até o dia 30 de novembro de 2020, vinte e cinco edições do projeto, com uma significativa pluralidade de temas: Proteção Social e Cidadania; Necropolítica; Planejamento público e empresarial, História das pandemias e o negacionismo das Ciências; Permanência estudantil; As torcidas organizadas antifascistas; Fundo público e políticas sociais; Educação superior e COVID-19; Trabalho em tempos de pandemia, LGBTI+; Violência contra a mulher; Ensino remoto e os desafios para docentes e discentes; Interrupção dos festejos juninos no recôncavo e, com a presença de docentes, discentes, militantes, pesquisadores(as) da UFRB e de outras instituições de ensino do Brasil (UnB, UFBA,UFRJ,

UFF, etc.), além de outras organizações sociais, como fóruns, conselhos, associações, sindicatos, etc. Hoje o canal conta com 559 inscritos, e algumas edições¹⁰ das lives obtiveram 738 visualizações, e todas as lives ficaram salvas e disponíveis no canal do YouTube do POSTERR.

Os temas das lives fomentaram semanalmente encontros virtuais entre a comunidade interna e externa da UFRB cujos resultados foram debates e reflexões profícuas acerca de temas que afetam o cotidiano das pessoas como as políticas sociais, os direitos sociais, lutas antirracistas, mercado de trabalho, conjuntura política e COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O POSTERR e o seu corpo docente e discente com iniciativas como essas revelam estar atentos à nova realidade da vida cotidiana frente à pandemia da COVID-19 e, demonstram o compromisso em reinventarem o novo modo de ser Universidade, e a contínua defesa da natureza pública e gratuita dessa importante instituição, com o compromisso de ofertar à sociedade, de forma geral, ações de ensino, pesquisa e extensão de qualidade e socialmente referenciados. Esse coletivo POSTERR concorda com Mészáros (2008, p. 45), quando o mesmo afirma:

Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou consenso quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados.

Conformando com este pensamento de Mészáros, ao buscar alternativas reais para a conjuntura atípica a que o mundo está exposto, o POSTERR tem encarado as atividades remotas, apesar dos desafios, sem, no entanto, descuidar da qualidade dos conteúdos repassados e sem romper com o tom libertário tão caro aos processos educativos. Seguindo esta perspectiva de compreender a indissociabilidade entre o conhecimento e a liberdade, a feminista Bell Hooks (2013) afirma que a academia não é o paraíso, mas que a educação, o

8 Está em vigor a Portaria N. 544, de 16 de junho de 2020, cujo período de suspensão se estende até 31 de dezembro de 2020.

9 https://www.youtube.com/watch?v=3FolijL3EHQ&ab_channel=POSTERRCAHL.

10 Live 02, com o tema Corona vírus: Necropolítica, interseccionalidades e Capitalismo, exibida em 28 de maio de 2020.



aprendizado, pode levar ao paraíso, pode levar à possibilidade de construir a liberdade e mudar mentes, cruzar fronteiras e transgredir.

Esta é a educação como prática de liberdade, esta é a educação que nos empenhamos em forjar no POSTERR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATCHE, Ana Cláudia dos Reis. Política de Ações Afirmativas na Educação Superior: a experiência da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no período de 2006-2012. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre A Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - Editora Martins Fontes, São Paulo, 2013.

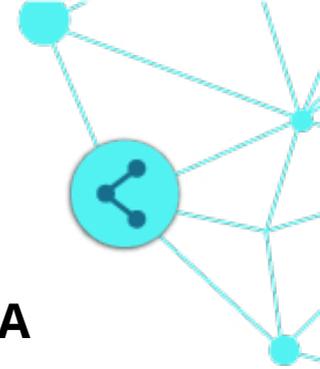
JUSBRASIL. Art. 207 da Constituição Federal de 88. 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650167/artigo-207-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em 25 de julho de 2020.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2 ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

OPAS, Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde Organização Mundial de Saúde, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875, Acesso em: 20 de julho de 2020.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A universidade da modernidade nos tempos atuais. Avaliação, v. 14, n. 1, p. 29-52, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n1/a03v14n1.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

SOUSA, Ana Luiza Lima. A história da extensão universitária a partir de seus interlocutores. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás). 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317106748_A_historia_da_Extensao_Universitaria. Acesso em: 22 de julho de 2020.



CISO.UFRB IN LIVES: EM TEMPOS DE PANDEMIA

CISO.UFRB IN LIVES: IN TEMES OF PANDEMIC

Antônio Mateus Soares

Doutor em Ciências Sociais. Professor do CAHL/UFRB

Coordenador do Colegiado de Licenciatura em Ciências Sociais

Pesquisador no Observatório Social da Juventude da UFRB

E-mail: antoniomateuscs@ufrb.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de relatar a experiência virtual de interlocução de informações e conhecimentos interdisciplinares, desenvolvida através dos Colegiados de Licenciatura e de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CAHL/UFRB, como resposta emergencial à suspensão das aulas nesta instituição a partir de 16 de março, em virtude da pandemia de coronavírus (Covid-19). Logo em seguida à suspensão das aulas, os Colegiados de Ciências Sociais planejaram um conjunto de ações remotas, dentre as quais, selecionaremos algumas que foram executadas e discutiremos neste artigo. O referencial teórico utilizado compõem-se de relatórios e conteúdos jornalísticos disponibilizados em portais e sites de notícias nacionais. O relato tem como resultado a descrição de cinco ações sistematizadas, entre elas, o CISO.UFRB IN LIVES, que se elaborou através de uma programação de lives com professores, pesquisadores, estudantes, lideranças da sociedade civil e profissionais dos mais diversos campos do saber.

Palavras-chave: Educação. Extensão. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article aims to report the virtual experience of interlocution of information and interdisciplinary knowledge, developed through the Collegiate of Bachelor's and Bachelor's Degree in Social Sciences at the Arts, Humanities and Letters Center of the Federal University of Recôncavo da Bahia - CAHL / UFRB, as an emergency response to the suspension of classes at this institution from March 16, due to the coronavirus pandemic (Covid-19). Right after the suspension of classes, the Collegiate of Social Sciences planned a set of remote actions, among which we will select some that have been carried out and discuss this article. The theoretical framework used consists of reports and journalistic content made available on portals and national news sites. The report results in the description of five systematized actions, among them, the CISO.UFRB IN LIVES, which was elaborated through a program of lives with teachers, researchers, students, civil society leaders and professionals from the most diverse fields of knowledge .

Keywords: Education. Extension. Interdisciplinarity.

APRESENTAÇÃO

Este relato de experiências expressa ações integradas de extensões organizadas de forma associada ao programa de extensão para prevenção à pandemia de Covid 19 da UFRB. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde OMS (2020) –, a pandemia pode ser definida como um grande surto de doença que afeta a humanidade. A pandemia de coronavírus¹ (COVID-19) em curso teve seu primeiro caso identificado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan na China, no Brasil ela começa a ganhar notabilidade no final de fevereiro de 2020.

A interrupção das aulas em 16 de março² na UFRB foi compreendida como uma estratégia de proteção à saúde e preservação da vida não apenas da comunidade acadêmica, mas também da sociedade em geral, pois atende aos protocolos de isolamento social e estímulo à manutenção do distanciamento entre as pessoas.

Com a oficialização da interrupção das atividades de ensino presencial na UFRB, os Colegiados de Ciências Sociais, articulados à gestão de extensão do CAHL, começaram a pensar alternativas para que fossem realizadas ações com o objetivo de manter o vínculo institucional entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa. Tal ação vinculativa através do uso de redes sociais³ teve como desafio estimular um engajamento propositivo e dialógico que minimizasse o efeito da pandemia na vida estudantil, combatendo o desestímulo, o tédio acadêmico, a ansiedade, e a evasão durante o período de isolamento social.

AÇÕES E CONCEPÇÕES DESENVOLVIDAS PELO CISO. UFRB

Com a suspensão das aulas da UFRB, em 16 de março de 2020, a direção do Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL/UFRB convocou os conselheiros do centro para uma reunião de caráter extraordinário para tratar do tema. Na ocasião foi realizada uma avaliação sumária sobre o contexto de crise epidemiológica e os colegiados de curso foram provocados a desenvolverem ações para serem realizadas durante o período de suspensão. Naquele momento se esperava que a pandemia fosse algo passageiro e não fosse se tornar o drama social que ainda vivenciamos⁴. No final de março, os Colegiados de Curso da Licenciatura e do Bacharelado de Ciências Sociais marcaram reunião para definir as ações de extensão que seriam tomadas. Diversas ideias foram sendo expostas, dando origem a cinco ações: 1- Ciso. Ufrb in lives; e derivada desta ação, surgiram: 1.1- Lançamento Virtual da Revista Juventude. BR; 1.2 – Conexões Ciso.Ufrb; 1.3 – Ciso inter Curso; 1.4- #Cisopresente.



Figura 1 - Card livres Fonte: acervo @ciso.ufrb

1 O coronavírus que protagoniza esta pandemia pertence a uma família de vírus (CoV) e pode causar desde resfriados mais leves até doenças mais graves, a exemplo da Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), em síntese, é uma doença respiratória aguda que vem ceifando a vida de milhares de pessoas.

2 Cf. O site Agência Brasil informa, em 16 de março já eram registrados três óbitos, todos em São Paulo. A fonte de dados de óbitos por data de ocorrência é o Sistema de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe), que é o sistema oficial brasileiro de registro de hospitalizações e óbitos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). Disponível em: <https://agencia-brasil.etc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em: 31 de julho de 2020

3 Além do Instagram foram utilizadas as plataformas do Facebook; Google Meet; Youtube e Whatsapp, além do SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas –UFRB.

4 Cf. O site O Globo informa na matéria “Casos de Coronavírus no dia 23 de março no Brasil”, as Secretarias estaduais de Saúde contabilizavam 1.960 infectados em todos os estados do Brasil. Último balanço oficial do Ministério da Saúde apontava o mesmo número. Foram registrados 34 mortos no país, 30 deles no estado de SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/23>. Acesso em: 31 de julho de 2020

1-CISO. UFRB IN LIVES: entre as ações desenvolvidas talvez seja a mais importante pelo engajamento das pessoas e pela duração, se iniciou em 29 de abril de 2020 e ainda se encontra em curso. Desde o início da ação até o dia 06 de julho de 2020, foram realizadas 50 lives, mas para efeito deste relato de experiência iremos apresentar apenas algumas das experiências dessas lives que demonstram em síntese a diversidade da iniciativa.

O Ciso.Ufrb in lives em suas interlocuções apresenta uma concepção interdisciplinar e uma metodologia dialógica para tratar de temas diretamente relacionados ou não à Pandemia do coronavírus (COVID-19). Esta ação possui diversos objetivos, entre estes a construção de conteúdo digital; disseminação de informação de qualidade e também a tentativa de constituição de uma rede de agentes sociais multiplicadores, envolvendo especialistas convidados (as) externos(as), professores(as) da instituição, estudantes ativos e egressos.

Apresentaremos em blocos algumas lives que mais expressam a concepção desta ação de extensão e seus sentidos. Como podem observar, o critério para a sistematização não é orientado pelo tempo linear em que a live aconteceu, mas pela integração dos temas que refletem os interesses dialógicos da comunidade acadêmica do CAHL/UFRB. Neste sentido, a Figura 2 refere-se à pandemia e seus efeitos em algumas dimensões da sociedade e da extensão universitária. Sendo assim, o tema “Pandemia e Extensão Universitária”, realizada através de uma interlocução entre a Diretora do CAHL/UFRB – Profa. Dra. Dyane Brito e a Pró-Reitora de Extensão da UNEB – Profa. Dra. Adriana Marmorì, revela não apenas preocupações institucionais com o momento que estamos vivenciando, como a necessidade de articulação de medidas que já estão sendo tomadas para minimizarem os efeitos da pandemia, tanto para a comunidade acadêmica como para a sociedade civil. Nesse sentido foi relatado pela Pró-Reitora de Extensão da UNEB um conjunto de medidas tomadas pela respectiva instituição, a exemplo de produção de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) para distribuição gratuita, assim como a realização de Seminários Virtuais de Prevenção e Abertura de Chamadas

para produção de E-book sobre o tema, estimulando produzir material de referência para a compreensão do fenômeno pandêmico. Entre outras coisas, a mediadora da interlocução virtual, a Diretora do CAHL/UFRB, falou da importância da manutenção de vínculos com a comunidade acadêmica.

O diálogo “Extensão Universitária e Pandemia” afirmou a extensão como uma das vertentes mais importantes da universidade pública, além de ser considerada uma das funções sociais da instituição universitária. Em tempos de pandemia, isolamento social e suspensão presencial de aulas, as ações de extensão ganharam maior relevância nas universidades brasileiras, sobretudo as interlocuções virtuais. No diálogo realizado entre a Diretora do CAHL/UFRB, Profa. Dra. Dyane Brito e a Pró-Reitora de Extensão da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, Profa. Adriana Marmorì, foi confirmado o protagonismo da extensão, sobretudo em momentos de alteração de comportamentos sociais como o que estamos vivenciando. A representante da UNEB explicitou o que a instituição tem feito, destacando a necessidade de aproximação com a comunidade acadêmica e com a sociedade civil.



Figura 2: Bloco - Pandemia, Sociedade e Universidade. Fonte: **Acervo:** Acervo @ciso.ufrb

Destaca-se, neste bloco de lives, a de título “Pandemia e Coletividades”, a Profa. Titular da UNEB – Dra. Carla Liane dos Santos, em diálogo mediado pelo Coordenador do Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais – Prof. Dr. Antônio Mateus Soares, expressaram como a pandemia tem alterado as relações sociais, destacando como as minorias sociais são mais atingidas pelo colapso da saúde pública, pelo desemprego e pelas incertezas face ao futuro. A socióloga da Uneb realizou um diagnóstico bastante realístico do momento presente, apresentando dados sobre o desemprego, e inflexões sobre instabilidade das instituições públicas, “mas mes-

mo assim é necessário ter força e resistência”, destacou a professora.

Atentos com a evolução da pandemia no continente africano, realizamos a live: “Pandemia em África (Sénegal) – experiência de uma pesquisadora in loco”. A Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes, da UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia, trouxe informações valiosas sobre o início da pandemia em África, em especial no Sênegal, demonstrando a perplexidade e o medo que a população africana expressava com receio da pandemia de coronavírus ter uma evolução em sua região nas mesmas proporções que no Brasil. Foi bastante interessante a realização dessa interlocução internacional, os participantes fizeram inúmeros questionamentos sobre a situação da pandemia em África, tal ação foi mediada pelo Prof. Dr. Antônio Mateus Soares.



Figura 3: Bloco - O que dizem os profissionais da saúde sobre a pandemia? Fonte: **Acervo:** Acervo @ciso.ufrb

O bloco da Figura 3 expressa um conjunto de interlocuções interdisciplinares entre as Ciências Sociais (antropologia, ciência política e sociologia) e diversos profissionais da área de saúde, destacando-se, no recorte alusivo, os campos de saber: enfermagem, medicina (cardiológica e psiquiátrica), farmácia, assistência social e psicologia. As interlocuções foram mediadas pelo Prof. Dr. Antonio Mateus Soares e pelo Prof. Nilson Weisheimer, líder do Observatório Social da Juventude - OSJ da UFRB. Cada diálogo revelava uma nuance de grande importância em relação à pandemia de coronavírus, montando uma tecelagem de saberes interdisciplinares e importância para compreensão dos múltiplos efeitos da pandemia em nossas vidas.

A contribuição no campo da enfermagem, através da participação no Ciso.Ufrb in lives, veio através de um docente da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, que é também pesquisador da UFBA – Universidade Federal da Bahia. O convidado externo expressou as dificuldades no “Combate do Coronavírus” nas favelas de Salvador-BA, afirmando que a desigualdade diária na vida dos negros e pobres é potencializada neste momento de pandemia, tendo em vista que os auxílios do poder público demoram de chegar, o que torna a situação mais complicada no âmbito da prevenção coletiva, sobretudo nas favelas soteropolitanas.

O Ciso.Ufrb in lives também manteve diálogo com um farmacêutico do Hospital das Clínicas da UFBA, que problematizou questões correlatas ao Coronavírus e à Indústria Farmacêutica, que vem apresentando elevados lucros durante a pandemia, e em alguns casos realizando aumento abusivo de preços de medicamentos. Em continuidade às interlocuções com o campo da saúde, não poderíamos deixar de dialogar com um médico cardiologista, que manifestou seu conhecimento sobre “Coronavírus e Doenças Cardiovasculares”, tendo em vista que a COVID-19, ao gerar uma Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS), repercute no aparelho cardiovascular. Em sua exposição, o médico expressou os riscos que os cardiopatas apresentam frente à contaminação pelo coronavírus, devendo estes, assim como àqueles que apresentam outras comorbidades patogênicas, seguirem um protocolo preventivo mais rigoroso.

Somando-se às contribuições desses três profissionais de saúde, o Ciso.Ufrb in lives atentou-se para os reflexos crescentes do isolamento social na saúde mental das pessoas, o que segundo relatos vem gerando nervosismo, estresse, ansiedade, incertezas perante o futuro e até mesmo quadros severos de depressão. Nessa direção, recebemos contribuições in lives de um médico psiquiatra que expressou seus conhecimentos sobre as consequências do “Coronavírus na saúde mental”, deixando claro que é necessário prevenir e cuidar da saúde mental e dos transtornos correlacionados. Para isso, o psiquiatra sugeriu o desenvolvimento de práticas saudá-

veis durante a pandemia, como por exemplo a prática de exercícios físicos, leituras, regulação do sono, entre outras medidas que podem ser tomadas para minimizar os efeitos de determinados transtornos durante o isolamento social. Seguindo ainda com o tema saúde mental, obtivemos também a participação de uma psicóloga clínica, que abordou questões associadas à “Saúde Mental: autocuidado juvenil na pandemia”. A participação da psicóloga foi de grande valia e se tornou também um momento em que os participantes da live puderam tirar suas dúvidas sobre ansiedade e supostas ideias suicidas. Finalizando o bloco 3 – O que dizem os profissionais da saúde sobre a pandemia?, promovemos um diálogo bastante informativo com uma assistente social e pesquisadora do CAHL/UFRB sobre “A importância do SUS na pandemia”, como o Sistema Único de Saúde do Brasil sofre um acúmulo de precarizações, foi fundamental a interlocução com essa profissional, que possibilitou ampliarmos a visão de importância que este Sistema de Saúde tem na vida dos brasileiros.



Figura 4: Bloco - O clamor reivindicado das minorias silenciadas, que resiste. Fonte: **Acervo:** Acervo @ciso.ufrb

A Figura 4 refere-se ao bloco das minorias sociais excluídas e silenciadas. Nesse bloco a diversidade do CAHL/UFRB se manifesta tanto em colorido como em ideologias de resistência, possibilitando a expressão de raça/etnias, gênero e religião. O Ciso.Ufrb in live realizou, em 17 de maio de 2020, dia Internacional contra a homofobia, transfobia e bifobia, uma live bastante representativa para a população LGBTQIA+. A live realizada no dia 17 foi com Paulette Furacão, primeira transexual a ocupar cargo público na Bahia. Na interlocução realizada, ela

demonstrou os principais desafios que a população LGBTQIA+ enfrenta no Brasil, país que lidera o ranking mundial de assassinatos de transexuais. A convidada também falou do cotidiano trans e da rede de apoio e representatividade que se constituiu nos últimos anos. Nesse bloco também referenciamos a live: “Pandemia e a reconstrução do manto Tupinambá”, que teve como convidada a liderança Tupinambá da Serra do Padeiro. Destacamos também a live “Rede de trocas Quilombolas em tempos de pandemia”, tendo como convidada uma líder Quilombola. Em ambas as lives, de representação indígena e quilombola, foi expresso pelos respectivos convidados o cotidiano de desafios que tais populações vêm enfrentando com a pandemia de coronavírus, assim como as estratégias que estão sendo coletivamente construídas por essas populações. A Diretora do CAHL/UFRB, Profa. Dra. Dyane Brito, ainda neste bloco de lives, que apresenta a diversidade como um dos seus lemas, fez a mediação de duas lives, umas delas fez referência à população do axé, com o tema: “O Axexé e os ritos funerários no candomblé” e outra, sobre a importância de uma aplicação eficiente da lei 10.639/03. Finalizamos este bloco com uma live que fez referência à problemática da população de rua frente ao momento pandêmico.



Figura 5: Bloco - Oprotagonismo dos estudantes e egressos do CAHL/UFRB Fonte: **Acervo:** Acervo @ciso.ufrb

O Ciso.Ufrb in lives não poderia deixar de referenciar as interlocuções realizadas com estudantes em curso e egressos. Entre essas se destacam as realizadas com a discente Rosana da Silva Pereira, com o sociólogo Samyr dos Santos e com a antropóloga indígena Rute Anacé.

1.1-LANÇAMENTO DA REVISTA JUVENTUDE.BR : tendo como editor o Prof. Dr. Nilson Weisheimer (CAHL/UFRB), a publicação tem como tema principal JUVENTUDE E DIREITOS HUMANOS, tendo diversos artigos. A elabora-



ção desse periódico é fruto de uma parceria entre o Observatório Social da Juventude da UFRB e o Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMJ e se estruturou através dos temas: Violência nas Escolas; Juvenicídio e Necropolítica; e Letalidade Infante Juvenil no Brasil. O lançamento da revista na plataforma do Instagram do Ciso.Ufrb mobilizou a participação de outras instituições de ensino, além da mobilização da comunidade acadêmica da UFRB e de outras instituições de ensino e da comunidade externa que segue nossas redes.

1.2- CONEXÕES CISO.UFRB: Esta ação foi dinamizada através da produção de conteúdo digital com inflexões sobre a pandemia e seus efeitos sociais. Os conteúdos foram produzidos através de audiografias temáticas que refletiam sobre o momento presente. Os temas foram sistematizados da seguinte ordem: Pandemia e Juventude (Prof. Dr. Nilson Weisheimer); Pandemia e Cultura (Prof. Dr. Wilson Penteado); Pandemia e População Indígena (Profa. Dra. Jurema Machado); Pandemia e Desigualdades Sociais (Prof. Dr. Luís Flávio Godinho); e Pandemia e Vida Humana (Prof. Dr. Bruno Durães). Tal iniciativa foi pontual e envolveu professores dos Colegiados de Ciências Sociais.

1.3- CISO INTER CURSO: Além de uma ação integrativa e interdisciplinar através da realização de lives com Coordenadores(as) de Cursos da UFRB, refletindo sobre a pandemia, essa iniciativa buscou estabelecer maior proximidade entre os colegiados de cursos, entre estes: Serviço Social (Profa. Dra. Albany

Mendonça); Gestão Pública (Profa. Dra. Doraliza Monteiro); História (Profa. Dra. Luciana Brito); Medicina (Prof. Dr. Fernando Feijó); Publicidade e Propaganda; Artes (Profa. Dra. Mari Fiorelli) e Ciências Sociais (Profa. Dra. Jurema Machado).

1.4- #CISOPRESENTE: A realização destas ações aconteciam de modo virtual e antecedida de ampla divulgação com cards, mensagens curtas, memorandos e e-mail transmitidos através das redes sociais do Curso de Ciências Sociais, em especial o Instagram, os grupos de Whatsapp e o SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – UFRB. O objetivo do #cisopresente era manter reuniões semanais com os discentes dos respectivos colegiados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à crise sanitária que o mundo atravessa e em especial o Brasil, desenvolvemos algumas ações conectivas mediadas por interlocuções remotas através de Web Conferências, popularmente conhecidas como lives transmitidas por aplicativos compostos por algoritmos e programações que possibilitam a interface e a conexão de pessoas. O aplicativo mais utilizado nesta experiência foi o Instagram (IG), plataforma na qual desenvolvemos cinco ações, entre elas, o CISO.UFRB IN LIVES, compreendida através de uma programação de lives com professores, pesquisadores, estudantes, lideranças da sociedade civil e profissionais dos mais diversos campos do saber.

REFERÊNCIAS:

FOLHA informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). OPAS/OMS Brasil. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:-covid19&Itemid=875. Acesso em: 31 de julho de 2020.

CASOS de coronavírus no brasil em 23 de março. G1 – Bem Estar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/23/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-23-de-marco.ghtml>. Acesso em: 31 de julho de 2020.

CUNHA, Thaís. Rotina de Exclusão e Violência. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. Jornal Correio Brasiliense, 2020. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.



VERDÉLIO, Andreia. Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em: 31 de julho de 2020.

ATIVIDADES INTERATIVAS REMOTAS EM TEMPO DE PANDEMIA

REMOTE INTERACTIVE ACTIVITIES IN PANDEMIC TIMES

Lidiane de Vilhena Amanajás Miranda

Mestre, Instituto Federal do Amapá - IFAP,
lidiane.miranda@ifap.edu.br

Sérgio Barbosa de Miranda

Mestre, Universidade Federal do Amapá - UNIFAP,
smiranda@unifap.br

RESUMO:

Este relato de experiência conta a respeito da busca do reinventar o cenário de ensino, para continuar assistindo aos alunos, diante do quadro de pandemia da covid - 19, na região do extremo norte do Brasil, desenvolvido por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Mesmo com as orientações fitossanitárias e as recomendações do distanciamento social, o trabalho escolar não parou. O objetivo foi manter a conexão dos discentes com a escola, os atualizando sobre as novidades dos conteúdos em sua área de estudos. Neste relato a experiência foi desenvolvida pela plataforma Google Classroom, juntamente com aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, viabilizando o processo de interação e feedback das atividades com os alunos.

Palavras-chave: Covid 19, educação, interdisciplinar, professor, norte.

ABSTRACT:

This experience report tells about the search to reinvent the teaching scenario, to continue assisting students, in the face of the covid - 19 pandemic scenario, in the extreme north region of Brazil, developed through Information and Communication Technologies (ICTs). Even with phytosanitary guidelines and recommendations for social distance, school work has not stopped. The objective was to keep the students' connection with the school, updated on the news of the contents in their area of study. In this report, the experience was developed by the Google Classroom platform, together with an instant messaging application, WhatsApp, enabling the process of interaction and feedback of activities with students.

Keywords: Covid 19, education, interdisciplinary, teacher, north.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência conta a respeito da busca de reinventar o cenário de ensino, para continuar assistindo aos alunos, diante do quadro de pandemia da covid - 19, na região do extremo norte do Brasil, desenvolvido por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

O Conselho Superior (Consup) do Instituto Federal do Amapá (Ifap) aprovou Ad Referendum, por meio da Resolução nº 58 de 2020, a regulamentação das atividades de ensino, extensão, pesquisa e estágio para as turmas concluintes de 2020 durante o período da pandemia do novo coronavírus. De acordo com a regulamentação, a substituição das atividades presenciais por atividades remotas de forma emergencial devem considerar a oferta e a possibilidade de acesso a todos os estudantes, comunidade externa e docentes, a qualidade do processo ensino-aprendizagem nas ações desenvolvidas e o cumprimento das normas vigentes. Para os servidores, as atividades não presenciais e devidamente realizadas de forma remota, planejadas e registradas serão consideradas como efetivo trabalho e carga horária trabalhada.

Embasando-se na Base Nacional Comum Curricular, mais do que ensinar um currículo, as escolas têm de oferecer formação pautada nos direitos humanos, em competências socioemocionais e na empatia. Busca-se resultados de práticas pedagógicas que possam proporcionar um maior aproveitamento do aluno, colocando-o como agente principal de seu aprendizado. O professor deve mediar, incentivar a criatividade, acolher e tratar diferenças, oferecendo um ambiente propício para formar cidadãos conscientes, completos, autônomos (MIRANDA e BORGES, 2020). Um dos maiores desafios da atualidade quando falamos de ensino e aprendizagem, se refere à qualidade do ensino.

Assim, a importância da didática e do papel docente no processo de ensino-aprendizagem no ensino, apresentando metodologias ativas de ensino-aprendizagem que sirvam como recurso didático na formação crítica e reflexiva do aluno, o que nos levará a uma re-

flexão construtivista do processo de ensino-aprendizagem e atuação do docente na sala de aula.

O objetivo foi manter a conexão dos discentes com a escola, atualizando-os sobre as novidades dos conteúdos em sua área de estudos. Neste relato a experiência foi desenvolvida pela plataforma Google Classroom, juntamente com aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, viabilizando o processo de interação e feedback das atividades com os alunos.

METODOLOGIA

A pandemia da Covid -19 causou a interrupção das atividades presenciais do Campus Avançado Oiapoque do Ifap ainda em março deste ano, pouco após o início do semestre letivo. Para evitar que os estudantes ficassem desmotivados e desistissem dos seus cursos, foi desenvolvido um projeto de Atividades Interativas Remotas (AIR), voltado para fomentar a contínua integração entre a comunidade estudantil local.

Estudantes dos cursos técnicos de Comércio Exterior, Logística e Vendas participaram da iniciativa estratégica para evitar a evasão escolar e o distanciamento da rotina da instituição no período de distanciamento social.

As práticas pedagógicas inovadoras são instrumentos de que vamos lançar mão para que se alcance a aprendizagem desejada, ou seja, de maneira fundamental, tentar um processo pedagógico inovador colaborando para o alcance de seus objetivos. E essa metodologia apresenta como características principais o fato de ser centrado no aluno, se desenvolver em pequenos grupos tutoriais, apresentar problemas em contexto clínico, ser um processo ativo, cooperativo, integrado e interdisciplinar e orientado para a aprendizagem do aluno.

Assim sendo, as atividades foram planejadas e divididas em 2 modos: (1) o uso da plataforma Google Classroom e (2) o uso do aplicativo whatsapp.

Modo 1: Uso do Google Classroom - O Google Sala de aula é um serviço gratuito para escolas, organizações sem fins lucrativos e qual-





quer usuário que tenha uma Conta do Google pessoal. Auxiliou para o depósito organizado e sistemático do conteúdo programático de cada componente previsto na ementa do curso, ver Figura 1.

Nessa plataforma, Figura 2, foram propostas atividades de revisão dos conteúdos programáticos, além de formulário com questões (F) e videoaula de revisão.



Figura 1 - Docente manuseando as ferramentas **Fonte:** Acervo pessoal do autor.

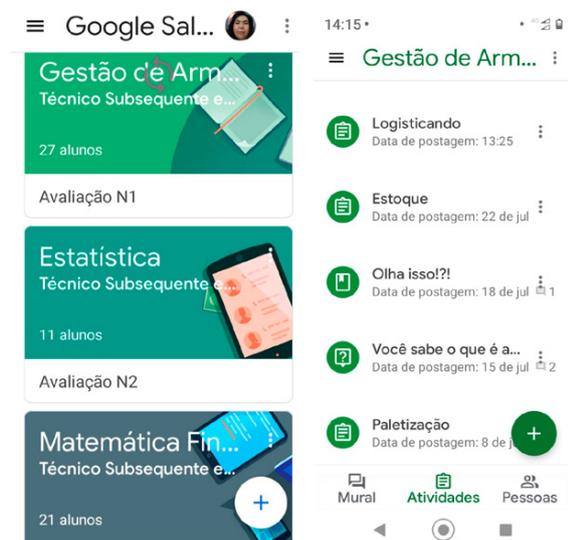


Figura 2 - Layout das turmas e depósito de materiais e atividades **Fonte:** Acervo pessoal do autor.

Modo 2 – uso do aplicativo WhatsApp - O WhatsApp é um aplicativo gratuito para download e desenvolvido especialmente para ser instalado no celular. Servindo para conectar a turma e facilitar o uso dos recursos, agilizando as respostas para as mensagens, ver Figura 3.

O aplicativo facilitou a aproximação da turma com os alunos, pois o recurso permite ao usu-

ário conversar com os até possibilita vídeos chamadas, Figura 4.

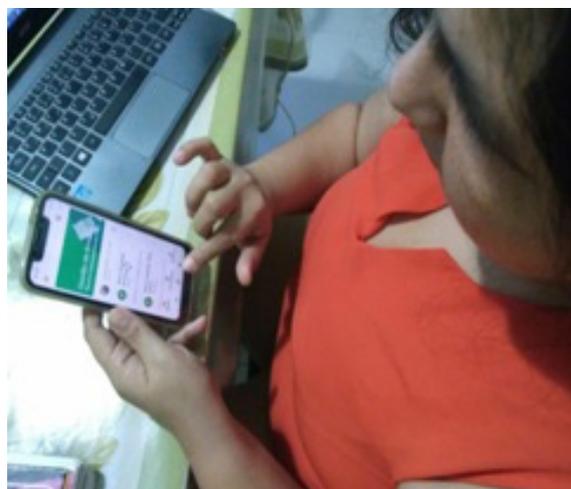


Figura 3 - Layout das turmas e depósito de materiais e atividades **Fonte:** Acervo pessoal do autor.



Figura 4 - Layout das turmas e conversas e esclarecimentos dos assuntos abordados **Fonte:** Acervo pessoal do autor.

As ferramentas tecnológicas buscam fomentar a qualidade da educação, de modo a contribuir também com a aproximação entre a escola e o aluno. Essas ferramentas do ensino-aprendizagem digital são chamadas de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) (ALBINO & SOUSA (2016); MUSSION & DA SILVA FILHO (2020); PEREIRA & SILVA (2010) ZANATO, STRIEDER & CAMPOS (2020)), e vieram para ficar. Não só as escolas, mas as empresas, para treinar os clientes no uso dos produtos e serviços e também para conhecer melhor as necessidades dos clientes.



Pereira & Silva (2010) acredita que as TICs foram responsáveis por alterações de conduta, de costumes, de consumo, no lazer, nas relações entre os indivíduos e nas formas como eles se comunicam. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante.

A educação, por sua vez, ainda luta para acompanhar essas mudanças no contexto social. Perante o impacto causado pela COVID-19 na dinâmica escolar, tornou-se necessário que o ensino entrasse na era da computação e da internet (JACOBS et al 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maneira como se desenvolveu as atividades consistia em uma abordagem sistemática de acolhimento, motivação, acompanhamento e ensino-aprendizagem entre docentes e estudantes (IFAP Notícias 2020).

A utilidade das metodologias ativas construiu condições atrativas de ensino que aproximam realidade e teoria, logo a aplicabilidade dessas metodologias possibilitou competências aos discentes para lidar com mudanças e diversidades, ampliar pensamentos críticos. Logo, práticas pedagógicas inovadoras foram fundamentais, num processo pedagógico inovador colaborando para o alcance de seus objetivos.

Estas metodologias ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades. A chance para se desenvolver, especialmente nesse momento de pandemia, se dá pelo aproveitamento máximo da plataforma digital (TICs), para aprender e também para colaborar com os colegas e professores, interagindo e compartilhando resultados.

Mesmo com as limitações da internet, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver atividades relativas aos Componentes Curriculares dos seus cursos. A viabilidade da utilização das atividades interativas remotas

propostas veio de um processo de conduzir uma educação pública, gratuita e de qualidade capaz de transformar a vida das pessoas.

A situação da pandemia provocada pelo COVID-19 modificou o modo de ensinar, devido à medida de isolamento social, as escolas tiveram que se adaptar, e se depararam com inúmeros desafios sobre a viabilização do processo remoto de escolarização. O professor tem o domínio da temática e adequa a melhor forma de possibilitar a aprendizagem.

Dentro deste mundo de troca de experiências e cultura, o docente e seus recursos didáticos terão grande importância para o aprendizado crítico-reflexivo do estudante. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o ensino passa a ser mais do que a transmissão de conhecimento. Passa a exigir a utilização de métodos e de ferramentas para o desempenho desse papel ativo. Dessa forma, a atenção principal na ação educativa transfere-se, em grande parte, do ensino para a aprendizagem. Assim, o docente, mais do que transmissor de conhecimento, é um facilitador da aprendizagem (NOGUEIRA E OLIVEIRA, 2011, p.10).

Essa experiência se apresentou como uma maneira de estimular no aluno a capacidade de aprender a aprender (DO NASCIMENTO MENDES & DOS SANTOS, 2020), de trabalhar em equipe, de ouvir outras opiniões, mesmo que contrárias às suas e induzir no aluno a assumir um papel ativo e responsável pelo seu aprendizado (DE CASTRO ALMEIDA & MIGUEL (2020). Ou seja, mostrou-se como um apoio do ensino, propondo aprendizado, relembrando conhecimento anteriormente adquirido, ou seja, ensino remoto e não ensino à distância.

Mesmo com a diretriz do MEC (PARECER CNE/CP Nº 11/2020) para que as aulas sejam mantidas de forma online, boa parte das Instituições de Ensino pode enfrentar dificuldades e ter que agir de improviso. Esse ensino instruído e diferente, que ainda aprende as tecnologias e metodologias de ensino tradicional num espaço virtual.

Existem pessoas ainda desassistidas de informação e tecnologia, uma fase globalizada, a educação pode diminuir as desigualdades,



pois a escola traça o caminho para a diversidade através do aprendizado do questionamento, da adaptação aos conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula, construindo o saber a partir de aulas de pesquisa e comunicação, o que proporcionará um cuidado no planejamento do ensinar de formas diferentes para pessoas diferentes, isto é, a educação atual precisa aplicar metodologias ativas, para fomentar educação multicultural.

Enfim, diante da relevância deste tema sobre os conhecimentos das metodologias aplicadas buscou-se minimizar a problemática dessa região fronteiriça de evasão, retendo esses alunos para o ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a partir das considerações trazidas por este trabalho, vemos como as novas ferramentas tecnológicas associadas a metodologias ativas podem contribuir com uma

aprendizagem mais significativa e dinâmica.

Percebe-se que essas atividades têm suas limitações, que mesmo sendo interativas e motivadoras para uma parcela do alunado, não podemos esquecer que estamos numa pandemia.

É pertinente lembrar que temos muitos estudantes em situação de significativa carência, além de não ter um espaço físico para estudar, não tem nenhuma tranquilidade e segurança. Por mais precárias que estejam as nossas escolas, ainda são elas e seus profissionais que acolhem, identificam problemas que os estudantes têm fora delas, se arriscam para resolver e fazem com que os estudantes acreditem que podem ser alguém.

Haja vista que a situação da educação não pode sobressair a percepção de saúde, manutenção de vida, na evolução do homem nesse cenário, é válido aceitar que a normalização de atividades escolares levará um tempo.

REFERÊNCIAS

ALBINO, R.; SOUZA, C. A.; Avaliação do nível de uso das tics em escolas brasileiras: uma exploração dos dados da pesquisa "tic educação". E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 16, n. 43, p.101-125, 2016.

BOTO, C. A educação e a escola em tempos de coronavírus. Jornal da USP. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus>>. Acesso em: 25 set. 2020.

DO NASCIMENTO MENDES, Elaine do Nascimento; DOIS SANTOS, Luciana. Aprenda a aprender novas formas de ensinar. Revista carioca de ciência, tecnologia e educação, v. 5, n. especial, p. 104-106, 2020.

IFAP Noticias 2020. <https://oiapoque.ifap.edu.br/index.php/mais-noticias/336-em-tempo-de-pandemia-atividades-interativas-remotas-permitiram-revisao-de-conhecimento-para-estudantes-de-oiapoque>. Acesso em 11 out. 2020.

JACOBS, Amanda Krauskopf et al. Meninas nas ciências: Uso de tecnologias da informação e comunicação (TICS) nas atividades de ensino remoto. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 9, p. 71896-71900, 2020.

MIRANDA, L. DE V. A., & BORGES, R. de C. M. (2020). A aplicação de metodologia ativa e sua importância na promoção da educação e dos direitos humanos no município de Oiapoque (AP). Revista Espaço Acadêmico, 20(223), 108-119. Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/51595>

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, José; BACICH, Lilian (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.



MUSSIO, Simone Cristina; DA SILVA FILHO, Clodoaldo Rodrigues. Tics Acopladas A Metodologias Ativas No Ensino-Aprendizagem De Línguas: O Uso Da Plataforma Teded. Revista CBTecLE, v. 1, n. 1, p. 337356, 2020.

NOGUEIRA, Regina da silva; OLIVEIRA, Ernesto Borba. A importância da Didática no Ensino Superior 2011. Disponível em <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/ou-tros/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf>. Acesso em 07 ago. de 2020.

PARECER CNE/CP Nº 11/2020 http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 09 out 2020.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) como aliadas para o desenvolvimento. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, v. 10, p. 151-174, 2010.

RESOLUÇÃO nº 58 de 2020 Consup. <https://ifap.edu.br/index.php/publicacoes/item/3111-resolucao-n-58-2020-consup>. Acesso em 11 out. 2020.

RIBEIRO, M. S. DE S. & SOUSA, C. M. M. de <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacao-empauta/aulas-remotas-e-seus-desafios-em-tempo-de-pandemia/>> Acesso em 04 ago. de 2020.

VALLE, Leonardo. Metodologias ativas favorecem uso de tecnologias digitais na escola. 2017. Disponível em: <<https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossasnovidades/noticias/metodologias-ativas-favorecem-uso-de-tecnologias-digitais-naescola/>>. Acesso em: 09 OUT. 2020.

ZANATO, Alessandro Rodrigo; STRIEDER, Dulce Maria; CAMPOS, Terezinha Aparecida. O uso das TICS nas escolas brasileiras: percepção dos professores de ciências. Atlante Cuadernos de Educación y Desarrollo, n. septiembre, 2020.

SAÚDE PÚBLICA NA BAHIA: UM CURSO ONLINE EXTENSIONISTA PARA SE PENSAR HISTORICAMENTE A SAÚDE EM TEMPOS DE COVID-19

PUBLIC HEALTH IN BAHIA: AN EXTENSION ONLINE COURSE TO REFLECT ON HEALTH WITH A HISTORICAL APPROACH IN TIMES OF COVID-19

Jennifer Kessie Ramos Figueiredo

Graduanda do curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - CAMPUS I.
jenfigramos@gmail.com

José Gledison Rocha Pinheiro

Dr. José Gledison Rocha Pinheiro da Universidade do Estado da Bahia - UNEB-CAMPUS I.
jose.gledison@yahoo.com

RESUMO

O presente relato é fruto das reflexões em torno das ações extensionistas desenvolvidas no âmbito do curso online “Saúde Pública na Bahia: uma abordagem das doenças, seus impactos e controles em diferentes momentos históricos”. O curso foi realizado na modalidade online e contou com a participação de 50 alunos da rede pública de Salvador, especificamente dos colégios estaduais Helena Magalhães e Duque de Caxias. O curso se pautou uma abordagem histórica de algumas das epidemias/pandemias que afetaram o mundo, o Brasil, especialmente a Bahia, em seus aspectos político, social, econômico e cultural. Reconhecendo o caráter complexo e multifacetado de tais enfermidades, buscamos desenvolver também um olhar interdisciplinar delas. Para isso, contamos com a colaboração de especialistas nas áreas de Biologia, Psicologia, Direito e Nutrição. Em relação às aulas, foram integralmente realizadas com o apoio da mediação tecnológica, valorizando, sobretudo, os aparelhos e recursos digitais mais ao alcance dos cursistas, a exemplo do smartphone e de aplicativos a ele associados, como WhatsApp, Instagram, YouTube e Zoom.

Palavras-chave: Extensão. Ensino. História.

ABSTRACT

The present report is the result of the reflections about the extension actions developed in the scope of the online course “Public Health in Bahia: an approach of the diseases, their impacts and control in different historical moments.” The course was conducted online and was attended by 50 students from two public state schools located in Salvador: Helena Magalhães and Duque de Caxias. The course used a historical approach to revisit some epidemics/pandemics that affected the world, Brazil and especially Bahia in the past, and to debate their economic, political, social and cultural aspects. Since those illnesses have a complex and multifaceted nature, the option was to also develop an interdisciplinary approach, inviting specialists from the following fields: Biology, Psychology, Law and Nutrition. Regarding the classes, they were entirely held by means of technological mediation, prioritizing the devices and the digital resources to which the students have easy access, such as smartphones and their related apps, like WhatsApp, Instagram, YouTube and Zoom.

Keywords: University Extension. Teaching. History.



CONCEPÇÃO DA PROPOSTA

Tanto na condição de professor da disciplina Estágio Supervisionado como de estudante do curso de Licenciatura em História, da UNEB, temos testemunhado o esforço das professoras e professores da escola pública baiana em sua busca e sua luta por uma aula mais interativa, participativa, favorável à construção do conhecimento e à formação de sujeitos críticos e, conseqüentemente, reflexivos e comprometidos com a defesa de uma sociedade mais democrática, justa e sustentável. Apesar desse esforço acompanhado de muitas expectativas formativas, a aula de História, em muitos casos, se converte num “fardo” (WHITE, 2001) para os estudantes. Retardatória ou imediata, a reação vem: conversas paralelas, saídas antecipadas, cochilos fora de hora, leitura e troca de mensagens pelo WhatsApp, uma espiada no Instagram, outra no Facebook, quando não recorrem a brincadeiras fora de contexto etc. Quando isso acontece, o sentimento das/os professoras/es é de frustração ou mesmo de irritação por não saber gerir uma situação que parece fugir de seu controle. O que poderia ser um momento especial para a aprendizagem e o enriquecimento cultural dos alunos cede espaço para a sensação de um tempo pedagógico desperdiçado.

Quando perguntamos aos professores da educação básica porque as aulas de História tomam esse rumo indesejado, são muitas as hipóteses; parte deles afirma que os estudantes têm dificuldade de concentração, são indisciplinados, não gostam de História etc. Já os estudantes acreditam que a aula “não rola porque é chata” ou porque “fala de coisas antigas” ou “porque o professor fala sem parar”.

Sem querer simplificar a explicação das razões que levam ao fracasso de uma de aula de História, acreditamos que é preciso levar em conta o peso exercido pelos objetos de ensino na atitude dos alunos em sala de aula. Partimos do pressuposto de que produzir conhecimento é produzir sentido, produzir valorização (PINHEIRO; SANTOS, 2006). Em outras palavras, é preciso considerar a importância do que é ensinado para os alunos, o peso formativo e orientador desses conteúdos para

a sua atuação no mundo. Esses objetos de saber precisam fazer sentido tanto para os professores, elaboradores de políticas curriculares e de material didático, como para os alunos. O sentido, como bem lembra Bakhtin (2004), é social. Não existe sentido, mas sentidos, daí sua natureza dialógica. E quando algo faz sentido, o processo valorativo se desdobra em imaginação e interpretação, daí a importância de espaço na linguagem para a subjetivação. Por essa razão, podemos muito bem afirmar, com Freire (1985), que a educação não é extensão ou transmissão mecânica de um saber, mas, sim, uma prática de comunicação discursiva, cultural.

Nesse sentido, toda compreensão, incluindo a que ocorre na sala de aula, é responsiva. Por distintas razões, quando esse caráter ativo da compreensão é negado, a aula se transforma naquilo que Rancière (2013) chama de ordem explicadora, ou ordem bancária, se quisermos fazer alusão mais uma vez a Freire (1985). Não existe fórmula mágica para que a aula dribles essa dificuldade e favoreça a participação dos alunos. Ela pode assumir o caráter predominantemente narrativo, de modo a conseguir instigar a imaginação e o pensamento. Mas também pode apostar no caráter polifônico da linguagem; nesse caso, pode se apoiar no revezamento entre enunciados em torno de múltiplos mediadores, em objetos pensados e situados estrategicamente entre sujeitos, de modo a permitir que a aula seja tecida pela ação valorativa e interpretativa de muitos sujeitos.

Foi com esse espírito de ensino de História, que valoriza a participação dos alunos no processo de conhecimento e contribui para o seu enriquecimento cultural, que participamos do edital 030/2020, de seleção de projetos que tinham como objeto o desenvolvimento de ações extensionistas, no âmbito do Programa PROBEX – de prevenção e combate à Covid-19. As inscrições ocorreram entre os dias 17 e 21 de abril de 2020 e os projetos aprovados tiveram sua execução iniciada em 14/05/2020, com previsão de encerramento em julho do corrente ano.

Ao participarmos da seleção, tínhamos ciência de que a concepção de ensino que defendí-



amos convergia com o espírito das ações de extensão defendidas pelo referido edital. Nossa ideia era justamente propor um curso na área de História, cujo tema fosse socialmente relevante e despertasse interesse nos alunos das escolas públicas de Salvador. A pandemia, claro, constitui um problema que desperta interesse social, mas, para nós historiadores, um diálogo com o passado era necessário para uma compreensão mais aprofundada de seus significados. Desse modo, entendíamos que era preciso situar o problema da pandemia, para além da Covid-19, numa longa duração, a fim de melhor refletir sobre sua manifestação hoje.

Essa proposta de abordagem histórica da pandemia levava ainda em consideração a Política Nacional de Extensão Universitária/2012 e a Resolução CONSU nº 1.196/2016. Assim, tínhamos em mente que era possível atender às expectativas interdisciplinares do diálogo interativo e transformador envolvendo a universidade e outros setores da sociedade. Não por acaso, a abordagem que propúnhamos, embora predominantemente histórica, dialogava com outras áreas do conhecimento, como Direito, Nutrição, Biologia e Psicologia.

Além disso, nossa proposta era que conseguíssemos estreitar ainda mais os laços entre espaço de formação e de atuação profissional, fortalecendo assim a parceria já existente entre escola e universidade, como vinha acontecendo através das atividades de estágio docente. Na prática, isso significava contribuir para ampliar as experiências de ensino-aprendizagem do aluno monitor de extensão enquanto futuro professor e colaborar com a formação de estudantes, no contexto da escola pública, mais conscientes de sua relação ética com o corpo e com a natureza, num momento tão complexo como este, em que estamos enfrentando uma pandemia que já ceifou a vida de dezenas de milhares de brasileiros.

Assim, lançamos como objetivo principal do projeto de extensão refletir sobre as epidemias/pandemias ao longo da história da humanidade, especialmente na Bahia, em seus aspectos sanitários, sociais, políticos, econômicos e ambientais, de modo a formar novos hábitos e atitudes perante a Covid-19. Atrala-

do a esse objetivo de caráter mais geral, propusemos ainda: discutir o contexto histórico em que emergem as doenças ao longo da história; relacionar as doenças com os problemas ambientais provocados pela ação humana; analisar as formas de atuação do poder constituído no combate aos efeitos da enfermidade e suas formas de prevenção; debater as disputas de imaginário social sobre doenças, no passado e no presente, destacando os papéis da religião e da ciência; analisar, em que medida, na história das epidemias/pandemias, havia o dilema entre salvar vidas e proteger a economia; investigar como as populações reagiam às ações do poder público em relação ao combate e à prevenção das doenças; verificar como as enfermidades atingiam os diferentes estratos da sociedade; estabelecer um quadro comparativo das doenças do passado com a Covid-19, sob diferentes pontos de vista, como o econômico, o social, o político e o medicinal.

Para estruturar o curso, algumas leituras prévias foram realizadas, com o objetivo de aprofundar a compreensão das epidemias/pandemias, em diferentes contextos históricos, e selecionar aquelas que poderiam virar objeto de estudo coletivo no âmbito do curso. Dentre as leituras desenvolvidas, pontuamos: Alencastro (2000); Castro Santos (2003); Chalhoub (2001); Le Goff (1994); Santos (1994); Souza (2009) e outros. Com base nessas leituras, foi possível notar que a região correspondente à Bahia lida com problemas de saúde desde pelo menos o século XVI, pela atuação contínua de diversas epidemias, a exemplo do sarampo e da varíola (1560-1563), que afetaram, especialmente, a população indígena. Além disso, foi notável a existência de surtos de febre amarela “bicha” (como era conhecida no período colonial) desde 1688, permanecendo até o século XIX, de forma que Salvador era considerada o epicentro da doença no país. No século XX, outro surto assustou os baianos, provocando muitas mortes, a chamada “gripe espanhola”. Em suma, foram muitas as doenças provocadas por diferentes tipos de vírus e bactérias ao longo do tempo.

Para explorar esses e outros aspectos da história da saúde em múltiplos tempos e espaços, organizamos a exploração dos conteúdos



em três módulos:

Módulo I

- Por que estudar História?
- O que é epidemia/pandemia?
- Diferença entre surto, epidemia, pandemia e endemia;
- A Covid-19 e os desafios do isolamento social;
- As pandemias na História: Peste Antonina (165–180); Peste de Cipriano (250–271); Peste de Justiniano (541); Peste do Egito (430 a.C.); Peste Bubônica (1300);

Módulo II

- O impacto da colonização na saúde dos indígenas;
- Saúde Pública nos séculos XVIII-XIX;
- A assistência à saúde nas constituições brasileiras de 1824 e 1891;
- Epidemias do século XIX e as questões sociais, políticas e econômicas;
- A Revolta da Vacina;

Módulo III

- A Bahia e a saúde nos séculos XVIII-XIX;
- Epidemias no sertão baiano;
- A “gripe espanhola” na Bahia;
- A saúde na Era Vargas;
- Saúde Pública no Brasil e na Bahia durante a ditadura;
- A questão da saúde da mulher no século XX.

PERCURSOS DA PRÁTICA

Atentos ao processo de conhecimento como produção de sentido e problematização, cria-

mos duas estratégias básicas para explorar os conteúdos de cada um dos módulos. A primeira consistiu em estabelecer, sempre que possível, uma dialética temporal entre presente e passado, partindo sempre de questões atuais para emprestar sentido aos aspectos históricos situados em tempos recuados. A segunda incidiu sobre a necessidade de instaurar debates em torno dos conteúdos, de modo que lançávamos questões para a discussão coletiva, tais como: como atuou o poder público para combater os efeitos das enfermidades? Que medidas preventivas foram recomendadas para evitar novos surtos? Como eram as campanhas de saúde pública? Havia divergências de orientação quanto às estratégias de enfrentamento das doenças? Ocorria o dilema entre salvar vidas ou preservar a economia? Como reagiu a população às medidas protetivas? As doenças atingiam da mesma forma os diferentes estratos da sociedade?

Para ajudar na divulgação do curso, contamos com o apoio da professora Verônica Nunes Gordiano, do Colégio Helena Magalhães, instituição parceira do estágio supervisionado dos alunos da UNEB. Para incentivar as inscrições, criamos um texto explicativo sobre o curso de extensão e o divulgamos em grupos WhatsApp frequentados pelos alunos. As inscrições foram online, mediante o preenchimento do formulário Google.

Cinquenta alunos, entre 18 e 65 anos de idade, se inscreveram. Considerando o curto espaço de tempo que tivemos para a divulgação do curso e o fato de estarmos num contexto de isolamento social, por conta da pandemia, julgamos ter conseguido um bom número de inscritos. São alunos das escolas Helena Magalhães e Duque de Caxias, situadas em dois importantes bairros negros e populares de Salvador: Beiru/Tancredo Neves e Liberdade, respectivamente.

Logo nos primeiros contatos, apuramos a melhor maneira de realizarmos os encontros semanais. Com o auxílio dos participantes, optamos por usar o aplicativo Zoom, uma plataforma de reunião online. Os cursistas participaram ativamente de sua escolha, apontando como vantagem desse aplicativo o fato de ele suportar um número razoavelmente elevado



de usuários e permitir que a função telefone permanecesse desligada durante seu uso. Também debatemos os usos do Instagram, do WhatsApp e do YouTube. Quanto à plataforma de filmes e canais de músicas que vamos explorar, sugerimos que consultassem as mais populares e de fácil acesso.

Mediados então pelas tecnologias digitais, promovemos leituras individuais e coletivas de textos sintéticos, mas significativos em relação aos temas tratados. Recorremos a slides com esquemas de apresentação de ideias, imagens e alguns vídeos curtos para fomentar o debate. Quanto aos filmes, discutimos alguns que tratavam direta ou indiretamente de pandemias, a exemplo de: “Contágio”, “A gripe”, “Sentidos de amor”, “Eu sou a lenda” etc. Esses filmes contribuíram para a reflexão sobre cenários pandêmicos e as possibilidades de relação com o momento atual. Em geral, depois de assistidos ou consultados, os filmes eram submetidos ao debate coletivo, com oportunidade para que os cursistas apresentassem seus pontos de vista, estabelecendo conexões com o cotidiano ou algum outro tema já explorado. Também aproveitávamos para problematizar certas abordagens das pandemias propostas pelos filmes, ao difundir determinadas representações, valores e até estereótipos.

Quanto às músicas, também compuseram o cenário complementar da aprendizagem; por exemplo, canções que possibilitavam explorar contextos que impactavam na saúde coletiva foram utilizadas, como “O mundo não se acabou”, de Carmem Miranda, e “Corona Funk”, do Mc Thelinho.

Além desses mediadores, o curso contou ainda com um conjunto de quatro lives, todas motivadas pela necessidade de um olhar interdisciplinar sobre as pandemias, afinal, era um tema de grande complexidade, que exigia múltiplas leituras e interpretações. Assim, convidamos profissionais e estudantes de diferentes áreas (Nutrição, Direito, Biologia, Psicologia) para participarem do curso, realizando algumas exposições mais técnicas sobre o assunto, o que contribuiu para gerar informações, tirar dúvidas e fomentar o debate.

No caso da live de Biologia, o professor Jolfer dos Santos Santa Rita trouxe importantes informações sobre o vírus e as medidas protetivas a serem tomadas nesse momento. Ele aproveitou também para chamar a atenção para algumas fakenews que circulam socialmente, além de promover uma articulação mais estreita entre História e Biologia, ao trazer cenários em que o desconhecimento biológico foi determinante para o agravamento da doença, como no caso da “gripe espanhola”.

A live de Direito, ministrada por Carlos Alberto Ferreira de Jesus Júnior, destacou os problemas legais que envolvem o distanciamento social e usos de equipamentos; discutiu a importância das leis para garantir a proteção social e a subsistência da população, especialmente dos trabalhadores e das pessoas mais vulneráveis; e frisou a importância da garantia de direitos em um momento como este de pandemia. Ele aproveitou para debater algumas questões lançadas pelos alunos, como, por exemplo: se o “ficar em casa” era de fato um direito ou um privilégio e sobre ser considerado essencial ou não o serviço das empregadas domésticas.

A terceira live foi relacionada à área de Nutrição. A ideia surgiu de diálogos informais com os cursistas e da necessidade de compreender como a alimentação se tornava um veículo de fakenews nesses momentos. A exposição foi feita pela nutricionista Gabriela da Costa Barbosa, que conversou com os alunos sobre alimentação em tempos de pandemia, considerando os bons hábitos, mas também os equívocos e mitos sobre a relação entre nutrientes e imunidade.

A última live do curso foi ministrada pela formanda do curso de Psicologia Emily Oliveira da Silva, que discutiu sobre a necessidade de em momentos como esse cuidar da saúde mental, saber lidar com a ansiedade e com outras doenças que afloram nesse período. De todas as lives, essa foi a mais relevante, segundo a maioria dos cursistas, tanto porque tratou de problemas que afetavam um número significativo de pessoas, como pelo aprendizado a respeito de como buscar ajuda em caso de necessidade.



Apesar de essas lives terem se concentrado em problemas contemporâneos, em diversos momentos, quando se teve a oportunidade, estabelecemos uma ponte com o passado, tratando de problemas semelhantes vivenciados por sujeitos de outros tempos e espaços.

UM BALANÇO PROVISÓRIO

Arriscando um balanço geral sobre o curso, afinal ele ainda está em fase de conclusão, é possível afirmar que a experiência tem sido bastante significativa para os cursistas, a julgar pelo nível de participação e engajamento da turma com as atividades propostas. Como parte das aulas era gravada, assim como as lives, muitos podiam retomar o assunto para tirar dúvidas, estudar ou mesmo reacender as discussões através do grupo de WhatsApp da turma. Durante as aulas, foi possível verificar que alguns cursistas ficavam mais interessados em explorar o contexto histórico do qual emergiam as enfermidades, já outros davam mais atenção aos seus aspectos propriamente biológicos e medicinais. Sendo que de modo mais aprofundado, ambos os aspectos se complementavam. Eles também reconheceram a importância de estudar as epidemias/pandemias em perspectiva histórica, pelas possibilidades de conhecer como as sociedades passadas lidavam com os problemas sanitários em comparação com o pre-

sente, estabelecendo assim uma importante relação entre semelhanças e diferenças.

Quanto aos desafios enfrentados durante a execução do curso, tiveram maior peso aqueles relacionados à mediação tecnológica. Em muitos momentos, o sinal de internet oscilava, o que era suficiente para “travar” a live ou aula. Em outros momentos, alguns cursistas não conseguiam acessar o aplicativo e por isso acabavam tendo dificuldade de acompanhar as atividades ao vivo e interagir com os colegas, o professor ou algum convidado. Afora esses aspectos técnicos, também não foi fácil exercitar a mediação, de modo a garantir que cada um se manifestasse em um universo de 50 vozes. Ademais, na condição de professor, era importante exercitar o respeito ao dissenso sem cair no relativismo, já que em alguns momentos as opiniões entre os cursistas divergiam bastante.

De todo modo, a experiência extensionista aqui relatada trouxe muitos ganhos e aprendizados, pela possibilidade de contribuir para a formação em um duplo sentido, para aqueles que buscavam uma oportunidade de enriquecer seus conhecimentos sobre um problema socialmente significativo e para nós professores de história que estamos aprendendo a lidar com um ensino remoto, mediado pelas tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASTRO SANTOS, Luiz A. de; FARIA, Lina Rodrigues de. A reforma sanitária no Brasil: ecos da Primeira República. Bragança Paulista: EDUSF; 2003.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LE GOFF, Jacques (org.). As doenças têm história. Lisboa: Terramar, 1991.
- PINHEIRO, José G. Rocha, SANTOS, Stella Rodrigues dos. Linguagem e práticas no ensino de história. Salvador: Quarteto, 2006.
- RANCIÈRE, J. O Mestre Ignorante: Cinco Lições sobre a Emancipação Intelectual. Tradução de Lí-

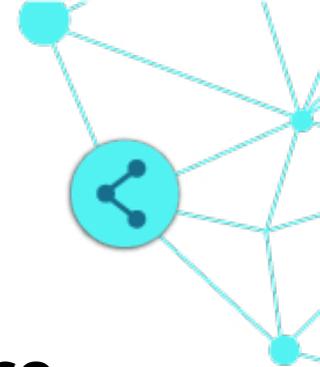


lian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. Um século de Coléra: itinerário do medo. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, vol. 4. Nº1, pp. 79-110, 1994.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Salvador: Rio de Janeiro: EDUFBA/FIOCRUZ; 2009.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. Ed. Trad. de Alípio Correia de Franca Net São Paulo: Edusp, 2001.



CALL CENTER PARA DÚVIDAS GERAIS RELACIONADAS À COVID-19: USO PELO PÚBLICO ALVO E ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO ADOTADAS PELO PROJETO

CALL CENTER FOR GENERAL DOUBTS RELATED TO COVID-19: USAGE
PROFILE BY ITS TARGET-PUBLIC AND PROMOTION STRATEGIES
ADOPTED BY THE PROJECT

Kattlyn Laryssa Candido

Mestranda em Ciências Farmacêuticas, UNIOESTE
kattlyn.candido@unioeste.br

Shirley Elaine Melo¹

Graduanda em Enfermagem, UNIOESTE
sm48138@gmail.com

Leonardo José de Medeiros Piva

Graduando em Odontologia, UNIOESTE
leopiva9@hotmail.com

Fernanda Vigilato Chasko

Graduanda em Enfermagem, UNIOESTE
fernandachasko@hotmail.com

Adélia Gonçalves da Silva

Graduanda em Medicina, UNIOESTE
adelia404@hotmail.com

¹ Bolsistas da fundação araucária no projeto de contribuição das ações de extensão da Unioeste no combate à pandemia do novo coronavírus nas regiões oeste e sudoeste do Paraná



RESUMO:

A extensão busca levar o conhecimento acadêmico para a sociedade, promovendo interação sinérgica entre os elementos. Para o pleno funcionamento dessas atividades é crucial avaliar o uso desse serviço pelo seu público alvo, a fim de buscar novas técnicas, aprimorar possíveis falhas e promover o conhecimento do serviço. Esse relato dispõe-se a explorar a forma de utilização, por parte dos cidadãos, do serviço de Call center para dúvidas gerais ofertado em caráter emergencial em razão da pandemia da COVID-19 por uma universidade pública no Oeste do Paraná. Averiguou-se o perfil das ligações recebidas em volume e enquadramento no escopo do projeto. Analisou-se os meios de divulgação utilizados e sua efetividade, sendo eles impressos e através das redes sociais. A maior parte das ligações partiram de pacientes sintomáticos e a forma de divulgação que mais gerou ligações foram as redes sociais (Instagram e Facebook). De forma geral, os objetivos do projeto de extensão foram cumpridos, atendendo a população tanto para sanar dúvidas quanto para direcioná-la a serviços mais específicos em caso de sintomas.

Palavras-chaves: Extensão. Coronavírus. Informação

RELATO

A atividade de extensão universitária é definida pela Política Nacional de Extensão Universitária como um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (SILVA et al., 2020b). É ainda indissociável do ensino e da pesquisa, formando os pilares da universidade.

Os projetos extensionistas têm papel fundamental na integração dos avanços universitários e científicos com a comunidade, de uma maneira acessível e assimilável, fortalecendo o vínculo entre as partes (RODRIGUES et al., 2013; SANTOS; DEUS, 2014).

ABSTRACT

Extension projects aim to take academic knowledge to society, promoting synergic interactions between these elements. To fulfill its purpose is crucial to elucidate its use by the target public, to implement new techniques, improve any flaws, and promote acknowledgment of the project. This experience report explores the usage profile of the Call Center for general doubts related to COVID-19, offered by a public university on western Paraná, by its target-public. The calls profile in volume and adequation to the project's scope were evaluated, as well as the means of promotion adopted and it's effectiveness. The majority of the calls came from symptomatic patients and the most efficient propagation tool was social media (Instagram and Facebook). In conclusion, the project objectives were fulfilled: serve the general population by solving any doubt related to COVID-19 or redirecting the specific cases to more qualified services.

Key words: Extension. Coronavírus. Information.

As ações de extensão buscam suprir demandas prementes da sociedade em diversas áreas e têm reconhecido trabalho no combate ao Coronavírus, por exemplo (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ, 2020; KRAMER et al., 2020; UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2020).

Em dezembro de 2019, um surto de um novo vírus da família coronaviridae, o sars-cov-2, foi relatado e rapidamente tornou-se uma pandemia sem precedentes.(SILVA et al., 2020a; SUN et al., 2020) Até o dia 13 de Julho de 2020 foram relatados 13.204.667 casos e 574.502 mortes no mundo por COVID-19, a doença causada pelo novo vírus (WORLDMETERS, 2020).

No Brasil, foi lançado o Plano de Con-



tingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus, em fevereiro de 2020, a fim de nortear o Ministério da Saúde (MS) durante a pandemia (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Meses após, o país passou a ser o segundo em número de casos no mundo e já na primeira quinzena de Julho aproxima-se de 73.000 mortes (WORLDOMETERS, 2020).

Em vista a situação sofrida no país, diversas frentes de trabalho têm se desenvolvido e as atividades feitas nas universidades têm ganhado destaque. Desde testes em laboratórios, sequenciamentos virais e análise de potenciais medicamentos, à fabricação de EPI's e estudos epidemiológicos, até o fornecimento de informações científicas sobre o Coronavírus em combate às fake News (SILVA et al., 2020b).

No que tange às informações, com o avanço da pandemia, houve também uma crescente demanda por conhecimento e a veiculação rápida desse nas mídias sociais e redes televisivas gerou uma avalanche de notícias falsas e/ou imprecisas (BURSZTYN et al., 2020; ORSO et al., 2020). Bursztyn et al. (2020) avaliou a exposição a diferentes jornais de ampla audiência nos EUA, na mesma emissora, com diferentes formas de reportar a pandemia de COVID-19 ao longo dos meses no país, e o efeito que isso teve na mudança de hábitos e desfechos em saúde dos seus expectadores. No jornal onde as notícias foram noticiadas mais rapidamente e em tom mais sério, os expectadores tomaram atitudes preventivas (aumento na frequência de lavagem de mãos, respeito ao distanciamento social etc.) 8 dias mais rápido que os expectadores do segundo jornal (BURSZTYN et al., 2020).

Isso demonstra que a informação veiculada de diferentes formas causa grande impacto na resposta do público e nos desfechos de uma pandemia, assim, locais onde a informação com qualidade científica e em linguagem acessível possam ser encontradas com agilidade são cruciais.

No Paraná, uma ação conjunta da Secretaria de Estado da Saúde (SESA) com a Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino

Superior (SETI) e a Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) engajou universidades públicas paranaenses em ações extensionistas de combate ao novo Coronavírus, reforçando a linha de frente em regionais de saúde e hospitais, monitoramento de fronteiras e informando a população por meio de Call Center gratuito (FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA, 2020).

O Call Center da universidade para COVID-19, principal foco deste relato, tem como função fornecer uma linha de acesso gratuita a informações de qualidade científica para a população nesse momento de crise.

Relataremos o uso do Call Center emergencial para dúvidas gerais sobre a COVID-19 por seu público-alvo e as estratégias de divulgação utilizadas para atingi-los, além de comentar sobre sua efetividade.

Os dados analisados foram obtidos de banco de dados compilado através das informações gerais, agrupadas e anônimas dos cidadãos atendidos pelo Call Center da UNIOESTE – Campus Cascavel.

Avaliamos o perfil das ligações recebidas para avaliação do enquadramento no escopo do projeto. O objetivo primário deste Call Center era atender às dúvidas gerais da população sobre a COVID-19, dessa forma, ligações relativas a dúvidas se enquadram no escopo do projeto. Ligações com outras finalidades foram caracterizadas como: “Desviantes relacionadas a COVID-19” e “Não relacionadas à COVID-19”.

Na Figura 1 podemos observar o gráfico de distribuição das ligações recebidas. As dúvidas, que eram o nosso objetivo primário, corresponderam a 37,6% das ligações recebidas, sendo as dúvidas sobre testagem e distanciamento social as mais prevalentes. O campo “Outras dúvidas” é composto por questões relacionadas à higiene, medicações, esclarecimentos de boatos/fake news e uso de máscaras, agregadas para facilitar a visualização gráfica. A maior parte das ligações foi desviante relacionada à COVID-19, que diz respeito aos sintomáticos, com 59,3%.

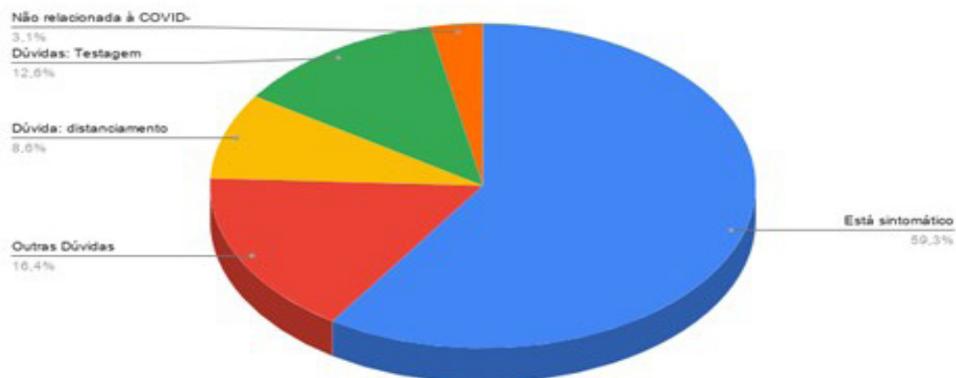


Figura 1

Vale lembrar que essa acabou se tornando o objetivo secundário do nosso Call Center pelo volume de ligações recebidas, mas que o principal responsável por atender aos sintomáticos seria o Call Center da prefeitura de Cascavel. Podemos ver ainda que apenas 3,1% das ligações não foram relacionadas à COVID-19 e não atenderam ao escopo do projeto.

Esses dados demonstram que possivelmente houve uma confusão do público-alvo em relação a qual Call Center utilizar em caso de sintomas, além da alta demanda do Call Center municipal que dificultava o atendimento rápido das ligações, o que pode ter auxiliado no maior fluxo de ligações relacionadas a

sintomas. No entanto, de um modo geral, as ligações foram relacionadas ao tema da COVID-19 proposto no nosso Call Center, atendendo aos objetivos do nosso projeto.

É importante salientar que os casos sintomáticos eram redirecionados aos serviços mais específicos para esse atendimento, sendo o Call Center da prefeitura ou a plataforma Telemedicina Paraná.

A efetividade da divulgação e marketing digital analisou a forma de primeiro contato com o número do Call Center de acordo com os meios de divulgação utilizados: TV, cartazes, sites, revistas ou jornais, redes sociais (Instagram ou Facebook) ou outros meios. Esses dados podem ser visualizados na Figura 2.

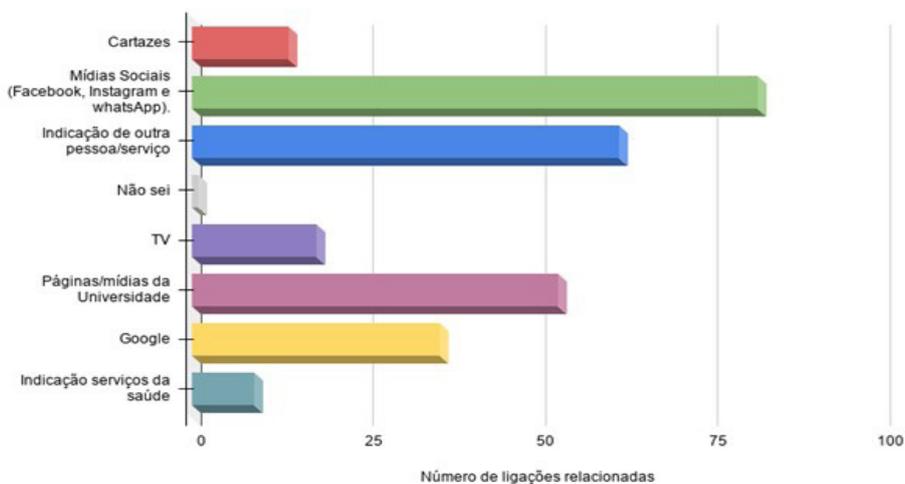
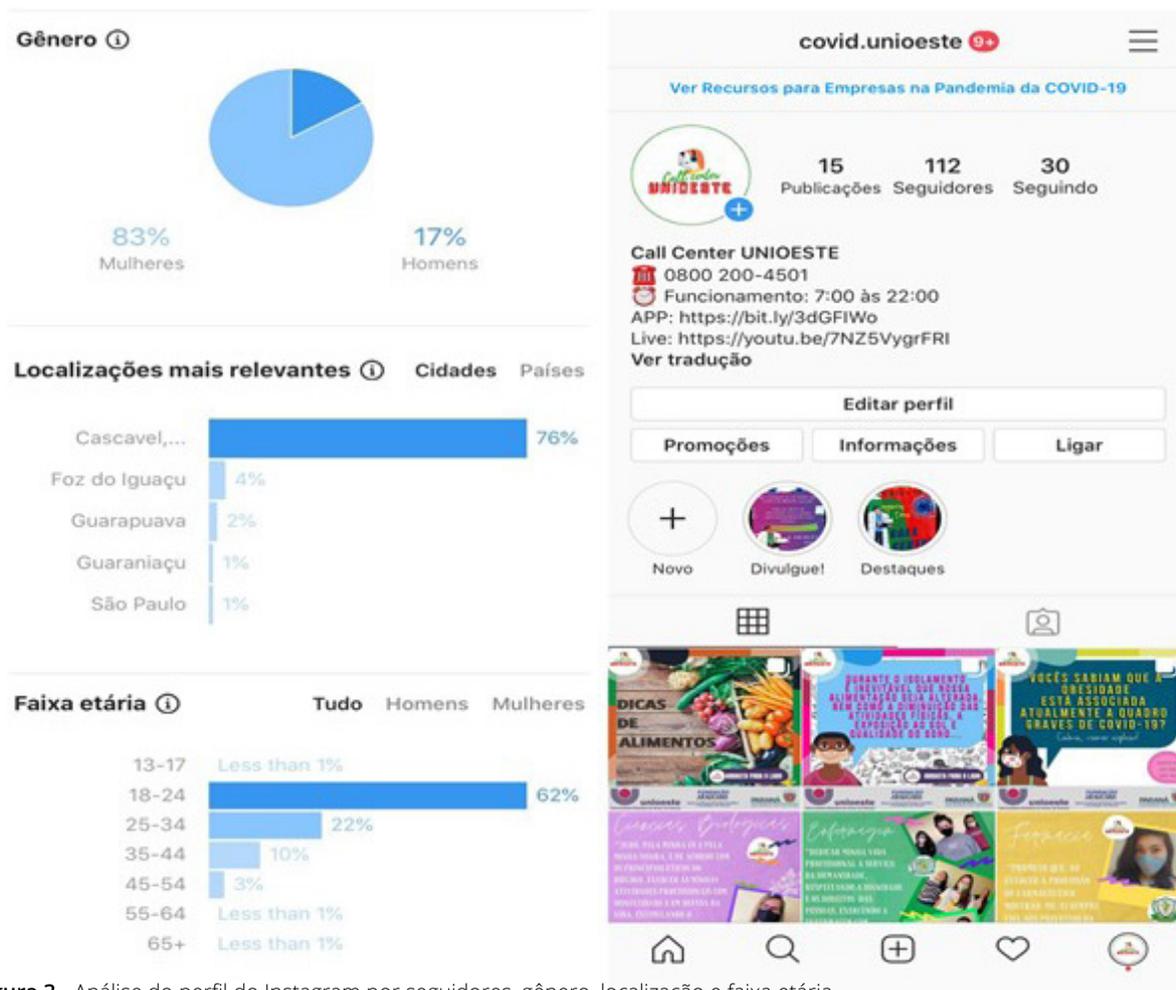


Figura 2 - Número de ligações desencadeadas por cada tipo de divulgação adotado no Call Center.



gura 3 - Análise do perfil do Instagram por seguidores, gênero, localização e faixa etária.

Já no Facebook (Figura 4) alcançamos 257 seguidores, com a maioria também do sexo feminino (74%) na mesma faixa etária 18-24 anos (23%). No entanto, podemos notar que a distribuição de idades atingidas foi melhor no

Facebook, do que no Instagram. De forma similar ao Instagram, 66% dos seguidores eram de Cascavel, Paraná, local onde o Call Center foi disponibilizado.

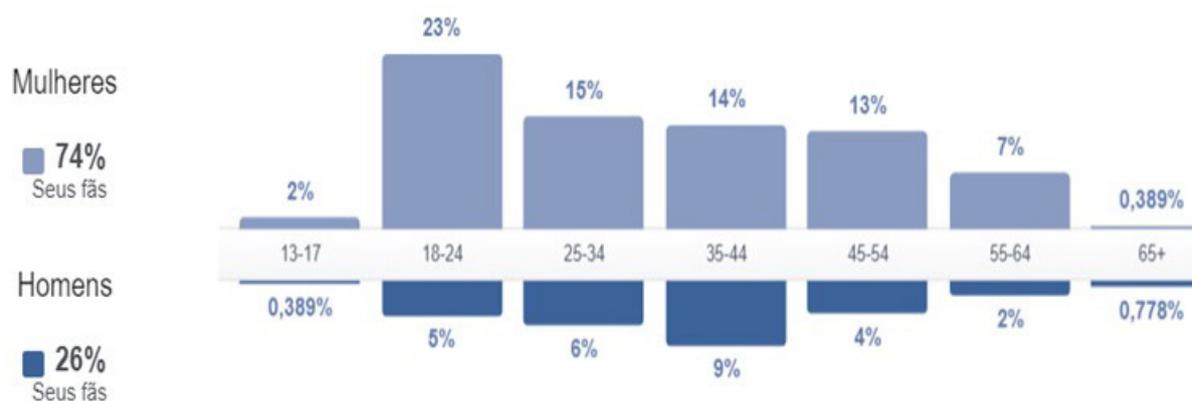
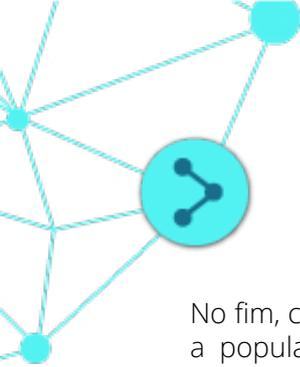


Figura 4 - Distribuição dos seguidos por gênero e faixa etária no Facebook.



No fim, concluímos que o objetivo de atender a população foi atingido, tanto através das dúvidas quanto pelo redirecionamento de pacientes sintomáticos aos serviços corretos de atendimentos.

A interação com as redes sociais foi menor que o esperado, mas ainda assim gerou um bom retorno para os atendimentos do servi-

ço. O Instagram tem maior poder em atingir as faixas etárias mais jovens e o Facebook é mais abrangente em termos de idade. Talvez pessoas envolvidas com maior exclusividade na produção de conteúdo, divulgação e marketing trouxessem maior visibilidade ao projeto e aumentariam o engajamento nas redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19 Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19 Centro de Operações de Emergências. Ministério da Saúde Secretaria Especial de Saúde Indígena, v. 1, p. 22, 2020.

BURSZTYN, L. et al. Misinformation During a Pandemic. SSRN Electronic Journal, 2020.

Coronavírus: Ações de extensão universitária reforçam apoio à população - Agência Estadual de Notícias. 2020

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA. Ação de extensão contra o novo Coronavirus PROGRAMA DE APOIO INSTITUCIONAL PARA AÇÕES EXTENSIONISTAS DE PREVENÇÃO, CUIDADOS E COMBATE À PANDEMIA DO NOVO CORONAVIRUS. BrasilFundação Araucária - Chamada pública, 2020. Disponível em: <www.FapPR.pr.gov.br>. Acesso em: 2 jun. 2020

KRAMER, DANY GERALDO; DA SILVA, MARIA JOSILENE LEONARDO; CAVALCANTI JUNIOR, GERALDO BARROSO; DE SOUSA, A. M. Vista do EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A PREVENÇÃO AO COVID 19. ANUÁRIO PESQUISA E EXTENSÃO UNOESC JOAÇABA, 2020.

ORSO, D. et al. Infodemic and the spread of fake news in the COVID-19-era. European Journal of Emergency Medicine, v. Publish Ah, 23 abr. 2020.

RODRIGUES, A. L. L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, 2013.

SANTOS, J. A. DOS; DEUS, S. DE F. B. DE. Um novo tempo da extensão universitária brasileira. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, v. 2, n. 2, p. 6-16, 27 dez. 2014.

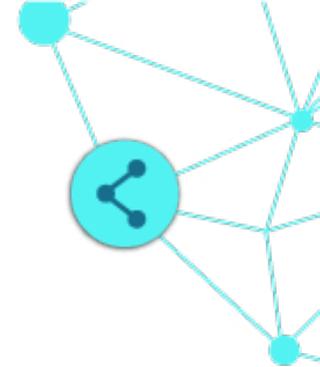
SILVA, R. M. DA et al. Perfil e financiamento da pesquisa em saúde desencadeada pela pandemia da COVID-19 no Brasil. Vigilância Sanitária em Debate, v. 8, n. 2, p. 28-38, 29 maio 2020a.

SILVA, M. R. F. et al. Reflexões sobre as ações extensionistas e de pesquisa no combate à COVID-19 na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 2, p. 3622-3646, 25 abr. 2020b.

SUN, P. et al. Understanding of COVID-19 based on current evidence. Journal of Medical Virology. John Wiley and Sons Inc., , 5 jun. 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jmv.25722>>. Acesso em: 3 jun. 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO. A Extensão Universitária no enfrentamento ao Coronavírus | Portal de Egressos da UFES. Disponível em: <<http://egresso.ufes.br/conteudo/extensao-universitaria-no-enfrentamento-ao-coronavirus>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

WORLDMETERS. COVID-19 CORONAVIRUS PANDEMIC.



MODELAGEM CAD E AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES MECÂNICAS POR ELEMENTOS FINITOS DE VIDEOLARINGOSCÓPIOS IMPRESSOS EM 3D ATRAVÉS DE DIFERENTES POLÍMEROS.

CAD MODELING AND EVALUATION OF MECHANICAL PROPERTIES BY FINITE ELEMENTS OF VIDEO LARYNGOSCOPES PRINTED IN 3D THROUGH DIFFERENT POLYMERS.

Maurício Chagas de Menezes Júnior,

Discente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB,
mauriciommenezes@gmail.com;

Dr. Thiago Araujo Simões,

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB,
thiagasimoes@gmail.com.

RESUMO

O artigo oferece uma visão do desenvolvimento de um equipamento de videolaringoscópio com suporte articulável para celular, projetado para viabilizar sua produção por manufatura aditiva em impressora 3D FDM. Como objetivo principal encontra-se a avaliação das propriedades mecânicas do videolaringoscópio para os principais polímeros de impressora 3D do mercado. Os laringoscópios são equipamentos essenciais para o acesso ventilatório em intubações traqueais, observação de vias respiratórias e procedimentos cirúrgicos da laringe e têm sido largamente utilizados em pacientes de estado grave em meio a pandemia do covid-19. O design do produto foi realizado no software Fusion 360, bem como as análises de elementos finitos que elucidaram o comportamento mecânico dos laringoscópios aqui testados.

Palavras-chave: Simulação; Engenharia auxiliada por computador; Laringoscópio; manufatura aditiva.

ABSTRACT

The article offers a vision of the development of a video laryngoscope equipment with articulable support for cell phones, designed to make its production via additive manufacture in 3D FDM printer feasible. The main objective is to evaluate the mechanical properties of the video laryngoscope for the main polymers of 3D printer on the market. Laryngoscopes are essential equipment for ventilatory access in tracheal intubations, observation of airways and surgical procedures of the larynx and have been widely used in a serious patient in the middle of the covid-19 pandemic. The product design was carried out in the Fusion 360 software, as well as the finite element analyzes that elucidated the mechanical behavior of the laryngoscopes tested here.

Keywords: Simulation; Computer aided engineering; Laryngoscope; additive manufacturing.

INTRODUÇÃO

Vários países enfrentam hoje uma grande crise no sistema de saúde em decorrência do SARS-CoV-2 (Covid-19). Estudos em outros países, com crise agravada, mostraram que aproximadamente 3.2% do total de casos diagnosticados precisam de intubação e ventilação invasiva em algum momento do curso da doença¹. A intubação no momento certo é crucial para combater uma deficiência progressiva de oxigênio, apesar da oxigenoterapia de alto fluxo e da ventilação com pressão positiva nas vias aéreas em dois níveis.

Desta forma, a videolaringoscopia tornou-se uma ferramenta indispensável para gerenciar vias aéreas difíceis com exatidão. O acesso a vídeo laringoscópios disponíveis comercialmente é limitado em países de baixa e média renda, bem como áreas isoladas, principalmente devido aos custos associados.

O laringoscópio é um instrumento médico composto por uma lâmina e um cabo (Figura 1a). Nos modelos com vídeo acoplado, comporta passagem de cabos para câmera endoscópica (Figura 1b). Pode ser fabricado em diferentes tamanhos e materiais, a depender da legislação e normas técnicas vigentes em cada país.

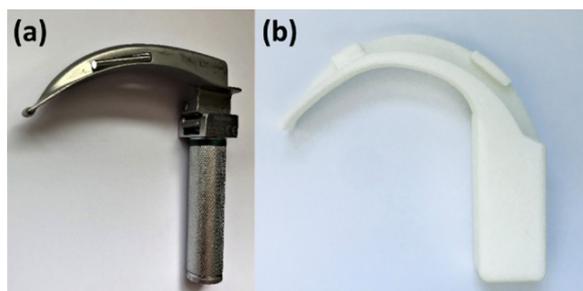


Figura 1. Imagens de um (a) laringoscópio de aço inox e (b) de um vídeo laringoscópio em ABS fabricado por impressão 3d **Fonte:** AutoralO equipamento é destinado ao acesso ventilatório em intubações traqueais, observação de vias respiratórias e procedimentos cirúrgicos da laringe². Durante um procedimento de laringoscopia, a lâmina do equipamento é introduzida na cavidade oral do paciente³.

Embora seja um equipamento aplicado há mais de 20 anos, os laringoscópios ainda são pouco utilizados, provavelmente devido ao seu alto custo e à necessidade de habilidade

para o seu manuseio⁴. Uma alternativa simples e de baixo custo é a fabricação através da manufatura aditiva por impressora 3D FDM (Modelagem de Deposição Fundida), que pode atingir especificações técnicas tão elevadas quanto os fabricados em aço. Em muitos países como o Brasil, o uso dessa técnica para fabricação de laringoscópios ainda não é certificada pelo órgão regulatório de saúde, impossibilitando seu uso por falta de estudos que comprovem resistência mecânica, durabilidade e biocompatibilidade das estruturas impressas.

O presente trabalho visa a análise por simulação de elementos finitos da resistência mecânica de um vídeo laringoscópio fabricado por impressão 3d em materiais poliméricos como PLA, ABS, PETG e Nylon. Tais propriedades serão comparadas a materiais já certificados e consolidados no mercado, como aço inox.

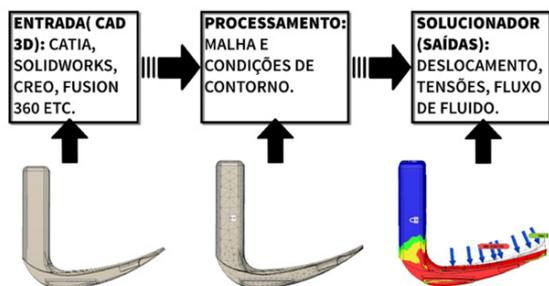
1.1 CAD E CAE

O Desenho Assistido por Computador (CAD), ou do inglês computer aided design, é o desenho digital realizado no computador, que modela uma peça 3D através de um esboço bidimensional. De acordo com Netto e Tavares⁵, esta é uma ferramenta indispensável para qualquer organização que queira inovação de produtos e otimização de processos.

A Engenharia Auxiliada por computador (CAE), é uma tecnologia de simulação que permite a aplicação de modelagens matemáticas que aproximam e simulam os fenômenos complexos do universo físico, tendo como dados de entrada, o modelo CAD 3D¹⁰. Como parte fundamental de quaisquer processos de desenvolvimento do produto, as ferramentas de simulações podem auxiliar a superar as demandas de prazo, custo e qualidade de produto final⁶⁻⁸. Em grande maioria, as simulações já têm sido integradas aos programas de CAD, acompanhando a tendência de mercado que torna o método dos elementos finitos, bem como outras formas de simulação uma ferramenta constante na vida de projetistas.

1.2 MÉTODO DOS ELEMENTOS FINITOS

O método dos elementos finitos (FEM), consiste na criação de um modelo matemático no qual é possível representar a geometria CAD subdividindo toda sua superfície em elementos menores e finitos¹¹. Três etapas contemplam uma programação via FEM¹¹(Figura 2): A fase de input contempla os dados do material e os requisitos do projeto: Geometria, Material, Forças, Restrições e Tipos de elementos; A fase do preprocessing diz respeito a preparação da malha e dos elementos necessários para subdividir o modelo matemático em elementos finitos e iniciar os cálculos de acordo com o tipo de superfície; Na fase de solver, é utilizado o algoritmo interno para a solução do sistema, e tem-se então, o resultado da análise estrutural em diversos formatos de saída, de acordo com o critério de falha, determinado no escopo da análise. São exemplos de saída de resultados: Tensões, Deformações, Deslocamentos, Gráficos, Diagramas,



Temperaturas, Pressões entre outros.

Figura 2. Desenho esquemático das etapas da análise por FEM **Fonte:** Autoral

1.3 IMPRESSÃO 3D

Impressão 3d ou segundo RAULINO¹², Prototipagem Rápida (RP), ao contrário do que se pensa no senso comum não determina uma tecnologia, mas sim um conceito que abarca uma série de tecnologias diferentes. De acordo com YOSSEF¹³, o conceito de impressão tridimensional trata-se de um processo de fabricação que acumula camadas para criar um objeto sólido 3D, a partir de um modelo digital. As principais técnicas de impressão utilizadas são: Modelagem por Fusão e Deposição, Sinterização Seletiva a Laser, Estereolitografia,

Manufatura de Objetos Laminados.

1.3.1 IMPRESSORAS DE MODELAGEM POR FUSÃO E DEPOSIÇÃO – FDM

A técnica de Modelagem por Fusão e Depósito é baseada na extrusão de termoplásticos. A máquina é formada por um cabeçote que se movimenta nos eixos x e y. A extrusora aquece e puxa o filamento plástico que fica enrolado em uma bobina. O material passa através do bico extrusor situado no cabeçote para, então, ser depositado na plataforma. A impressão é feita camada por camada, desenvolvendo uma forma final por meio de processos de adição de material¹⁴⁻¹⁷.

A tecnologia Modelagem por Fusão e Depósito (FDM) apresenta algumas vantagens em relação a outras técnicas de impressão, como o menor desperdício de material e a menor necessidade de limpeza. De acordo com RAULINO¹², esta impressora é mais utilizada para a fabricação de produtos menos exigentes, mas também tem sido utilizada para prototipagem e produtos de maior exigência técnica.

1.3.2 POLÍMEROS PARA IMPRESSÃO 3D FDM

A FDM utiliza como matéria prima os polímeros termoplásticos na forma de filamentos enrolados em uma bobina. Polímeros termoplásticos quando submetidos a elevadas temperaturas tomam determinadas formas que são estabilizadas em temperatura ambiente¹⁸⁻²⁰.

Entre os materiais mais utilizados neste processo são: Acrilonitrila Butadieno Estireno (ABS), Poli Ácido Lático (PLA), Nylon, Politereftato de Etileno (PET), Polietileno de Alta Densidade (PEAD), Polietileno Tereftalato de Etileno Glicol (PETG)²¹⁻²⁴. Este estudo aborda a aplicação do ABS, PLA, PETG e NYLON.

ACRILONITRILA BUTADIENO ESTIRENO – ABS

O polímero ABS é um tipo de plástico composto de petróleo formado por três diferentes monômeros: o Acrilonitrila que oferece uma



boa resistência química e térmica, uma ótima durabilidade e possui estabilidade quando em altas temperaturas; o Butadieno que oferece uma boa resistência quanto ao impacto; e o Estireno que tem uma ótima resistência mecânica, facilidade para ser processado, um ótimo brilho e um material rígido e de fácil manuseio, com isso a partir desta junção forma-se um único polímero ABS^{16,20}.

POLI ÁCIDO LÁTICO – PLA

O PLA é um dos polímeros pertencentes à família de termoplásticos, o qual possui uma característica semi cristalina ou amorfa. Este é um material biodegradável e sua composição é feita pela extração do milho, trigo ou cana de açúcar passando por várias etapas de produção. Por ser uma fonte renovável é extremamente vantajoso no quesito sustentável em relação a degradação na natureza, o tempo para sua decomposição é em média de 6 a 24 meses^{16,20}. De acordo com os estudos apresentados por Osejós¹⁶ desperta-se muito interesse devido às suas propriedades mecânicas biodegradáveis, com relativa flexibilidade e boa rigidez, resistentes e aptas para moldar peças no processo de extrusão, injeção, dentre outros tipos.

PETG

Muito empregado quando se há a necessidade de construir peças flexíveis e duráveis. Neste cenário, é anunciado como um filamento que reúne as melhores qualidades de resistência do ABS com a facilidade de impressão e ductilidade do PLA. Caracteriza-se por ser uma versão modificada do PET, na qual o “G” significa —glicol modificado, sendo adicionado à composição do material durante a polimerização. O resultado deste processo é um filamento mais transparente, menos rígido, e mais fácil de ser utilizado do que a sua forma base, o PET. Em um aspecto geral, o PETG consiste em um polímero com temperatura de transição vítrea próxima a 80°C, com propriedades mecânicas semelhantes às do PET, tendo como vantagens uma notável tenacidade, flexibilidade, e alta capacidade de processamento^{25,26}.

NYLON

O Nylon, ou “poliamida” é um polímero sintético bastante popular e é utilizado em muitas aplicações industriais. É um plástico de baixo custo, forte, leve e flexível em comparação com os demais filamentos, pertencem a uma classe de polímeros atraente para aplicações em engenharia devido à combinação de propriedades como: estabilidade dimensional, boa resistência ao impacto sem entalhe e excelente resistência química²⁷.

1.4 MODELOS DE LARINGOSCÓPIO

Os laringoscópios são equipamentos regulamentados pela norma ISO 7376:2009 com título: Equipamento respiratório e anestésico - Laringoscópios para intubação traqueal. Esta Norma fornece requisitos gerais para laringoscópios usados para intubação e especifica as dimensões críticas para o cabo, lâminas e a lâmpada usados em laringoscópios de acoplamento e intercambiáveis. A seleção dos materiais é feita como recomendado pelos padrões ASTM para garantir a performance, segurança ou proteção. Os materiais utilizados consistem em aço inoxidável, bronze, plástico e cabo isolado eletricamente.

Os tipos de Laringoscópios são os de lâmina curvadas e os de lâmina reta que podem ser divididos em: curvas, do tipo Macintosh; retas, do tipo Flaqq e Miller; e articulados, dos tipos McCoy, Airtraq, Bullard e Wu Scope.

Mesmo com a grande variedade, os mais comumente utilizados são os Macintosh curvados e os Miller retos. Os de lâmina curvada são indicados para crianças acima de 3 anos e em adultos, pois sua base é mais larga, facilitando o afastamento da língua e a visualização das cordas vocais. As lâminas retas são mais utilizadas em neonatais e crianças de até 3 anos de idade.

1.4.1 LARINGOSCÓPIOS E A PANDEMIA DO COVID-19

Em acordo com a AMIB, associação de medicina intensiva brasileira, em uma nota publicada em 9 de abril de 2020, consta no check list para intubação de pacientes pediátricos com suspeita ou confirmação de covid-19 que no



quarto com isolamento necessário deve conter um laringoscópio convencional: cabo pediátrico com lâminas retas 1 e 2 para lactentes e crianças < 3 anos; cabo adulto com lâminas curvas 2 e 3 para crianças ≥ 3 anos.

A ANVISA28 lançou a nota técnica GVIMS/ GGTES/ANVISA nº 04/2020, em que constam orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (sars-cov-2), que cita os processos de intubação e as medidas de higiene que devem ser tomadas com os Laringoscópios.

Outras grandes associações e pesquisas do segmento médico como World Federation of Societies of Anaesthesiologists³⁰, Anesthesia Patient Safety Foundation (APSF)³³, (Cook TM, El-Boghdadly K, McGuire B, McNarry AF, Patel A, Higgs A., 2020)^{31,32} na comunidade internacional também estudam e citam o uso do laringoscópio como sendo uma ferramenta ímpar dentro do tratamento de paciente com COVID-19.

METODOLOGIA

Tabela 1. Propriedades dos materiais

	ABS	PLA	NYLON	PETG	AÇO INOX
Módulo de Elasticidade, GPa	2,238	1,890	2,758	2,010	193,000
Coeficiente de Poisson	0,38	0,38	0,35	0,47	0,30
Módulo de Cisalhamento, MPa	804,998	1287	1000	1380	86000
Massa específica, g/cm³	1,060	1,251	1,120	1,385	8,004
Resistência à tração, Mpa	29,600	53,000	75,700	56,670	540,000
Limite de escoamento, MPa	19,999	50,000	70,400	53,000	250,000
Coeficiente de expansão térmica, µm/(m·°C)	85,706	41,000	95,300	60,000	10,400
Condutividade térmica, W/(m·K)	1,600E-01	1,300E-01	2,810E-01	1,620E-01	1,620E+01

A modelagem CAD foi inteiramente executada com o auxílio do software Fusion 360, foram aplicados tanto métodos de modelagem paramétrica quanto modelagem livre auxiliada por uma mesa digitalizadora. Com o auxílio do mesmo software foram realizados testes de simulação por elementos finitos aplicando uma carga distribuída de 50N sobre a face interior da lâmina dos laringoscópios. Como elemento de fixação estático, foi utilizada toda a região do cabo do laringoscópio. A malha utilizada foi triangular linear com três arestas. O modelo foi simplificado, o carregamento de forças externas e as condições de contorno são equivalentes ao carregamento de um momento no laringoscópio.

A construção foi simulada para diferentes materiais de construção. Foi definido como material de referência o aço inox para comparação entre o material que vem sendo utilizado comercialmente na construção dos laringoscópios e os que serão fabricados por impressora 3d, e desta maneira foi realizado o procedimento definindo os seguintes materiais: ABS, PETG, Nylon e PLA. As propriedades dos materiais utilizados na simulação por FEM estão listadas na Tabela 1.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente o design do modelo de vídeo laringoscópio foi construído de forma que permitisse a utilização do profissional da saúde em acordo com as normas contidas na ISO 7376:2009 em termos dimensionais, para que o profissional pudesse ter uma experiência de utilização similar à tida com os modelos convencionais de laringoscópios. Foram modelados tanto o modelo no formato curvado Macintosh (Figura 3a) tipo 1, 2 e 3 e do tipo reto de Miller (Figura 3b). Este modelo foi ainda projetado para conter um suporte articulável para celular onde o profissional possa fixar seu dispositivo e acoplar na lâmina uma câmera endoscópica (Figura 3c) USB de 5.5 mm de diâmetro.

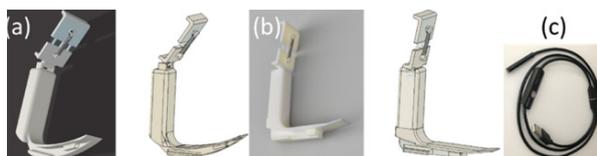


Figura 3. Modelo CAD do laringoscópio (a) Macintosh, (b) Miller e (c) câmera endoscópica para acoplamento. **Fonte:** Autoral

Durante o uso dos laringoscópios, a falha por ruptura pode vir causar danos severos à região buco-maxilo-facial dos pacientes. O fator de segurança (F.S.) é a relação entre a carga de ruptura (Frup) e a carga admissível (Fadm). Seus valores específicos dependem do tipo de material utilizado e da aplicação final do material. Após simulação, foram calculadas as tensões máximas (segundo o critério de von Mises), deslocamentos máximos e o fator de segurança dos laringoscópios para os diversos materiais estudados.

Para os laringoscópios em aço inox, a geometria de Miller (Figura 4a) mostrou um deslocamento máximo maior em relação aos modelos de Macintosh e inferior a todos os outros materiais testados. O fator de segurança (Figura 9) calculado para o laringoscópio de aço inox foi superior aos outros materiais estudados e independente da geometria utilizada. O máximo que o programa apresenta de fator de segurança é 15, que foi o valor indicado para todas as geometrias testadas, não apresentando falha com a carga simulada.

Para o PLA (Figura 5), a geometria reta da lâmi-

na de Miller e a curvada de Macintosh 3 ocasionaram maiores deslocamentos em relação à força aplicada. Nota-se em geral um fator de segurança bem inferior aos obtidos com o aço inox. Porém, o Laringoscópio Miller apresentou um fator de segurança de 9,20 (Figura 9), o que também representa uma sobre engenharia, e possivelmente uma redução de material possa apresentar ganhos em custo sem afetar a segurança do projeto. Os laringoscópios Macintosh 3 (SF 3,4), Macintosh 2 (SF 3,4) e Macintosh 1 (SF 5,6) também apresentaram fatores de segurança superiores ao fator mínimo aceitável, que de acordo com o software deve possuir SFs iguais ou maiores que (SF 3,0). Para a maioria das solicitações de trabalho, esse valor de SF 3,0 não chega a atingir a zona plástica, deformando a peça permanentemente. Nesse sentido, o material tem comportamento elástico, obedecendo a lei de Hooke.

Para o ABS (Figura 6), nota-se a mesma tendência do PLA, com deslocamentos maiores para as geometrias de Miller e Macintosh 3. O fator de segurança apresentado (Figura 9) é ainda mais baixo quando comparado ao PLA e ao aço inox. Os laringoscópios do tipo Macintosh 3 (SF 1.36), 2 (SF 1.54) e 1 (SF 2.22) já apresentam valores inferiores ao recomendado. A única exceção é a do laringoscópio tipo Miller (SF 3,7), que possui fator acima do valor aceitável (SF 3,0).

Para o Nylon (Figura 7), os valores de deslocamento são mais baixos para as geometrias de Miller e Macintosh 3 em relação aos materiais ABS e PLA. Percebe-se um fator de segurança (Figura 9) aceitável para todos os equipamentos e mais elevado em relação aos outros polímeros simulados, em que o modelo de Miller (SF 13,1) se aproxima de valores obtidos para os de aço inoxidável.

Para o PETG (Figura 8), os valores de deslocamento diminuem para as geometrias de Miller e Macintosh 3 em relação aos materiais ABS e PLA. Percebe-se um fator de segurança aceitável para todos os equipamentos testados com esse material (Figura 9).

Em todas as geometrias e materiais testados, o ponto concentrador de tensão foi a ponta da lâmina, que em materiais poliméricos se beneficia de uma boa flexibilidade se moldando bem

à cavidade oral dos pacientes. Vale salientar que os materiais também podem variar sua vida útil, de acordo com parâmetros utilizados na impressão 3d, bem como com temperatura e densidade.

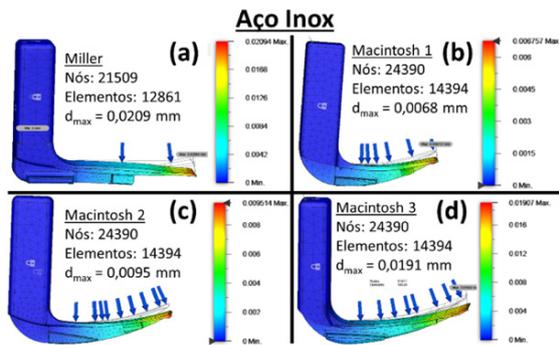


Figura 4. FEM utilizando como material o aço inox para os modelos de laringoscópios: (a) Miller, (b) Macintosh 1, (c) Macintosh 2 e (d) Macintosh 3 Fonte: Autoral

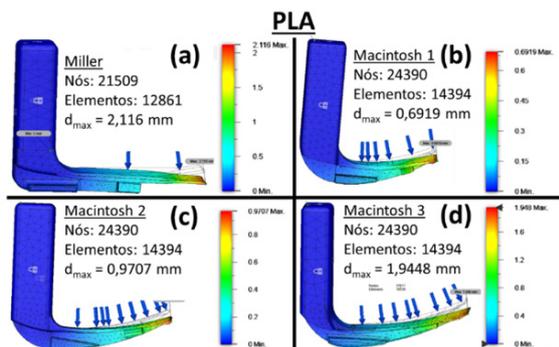


Figura 5. FEM utilizando como material o PLA para os modelos de laringoscópios: (a) Miller, (b) Macintosh 1, (c) Macintosh 2 e (d) Macintosh 3 Fonte: Autoral

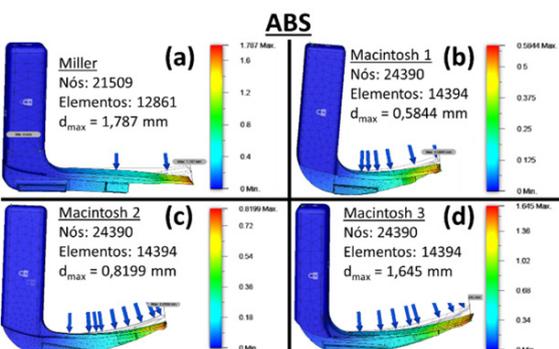


Figura 6. FEM utilizando como material o ABS para os modelos de laringoscópios: (a) Miller, (b) Macintosh 1, (c) Macintosh 2 e (d) Macintosh 3 Fonte: Autoral

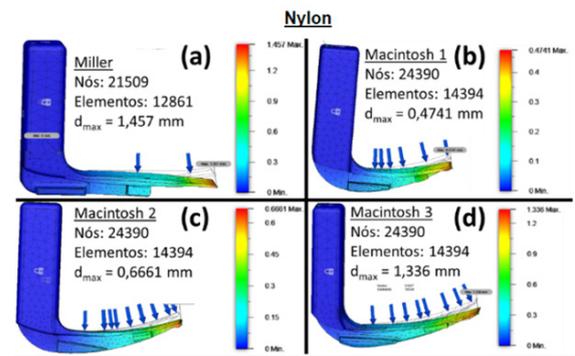


Figura 7. FEM utilizando como material o Nylon para os modelos de laringoscópios: (a) Miller, (b) Macintosh 1, (c) Macintosh 2 e (d) Macintosh 3 Fonte: Autoral

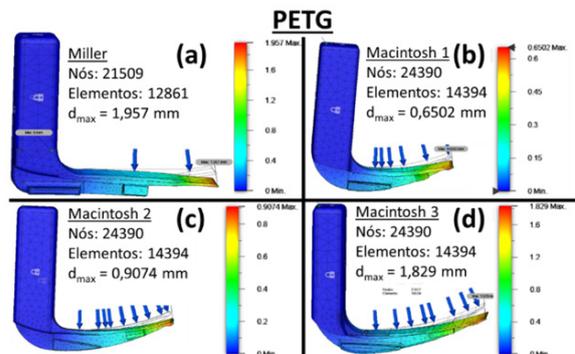


Figura 8. FEM utilizando como material o PETG para os modelos de laringoscópios: (a) Miller, (b) Macintosh 1, (c) Macintosh 2 e (d) Macintosh 3 Fonte: Autoral

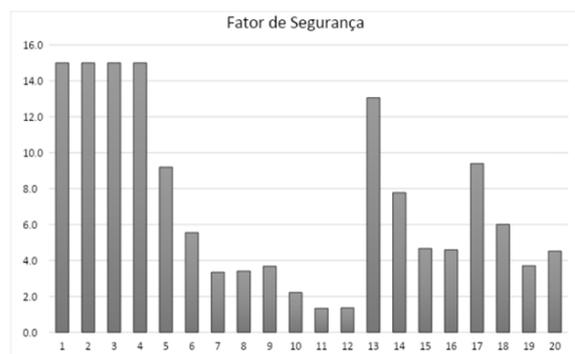


Figura 9. Fator de segurança calculado para os diferentes materiais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das simulações de aplicação de força em laringoscópios fabricados com os materiais aço, PLA, ABS, Nylon e PETG, perce-



be-se que para uma tensão 50 N distribuída na lâmina do laringoscópio, o material com maior fator de segurança é o aço inox onde todas os equipamentos permaneceram com FS acima de 15. Esse fator pode representar uma sobre engenharia, possibilitando uma redução de especificações técnicas ou a mudança de matérias da sua composição.

A análise no equipamento com polímeros mostra que os laringoscópios fabricados em ABS não são ideais, atingindo baixos fatores de segurança. Por ser um material derivado do petróleo, também pode acarretar reações alérgicas nos pacientes. Todos os equipamentos, com exceção do tipo Miller, ficaram abaixo do mínimo fator de segurança aceitável (SF 3), indicando que o equipamento poderá

dobrar permanentemente ou vir a fraturar. Já os outros polímeros como PETG, PLA e Nylon permanecem em um nível aceitável de segurança, onde todos os equipamentos estão acima de 3, com destaque especial para os do tipo Miller que em todas as três situações apresentam níveis de coeficiente de segurança na engenharia altos e para o tipo Macintosh 1, que nos três casos apresentou níveis também elevados. Podemos ainda elencar em ordem crescente de segurança os laringoscópios produzidos em Nylon, seguido de PETG e por último o PLA.

Dentre os três polímeros que se destacam, se faz necessário uma análise de custos, na qual o PLA se encontra como o mais baixo custo, seguido do PETG e por último o Nylon.

REFERÊNCIAS

- [1] Meng, Lingzhong, Haibo Qiu, Li Wan, Yuhang Ai, Zhanggang Xue, Qulian Guo, Ranjit Deshpande, et al. 2020. "Intubation and Ventilation amid the COVID-19 Outbreak." *Anesthesiology* 132 (6): 1317–32. <https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000003296>.
- [2] Pontes P, Pontes A, Souza FC, Silva L, Costa HO, Clementino V. Novo laringoscópio de suspensão. Avaliação pré-clínica. *Acta ORL*. 2007.
- [3] Spaulding EH. Chemical disinfection of medical and surgical materials. In: Block SS. *Disinfection, sterilization and preservation*. Philadelphia: Lea & Febiger; 1968.
- [4] Murphy PA-A fiberoptic endoscope used for nasal intubation *Anaesthesia* 1967.
- [5] NETTO, A. A. de O, TAVARES, W.R. *Introdução à Engenharia de Produção*. Florianópolis: Visual Books, 2006.
- [6] Rozenfeld, H., Forcellini, F.A., Amaral, D.C., Toledo, J.C., Silva, S.L., Alliprandini, D.H., Scalice, R.K.: *Gestão de Desenvolvimento de Produtos: Uma referência para a Melhoria do Processo*, Saraiva, São Paulo, 2006.
- [7] Pahl, G., Beitz, W., Feldhusen, J., Grote, K.-H.: *Projeto na Engenharia*, 1ª ed., Edgard Blücher, São Paulo, 2005.
- [8] Ehrlenspiel, K., Kiewert, A., Lindemann, U.: *Cost-Efficient Design*, ASME Press, ISBN 0-7918-0250-7, New York, 2007.
- [9] MacNeal, R.: *MSC/NASTRAN for Window: Finite Element Modeling*, MacNeal Schwendler Corporation, San Diego/Califórnia, 1997.
- [10] Camargo, R.: *Topologia de Projeto Robusto aplicando o método dos Elementos Finitos*, Revista Ciência e Tecnologia, 2004
- [11] Hughes, T. J. R.: *Finite Element Method - Linear Static and Dynamic Finite Element Analysis*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1987



- [12]RAULINO, B. R. Manufatura Aditiva: Desenvolvimento de uma máquina de prototipagem rápida baseada na tecnologia FDM (Modelagem por fusão e deposição), Trabalho de Graduação em Engenharia de Controle e Automação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- [13]YOSSEF, M., CHEN, A. Applicability and Limitations of 3D Printing for Civil Structures. Iowa State University. 2015.
- [14]FORD, S.; DESPEISSE, M. Additive manufacturing and sustainability: an exploratory study of the advantages and challenges. *Journal of Cleaner Production*, 2016.
- [15]HUANG, SH; LIU, P; MOKASDAR, A; HOU, L. Additive manufacturing and its societal impact: a literature review. *International Journal Advanced Manufacturing Technology*, 2013.
- [16]OSEJOS, Jaime Vinicio Molina. Caracterización de materiales termoplásticos de ABS y PLA semi-rígido impresos en 3D con cinco mallados internos diferentes. 2016. Dissertação de Mestrado. Quito, 2016.
- [17]STEPHENS, Jennie C.; HERNANDEZ, Maria E.; ROMÁN, Mikael, GRAHAM, Amanda C. Higher education as a change agent for sustainability in different cultures and contexts. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 2008.
- [18]PARENTE, Ricardo Alves. Elementos estruturais de plástico reciclado. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.
- [19]SANTOS, Alexandre Maneira dos. Estudo de compósitos híbridos polipropileno/fibras de vidro e coco para aplicações em engenharia. 2006. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2006.
- [20]HAMOD, Haruna. Suitability of Recycled HDPE for 3D printing filament. 2014. Degree Thesis – Degree Program: Plastics Technology, Arcada University of Applied Science, Finlandia, 2014.
- [21]BORAH, Sharmila. 3D printer filament length monitor. *International Journal of Science, Technology and Society*, 2014.
- [22]HAUSMAN, K. K; HORNE, R. 3D printing for dummies. John Wiley & Sons, 2017.
- [23]HUNT, E. J.; ZHANG, C.; ANZALONE, N.; PEARCE, J. M. Polymer recycling codes for distributed manufacturing with 3-D printers. *Resources, Conservation and Recycling*, 2015.
- [24]KREIGER, M. A.; MULDER, M. L.; GLOVER, A. G.; PEARCE, Joshua M. Life cycle analysis of distributed recycling of post-consumer high density polyethylene for 3-D printing filament. *Journal of Cleaner Production*, 2014.
- [25] LAM, K. L., BAKAR, A. A., ISHAK, A. M., et al., —Amorphous copolyester/ polyoxymethylene blends: thermal, mechanical and morphological properties, *KGK Kautschuk Gummi Kunststoffe*.
- [26] FOCKE, W.W., JOSEPH, S., GRIMBEEK, J., et al., —Mechanical properties or ternary blends of ABS+HIPS+PETG, *Polymer Plastics Technology and Engineering*.
- [27] BASSANI, Adriane; PESSAN, Luiz A.; HAGE JUNIOR, Elias. Propriedades Mecânicas de Blendas de Nylon-6/Acrilonitrila-EPDM-Estireno (AES) Compatibilizadas com Copolímero Acrílico Reativo (MMA-MA). *Polímeros*, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 102-108, 2002.
- [28]ANVISA. AGENCIA NACIONAL DE VIGILANCIA SANITÁRIA. Nota técnica- GVIMS/GGTES/ANVISA Nº 04/2020, de 08 de maio de 2020.
- [29]ALBERT EINSTEIN. INSTITUTO ISRAELITA DE ENSINO E PESQUISA. Nota técnica- Extubação, intubação e broncoscopia: pacientes com COVID-19.



[30]World Federation of Societies of Anaesthesiologists. Coronavirus – guidance for anaesthesia and perioperative care providers. 2020. <https://www.wfsahq.org/latest-news/latestnews/943-coronavirus-staying-safe>.

[31]Cook TM, El-Boghdadly K, McGuire B, McNarry AF, Patel A, Higgs A. Consensus guidelines for managing the airway in patients with COVID-19. *Anaesthesia* 2020.

[32]Cook TM, Boniface NJ, Seller C, et al. Universal videolaryngoscopy: a structured approach to conversion to videolaryngoscopy for all intubations in an anaesthetic and intensive care department. *British Journal of Anaesthesia* 2018

[33]Anesthesia Patient Safety Foundation (APSF) . Considerações perioperatórias para o novo coronavírus 2019 (COVID-19). Disponível: <https://www.apsf.org/pt-br/news-updates/consideracoes-perioperatorias-para-o-novo-coronavirus-2019-covid-19/>



Oficina do Projeto de Vida Fonte: acervo do projeto

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

ESPORTE, LAZER E CULTURA: VIVENCIANDO A PRAÇA CEUS DA URBIS I

SPORTS, LEISURE AND CULTURE: EXPERIENCING THE CEUS SQUARE OF URBIS I

Caroline Moraes Barros

Bacharel em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Graduanda no Bacharelado em Medicina na UFRB.
carolinemorais98@gmail.com

Lorena Moura Pontes Araújo

Bacharel em Saúde pela UFRB. Graduanda no Bacharelado em Medicina na UFRB. lorenamparaujo@gmail.com.

Naara da Silva Santos

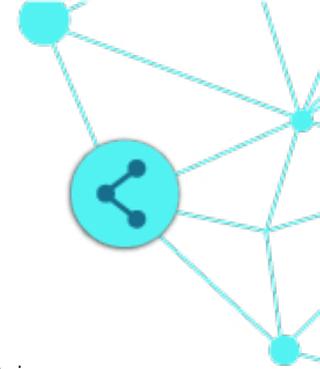
Graduanda do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.
naara.s@outlook.com

Paula Gabrielli de Santana Soares

Bacharel em Saúde pela UFRB. Graduanda no Bacharelado em Enfermagem na UFRB.
paulassoares1@hotmail.com

Mayara Melo Rocha

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, docente e coordenadora do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.
mayaramelo@ufrb.edu.br



RESUMO

Para uma boa formação acadêmica é imprescindível o alinhamento da tríade ensino-pesquisa-extensão e, como consequência, a relação entre a universidade e a sociedade. Este relato de experiência trata do acompanhamento e vivência de quatro alunas do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde no Centro de Artes e Esportes Unificados (CEUs) de junho de 2017 a julho de 2019. A praça CEUs é um espaço que visa a promoção de ações artísticas, culturais, práticas de esportes e de lazer e serviços socioassistenciais, tendo como público-alvo populações em situação de vulnerabilidade social. As alunas discorrem sobre a perspectiva da criação de laços com a população e mostram as potencialidades que a praça CEUs pode oferecer nas dimensões sociais, biológicas e culturais, além de trazer discussões acerca dos futuros vínculos que poderão ser construídos ali. Ao desenvolver uma intersecção de conhecimentos entre as discentes e a comunidade, ampliou-se o olhar sensível e estimulou-se a compreensão dos indivíduos por meio de seus contextos e demandas. Na vivência desse espaço, houve algumas mudanças na visão da comunidade para com o CEUs. Isso incentivou a mobilização da gestão do município, que trouxe a revitalização do ambiente, tornando-o mais convidativo para a realização de suas demandas iniciais.

Palavras-chaves: Vulnerabilidade. Comunidade. Saberes.

ABSTRACT

For a good academic formation, it is essential to align the teaching-research-extension triad and, as a consequence, the relationship between the university and society. This experience report deals with the monitoring and experience of four students of the Interdisciplinary Bachelor of Health course at the Unified Arts and Sports Center (CEUs) from June 2017 to July 2019. The CEUs square is a space that aims to promote actions artistic, cultural, sports and leisure practices and social assistance services, targeting populations in situations of social vulnerability. The students discuss the prospect of creating ties with the population and show the potential that the CEUs square can offer in the social, biological and cultural dimensions, in addition to bringing discussions about the future links that may be built there. By developing an intersection of knowledge between students and the community, the sensitive view was broadened, and the understanding of individuals was stimulated through their contexts and demands. In the experience of this space, there were some changes in the community's vision towards CEUs. This encouraged the mobilization of the municipality's management, which brought about the revitalization of the environment, making it more inviting to carry out its initial demands.

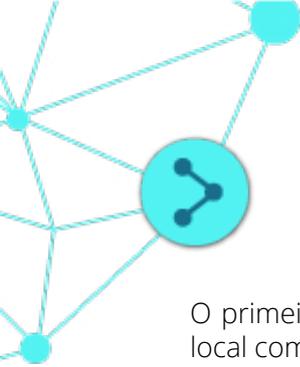
Keywords: Vulnerability. Community. Knowledges.

INTRODUÇÃO

Para uma boa formação acadêmica, é imprescindível o alinhamento da tríade ensino-pesquisa-extensão e, como consequência, a relação entre a universidade e a sociedade. Com a finalidade de promover a aproximação e o diálogo dos discentes da área da saúde com a sociedade, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Ciências da Saúde (CCS), em Santo Antônio de Jesus, apresenta em sua grade curricular um com-

ponente denominado Processos de Apropriação da Realidade (PAR).

Este componente, por possuir um cunho transversal, inicia-se no primeiro e se prolonga até o quinto semestre, tendo como principal proposta o estabelecimento de relações com as comunidades da cidade de Santo Antônio de Jesus. Dessa forma, os discentes da turma 2017.1, da Unidade de Produção Pedagógica I (UPPI), ficaram responsáveis por acompanhar o conjunto habitacional Urbis I.



O primeiro PAR buscou conhecer o contexto local como um espaço de observação, problematização, pesquisa e extensão. Já o segundo PAR visou o estudo das dimensões macro/micro socioculturais e biológicas da comunidade e do processo saúde-doença, a construção de vínculos com a comunidade, trabalhando a promoção da saúde, a qualidade de vida e a cidadania no contexto comunitário. No terceiro PAR esperou-se desenvolver ações para a territorialização em saúde, diagnosticar a situação de saúde da comunidade por análise estatística e epidemiológica; estudar e aplicar a probabilidade básica e dos modelos probabilísticos em saúde, interpretação e inferência estatística na saúde. O quarto PAR teve como objetivo o estudo de abordagens etnográficas, diagnóstico etnoepidemiológico da situação de saúde da comunidade. O quinto e último PAR visou o desenvolvimento de ações de comunicação e educação para implementação e avaliação de projetos de intervenção para a promoção da saúde e da qualidade de vida da comunidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2016).

Visto isso, o presente relato de experiência apresenta a vivência de quatro alunas do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde no Centro de Artes e Esportes Unificados (CEUs) no conjunto habitacional Urbis I, no período de junho de 2017 até julho de 2019. Seu objetivo é mostrar essa experiência que as alunas tiveram, na perspectiva de criar laços com a população e mostrar as potencialidades que a praça CEUs pode oferecer nas dimensões sociais, biológicas e culturais que o CEUs pode oferecer, além de trazer discussões acerca dos futuros vínculos que poderão ser construídos ali.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O QUE É A PRAÇA CEUS?

Os Centros de Artes e Esportes Unificados (CEUs) objetivam a integração comunitária em um espaço que promova ações artísticas e culturais, práticas esportivas e de lazer e serviços socioassistenciais, tendo como público-alvo populações em situação de vulnerabilidade social. Segundo Mendes e Tavares (2011, p. 93), "...quando falamos de vulnerabilidade

social, estamos a referir-nos à predisposição que um dado grupo tem para ser afectado, em termos físicos, econômicos, políticos ou sociais...". Visto isso, este espaço dentro da comunidade da Urbis I é um instrumento que abrange o cuidado do corpo e da mente.

Os CEUs, nacionalmente, propõem um modelo de gestão articulado entre as prefeituras e a comunidade, formando, assim, um grupo responsável pelo desenvolvimento do Plano de Gestão. Sua localização deve ser pensada dentro do conceito do programa, que, normalmente, são áreas periféricas, com concentração de pessoas em situação de pobreza, alta densidade populacional, ausência de infraestrutura básica e serviços públicos. Dessa maneira, esses espaços visam à promoção do desenvolvimento territorial, o progresso social e a igualdade de oportunidades (BRASIL, 2016).

Dispondo de biblioteca, cineteatro, laboratório multimídia, salas de oficinas, espaços multiuso, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), pista de skate, quadra coberta, playground e pista de caminhada, os centros disponibilizam esses ambientes para a utilização da comunidade. São espaços participativos, centrados na interação entre as pessoas, saberes e práticas, onde cada participante se sente integrante ativo dos processos, das atividades desenvolvidas e da organização do local (ABRASCO, 2018).

Em virtude do mesmo ser um projeto nacional, vale destacar que a Constituição do Brasil, em seu artigo 6º e 217º, define a prática desportiva e do lazer como um direito social, sendo um dever do poder público promovê-las (BRASIL, 1988), ou seja, a implantação desse instrumento, além de suas particularidades de saúde e bem estar, também é um instrumento de cidadania. Visando a amplitude cidadã que a praça CEUs representa, vale lembrar a necessidade da prática da equidade pelo Estado, a fim de fornecer mais atividades aos grupos vulneráveis do que aos grupos mais favorecidos.

DA NEGLIGÊNCIA À REFORMA

A praça CEUs foi inaugurada no mês de setembro do ano de 2016 pela gestão vigente,



na época, em Santo Antônio de Jesus. Entretanto, a gestão sucessora não tornou o seu funcionamento viável, devido a baixos investimentos, o que despertou medo e insegurança em moradores da Urbis I, uma vez que este espaço estava sendo alvo de vandalismo, decorrentes do abandono e negligência do poder público (FIGURA 1).



Figura 1 - Depredação da Praça CEUs. Fonte: Site - www.tvsaj.com.br

Tal fato se tornou bastante preocupante, uma vez que, pela falta de cuidado com a infraestrutura do local e devido às depredações, era possível observar o acúmulo de lixo e de água, dentre outras condições que poderiam fazer do CEUs um abrigo para diversos vetores de doenças, concedendo esconderijos e condições favoráveis, como temperatura e umidade, para a sobrevivência e reprodução das espécies (FIGURA 2).



Figura 2 - Acúmulo de água na pista de skate na Praça CEUs. Fonte: Site - www.tvsaj.com.br

Quando começamos a atuar junto à comunidade da Urbis I, no ano de 2017, foi realizado um contato inicial que consistiu em caminhar pelo bairro com o propósito de começar a

conhecê-lo e a incitar reflexões. Foi possível observar problemáticas existentes naquela comunidade, a exemplo da falta de interação entre os moradores, da falta de atividades para o lazer que pudessem ser compartilhadas por todos. Notou-se a existência de um espaço abandonado, o qual, após relatos, foi definido como um ambiente cujo objetivo era, justamente, proporcionar atividades voltadas para a comunidade. Contudo, esse abandono da praça CEUs permaneceu até julho de 2018, quando a gestão municipal emitiu ordem de serviço objetivando sua reforma, bem como a conclusão dos espaços do equipamento (FIGURAS 3 E 4).



Figura 3: Praça CEUs após a reforma em 2018. Fonte: Site - <http://blogdovalente.com.br>



Figura 4: Entrada do auditório do CEUs após a reforma. Fonte: Site - <http://blogdovalente.com.br>

Após a reforma do espaço, nossa turma voltou a desenvolver atividades nesse espaço, já no PAR IV, realizando uma Feira de Saúde que contou com stands sobre Câncer de Mama e de Próstata, de reanimação cardiopulmonar, aferição de pressão, distribuição de panfletos informativos e preservativos. Além disso, em



um outro momento, foram realizadas entrevistas com os moradores da comunidade e os frequentadores da praça CEUs, a fim de compreender um pouco da relação deles com aquele espaço. Também foram coletados relatos de vida com o líder de um dos grupos de dança que utiliza a praça e com a servidora pública responsável por cuidar do espaço, no intuito de compreender como a trajetória de vida deles se vincula com a história da Praça CEUs, suas atuações profissionais e suas percepções sobre o local.

Percebeu-se, pelos relatos de vida, que inicialmente não havia uma boa recepção da praça pela vizinhança. Apesar disso, pessoas com ideais visionários se ofereceram (e ainda têm se oferecido) para ensinar o que sabem e, com o apoio da coordenadora municipal do espaço, se inseriram ali através da dança em variados estilos, como Hip Hop, Valsa e Swing, o que chamou a atenção de muitos indivíduos e despertou neles o interesse em participar das atividades promovidas.

O Grupo de Valsa Fênix contribui voluntariamente para o desenvolvimento de atividades artísticas no CEUs. Conta atualmente com 40 membros e alcança não só a comunidade da Urbis I, mas, também, pessoas de outros bairros de Santo Antônio de Jesus. O grupo participa de competições na cidade e em cidades vizinhas, apesar de não contar com patrocínios externos, sendo os próprios membros responsáveis pela realização de viagens e vestuário do grupo. Outrossim, existe também o grupo de Dança de Rua Calabar e o Swing 99, que também realizam atividades no CEUs.

O papel desses mestres, que se disponibilizam a desenvolver seus conhecimentos com a comunidade, tem sido de extrema importância, pois promovem não só uma forma de lazer, mas, também, um meio de ressignificar tanto a estrutura da praça CEUs quanto a vida de quem tem se envolvido com a arte de se expressar através da dança. Ademais, nos grupos de dança são trabalhadas a identidade e a cultura, causando um sentimento de pertencimento e valorização, que são fundamentais para a qualidade de vida e o bem-estar. Destas experiências observa-se que nascem novas configurações de saberes, novas

histórias, novas maneiras de produzir a vida em comum, o conhecimento, os modos de afetar e de ser afetado/a (FASANELLO, NUNES e PORTO, 2018).

Corroborando com essa ideia, a pesquisa que realizamos com os frequentadores da praça buscava entender se eles a viam como um espaço promotor de saúde. Como resultado, observou-se respostas positivas na fala de várias pessoas, que consideram que seu envolvimento nas atividades do local ajuda tanto na sua saúde física quanto mental, pois auxilia no desenvolvimento das capacidades musculares e motoras, diminuindo o sedentarismo e promovendo laços, permitindo a interação entre pessoas de diferentes comunidades.

É importante lembrar que a atividade física moderada acentua a resposta imune e reduz a incidência de infecções, do mesmo modo que ajuda no bom funcionamento do sistema nervoso, trazendo melhorias na velocidade de processamento, memória de curto prazo e atenção seletiva, além de abrandar a perda cognitiva na população idosa. Isso se deve ao fato de que as atividades físicas aumentam o fluxo sanguíneo do cérebro, a neurogênese e a plasticidade neural, aumentando a atividade de neurotransmissores sinápticos e o aporte de nutrientes (MEREGE et al, 2014).

Da mesma forma, quando o corpo percebe que fazer exercícios libera na corrente sanguínea uma série de hormônios que proporcionam emoções positivas básicas, como a endorfina (que confere a sensação de prazer e analgesia natural), isso passa a ser motivacional, contribuindo para a autoestima, otimismo e entusiasmo do indivíduo. Ademais, há os benefícios físicos no sistema endócrino, pois, ao praticar atividade física, há o estímulo à secreção de hormônios pela adenohipófise como o hormônio do crescimento (GH), que influencia a resposta imune no baço e no timo e estimula os macrófagos. Similarmente, a secreção de hormônios como catecolaminas (adrenalina e noradrenalina), pela suprarrenal, aumenta durante a atividade física por causa da maior necessidade de captar glicose e pelo maior funcionamento do sistema cardíaco e respiratório (VULCZAK; MONTEIRO, 2008).



Ademais, nas entrevistas realizadas com os frequentadores do CEUs, houve muitas falas voltadas ao sentimento de realização, cuidado com o corpo, valorização e pertencimento. Da mesma forma, eles afirmam que a cultura, o esporte e o lazer, praticados ali, constituem meios que ajudam no seu bem-estar. Com isso, é possível notar a potencialidade que a praça CEUs tem para promover saúde e qualidade de vida à população que usufrui dos projetos ali instituídos, como os grupos de dança e de ginástica.

O FINAL DE UM CICLO E A PERMANÊNCIA DO CONHECIMENTO

Finalizando os trabalhos com a praça CEUs e com a Urbis I, no semestre 2019.1 foi realizado um Curso de Educação Popular em Saúde com o tema “Organizações sociais e educação em saúde”. Contando com a participação de alguns moradores do bairro e frequentadores do CEUs, os discentes tiveram a oportunidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos nos componentes Comunicação e Educação em Saúde e PAR V, além de poderem ouvir e aprender com a comunidade.

O método da educação popular, sistematizado por Paulo Freire, se constituiu como norteador da relação entre profissionais e a população. Na tentativa de descentralizar o modelo biomédico, a Educação Popular em Saúde (EPS) busca empreender uma relação dialógica entre os saberes populares e científicos, já que ambos são incompletos, mas podem se enriquecer reciprocamente (VASCONCELOS 1997 apud GOMES; MERHY, 2011).

Tendo como objetivo o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do projeto democrático e popular (BRASIL, 2013), a Educação Popular e Saúde tem sido reconhecida como referência para as práticas educativas, por sua convergência com o ideário de integralidade, humanização e participação popular preconizados pelo SUS (SOUZA, 2010 apud SOUZA; ASSIS, 2012).

Pautados por esses princípios, nossa turma construiu um curso de Educação Popular em Saúde que foi organizado em quatro módulos

realizado nos meses de maio e junho de 2019. O primeiro módulo aconteceu na Associação de Moradores do bairro, tendo como título “Meus direitos, minha saúde: O que devo saber/fazer?”, no qual foi abordado o que é o SUS, os direitos da população e sua autonomia. No segundo módulo, realizado na Praça CEUs, houve a apresentação das Redes de Atenção à Saúde, principalmente de Santo Antônio de Jesus, e das Políticas Públicas de Atenção à Saúde, possuindo como título “Minha saúde, saúde de todos!”. O terceiro módulo, denominado “Cuidando do meu corpo Físico e Mental”, aconteceu na UFRB e contou com discussões acerca da diabetes, hipertensão e sofrimento psíquico. Já o quarto módulo, designado “Minha saúde, novos desafios”, foi executado na praça CEUs e abordou as Políticas Integrativas e Complementares do SUS (PICS), bem como aspectos nutricionais, alimentares e a prática de exercícios físicos.

Assim, foi construída a culminância desse processo de diálogo, interação e construção de saberes entre a turma e a comunidade na praça CEUs, da URBIS I. Foi o momento de reforçar aos participantes do curso de Educação Popular a relevância de suas contribuições para a construção de conhecimentos úteis à sociedade, além de reafirmar a autonomia que eles possuem no processo de organização para garantir o direito à saúde, a partir de mobilizações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato teve como objetivo descrever a trajetória que as alunas viveram na praça CEUs. Ao desenvolver uma intersecção de conhecimentos entre as discentes e a comunidade, ampliou-se o olhar sensível e estimulou-se a compreensão dos indivíduos por meio de seus contextos e demandas. Ademais, as alunas se sentiram bastante enriquecidas de forma singular em seus conhecimentos empíricos no processo formativo.

Constatou-se que, na vivência desse espaço, houve algumas mudanças na visão da comunidade para com o CEUs. Isso incentivou a mobilização da gestão do município, que trouxe a revitalização do ambiente, tornando-o mais convidativo para a realização de suas



demandas iniciais. Assim, deixou-se o aprendizado na comunidade e na praça CEUs, reforçando à população o quanto sua presença é extremamente importante para contribuir na

construção do conhecimento, além de reafirmar a autonomia que eles possuem no processo de garantia de seus direitos, a partir de mobilizações sociais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). Educação Popular em Saúde Desafios atuais. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2018. 331 p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 05/10/1988. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional De Educação Popular Em Saúde. Brasília- DF, 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de infraestrutura cultural. Modelo de regimento interno do Centro de Artes e Esporte Unificados - CEU. Brasília - DF, 2016. Disponível em: <<http://estacao.cultura.gov.br/todos-os-documentos/>>. Acesso em 15 jul. 2019.

FASANELLO, M.; NUNES, J.; PORTO, M. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, [S.l.], v. 12, n. 4, dec. 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1527/2240>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MENDES, J. M. e TAVARES, A. O. Risco, vulnerabilidade social e cidadania. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 93 | 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/173>>. Acesso em 14 jun. de 2019.

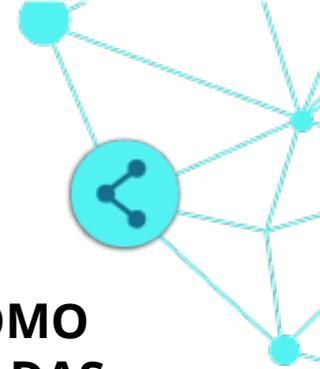
MEREGE FILHO et al. Influência do exercício físico na cognição: uma atualização sobre mecanismos fisiológicos. Rev Bras Med Esporte – Vol. 20, Nº 3 – Mai/Jun, 2014.

SOUZA, L.; ASSIS, M. Educação popular em saúde e grupos de idosos: revisão sobre princípios teórico-metodológicos das ações educativas em promoção da saúde. In Revista APS, v.15, n.4, p.443- 453, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Projeto Pedagógico do Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS). Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD. Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica. Cruz das Almas, 2016. pp. 63, 68, 73, 76, 79.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. Physis, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, Junho 2004.

VULCZAK, A.; MONTEIRO, M.C. Exercício Físico e Interações Endócrino-Imunes: Revisão. Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1, março de 2008.



O PROJETO ESPAÇO E FESTIVAL “CANTA AÍ” COMO POLÍTICA SOCIAL E CULTURAL DE PROMOÇÃO DAS SOCIABILIDADES NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO

THE SPACE AND FESTIVAL PROJECT “CANTA AÍ” AS A SOCIAL AND CULTURAL POLICY TO PROMOTE SOCIABILITY ON THE UNIVERSITY CAMPUS

Alexandra Lourenço (Doutora)

Universidade Estadual do Centro-Oeste
alels1@hotmail.com

RESUMO

O projeto Espaço e Festival Canta Aí foi uma ação de extensão coordenada pela Divisão de Promoção Cultural da Universidade Estadual do Centro-Oeste-Irati, desenvolvido entre os meses de março e dezembro de 2018. Teve como finalidade o desenvolvimento de atividades na área musical, buscando oportunizar aos interessados o estímulo para a percepção musical plural. O programa incluía a realização do Espaço Canta Aí, toda quinta-feira durante o primeiro e segundo semestre do ano letivo de 2018 e um Festival aberto a toda a comunidade. Ao analisar as atividades realizadas, foi possível concluir que o Festival pode ser considerado uma extensão da vivência proporcionada no Espaço Canta Aí, sendo fundamental para estimular as relações de sociabilidade entre os participantes da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Festival de Música. Campus universitário. Cultura.

ABSTRACT

The Canta Aí Space and Festival project was an extension action, coordinated by the Cultural Promotion Division of the State University of the Midwest-Irati, developed between the months of March and December 2018, which aimed to develop activities in the musical area, seeking to provide opportunities for interested parties to foster plural musical perception. The program relies on promoting the Espaço Canta Aí, every Thursday during the first and second semesters of the 2018 school year and a Festival open to the whole community. When analyzing the activities that were carried out, it was possible to conclude that the Festival can be considered an extension of the experience provided at Espaço Canta Aí, being fundamental to stimulate the sociability relations between the participants of the academic Community.

Keywords: Music Festival. University campus. Culture.



INTRODUÇÃO

O presente relato busca apresentar as ações desenvolvidas no projeto de extensão Espaço e Festival Canta Aí. Trata-se de uma ação de extensão coordenada pela Divisão de Promoção Cultural da Universidade Estadual do Centro-Oeste -Irati¹, realizado entre os meses de março e dezembro de 2018. Teve como finalidade o desenvolvimento de atividades na área musical, buscando oportunizar aos interessados o estímulo para a percepção musical plural. O programa incluía a realização do Espaço Canta Aí, toda quinta feira durante o primeiro e segundo semestre do ano letivo de 2018. Este espaço era organizado com microfone, caixa de som, violão e um músico monitor para acompanhar os interessados em usufruir do espaço para cantar e tocar violão ou outros instrumentos que fossem trazidos pelos próprios participantes.

A ação possuía uma proposta de se constituir em um espaço democrático para a participação aberta de quem se interessasse. A ideia central era proporcionar um espaço agradável no qual a arte musical pudesse ser vivenciada e incentivada no dia a dia do campus, pois entre os cursos oferecidos pela instituição em Irati, não constam artes e ou música. Além disso, também se propunha fomentar momentos para reflexão e discussão sobre a importância da atividade musical na prática pedagógica dos cursos de licenciaturas.

E por fim, a ação previa a realização de um festival de música, o Festival Canta Aí, a ser realizado no mesmo ano, no mês de outubro. Esse festival seria o momento para integrar os diversos frequentadores do Espaço Canta Aí, realizado nas quintas feiras, com o público externo da universidade, principalmente estudantes do ensino médio que poderiam vivenciar nesta experiência um pouco do “sabor” da vida na universidade. Muitos estudantes de ensino médio, na cidade de Irati-PR, não conhecem o campus da UNICENTRO e esse

seria um bom momento para estimulá-los a visitar a universidade².

Portanto, o objetivo mais amplo da ação aqui analisada, fora possibilitar vivências em processos pedagógico-musicais, por meio de encontros entre acadêmicos, professores, funcionários e integrantes da sociedade iratiense que possuíssem experiência na prática do canto e ou instrumentos para que pudessem trocar experiências e desenvolver relações de sociabilidade compreendida com uma certa identificação partilhada (PELISSARI, 2011) e, desta forma, rompendo com a fragmentação por cursos e da academia com a sociedade. E, em segundo plano, também objetivava desenvolver a musicalidade, estimular a socialização por meio de práticas coletivas, despertar o interesse pela música e seu estudo, desenvolver percepção musical e estética, proporcionar à população em geral acesso a apresentações artísticas e estimular o pensamento crítico e criativo.

Neste sentido é que acreditamos que esta ação de extensão adquiriu característica de política social e cultural (ORTNER, 2007), que ao incentivar a criatividade e a organização coletiva contribuiu tanto para a formação dos que participaram do projeto como para uma melhor compreensão sobre a função deste espaço educacional.

CULTURA E ARTE COMO PARTE DA VIDA ACADÊMICA

Esta preocupação com o fomento da cultura nas universidades não é exclusiva da Unicentro, mas a instituição tem mobilizado grupos que advogam a importância da Cultura e das Artes na Educação no cenário nacional, regional e municipal (DUARTE JÚNIOR, 2010; 2001; 1988). Nesses debates a cultura vem sendo tratada como política do Estado. Em meio a esse contexto cabe indagar qual tem sido a participação da universidade nesse processo. (BUTI, 2009)

1 Irati é um município brasileiro do estado do Paraná, que fica a aproximadamente 150 km da capital Curitiba. Localizada na região Sudeste do estado, possui uma população de pouco mais de 60 mil habitantes segundo o IBGE de 2019.

2 O campus da UNICENTRO fica afastado do centro da cidade. Os moradores costumam afirmar que a universidade é muito “longe”. Naturalmente se trata de uma representação sobre a espacialidade.



Portanto, esta ação foi construída com base no questionamento dos seguintes pontos: A passagem dos estudantes pela Unicentro-Irati contribui para transformar a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com a vida, de modo a constatar um antes da universidade e um depois? A instituição proporciona uma vida cultural múltipla que contemple a diversidade de sua comunidade? A universidade conhece as práticas culturais de seus integrantes? Essas problematizações levantadas pela organização da ação remetem à seguinte reflexão: que diferença a Universidade faz do ponto de vista cultural na vida de seus integrantes e comunidade na qual está inserida?

De fato, a importância da cultura para a vida humana tem sido em grande parte ignorada pela comunidade acadêmica. É oportuno reafirmar que diante da ausência de catalisadores sociais como a religião e a ideologia, a cultura é hoje um elemento fundamental de governabilidade e tem por objetivo não apenas a busca de um vago desenvolvimento artístico e humano, mas deverá ter por meta tornar viável a vida em sociedade.

Dessa forma, a cultura apresenta-se como uma saída para recuperação do anêmico espaço público e da frágil cidadania, pois contemporaneamente o espaço público se tornou o espaço do medo e da insegurança. Com as alterações recentes na constituição cidadã de 1988, as questões culturais deixaram de ser uma questão de governo para se tornar uma questão de Estado. Essa preocupação com a cultura deve estar presente também na Universidade.

O cinema, a música, o teatro, a dança, a pintura etc., nos proporcionam uma fonte profícua e atual de arte e de possibilidades discursivas para serem analisadas e debatidas. Sobre a música podemos observar que ela está presente no cotidiano das pessoas, sendo um fenômeno universal que apresenta diferentes funções perante a sociedade. Apesar da presença contínua na vida, a aprendizagem musical geralmente não se dá no ensino formal, mesmo com a obrigatoriedade de seu conteúdo na educação básica. Por essa ausência na educação formal, é comum que a

aprendizagem ocorra de maneira informal ou não-formal, sendo importante essa inserção para melhor compreensão da linguagem musical enquanto meio simbólico do qual o ser humano necessita.

A educação musical ocorre desde a sensibilização para o mundo sonoro, até a especialização e desenvolvimento, por exemplo, de altas habilidades instrumentais. A música é uma das manifestações culturais da sociedade e faz parte do cotidiano escolar, sendo assim caberia à escola dar oportunidade a todos de se manifestar sob as mais variadas formas de expressão humana, oferecendo, com a prática da música, um meio de expressão tão necessário como o falar, escrever ou desenhar (CUNHA; GOMES, 2012).

Em relação ao fazer musical que engloba diferentes aspectos da relação entre a produção artística e o sujeito, precisamos considerar inicialmente o ato da interpretação musical, da execução, ou seja, o ato de tocar instrumentos e cantar que estão englobados no fazer musical a que se denomina performance musical, que, por sua vez, apresenta-se em múltiplos contextos e possibilidades.

Pode-se tocar com utilização de instrumentos diversos: instrumentos sinfônicos, instrumentos alternativos feitos a partir de materiais diversos, uso de tecnologia como a música eletrônica, uso do próprio corpo, dentre outros. O conceito de performance muitas vezes está ligado à apresentação de uma obra musical, ou seja, a concretização do acontecimento musical se daria por meio da performance. (CUNHA, GOMES, 2012).

Entretanto, a performance musical na escola deve priorizar um fazer mais abrangente e criativo, em que o aluno tenha oportunidades de exercer suas opções de escolha em busca de suas intenções musicais com enfoque maior na expressão do que especificamente na técnica. Na educação musical abrangente é preciso ampliar o conceito de performance além do paradigma do instrumentista virtuoso. Performance musical abrange todo e qualquer comportamento musical observável, desde o acompanhar com palmas à apresen-



tação formal de uma obra musical para uma plateia (SWANWICK, 1994 apud FRANÇA; SWANWICK, 2002, p. 14).

É fundamental para a educação o desenvolvimento de consciência crítica para o mundo sonoro em que vivemos, ou seja, para que os cidadãos possam interferir na realidade, e assim, na maneira com que se relacionam com os sons à sua volta. Da mesma forma, pode-se dizer que para uma educação comprometida com a relação do ser humano com o ambiente em que vive, é necessária uma preocupação com esta vivência sensorial proporcionada no contato com nossa realidade. Essa discussão se aplica igualmente ao espaço universitário.

A EXPERIÊNCIA

Sobre especificamente o Festival Canta aí, o principal objetivo foi incentivar e valorizar os participantes pelos seus talentos músico-culturais e promover a integração entre as pessoas do âmbito universitário, ou seja, professores, alunos, funcionários, estagiários e sociedade. Para sua execução foi publicado um regulamento que especificava as regras e, também, que a premiação seria somente por meio de troféus. De fato, segundo os organizadores, a opção por não aderir à premiação em dinheiro se deu devido ao caráter pedagógico que o festival buscava implementar. A ideia principal seria promover a integração com uma dose saudável de competição. O principal estímulo à participação deveria ser a experiência em si.

Todavia, essa ação já havia sido realizada no ano de 2017 com formato ainda embrionário, mas já se propunha a defender a finalidade pedagógica do Festival. Segundo o Art. 3º do regulamento do festival, os participantes poderiam se inscrever nas categorias interpretação ou composição, sendo ambas abertas para todos e gratuita. No Art. 4º especificava que

[...] na categoria interpretação, o participante deverá proceder da seguinte forma: Parágrafo I – Os participantes deverão cantar (interpretar) uma música já gravada por cantor/a profissional, nacional ou internacional, a qual deverá ser acompanhada por algum músico ou banda, fazendo a parte instrumental, pois não haverá banda contratada para

a execução das músicas; desde que estes tragam (devendo estes trazer) seus próprios instrumentos e arquem com eventuais custos, ou caso tenha o arquivo gravado em forma de Playback também poderá se apresentar, bastando apenas repassar ao setor de Audiovisual o arquivo a ser executado na sua apresentação. Parágrafo II – Os participantes dessa categoria deverão inscrever apenas uma música para ser cantada na etapa classificatória a qual será apresentada no dia do evento caso seja classificada. (REGULAMENTO, 2017)

Observe que nesta primeira edição do festival o formato era bastante modesto, sendo inclusive necessário que os concorrentes em interpretação trouxessem seus próprios músicos e instrumentos pois não havia ainda a estrutura de uma banda contratada para acompanhá-los. A mesma indicação pode ser verificada no artigo 5º que dizia respeito à inscrição na categoria composição, na qual o participante deveria proceder da seguinte forma:

[...] Parágrafo I – Os participantes deverão executar uma música de sua autoria (própria). Parágrafo II – As músicas poderão ser interpretadas pelos próprios compositores ou por um intérprete(s) indicado(s) por estes. Parágrafo III – Aos participantes que se inscreverem nesta categoria também se aplica o item do Art. 4º par. I, no que se refere ao acompanhamento de instrumentistas, visto que não disponibilizamos instrumentos para ambas as categorias. (REGULAMENTO, 2017)

A instituição garantiu as estruturas de som e iluminação. Já existia um histórico de organização de festivais musicais na UNICENTRO no campus de Guarapuava e em Irati houvera no passado algumas edições que posteriormente perderam o fôlego. Então, O Festival Canta Aí, também se propunha a tentar reativar essa atividade no campus. Por isso, segundo os organizadores, foi necessária uma comunicação mais próxima dos candidatos por meio de grupo no WhatsApp para estimular e tirar dúvidas sobre o processo de inscrição e seleção.

Aparentemente, a ausência da tradição da atividade, gerava dúvidas e insegurança nos acadêmicos. Neste sentido, segundo alguns acadêmicos que participaram da competição, a vivência no Espaço Canta Aí, realizado toda quinta-feira, seria fundamental para incentivá-los e para proporcionar a situação adequada

para formação de duplas e grupos.

Já nesta segunda edição do Festival em 2018, foram introduzidas duas novidades, a primeira foi a contratação de uma banda profissional para acompanhar os competidores, e a segunda foi que os vencedores do primeiro e segundo lugar de cada categoria concorreram a final do Festival Universitário da Canção (FUCA)³ com as despesas custeadas pela organização do evento. Essa notícia foi divulgada nas rádios da região e em jornais online⁴.

Foi instituído no Art. 18º do regulamento de 2018, que haveria uma Comissão Julgadora composta por um júri técnico a ser designado pela organização do evento e sobre os resultados e premiações estipulava-se que:

Art. 22º - A pontuação final de cada candidato será o somatório da pontuação obtida em cada quesito da respectiva categoria. Art 23º- Caso haja empate entre as notas, a decisão de qual será o ganhador ficará a encargo dos jurados, através de votação entre eles, no qual ganhará o participante que tiver mais votos. Art. 24º - Serão premiadas em cada uma das categorias as apresentações que, na soma das notas, obtiverem maior pontuação, com troféus para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º lugares em cada categoria. Art. 25º - Os vencedores do 1º e 2º lugares de cada Categoria irão participar do Festival Universitário da Canção (FUCA) diretamente na final do Evento, com gastos pagos pela Organização do Festival, o qual será realizado na cidade de Guarapuava nos dias 26, 27 e 28 de setembro. (REGULAMENTO, 2018)

Observe que essa foi uma inovação que aparentemente, mais do que promover a integração entre os participantes da comunidade acadêmica de Irati e desta com a comunidade externa, sua maior contribuição pode ter sido a busca de integrar os participantes de ambos os campi. Neste ano o festival contou com vinte e seis inscritos que se apresentaram e dez considerados vencedores nas duas modalidades, cinco em composição original e cinco em interpretação. Na categoria interpretação venceram as músicas: 1º Diamonds (Rihanna), 2º Maranata (Ministério Avivah), 3º Crawling (Linkin Park), 4º Watch Over You e 5º Alô (Chitãozinho e Xororó).



FOTO 1 - Banda formada por acadêmicos do campus de Irati
FONTE: acervo de imagens da UNICENTRO

Perceba que entre as músicas vencedoras podemos observar uma grande variedade musical. Podemos mesmo refletir se esse resultado efetivamente não está expressando a própria diversidade presente no campus e na sociedade. Sobre a categoria composição, as músicas vencedoras versaram sobre a mulher, o meio ambiente e a existência humana. 1º Minha Maior Alegria, 2º Fôlego, 3º Faça a Mudança, 4º Sanidade e 5º Cotidiano Pendejo. Entre os vencedores havia grupos religiosos e bandas de Rock, professores, e acadêmicos, membros da comunidade interna e externa.

Por fim, ainda é importante observar que mais do que os vinte e seis inscritos, o festival contou com o auditório lotado com aproximadamente trezentas pessoas nas duas noites de sua realização.



FOTO 2 - imagem do auditório em uma noite do festival
FONTE: acervo de imagens da UNICENTRO

3 Se trata do Festival Universitário da Canção que ocorre na UNICENTRO, no campus de Guarapuava e além de ser mais antigo, realiza premiação em dinheiro.

4 <https://hojecentrosul.com.br/2-festival-de-musica-canta-ai-e-aberto-para-toda-comunidade>



As inscrições refletiam a participação de praticamente todos os cursos da instituição. Cada curso tinha um ou mais representantes e isso mobilizou seus colegas, professores e funcionários dos setores a participarem da atividade para prestigiar seus representantes.

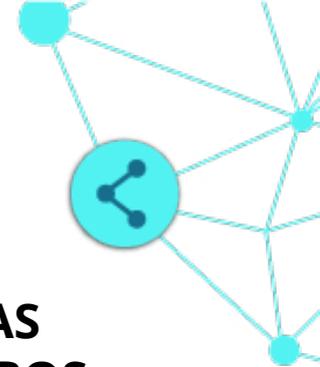
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta implementada na Unicentro no ano de 2018 foi importante para formar uma identidade para uma atividade cultural e musical que estava ausente na vida no campus. Além disso, representou também a criação de um espaço no qual se desenvolverem um

conjunto de relações de sociabilidade, construindo laços a partir das afinidades, principalmente entre os próprios integrantes da comunidade interna, mas também, desta comunidade acadêmica com a sociedade em geral e entre os campus de Irati e de Guarapuava. Por fim, constituiu-se em estímulo para continuidade dos trabalhos musicais iniciados em 2017, tanto por alguns participantes que buscaram se aprimorar com aulas para o bom desempenho da voz como para a equipe de organização de eventos culturais no campus, ampliando o processo de formação no espaço acadêmico.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO, T. Guerras Culturais: arte e política no novecentos tardio. Editora Iluminuras Ltda, 2000.
- BUTI, M. A Arte na Universidade, a Universidade na Arte. ARS Ano 7, Nº 14, São Paulo, p. 112-129, 2009.
- CUNHA, D. S. S. da; GOMES, É. D. Música na escola? Reflexões e possibilidades. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. A montanha e o videogame: escritos sobre educação. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- _____. O sentido dos sentidos. A educação (do) sensível. 4 ed. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- _____. Fundamentos estéticos da educação. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- FRANÇA, C. C.; SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. Em Pauta. Porto Alegre, v.13, n. 21, p. 5-41, dez. 2002.
- ORTNER, S. B. Subjetividade e crítica cultural. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007.
- PELISSARI, M. K. Noites de sociabilidade: identidade e diferenciação social nos bailes da elite de Rio Grande – RS (década de 1950). In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho, 2011.



CINEMA E EXTENSÃO: REFLETINDO ACERCA DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS

CINEMA AND EXTENSION: REFLECTING ABOUT KILOMBE REMAINING
COMMUNITIES

Luciano Saraiva Filho

Graduando do curso de Psicologia da UEFS.
s4r41v4lu@gmail.com

Ivone de Maia Mello

Doutora em Educação pela UFBA, Professora adjunta da Universidade
Estadual de Feira de Santana
ivonemaia@uefs.br

RESUMO:

Este trabalho é fruto da experiência da atividade de extensão realizada pelo Projeto Cinema: Subjetividade, Cultura e Poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Aqui será relatado, especificamente, a experiência e repercussões advindas das exposições de dois cine debates que compuseram esta ação extensionista. A proposta Memória e identidade nas práticas das rezas na comunidade da Caboronga no município de Irará-BA buscou dar visibilidade política e cultural às práticas existentes nesta comunidade remanescente de quilombo, bem como pensar a construção de conhecimento aliada às demandas sociais e aos saberes tradicionais. Como ações extensionistas, foram realizadas sessões de cine debates, abertas à comunidade acadêmica e externa, que compuseram as atividades do Projeto Sala de Cinema, com exposições de filmes e documentários; e presença de convidados que deram condição de possibilidade para o debate de memória e identidade em comunidades quilombolas.

Palavras-chaves: Subjetividade, Comunidades Quilombolas, Audiovisual

ABSTRACT:

This article is the result of the experience of the extension activity carried out by the Project Cinema: Subjectivity, Culture and Power, from the State University of Feira de Santana - UEFS. The experience and repercussions comes from the exhibitions of movies and discussions that will be reported here. The work plan Memory and identity in the practices of prayers in the community of Caboronga in the municipality of Irará-BA, sought to give political and cultural visibility to the practices existing in this remaining kilombe community, as well as to think about the construction of knowledge combined with social demands and traditions. As an extension action, the movie sessions were held, opened to the academic and external community, which comprised the activities of the Sala de Cinema Project, with exhibitions of films and documentaries and the presence of guests who provided the possibility for the debate on memory and identity in quilombola communities.

Keywords: Subjectivity. Quilombola Communities. Cinema



INTRODUÇÃO

Construir uma universidade socialmente referenciada e politicamente comprometida nos inclina a pensar, ou pelo menos esse deveria ser o intento, em suas práticas pedagógicas e nos aspectos que concernem ao desenvolvimento do trabalho acadêmico. O diálogo constante com a realidade social e o compromisso na construção do conhecimento transformador são elementos fundamentais nesse processo. Somente o diálogo que pressupõe um pensar crítico é capaz, também, de gerá-lo. Sem o diálogo não há comunicação e sem a comunicação não há verdadeira educação (FREIRE, 1987). Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos convocados a renovar nossas mentes para transformar as instituições educacionais e a sociedade de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possam refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (HOOKS, 2013). Nesse âmbito, a extensão se apresenta como um fazer universitário que tem sua prática articulada na comunicação com o contexto social e com a ação transformadora:

A extensão é um processo educativo e científico, ao fazer extensão estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade e vice-versa. Uma extensão que é experiência na sociedade, uma práxis de um conhecimento acadêmico, mas que não se basta em si mesmo, pois está alicerçada numa troca de saberes, popular e acadêmico, e que produzirá o conhecimento no confronto do acadêmico com a realidade da comunidade. (SERRANO, 2013, p. 11)

É nesse contexto que se insere o projeto Cinema: Subjetividade, Cultura e Poder; sob a coordenação da Prof^a Dr^a Ivone Maia de Mello, na Universidade Estadual de Feira de Santana, no qual se inseriu o plano de trabalho: Memória e identidade nas práticas das rezas na comunidade da Caboronga no município de Irará-BA. A proposta teve como objetivo dar visibilidade política e cultural às práticas existentes nesta comunidade remanescente de quilombo, bem como pensar a construção de conhecimento aliada às demandas sociais e aos saberes tradicionais. Como ação ex-

tensionista, foram realizadas sessões de cine debates, abertas à comunidade acadêmica e externa, que compuseram as atividades do Projeto Sala de Cinema, com exibições de filmes e documentários, que contaram com a presença de convidados que possibilitaram o debate sobre memória e identidade em comunidades quilombolas. Estas atividades foram desenvolvidas no auditório de audiovisual da Biblioteca Central Julieta Carteado no campus universitário da Universidade Estadual de Feira de Santana. A proposta metodológica dos cine-debate girou em torno da exibição de um curta metragem, seguido de um longa metragem e, ao final, uma roda de conversa para debater os filmes, com a presença de um convidado para contribuir com o diálogo. Um texto é sugerido para leitura no processo de divulgação da atividade para orientar o momento de discussão. Desta forma, este trabalho tem a pretensão de relatar a experiência e repercussões advindas da realização das atividades que compuseram esta ação extensionista.

DESENVOLVIMENTO

O recurso audiovisual, quando aliado a uma proposta pedagógica, torna-se um excelente elemento de comunicação e, sobretudo, eficiente ferramenta para se pensar uma aprendizagem realmente significativa. Entender como o cinema atua leva-nos a admitir que a transmissão/produção de saberes e conhecimento não é prerrogativa exclusiva da escola, embora seu papel seja crucial nesse processo, mas que também acontece em outras instâncias de socialização. Refletir sobre o cinema como uma importante instância “pedagógica” nos leva a querer entender melhor o papel que ele desempenha em relação àqueles com os quais também lidamos, só que em ambientes escolares e acadêmicos (DUARTE, 2002). Um outro importante fator, que também se apresenta como ponto fundamental é a questão da visibilidade, e não uma visibilidade espetacularizada, mas uma visibilidade que é política. A escolha dos filmes a serem exibidos faz parte de uma construção que dialoga com o projeto e com o plano submetido a ele. Ao abordar os filmes e desenvolver debates com temáticas envolvendo comunidades rema-



nescentes de quilombos, articulando universidade e comunidade nesse processo, resulta uma produção de saber comprometida com as diferentes realidades de distintos grupos. Isto propicia a inserção desta realidade social no campo duma notoriedade política:

A visibilidade dos homens no espaço público depende da ação. No caso (seguindo ainda o pensamento de Hannah Arendt), trata-se da ação política. Aqui é necessário inserir um vetor ético: a visibilidade no espaço público implica que os sujeitos se responsabilizem pelos efeitos de seus atos na vida da polis (KEHL, 2004, p. 150).

Discutir sobre realidades sociais, especialmente das comunidades remanescentes de quilombos, dando visibilidade às formas de vidas e às subjetividades de grupos ainda pouco abordados pelo discurso acadêmico. O compromisso ético-político da Psicologia, enquanto ciência e profissão com e para esta realidade concreta, exige uma ação política indissociável do discurso, que revele seu agente, que ganha existência pública a partir dela (KEHL, 2004). A existência é propriamente humana e não pode ser emudecida, silenciosa. Tampouco pode se valer de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras com que os seres humanos transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo (FREIRE, 1987).

Tendo como temática comunidades quilombolas, a primeira exibição foi do documentário “Quilombos da Bahia”. O curta metragem “Quilombo Rio dos Macacos” antecedeu esta exibição, anunciando o próximo evento do projeto. Um acontecimento de importância política e social marcou esse momento, em que foi ganha a causa judicial, legalizando o reconhecimento da comunidade apresentada no curta.

O documentário “Quilombos da Bahia” (2004) teve direção de Antonio Olavo e aborda a realidade histórica de 69 comunidades remanescentes de quilombos em território baiano, mostrando seus modos de vida e resistência, bem como aspectos culturais das comunidades. Para mediar a discussão, tivemos a presença de Railma Santos, que possui graduação em história pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e mestrado em Histó-

ria da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E, no que diz respeito à sugestão de leitura para orientação do diálogo, foi indicada a leitura do texto “Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil” dos autores Giselda Shirley da Silva e Vandeir José da Silva. O segundo filme “Quilombo Rios dos Macacos” (2017) com direção de Josias Pires, que mostra a realidade da comunidade Rios dos Macacos, localizada entre os municípios de Salvador e Simões Filho. O documentário enfatiza os conflitos e embates pela propriedade da terra, reivindicada pela Marinha. Além disso, se configura como mecanismo de denúncia de violação de direitos humanos cometidos pelo Estado brasileiro. Para este cine debate, foi feita a sugestão de leitura do texto “A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas”, dos autores Alessandra Schmitt, Maria Cecília Manzoli Turatti e Maria Celina Pereira de Carvalho.

O espaço da roda de conversa se configurou como um momento importante de discussão e, sobretudo, formação. Os cine debates oportunizaram discussões pouco frequentes no âmbito acadêmico, mas que são necessárias à formação dos estudantes como atores sociais. Refletir sobre o mundo e a realidade que nos cerca, como educação problematizadora que se faz como modo de perceber o mundo e a si mesmo (FREIRE, 1987). Aspectos identitários e a particularidade histórica de cada comunidade remanescente influenciam na sua forma de organização, tanto econômica quanto cultural. Sobre as possíveis denominações destas comunidades, considerando que tal discussão foi levantada durante o debate, pode-se desta forma refletir que:

Dentro de uma visão ampliada, que considera as diversas e histórias destes grupos, uma denominação também possível para estes agrupamentos identificados como remanescentes de quilombo seria a de “Terras de preto”, ou “Território negro”, tal como é utilizada por vários autores, que enfatizam a sua condição de coletividades camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade (SCHMITT, et. al., 2002, p. 3).

São diversas as comunidades identificadas e reconhecidas por meio da Fundação Cultural



Palmares enquanto remanescentes de quilombos, mas que ainda não foram contempladas com a regulamentação das suas terras, sendo este um dos desafios (SILVA; SILVA; 2014). Elementos constitucionais como o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), foram abordados no debate, discutindo-se as garantias legais que são asseguradas a essas comunidades negras rurais. Por outro lado, foram mencionadas as dificuldades de, na prática, se concretizarem essas garantias.

Na roda de conversa referente ao longa “Quilombo Rio dos Macacos”, com a presença do diretor como convidado, dialogamos sobre o processo de construção do filme e as implicações políticas desta produção. Os moradores da comunidade tiveram participação engajada no filme, algumas das cenas são imagens gravadas por eles próprios. Foi um trabalho coletivo e de participação popular. Nesse sentido, foi comentada a importância de se pensar produções independentes e que versem sobre problemas sociais, como no caso da situação da comunidade Quilombo Rio dos Macacos, que enfrenta sérios problemas com o Estado em relação à regularização de suas terras. No que se refere à questão das terras:

Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e, conseqüentemente, a auto-estima. Siglia Dória salienta que a identidade de grupos rurais negros se constrói sempre numa correlação profunda com o seu território e é precisamente esta relação que cria e informa o seu direito à terra. A maior parte destes grupos que hoje vêm reivindicar seu direito constitucional o faz como um último recurso na longa batalha para manterem-se em suas terras, as quais são alvo de interesse de membros da sociedade envolvente, em geral grandes proprietários e grileiros, cuja característica essencial é tratar a terra apenas como mercadoria (SCHMITT, et. al., 2002, p. 5-6).

A reflexão sobre uma mídia contra-hegemônica e comunitária, nesse sentido, foi colocada com uma necessidade política transformadora. A necessidade de se fazer notórios os casos de violência, que retiram a dignidade de povos remanescentes de quilombos, assim

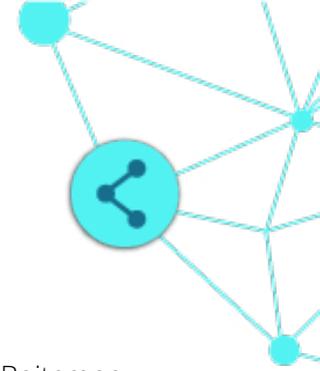
como outras formas de opressão, omitidas e invisibilizadas pela grande mídia foram assunto também de nossa conversa. A comunicação, nesse sentido, e o papel dos veículos de comunicação devem ser colocados em pauta:

Os meios de comunicação de massa têm-se constituído, na cultura do capitalismo tardio, como agentes retóricos de uma estetização pequeno-burguesa do cotidiano. O que depende exclusivamente do crivo de seu “código”, em jargão técnico, costuma adquirir o matiz artificioso do saber designado por Platão como “Cosmética”. Os recursos de tal saber, assim como esses produtos de perfumaria e de toucador que vemos nos anúncios correntes, embelezam, distraem, produzindo um real artificioso (SODRÉ, 1991, p. 53).

Viabilizar ações que possam contribuir com a tarefa de publicizar politicamente um “Brasil real” e não um “Brasil simulado”, na direção de uma educação transformadora, foi a proposta colocada pela realização dos cine debates, como ação ao mesmo tempo política e extensionista.

CONCLUSÃO

Diante do que foi dito, a realização dos cine debates repercutiu de forma positiva, oportunizando o diálogo crítico com a comunidade acadêmica e externa. Levantou o questionamento da posição da universidade frente às demandas urgentes e necessárias, para repensar práticas pedagógicas e compromisso social. A atividade se constituiu também como um processo educativo, discutindo temas relevantes para a formação dos estudantes e que ainda são pouco debatidos nos cursos de graduação. Por fim, as contribuições de todos foram de grande importância na minha formação, possibilitando o trabalho em grupo, bem como um debate transversalizado com outras áreas e campo de estudos. Temos como previsão de atividades futuras, a realização de novos cine debates, além do desenvolvimento de atividades na comunidade da Caboronga, no município de Irará-BA, incluindo a realização de oficinas e construção coletiva de atividades a serem efetivadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. Videologias: Com que corpo eu vou?. São Paulo: Boitempo, 2004. 252 p.

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2013. 286 p.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. Ambiente. soc., Jun 2002, no.10, p.129-136. ISSN 1414-753X

PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE: UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL DA CACHOEIRA-BA¹²

LIFE PROJECTS OF YOUNG STUDENTS OF PROFESSIONALIZING HIGH SCHOOL: AN EXPERIENCE IN THE STATE COLLEGE OF CACHOEIRA-BA

Daniela Abreu Matos

Professora Adjunta do CAHL, Doutora em Comunicação Social, Vice-Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Juventude, UFRB, daniela.matos@ufrb.edu.br

Luiz Paulo Jesus de Oliveira

Professor Adjunto do CAHL, Doutor em Ciências Sociais, Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Juventude, UFRB, luzpaulooliveira@gmail.com

Mailson Santos Pereira

Mestre em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, UFRB, pereiramailson@msn.com

Juliana de Jesus Souza

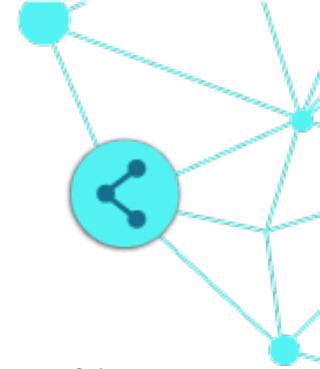
Bacharela em Ciências Sociais, UFRB, juliana.djs.19@gmail.com

Tais Brandão da Silva

Graduanda em Serviço Social, UFRB, taissilva345@gmail.com

¹ Projeto de extensão universitária financiado pelo Edital UFRB PIBEX n. 02/2019 vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude - GEPJUV, do Centro de Artes, Humanidades e Letras - CAHL, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

² Este relato de experiência foi aceito para apresentação no I Simpósio Internacional Juventudes e Educação, a ser realizado, em modalidade remota, entre os dias 06 a 08 de outubro de 2020, na UNIVASF, em Juazeiro-BA.



RESUMO

O presente relato versa sobre o Projeto de Extensão Universitária “Juventudes, Educação e Projeto de Vida: diálogos com/de/para jovens das escolas de ensino médio do Recôncavo da Bahia - Ano IV”, no desenvolvimento de suas ações no ano de 2019, a partir de oficinas de “projeto de vida” junto a estudantes do 4º ano do Curso Técnico em Administração do Colégio Estadual da Cachoeira. Foram realizadas três oficinas, com as temáticas “O que é ser jovem para você?”, “Projeto de Vida” e “Construção da Árvore dos Sonhos”, tendo a participação média de onze jovens. As oficinas possibilitaram troca de saberes e experiências entre jovens universitários e jovens do ensino médio, potencializando a estes últimos uma maior reflexão dos elementos envolvidos na elaboração dos seus planos de futuro. As/os participantes avaliaram positivamente o desenvolvimento da ação extensionista e destacaram a importância da existência de mais oficinas com essa temática. Foi possível constatar que as oficinas de projeto de vida para estudantes concluintes da educação básica figuram como um instrumento importante para auxiliar o processo de reflexão e amadurecimento das escolhas pessoais e profissionais da juventude estudantil das classes populares, sendo necessária uma ampliação desse tipo de ação junto a este público.

Palavras-chave: Juventudes, Educação Básica, Planos de Futuro.

INTRODUÇÃO

Nas diversas sociedades humanas, as etapas da vida demarcam significações sociais acerca do processo de estruturação social e cada etapa categorizada do viver é revestida de expectativas, contextos, instituições etc. No cenário brasileiro, o processo de escolarização perpassa diversas das fases da vida e marca de forma significativa o estabelecimento da categoria juventude, fazendo desta uma construção social da modernidade permeada, entre outras coisas, pela extensão do percurso de formação educacional necessário para a assunção dos papéis sociais funcionais para o desenvolvimento e manutenção da sociedade adulta. Em

ABSTRACT

This report discusses the development of the extension project “Youths, Education and Life Project: dialogues with/from/for young people from the high schools of Recôncavo da Bahia - Year IV”, during its actions in 2019: the workshops “life project” with students of the 4th year of the Technical Course in Administration at Colégio Estadual da Cachoeira. Three workshops were held, with the themes “What does it mean to be young for you?”, “Life Project” and “Construction of the Tree of Dreams”, with an average participation of eleven teenagers. The workshops made it possible to exchange knowledge and experiences between university students and high school students, enabling them to reflect more on the elements involved in the preparation of their plans for the future. The participants positively evaluated the development of the extension action and highlighted the importance of having more workshops with this theme. It was possible to verify that the workshops play an important role in assisting the process of reflection and maturation of the personal and professional choices of the student youth of the popular classes, being necessary an expansion of this type of action with this audience.

Keywords: Youth, Basic Education, Future Plans.

meio a isso, o processo de conclusão da educação básica, com a finalização do ensino médio, é estabelecido socialmente como o momento singular de definição dos projetos de vida daquelas/es que estão a viver, de forma mais intensa, a vida juvenil.

Para as/os jovens das classes populares a elaboração e definição de planos de futuro não se dá da mesma forma que para as/os jovens das classes abastadas, sendo esta “escolha” de um projeto de vida, para os primeiros, permeada pelos desafios do sucateamento da educação básica no Brasil e das condições materiais de existência que engendram suas vidas, com diversos cenários de desigualdades sociais e



de renda que criam barreiras significativas e acabam por impossibilitar uma vivência integral da experiência juvenil, impactando diretamente na formulação de planos de futuro para a juventude empobrecida.

Diante dessa problemática, em 2016, começou a ser desenvolvido, no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, o projeto de extensão universitária “Juventudes, Educação e Projetos de vida: diálogos com/de/para jovens das escolas de ensino médio do Recôncavo da Bahia”, com o intuito de realizar ações junto às juventudes estudantis do recôncavo baiano para refletir conjuntamente com esses sujeitos sobre a elaboração dos seus projetos de vidas. Pode-se mencionar como ponto inicial dessa trajetória, ainda no ano de 2015, uma série de atividades desenvolvidas pelas/os docentes-coordenadores do atual projeto, no âmbito das ações de mobilização da greve das/os docentes, para fomentar o diálogo com as escolas do Território do Recôncavo no sentido de contribuir com a capilarização da presença da UFRB no seu território. Durante a realização dessas atividades foi possível ratificar o desconhecimento por parte das/os estudantes da Educação Básica sobre a existência da Universidade, seus cursos de graduação, as formas de ingresso e as possibilidades de apoio à permanência estudantil na universidade pública. Além do pouco conhecimento sobre as dimensões materiais e procedimentais para ingresso no Ensino Superior foi possível perceber também muitas barreiras simbólicas que afastam, silenciosamente, as juventudes populares do recôncavo da Universidade.

Desse modo, o projeto de extensão foi proposto também em diálogo com as trajetórias de pesquisa e participação política das/os docentes-coordenadores, tendo início em 2016. Nos dois primeiros anos (2016 e 2017) as ações foram realizadas em parceria com o Colégio Estadual Padre Alexandre Gusmão – CEPAG, uma escola de pequeno porte, localizada no distrito de Belém da Cachoeira. Nos anos seguintes (2018 e 2019), inaugurando um novo ciclo, as ações foram realizadas em parceria com o Colégio Estadual da Cachoeira – CEC. Essa mudança ocorreu devido à necessidade de ampliar o diálogo da UFRB com dife-

rentes escolas e também pela municipalização do CEPAG que, em 2018, deixou de ofertar as séries do Ensino Médio. No ano 2019, foco deste Relato de Experiência, o projeto continuou sob a coordenação das/os docentes Daniela Abreu Matos e Luiz Paulo de Jesus Oliveira, juntamente com o pesquisador voluntário Mailson Santos Pereira e cinco graduandas de diferentes cursos da UFRB – Serviço Social, Comunicação Social-Jornalismo e Ciências Sociais – como bolsistas e voluntárias. A partir da continuidade de parceria com o CEC foram realizadas oficinas com as turmas do 4º ano do Curso Técnico em Administração, do turno matutino, em 2019.

Pela primeira vez, a equipe pôde interagir com estudantes do 4º ano. Importante ressaltar que a inclusão da referida turma se deu a partir de indicação da Coordenação Pedagógica, que avaliou um grau relevante de frustração das/os estudantes com sua trajetória formativa e uma baixa expectativa de futuro diante das dificuldades impostas pelo contexto, caracterizada por desemprego e falta de oportunidades na região do Recôncavo. Desse modo, as oficinas elaboradas tiveram como abordagem central o tema “projetos de vida”, despertando nas/os jovens a reflexão sobre suas trajetórias e o conhecimento da realidade concreta na qual a construção dos planos de futuro de cada estudante acontece. A condução dos momentos com as/os jovens se deu a partir de uma relação dialógica, proporcionando a construção de expectativas para o futuro.

Para os fins de desenvolvimento dessa ação extensionista, toma-se como horizonte que o projeto de vida tem o sentido de “[...] aspirações, desejos de realizações, que se projetam para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos, cuja base reside em uma realidade construída na interseção das relações que o sujeito estabelece com o mundo” (NASCIMENTO, 2006, p. 59). Compreende-se ainda que “o projeto de vida emerge nessa trama complexa de relações, de construção de saberes sobre si e sobre o mundo na medida em que significados são partilhados no cotidiano” (NASCIMENTO, 2013, p. 88). Sendo assim, para refletir com as/os jovens acerca de suas trajetórias de futuro faz-se necessá-



rio explicitar e se debruçar sobre as questões pessoais, familiares e sociais que se encontram envolvidas na constituição dos seus projetos de vida.

Na especificidade do público-alvo deste projeto de extensão universitária, verifica-se que segundo dados do IBGE, em 2010, a população total do município de Cachoeira era de 32.026 residentes, dos quais 9.501 estavam na faixa dos 15 a 29 anos, o que correspondia a quase 30% da população cachoeirana (IBGE, 2010). Em complementação, o Banco de Dados da SEI-BA aponta ainda que do total de jovens residentes em Cachoeira, aproximadamente 51,4% são jovens rurais e cerca de 48,6% são jovens urbanos (BAHIA, 2015).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de trabalho que orientou a realização das oficinas em grupo buscou efetivar um diálogo de/com/para jovens, enquanto sujeitos sociais portadores de saberes, culturas e projetos de vida que são construídos a partir de experiências cotidianas. Ao considerá-las/os como sujeitos na sua integralidade, o percurso metodológico teve como preocupação central o desenvolvimento de um conjunto de atividades com o objetivo de permitir às/aos jovens ampliar a percepção da sua condição de vida para além de estudante. Tal percurso se orientou por uma “pedagogia da juventude” (DAYRELL, 2005) cujos eixos de ação foram construídos a partir de atividades educativas que valorizam os seguintes aspectos: a escuta, o protagonismo, as expressividades do mundo juvenil e a aproximação juvenil com o espaço da Universidade Pública.

A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS

No dia 09 de outubro de 2019 aconteceu o primeiro encontro, que possibilitou a apresentação do projeto, os objetivos e metas do mesmo, assim como nossa apresentação como discentes/extensionistas e aproximação com as/os jovens estudantes, exemplificando como é o que ocorreria nas próximas oficinas. Nesse primeiro contato com as/os estudantes foi possível perceber desmotivação e incertezas sobre o curso técnico em administração,

sendo a ausência de professores qualificados na área um dos motivos relatados por elas/es.

Ao compreendermos a categoria jovem como socialmente construída, iniciamos o diálogo incentivando a reflexão sobre “O que é ser jovem?”. A partir da escuta sensível de suas colocações, construímos uma teia entre a teoria e a vivência cotidiana para pensar sobre a condição juvenil a partir daquelas/es que na oficina protagonizaram as falas. Tomando como base o diagnóstico da coordenação pedagógica sobre o perfil da turma, ao considerar os conflitos existentes com o curso técnico, procuramos compreender ainda quais foram as motivações que os levaram a escolher a formação técnica em administração e prolongar o ensino médio por mais um ano.

Em seguida, como fio condutor da discussão foram apresentados alguns dados da pesquisa de TCC intitulada “Trajetória e Projeto de Vida de Jovens Negras: um estudo de caso com estudantes do Colégio Estadual da Cachoeira” (SOUZA, 2019) de uma das integrantes do projeto de extensão, que foi desenvolvida na mesma instituição escolar, tendo como foco compreender as composições de projetos de vida de jovens negras através dos estudos de trajetórias e campos de possibilidades (VELHO, 2003). Percebemos nas/os jovens presentes à oficina narrativas semelhantes às da pesquisa realizada (SOUZA, 2019), o que indicou significações positivas depositadas no prolongamento da escolaridade, mesmo que no percurso algumas/ns não tivessem construído afinidades com a área ou avaliavam a formação como insuficiente. De início, nesse primeiro encontro, o acesso à educação aparece nos discursos como possibilitador de ascensão social individual e familiar, do mesmo modo, os desafios presentes nos percursos são visualizados pelas/os jovens, mas não se configuram como impedimento da projeção para um futuro emancipado.

As primeiras reflexões, elaboradas no primeiro encontro, se fizeram presentes nas duas próximas oficinas cujo relato segue aqui. A segunda oficina ocorreu no dia 18 de outubro de 2019, na qual se buscou compreender, desenvolver e debater sobre o projeto de futuro das/os estudantes. As questões levantadas



e os relatos contados mostraram o quanto sonhos/projetos são arquitetados a todo momento dentro dos espaços de aprendizado e, também, como estes não são levados em consideração em sua maioria, afirmando a importância do projeto de extensão em questão. Esta oficina, apesar de inicialmente sofrer intercorrências e estranhamento por parte das/os estudantes, que em alguns casos recusaram-se a colaborar, confere-se como uma prática que colaborou para que as/os participantes começassem a pensar seus projetos como possíveis de realizar, o que é essencial para os processos educativos dos/as estudantes.

Foi fomentado, além da reflexão dos seus projetos de vida, o início de um pensamento crítico sobre o espaço que estão ocupando, transformando-se em algo positivo, o que resulta no ponto de partida para a inserção dessas/es jovens nas diversas organizações da sociedade, entre elas o movimento estudantil. Os debates desenvolveram o desejo de mudanças nas/os jovens diante de uma estrutura padronizada e excludente, o que acaba por inseri-las/os como protagonistas de suas histórias e de irem em busca a uma sociedade mais inclusiva.

O surgimento de diversos projetos de vida nas discussões foi possível com a dinâmica proposta que instigou as/os estudantes a falarem a partir deste tema sobre os vários empecilhos que as/os fazem estagnar no processo de construção. Mostram aspectos de um condicionamento, considerando as questões sociais às quais estão sujeitos todos os dias, como morar em localidades rurais, em espaços em situação de vulnerabilidade social, econômica e muitas vezes cultural, estando estas/es estudantes limitadas/os a avançar no sentido de pensar outras formas de vida, senão a que já está posta. Contudo, neste debate foram trazidos, pela equipe do projeto, vídeos de estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, formadas/os nos últimos anos, com objetivo de mostrar que outras possibilidades existem e são realizáveis, assim como há quem as/os representem enquanto classe trabalhadora nos espaços acadêmicos, intensificando o ideal de que o espaço universitário, se assim for o projeto de vida

escolhido, é de todas/os e para todas/os. Estes vídeos amenizam as aflições recorrentes sobre os condicionamentos e o debate fluiu com pensamentos positivos na expectativa e compreensão de que a luta e a persistência são elementos que precisam estar presentes no caminho a percorrer para a consolidação dos projetos de vidas. Ao final dessa oficina, foi solicitado que as/os participantes enviassem fotografias para a equipe do projeto, que representassem “o que ou quem é a sua base na vida”.

A terceira e última oficina realizada ocorreu no dia 23 de novembro de 2019. Como instrumento de diálogo, buscamos utilizar no primeiro momento a poesia “Projetos de Futuro” e após a leitura pedimos, através do experimento “fantasia guiada”, para que elas/es imaginassem onde querem estar daqui a alguns anos, sendo feita uma partilha do experimento após a finalização deste. No segundo momento, apresentamos às/aos participantes a árvore do Projeto de Vida onde solicitamos que elas/eles escrevessem em cartões de papel os projetos que pretendiam realizar. A proposta foi que elas/es escrevessem frases, uma palavra ou ideias que tivessem em relação aos seus projetos de vida, como é possível verificar na figura 1 abaixo.



Figura 1 – Oficina Árvore do Projeto de Vida – registro de planos futuros **Fonte:** Acervo do Projeto

Em seguida, cada estudante foi convidada/o para socializar o que havia escrito. Nesse momento, todas/os as/os participantes leram os seus respectivos projetos e explicaram o significado de cada um deles e como isso influenciava no seu futuro. Pudemos perceber que a

maioria das falas das/os jovens priorizavam “dar um futuro melhor” para as suas famílias, em especial para a figura materna. Através desses relatos verificamos que as mães dessas/es jovens são as mantenedoras (afetivas e financeiras) dos lares e que isso reflete na realidade da maioria das famílias do Recôncavo, repercutindo na construção dos projetos de vidas das/os jovens das classes populares.

No terceiro momento da oficina, foi feita a socialização das fotografias que representavam “o que é ou quem é a sua base na vida”, solicitadas no final da segunda oficina. A equipe do projeto fez a entrega das fotografias impressas (que haviam sido enviadas por meio do whatsapp para uma das bolsistas) e as/os estudantes foram convidadas/os a explicarem o porquê dessas escolhas. Muitos/as se emocionaram quando falaram dos significados presentes naquelas imagens, pois elas/es encontram força para não desistir dos seus sonhos naquelas pessoas. As imagens solicitadas para esse momento, na árvore do projeto de vida, representaram a raiz dos sonhos das/os jovens, ou quem/o que as/os motiva a não desistir dos seus objetivos (Figura 2). Mais uma vez, a família esteve presente, de forma particular a figura materna, revelando a centralidade das mulheres nas histórias de vida das/os jovens. Em seguida foi debatido quais elementos são necessários e impeditivos para a efetivação dos projetos de vida e que estarão presentes ao longo da caminhada de cada jovem, constituindo assim o tronco da árvore.



Figura 2 – Oficina Árvore dos Projetos de Vida – registro de bases e forças para a vida **Fonte:** Acervo do Projeto

No momento final montamos a árvore, de forma que as/os envolvidas/os perceberam o quanto é importante haver esses diálogos, avaliando positivamente o desenvolvimento do projeto, apontando a necessidade de continuidade da ação extensionista, com a realização de mais oficinas. A partir dessa atividade de extensão as/os jovens passaram a refletir sobre seus respectivos projetos já que estavam no último ano de um curso técnico e que a cobrança das mais diversas partes era recorrente e intensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de oficinas de projetos de vida para estudantes concluintes da educação básica figura como um instrumental importante para auxiliar o processo de reflexão e amadurecimento das escolhas pessoais e profissionais da juventude estudantil em meio às condições materiais que perpassam a existência das/os jovens das classes populares. A experiência de extensão universitária, através da metodologia de oficinas em grupo, junto ao público juvenil do ensino médio de uma escola pública potencializou as reflexões pessoais e coletivas por meio da vivência e partilhas no espaço grupal.

Diante do desenvolvimento dessa experiência, verifica-se a necessidade de uma vivência grupal mais aprofundada e com maior tempo de duração para alcance de resultados mais consolidados. As três oficinas geraram resultados positivos que contemplam os objetivos do projeto ao provocar reflexões sobre educação e projeto de vida de/com/para estudantes do ensino médio em espaços de diálogo. Os projetos de futuro externados por elas/es apresentaram vinculação com prolongamento da escolaridade a partir do ingresso no ensino superior, em específico nas universidades públicas. Fortalecemos a ideia de que essa escolha pode ser colocada em prática dentro dos seus planos de efetivação dos projetos, a partir do ingresso na UFRB ou em outras IES instaladas no estado da Bahia.

Em consonância com a avaliação das/os participantes desta atividade de extensão universitária, reiteramos aqui a importância do maior desenvolvimento de ações quanto



à temática de “projeto de vida” junto a estudantes de ensino médio das classes populares, principalmente a partir de uma perspectiva que leve em consideração as condições

materiais de existência destes sujeitos; suas potencialidades e capacidades de elaboração de planos de futuro; e os contextos histórico-sociais nos quais se encontram inseridos.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Banco de Dados - Juventude. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015 (documento não-publicado).

DAYRELL, Juarez (org). Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

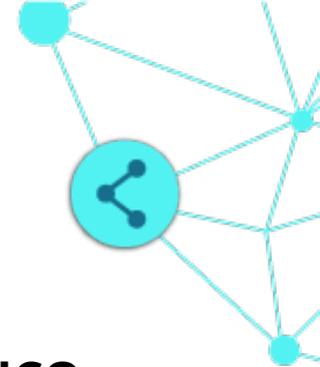
IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades@: Cachoeira. Brasília: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/panorama>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. *Imaginário*. [online], São Paulo, v.12, n.12, jun. 2006. p.55-80. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-1413-666X2006000100004>. Acesso em: 13 fev. 2020.

_____. Educação e Projeto de Vida de Adolescentes do Ensino Médio. *EccoS - Revista Científica*, São Paulo, n. 31, maio-ago. 2013, p. 83-100. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71529334006.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

SOUZA, Juliana de Jesus. Trajetória e projeto de futuro de jovens negras: um estudo de caso com jovens estudantes do Colégio Estadual da Cachoeira. 2019. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.



EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA EM LIBRAS: O APRENDIZADO PARA ALÉM DO ENSINO DIDÁTICO

COMMUNICATIVE EXPERIENCE IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (BSL):
LEARNING BEYOND DIDACTIC TEACHING.

Jamile dos Santos Ferreira

Esp. Libras. Esp. em Docência do ensino superior, Tradutora e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
jamiltils@ufrb.edu.br

Juliana Bispo dos Santos

Graduanda do curso de Letras UFRB
juliibispo@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do Curso básico de conversação em Libras oferecido como atividade de extensão no Centro de Formação de Professores (CFP) em Amargosa - BA. O curso foi desenvolvido com o objetivo de expor os participantes a situações reais de comunicação com usuários da língua de sinais, oportunizando-lhes aplicar espontaneamente os conteúdos trabalhados durante as aulas. Observa-se nos resultados que se oportunizou um ensino reflexivo, o contato e interação com a comunidade surda, possibilitando o aprendizado da língua de modo dinâmico e contextualizado. Portanto, conclui-se que esta experiência evidenciou a importância de promover espaços de interação entre surdos e ouvintes no CFP privilegiando o uso da Língua Brasileira de Sinais, a fim de que as barreiras comunicativas sejam minimizadas pela autonomia desses nas relações acadêmicas e sociais.

Palavras-chaves: Surdos. Ouvintes. Conversação. Ensino superior.

ABSTRACT

This work aims to report the experience of the Basic Conversation Course in Brazilian Sign Language (BSL or LIBRAS in Portuguese) offered as an extension activity at the Teacher Training Center (TTC) in Amargosa, Bahia. The course was developed with the objective of exposing the participants to real situations of communication with sign language users, giving them the opportunity to spontaneously apply the contents presented during the classes. The results show that a reflective teaching, contact and interaction with the deaf community was made possible, enabling language learning in a dynamic and contextualized way. Therefore, it is concluded that this experience showed the importance of promoting spaces for interaction between deaf and hearing people in the TTC, privileging the use of the Brazilian Sign Language, so that the communicative barriers are minimized by their autonomy in academic and social relations.

Keywords: Deaf. Hearing People. Conversation. Higher. Education.



INTRODUÇÃO

A interação social entre diferentes grupos exige ações que viabilizem o acesso de todos aos diversos segmentos da sociedade, respeitando as especificidades de cada grupo. A inclusão, tão veementemente defendida em nossos dias, direciona o nosso olhar para as diferenças (físicas, linguísticas, identitárias, culturais e etc.) e ignorá-las torna contraditório o discurso. Por este motivo é necessário garantir os direitos de acesso, conforme a lei 10.098/2000 (Lei da Acessibilidade) descreve:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros: (BRASIL, 2000)

Cabe ao Estado assegurar os recursos para a acessibilidade aos que dela necessitam, a fim de que possibilite melhores condições de vida e autonomia no desempenho das suas habilidades. Cada grupo demandará estratégias de acesso de acordo com os tipos de barreiras que enfrenta, classificadas pela referida lei como: urbanísticas, arquitetônicas, transportes, comunicação e informação (BRASIL, 2000). Neste relato a nossa ênfase será a respeito das barreiras de comunicação e informação que se configuram como “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações” (BRASIL, 2000).

Entendemos que esta é a barreira vivenciada pelas pessoas surdas, pois fazem parte de uma população majoritariamente ouvinte (pessoas que se comunicam pelo canal oral-auditivo). Segundo o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 “considera-se pessoa

surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais”.

A respeito dessa língua a lei 10.436/2002 a reconhece “como meio legal de comunicação e expressão [...] e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002). Essas especificidades precisam ser contempladas para o desenvolvimento social dos surdos, e o âmbito educacional é um dos espaços em que as suas diferenças não podem ser ignoradas. O decreto 5.626/2005 evidencia a responsabilidade das instituições federais para promover o acesso de informações às pessoas surdas em todos os níveis de educação.

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (BRASIL, 2005)

Nesse sentido, a presença do Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa, doravante TILSP, é fundamental em todos os níveis de escolaridade, mediando a comunicação e garantindo o acesso aos conteúdos apresentados em sala de aula. De acordo com a lei 12.319 / 2010 este profissional “terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.” Apesar do importante papel do TILSP educacional, a sua presença não isenta a instituição de promover ações em função da autonomia dos surdos e da inclusão desses no ensino regular.

Nessa proposta, o professor medeia e incentiva a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas; porém o fato de o surdo, em geral, não ter uma língua compartilhada com seus colegas e professores, e de estar em desigualdade linguística em sala de aula, não é contemplado (LODI; LACERDA, 2009, p.15).

Nessas circunstâncias cria-se uma relação de dependência dos surdos com o intérprete para a socialização do ambiente educacional, visto que a maioria dos ouvintes da comunidades escolar/acadêmica não são fluentes em



Libras.

Com o intuito de evidenciar a relevância de ações que contribuam para a valorização dos estudantes surdos e com seu desempenho formativo, apresentaremos neste relato a experiência do Curso básico de conversação em Libras, como estratégia para minimizar as barreiras comunicativas entre surdos e ouvintes.

METODOLOGIA

Compreendemos que a inclusão dos surdos perpassa pelo ensino de Libras aos ouvintes para que ambos possam interagir por meio da língua de sinais, sendo responsabilidade das instituições federais de ensino “apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos” (BRASIL, 2005).

A reflexão sobre esta necessidade motivou a oferta do Curso básico de conversação em Libras no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizado em Amargosa. Cientes de que a fluência em qualquer língua é adquirida com a prática e no contato com seus usuários, pretendeu-se com esta atividade compartilhar além dos sinais, estratégias comunicativas para a interação em Libras, bem como expor os cursistas a situações de uso da língua. Ressaltamos a importância deste Centro para a formação de futuros professores, devido a concentração de cursos de licenciatura.

O público-alvo foi definido considerando o curso em que se concentram os surdos da instituição (na ocasião havia cinco docentes e cinco discentes surdos), ambiente favorável para a prática da conversação em libras. E por este motivo optou-se por convidar a turma do 2º semestre do curso de Letras por atender aos seguintes critérios: a) conhecimento básico da língua de sinais; b) ter optado pela formação em Libras; c) ser colega de turma de discente surdo.

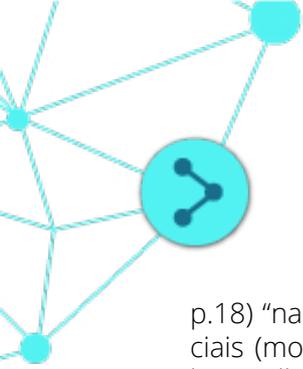
Os critérios justificam-se pela proposta de conversação da atividade e o interesse dos participantes para desenvolvimento da fluência. Nesse sentido, esclarecemos que no

período em que o curso foi ofertado os graduandos do curso de Letras tiveram acesso a disciplina Libras no primeiro semestre e a partir do segundo optaram pela habilitação em Libras ou Língua Inglesa. Por este motivo procurou-se direcionar a atividade de extensão à turma do segundo semestre do referido curso. Além desses, participaram do curso duas discentes de semestres posteriores e uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) do município.

O curso foi cadastrado na Gestão de Extensão sob a coordenação de uma servidora técnica que compõe a equipe de tradução e interpretação de Libras do CFP, a mesma ministrou o curso com o apoio de uma monitora (discente do curso de Letras) que muito contribuiu para o desempenho exitoso do processo. O convite à turma foi feito presencialmente e as inscrições por e-mail, dezessete pessoas participaram do curso com duas desistências. A carga horária da atividade foi de 20h e os encontros ocorreram semanalmente (em dia acordado com os participantes) no período noturno no final do semestre 2019.1.

Em todas as etapas, a atuação da monitora foi essencial, assumindo a responsabilidade de acompanhar as inscrições, atualizar as informações, supervisionar as assinaturas da lista de presença de cada encontro, fotografar para registro dos trabalhos realizados, organizar o espaço físico e apoiar nas eventuais necessidades, além de participar ativamente nas atividades propostas.

No início do curso, os inscritos preencheram um questionário impresso com perguntas relacionadas ao seu interesse pela língua de sinais, expectativas e sugestões para os encontros, com a finalidade de conhecermos o perfil da turma e as adequações necessárias para alcançar os objetivos da ação. Foi estruturado o planejamento geral e a cada encontro construía-se um plano de aula de acordo com o desempenho da turma. As aulas partiam da revisão dos conteúdos básicos da libras (parâmetros da língua de sinais, estrutura básica das frases, tipos de verbos, noções de classificadores e outros) sendo aplicados em contextos diversos considerando as muitas nuances da língua, que conforme afirma Gesser (2006,



p.18) “nas línguas de sinais as expressões faciais (movimento de cabeça, olhos, boca, sobrancelha etc.) são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua; por exemplo, na marcação de formas sintáticas e atuação de componente lexical.”

Desse modo, foi possível mesclar entre a teoria e a prática para que o aprendizado ocorresse de forma dinâmica e produtiva, sendo perceptível o interesse da turma e o anseio pela fluência. Nos encontros presenciais buscou-se priorizar o uso da Libras, contudo foi também necessário utilizar a língua portuguesa oral e escrita para elucidar as informações sinalizadas.

Buscando aprimorar a prática da sinalização a turma foi constantemente desafiada a desenvolver a fluência em atividades como: apresentação individual, diálogos, filmagens, conversação espontânea e etc. Além dessas foram também solicitadas atividades extras de entrevistas com pessoas surdas, pesquisa de sinais, vídeos em libras, e outras. A rede social Whatsapp também foi utilizada para interação da turma, bem como para postagem de atividades, e notou-se o engajamento e participação dos envolvidos.

Prezando pelo dinamismo das aulas convidamos alguns dos docentes surdos do CFP para participar dos encontros, esses momentos foram muito significativos para propiciar à turma a comunicação espontânea com pessoas surdas. Nesses encontros os cursistas sentiam-se à vontade para interagir com os convidados, como em uma prazerosa entrevista coletiva. Desse modo os participantes tiveram a oportunidade de ampliar o vocabulário com o aprendizado de novos sinais, observar a língua em uso e conhecer um pouco mais sobre a vida social dos surdos a partir dos seus relatos.

RESULTADOS

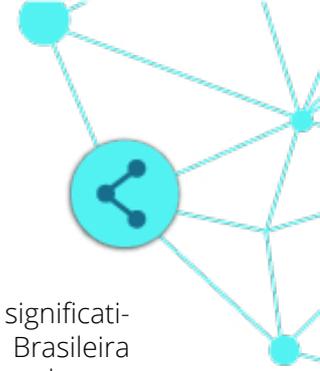
Durante o processo foram feitas algumas alterações da proposta inicial em relação ao período do curso, visto que para atender a necessidade da turma foi necessário estendê-lo para o semestre seguinte. Inicialmente foi definido o mês de julho para execução dos en-

contros, entretanto, o acúmulo de atividades no final do semestre para todos os envolvidos impossibilitou algumas reuniões. Ao término do semestre, os encontros foram suspensos para dar continuidade após o recesso. Porém, esta alteração nos trouxe o desafio de manter o encontro semanal no dia estabelecido, visto que houve mudança dos horários de todos no novo semestre.

Diante disso, a estratégia adotada para complementação da carga horária foi direcionar a turma para participar do I Congresso da pessoa com deficiência: incapaz é o preconceito, evento da universidade que ocorreu no CFP com a programação que envolvia mesas-redondas, oficinas e apresentação de trabalhos. O congresso abordou questões relacionadas à pessoa com deficiência no contexto acadêmico e social com ênfase para o respeito às diferenças e às suas potencialidades. No referido evento, a coordenadora do curso também ministrou oficina de estratégias comunicativas em Libras e atuou junto a equipe de tradução e interpretação do evento.

Com base nos parâmetros de avaliação previamente estabelecidos percebemos que os objetivos da atividade de extensão foram alcançados, uma vez que foi possível aplicar os conhecimentos básicos da libras na experiência empírica da conversação. Além disso, notou-se a motivação dos participantes para outras ações com o mesmo objetivo. Outro resultado positivo foi a possibilidade dos aprendizes refletirem sobre sua participação na comunidade surda e a necessidade de compreender não apenas os sinais mas, principalmente as peculiaridades culturais e identitárias do povo surdo. Este processo de reflexão é muito importante para a tomada de consciência das nossas ações na interação social com os surdos.

A conscientização de que a língua representa muito mais que uma forma de comunicação e sim a demonstração clara de aceitação do outro é fundamental para a convivência entre surdos e ouvintes em um mesmo espaço. Assim, consideramos que os resultados foram alcançados de modo satisfatório e que as experiências vivenciadas neste período motivaram a turma a se aprofundar no conhecimen-



to e na prática da Libras, contribuindo para maior segurança na interação com os surdos dentro e fora da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora cientes do ínfimo período de curso diante da complexidade da língua de sinais, a atividade foi concluída com boa produtividade e êxito. As dificuldades nos desafiaram a buscar estratégias viáveis que não comprometessem os resultados e marcaram positivamente a todos que participaram do processo.

Nesse sentido, o curso contribuiu significativamente para a difusão da Língua Brasileira de Sinais, valorização da pessoa surda e o acesso aos conhecimentos que permeiam as especificidades linguísticas e culturais dessas. Ao término do curso sentimos-nos motivados a desenvolver outras ações que alcancem um público maior da instituição, despertando a comunidade acadêmica para a importância de aprender a Língua Brasileira de Sinais e aproximar-se da comunidade surda, tornando a universidade mais receptiva e acessível.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em 10 de out 2020.

BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 10 de out 2020.

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20Lei%20n%C2%BA%2010.436,19%20de%20dezembro%20de%202000.> Acesso em: 11 de outubro de 2020.

BRASIL. Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,L%C3%ADngua%20Brasileira%20de%20Sinais%20%2D%20LIBRAS.>

Acesso em 11 de outubro de 2020.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B. de. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: _____. Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. cap. 1, p. 15.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR¹

UNIVERSITY EXTENSION: CONTRIBUTIONS TO THE TRAINING OF NUTRITIONISTS WITHIN THE SCOPE OF THE NATIONAL SCHOOL FEEDING PROGRAM¹

Dandara Leal dos Santos Ribeiro

Bacharela em Saúde e Graduada em Nutrição da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

E-mail: dandaralealribeiro@gmail.com

Neidiane Pereira dos Santos

Mestranda em Alimentos, Nutrição e Saúde. Nutricionista do Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição Escolar da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: aneps1986@gmail.com

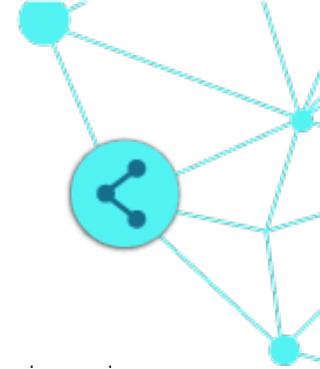
Vanessa de Souza Rodrigues Matos

Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde. Nutricionista do Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição Escolar da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: vanessa.matos86@gmail.com

Sheila Monteiro Brito

Doutora em Saúde Coletiva. Docente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: sheilambrito@ufrb.edu.br

¹ Apoio financeiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)



RESUMO

O objetivo deste relato é apresentar a experiência no projeto “Encontros de Formação de Nutricionistas no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar em Municípios Baianos” do CECANE-UFRB, com foco na potencialidade da Extensão Universitária para o processo formativo de estudantes de Nutrição. A ação extensionista envolveu participação na atividade formativa, desde a concepção metodológica, até o acompanhamento da realização dos encontros, com foco nas atribuições de Nutricionistas, interações com os atores sociais do Programa (gestores, Conselheiros de Alimentação Escolar, Merendeiras, Agricultores Familiares), e desafios e possibilidades para a execução do PNAE. Considera-se que a possibilidade de inserção de estudantes neste campo de prática, agregou conhecimentos significativos na perspectiva da Segurança Alimentar e Nutricional e do Direito Humano à Alimentação e Nutrição Adequada, através de reflexões políticas e sociais e troca de experiências nos processos formativos, proporcionando maior aproximação aos enfrentamentos na implementação do Programa. Assim, a prática extensionista no CECANE-UFRB proporcionou aproximação precoce e qualificada com o campo teórico-prático, contribuindo com ampliação das reflexões sobre o PNAE na formação em Nutrição, considerando a magnitude desta política pública, e fomentou ainda engajamento acadêmico, profissional e compromisso social, configurando-se como espaço formativo construtivo à aprendizagem transformadora dos discentes.

Palavras-chave: Nutricionista. PNAE. CECANE. Extensão.

ABSTRACT

The report aims to present the experience in the project “Meetings of Training of Nutritionists within the scope of the National School Meal Program in Municipalities of Bahia” of CECANE-UFRB, focusing on the potential of University Extension for the training process of Nutrition students. The extension action involved participation in the training activity, from the methodological conception, to the monitoring of the meetings, with a focus on the Nutritionists’ duties, interactions with the social actors of the Program (Managers, School Feeders, Lunch boxes, Family Farmers), and challenges and possibilities for the execution of the PNAE. It is considered that the possibility of inserting students in this field of practice, added significant knowledge in the perspective of Food and Nutritional Security and the Human Right to Food and Adequate Nutrition, through political and social reflections and exchange of experiences in the training processes, providing closer approach to the confrontations in the implementation of the Program. Thus, the extension practice at CECANE-UFRB provided an early and qualified approach with the theoretical-practical field, contributing to the expansion of reflections on PNAE in Nutrition training, considering the magnitude of this public policy, and also fostered academic, professional and commitment engagement social, configuring itself as a constructive formative space for the transforming learning of students.

Keywords: Nutritionist. PNAE. CECANE. Extension.

INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é uma política pública de caráter universal que visa a garantia do Direito Humano à Alimentação e Nutrição Adequada (DHANA) e a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) dos escolares da educação básica da rede pública de ensino. Para tanto, objetiva contribuir com a oferta de alimentação escolar adequada e

saudável de forma permanente, bem como a formação de hábitos alimentares saudáveis, através de ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), além do fortalecimento e o desenvolvimento da economia local, com a aquisição de gêneros alimentícios oriundos da agricultura familiar (AF), conforme as diretrizes da Lei nº 11.947/2009 e Resolução CD/FNDE nº 6/2020, que dispõem sobre o atendimento da alimentação escolar (BRASIL, 2009;



BRASIL, 2020).

O alcance desses objetivos demanda a articulação intersetorial com a participação de diferentes atores sociais, como: nutricionista; conselheiro da alimentação escolar; merendeira; gestores da Entidade Executora (EEx); agricultor familiar; comunidade escolar. A presença do nutricionista na Alimentação Escolar (AE) é regulamentada pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN), por meio da Resolução CFN nº 465/2010, que dispõe sobre as atribuições do profissional no âmbito do Programa, no qual assume a responsabilidade técnica coordenando as ações de alimentação e nutrição, na esfera da secretaria de educação municipal, estadual e da escola federal, além de compor o quadro técnico do setor.

Ao profissional compete, no exercício de suas atribuições, planejar e monitorar a execução dos cardápios da alimentação escolar, considerando o estado nutricional dos estudantes, a cultura alimentar, pautando-se na sustentabilidade, diversidade agrícola regional e promoção da alimentação adequada e saudável, participar dos processos de aquisição e distribuição dos gêneros alimentícios, coordenar ações de EAN e etc. (CFN, 2010).

Considerando as especificidades desta área de atuação, a exigência da assunção de responsabilidade técnica do PNAE pelo Nutricionista, e a cobertura universal do Programa no país, a demanda por profissionais capacitados para este campo é crescente, haja vista a centralidade do seu papel na realização desta política pública.

No entanto, observa-se que a formação profissional na graduação é insuficiente em conteúdos relacionados à concepção do PNAE, atribuições do nutricionista no Programa e regulamentação da execução, e tradicionalmente estes conteúdos são na maioria das vezes abordados em componentes curriculares optativos e/ou são restritos ao estágio curricular no final dos cursos, sendo que em alguns casos, o campo de prática do PNAE também é opcional, implicando que pode-se concluir um curso de Nutrição com estrutura tradicional sem ter vivenciado a alimentação e nutrição escolar.

Assim, se destaca a necessidade de adequação dos currículos de graduação em Nutrição às demandas atuais dessa formação, com a inclusão de disciplinas específicas sobre o PNAE e fomento à elaboração de projetos de pesquisa e extensão sobre a AE. Segundo Honório e Batista (2015), essas adequações são fundamentais e urgentes, porque “[...] temos uma das maiores ‘políticas públicas de alimentação escolar’ do mundo; uma ‘legislação específica’ que trata das atribuições profissionais; e um ‘crescimento expressivo na demanda por estes técnicos’, a partir da Lei nº 11.947/2009 [...]” (HONÓRIO; BATISTA, 2015).

Considerando o exposto, coloca-se em pauta a Extensão Universitária como uma possibilidade para a formação do nutricionista no contexto do PNAE, visto que este é um campo fértil à aprendizagem, pois favorece o alargamento do espaço de construção do conhecimento ao possibilitar vivências na comunidade e/ou nos diferentes campos de prática, permitindo a aproximação da realidade de atuação profissional, o que corrobora com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que define entre suas finalidades o desenvolvimento do espírito científico, o pensamento reflexivo e o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo atual (BRASIL, 1996; SÍVERES, 2013; SCARPARO et al., 2013).

Neste sentido, a experiência do Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição Escolar da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECANE-UFRB), instituído em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), tem contribuído para a formação acadêmica de estudantes de Nutrição e a educação continuada dos profissionais ao promover ações de pesquisa e extensão no contexto do programa, através das atividades desenvolvidas como a assessoria, monitoramento e formação de atores sociais do PNAE no estado da Bahia.

Diante disso, o presente relato tem como objetivo apresentar a experiência de discentes do projeto de extensão “Encontros de formação de Nutricionistas no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar- PNAE em municípios baianos”, tendo em vista a potencialidade para o aprimoramento formativo



por meio da ação extensionista.

AÇÕES E PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

Este trabalho tem caráter descritivo e baseia-se na vivência de estudantes vinculadas, no período de Junho a Novembro de 2019, ao projeto de extensão com ênfase na formação de Nutricionistas que atuam no PNAE, desenvolvido pelo CECANE-UFRB. Neste período as extensionistas graduandas em nutrição experienciaram e contribuíram com a construção metodológica, no contato aos profissionais participantes e estiveram presentes em parte dos 40 encontros realizados que resultaram na formação de 112 nutricionistas do estado da Bahia.

Os encontros ocorreram durante as assessorias técnicas desenvolvidas para as entidades executoras (EEx) do Programa e contaram com a participação de nutricionistas, coordenadores da alimentação escolar, conselheiros da alimentação escolar, merendeiras, professoras, agricultores familiares e gestores do município assessorado e dos circunvizinhos. As ações foram conduzidas por Agentes PNAE (nutricionistas e contadoras) com a participação de estudantes. A atuação das discentes se deu na forma de monitoria, prestando assistência às agentes responsáveis por conduzir as oficinas, além da participação ativa nas discussões realizadas.

Os encontros foram planejados com o objetivo de promover um espaço de reflexão sobre os elementos necessários para oferta de uma alimentação saudável e adequada no contexto do PNAE. Além de fomentar entre os atores sociais o reconhecimento do papel dos envolvidos no Programa e a necessidade de construir, de forma coletiva, estratégias de superação aos desafios de execução e promover a articulação para compartilhamento das potencialidades e enfrentamento dos desafios.

A concepção metodológica dos encontros foi construída de forma participativa pela equipe CECANE-UFRB, composta por docentes do curso de Nutrição, nutricionistas, contadora e discentes extensionistas. Sendo um momento de grande envolvimento das discentes exten-

sionistas, que as incentivou à busca ativa por conteúdos teóricos sobre o Programa e metodologias de ensino. Assim, nesta etapa foi possível fazer um resgate do contexto histórico referente ao desenvolvimento e evolução do PNAE como política pública de SAN, sendo discutidos seus aspectos normativos com ênfase na atuação do nutricionista e avaliadas propostas de métodos de ensino participativo.

Nesta construção acolheu-se as premissas do Marco de Referência em Educação Alimentar e Nutricional para Políticas Públicas (2012), e da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (2013), com objetivo de imprimir práticas pedagógicas pautadas no compartilhamento de saberes e soluções contextualizadas, por meio de relações horizontais e dialógicas. Considerou-se ainda, que a formação contextualizada no âmbito do trabalho produz e valoriza o conhecimento, e as experiências oriundas deste espaço promovem aprendizados mais significativos com potencial para mudança de práticas profissionais alicerçadas pela emancipação e pelo compromisso com a construção de um projeto democrático e popular.

Assim, a metodologia concebida compreendeu duas atividades com duração total de 8 horas. A primeira, intitulada “Teia de (re) memória da alimentação escolar”, objetivou contextualizar a evolução do Programa ao resgatar afetos/sentimentos da alimentação escolar nas vivências dos participantes. A dinâmica da teia foi baseada no questionamento das memórias da alimentação escolar dos atores, sendo registradas e organizadas em linha histórica para posterior discussão no contexto da SAN e DHAA.

A segunda atividade enfatizou a troca de experiências entre os atores sociais, sendo desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa os participantes foram reunidos em três grupos de trabalho (GT) para eleger questões relacionadas aos principais entraves na execução do programa, partindo das temáticas: controle social, agricultura familiar e procedimentos e técnicas do PNAE. Durante a segunda etapa os GT trocaram entre si as questões elaboradas para reflexão e construção de um



quadro conceitual com os elementos levantados. A terceira etapa consistiu na socialização das discussões, a partir da apresentação do painel conceitual construído por cada GT, no qual os participantes compartilharam dúvidas, trocaram experiências à medida que problematizam questões como: elaboração do cardápio; diagnóstico nutricional dos escolares; realização de teste de aceitabilidade; coordenação e realização de ações de EAN; aquisição de gêneros da agricultura familiar e prestação de contas.

No decorrer das atividades, as agentes PNAE e estudantes extensionistas estimularam a participação reflexiva e a discussão sobre a realidade concreta da gestão da alimentação escolar nos municípios, fomentando a articulação entre os atores institucionais dos diferentes setores para construção coletiva de estratégias de enfrentamento aos desafios apresentados, considerando as normativas vigentes.

A participação das estudantes extensionistas nos GT foi favorável para estimular a discussão e cooperação entre os participantes, essencial à dinâmica metodológica proposta. Em paralelo, proporcionou às discentes maior compreensão acerca do desenvolvimento do Programa através da interação e diálogo com os atores sociais, repercutindo em aprendizagens significativas, a partir das reflexões sobre realidades concretas e das vivências coletivas relativas ao campo de atuação profissional, no qual se apresentam os desafios, limites e possibilidades de realização da política.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

O projeto de extensão possibilitou aos participantes o desenvolvimento de reflexões políticas e sociais em relação à execução do PNAE nos municípios baianos de acordo com as especificidades locais, mediante troca de experiências nos processos formativos, o que proporcionou maior aproximação aos desafios de implementação, engajamento social e o aprimoramento da autonomia e responsabilidade profissional dos extensionistas.

Ressalta-se a valorização das construções coletivas nos encontros, haja vista o reconheci-

mento dos atores sociais enquanto sujeitos transformadores, com suas singularidades, em busca do fortalecimento do Programa. Desta forma, o extensionista ao vivenciar esta experiência desenvolve habilidades e competências pautadas no respeito às diversidades e em uma perspectiva dialógica, ferramentas necessárias para desenvolver a criticidade, o protagonismo e a comunicação.

Face a relevância da extensão, os encontros realizados se caracterizam como espaços de formação técnico-científica para acadêmicos em nutrição, por propiciar aproximação às questões referentes à alimentação escolar, principalmente no que tange à atuação do Nutricionista como responsável técnico do PNAE. Haja vista que no panorama nacional, os cursos de graduação abordam de forma limitada a área da alimentação escolar enquanto componente curricular obrigatório na formação destes profissionais. A temática é por vezes trabalhada através da oferta de componentes optativos de maneira descontextualizada e inespecífica (SANTOS et al., 2012).

Santana e Ruiz-Moreno (2012), em estudo sobre a abordagem de conteúdos referentes ao PNAE na formação acadêmica, identificaram que 79% dos nutricionistas do PNAE afirmaram que a abordagem foi insuficiente para a efetiva atuação profissional. Assim, muitos destes nutricionistas desconhecem a importância do programa enquanto política pública, o que dificulta a execução do mesmo e contribui com a invisibilidade e desvalorização da alimentação escolar.

Ainda nesse estudo, foram apresentadas sugestões dos nutricionistas em relação ao seu processo formativo no âmbito do Programa, como a troca de experiências e a valorização dos saberes entre os indivíduos, evidenciando a necessidade de considerar os participantes como protagonistas das atividades desenvolvidas. Além disso, foi destacado que a graduação deve permitir a participação ativa na sociedade como sujeitos transformadores na construção da identidade sociopolítica e da cidadania (SANTANA; RUIZ-MORENO, 2012).

Diante disso, convergir à implementação de conteúdos teóricos e experiências nas matri-



zes curriculares, associadas a atividades de extensão têm potencial de aprimorar a formação de nutricionistas para atuar no PNAE, além de favorecer uma educação transformadora capaz de estimular a participação ativa e mobilizadora dos graduandos. Dessa forma, o espaço oportunizado pela Universidade através do projeto de extensão descrito neste relato, permitiu a inserção das estudantes de Nutrição neste campo de prática, favorecendo a reflexão sobre o papel do nutricionista ao aproximá-las dos desafios na implementação do Programa. Ao mesmo tempo em que contribuiu para a formação do nutricionista que já atua na AE, compreendendo que a educação continuada é ferramenta necessária para suprir questões eventualmente não contempladas pelo foco teórico da graduação (HONÓRIO; BATISTA, 2015).

Nesse contexto, compreende-se que o CECANE-UFRB é um espaço de formação ativa para os extensionistas, visto que possibilita práticas que fomentam o desenvolvimento de novos saberes, competências e habilidades como a organização, comunicação social, diálogo, escuta sensível e responsabilidade profissional sobre o PNAE, ressaltando-o como uma política de SAN que visa a realização do DHANA. Além disso, subsidia a interlocução acadêmica, para além da sala de aula, com as particularidades da comunidade externa ao promover espaços transversais de reflexão e aprendizado em outros componentes curriculares durante a graduação.

REFLEXÕES FINAIS

Os caminhos metodológicos percorridos durante os encontros de formação dos atores sociais envolvidos com o programa, promovido pelo CECANE-UFRB, alcançaram significativamente os nutricionistas ressaltando a importância da educação continuada, além da troca de experiência para fortalecer a interseccionalidade e as estratégias de enfrentamento dos desafios encontrados.

A participação das estudantes extensionistas na concepção metodológica e nos encontros de formação propiciou uma aproximação crítica e reflexiva sobre a realidade do PNAE,

estimulou a busca por conteúdos referentes às atribuições de nutricionistas no Programa, assim como suas normas orientadoras, cuja teoria foi discutida e refletida, a partir da vivência daqueles que executam a política, possibilitando a aprendizagem em uma prática educativa ativa, sendo um espaço de ampliação dos conteúdos científicos e de experiência profissional envolvida com os aspectos sociais.

O aprendizado não se limitou ao conhecimento científico, sendo assim o projeto de extensão “Encontros de Formação de Nutricionistas no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar em Municípios Baianos”, estimulou nos extensionistas uma aprendizagem conceitual, coletiva e atitudinal, a partir da reflexão diante das situações problema, gerando conhecimentos que os tornam aptos à resolução de impasses ou conflitos no seu cotidiano, favorecendo o desenvolvimento acadêmico, profissional e o compromisso social.

Uma vez que o PNAE configura-se como uma política pública de amplo alcance no país e um campo promissor para a atuação do nutricionista, ressalta-se a necessidade de formação de profissionais implicados com o Programa, e acredita-se no potencial de projetos extensionistas no âmbito desta política, de modo a proporcionar novos espaços de formação construídos no campo da prática profissional, pois entende-se que profissionais com competências e habilidades nessa área são indispensáveis para contribuir com a contínua atualização do PNAE, a promoção da SAN e do DHANA.

Assim, a experiência despertou entre as estudantes reflexões quanto à formação fragmentada e tecnicista comum aos currículos da área de saúde, resignificando e valorizando uma formação integrativa mais coerente com as demandas sociais. Destaca-se o aprendizado participativo e democrático, promovendo o pensamento crítico dos extensionistas em relação à construção, implementação e papel das políticas públicas no âmbito da alimentação escolar como forma de enfrentamento dos problemas sociais.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 Dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 06 Ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 Jun. 2009. Disponível em:

<<https://www.fnde.gov.br/index.php/legislacoes/institucional-leis/item/3345-lei-n-11947-de-16-de-junho-de-2009>>. Acesso em: 06 Ago. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução nº 465 de 23 de agosto de 2010. Dispõe sobre as atribuições do Nutricionista, estabelece parâmetros numéricos mínimos de referência no âmbito do Programa de Alimentação Escolar (PAE) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 Ago. 2010. Disponível em:

<https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/resolucoes/Res_465_2010.htm>. Acesso em: 06 Ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas. Brasília: MDS; 2012. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/marco_EAN.pdf>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS. Brasília, DF: Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, 2013. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.htm> Acesso em: 20 Jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Resolução CONAC nº 38, de 09 de Agosto de 2017. Cruz das Almas, 2017. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/proext/images/Revis%C3%A3o_da_Resolu%C3%A7%C3%A3o.PDF>. Acesso em: 25 Jul. 2020.

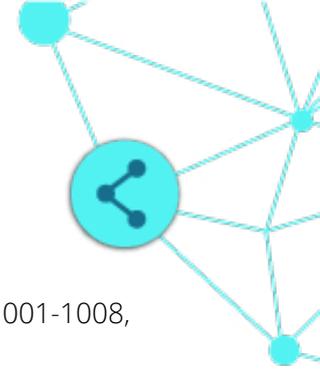
BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução nº 6, de 08 de maio de 2020. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 Maio. 2020. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/aceso-a-informacao/institucional/legislacao/item/13511-resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-6,-de-08-de-maio-de-2020>>. Acesso em: 05 Ago. 2020.

HONÓRIO, A.R.F.; BATISTA, S.H. Percepções e demandas de nutricionistas da alimentação escolar sobre sua formação. Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.13, n. 2, p. 473-492, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462015000200473&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 06 Ago. 2020.

SANTANA, T.C.; RUIZ-MORENO, L. Formação do nutricionista do PNAE. Revista Nutrire: Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 183-198, 2012.

SANTOS, L.A.S; PAIVA, J.B.; MELLO, A.L.; FONTES, G.A.V.; SAMPAIO, L.R.; FREITAS, M.C.S. O nutricionista no programa de alimentação escolar: avaliação de uma experiência de formação a partir de grupos focais. Revista de Nutrição, Campinas, v.25, n.1, p.107-117, 2012.

SCARPARO, A.L.S.; OLIVEIRA, V.R.; BITTENCOURT, J.M.V.; RUIZ, E.N.F.; FERNANDES, P.F.; ZYS, J.Z.; MOULIN, C.C. Formação para nutricionistas que atuam no Programa Nacional de Alimentação



Escolar: uma avaliação de efetividade. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v.18, n. 4, p.1001-1008, 2013.

SÍVERES, LUIZ (Org.). A extensão universitária como um princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, 2013. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083>>. Acesso em: 05 Ago. 2020.

EXTENSÃO PARA ALÉM DA EXTENSÃO: NOSSOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL EM PORTUGAL

EXTENSION BEYOND EXTENSION: OUR EXPERIENCE REPORTS ABOUT THE INTERNATIONAL ACADEMIC MOBILITY IN PORTUGAL

Amanda Botelho Teixeira

Graduanda do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
oop.amanda@gmail.com

Emily Ferreira Moraes Souza

Bacharela Interdisciplinar em Saúde - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, graduanda em Psicologia da UFRB.
emilinhaass@gmail.com

Joyce Souza Dantas

Bacharela Interdisciplinar em Saúde - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, graduanda em Psicologia da UFRB.
dantassjoyce@gmail.com

Renata Conceição Santos

Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia-UFBA.
rsantos4p@gmail.com

RESUMO

Durante o período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020, três graduandas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) estiveram em Mobilidade Internacional no Instituto Politécnico de Bragança (IPB) em Portugal. O presente relato narra as vivências, especialmente acadêmicas, das discentes; as abordagens teóricas e práticas dos seus estudos, as participações em eventos científicos, o envolvimento em projetos e produções, bem como a combinação dessas experiências com o contato com a comunidade interna e externa do IPB. Por fim, destaca-se a potência das assimilações feitas nesse processo como ferramenta para a UFRB. Além da importância do intercâmbio para diferentes aspectos da formação acadêmica, profissional e pessoal.

Palavras-chave: Intercâmbio. Pesquisa. Ensino. Vivências.

ABSTRACT

During the period from February 2019 to February 2020, three undergraduate students from Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) were in International Mobility in Instituto Politécnico de Bragança (IPB), in Portugal. This report narrates the experiences, especially academic, of the students; including theoretical and practical approaches in their studies, attendance at scientific events, involvement in projects and productions, as well as the combination of these experiences with contact with the academic and local community. Finally, the power of assimilations made in this process is highlighted as a tool for UFRB itself. In addition to the importance of exchange for different aspects of academic, professional and personal development.

Keywords: Exchange. Research. Teaching. Experience.

INTRODUÇÃO

Nesse relato pretendemos discutir o papel da mobilidade internacional em uma instituição socialmente referenciada e suas implicações para os sujeitos envolvidos, evidenciando a sua complexidade a partir das nossas vivências. A priori, destacamos que a mobilidade internacional não se constitui em uma prática recente, uma vez que o movimento de mestres e alunos por diversos países visando uma troca de saberes é um marco dos primeiros centros de ensino do mundo. No atual contexto, demarcado pelo processo de globalização, muitas nuances permeiam esse fenômeno que se intensificou em observância da centralidade que o conhecimento vem adquirindo nos processos de produção.

Destacamos que a internacionalização na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) corresponde a um elemento bastante difuso e diverso, pois dialoga com o desafio de conduzir ações internacionais em uma instituição multicampi e situada no interior, na qual a mobilidade discente ainda se constitui em um dos elementos mais visíveis dessa atividade, tendo sido impulsionada, mais recentemente, por conta de programas governamentais como o Ciência sem Fronteiras.

Compreende-se mobilidade acadêmica internacional como o processo pelo qual o estudante desenvolve atividades em instituição de ensino estrangeira, mantendo o vínculo de matrícula com a instituição de origem, para a qual deve retornar a fim de concluir seus estudos. Tal prática nasce com o objetivo de democratizar o conhecimento, com a possibilidade da/o discente participar de um intercâmbio para realizar estudos, pesquisas, em outra instituição de ensino superior conveniada com a UFRB, permitindo crescimento pessoal além do acadêmico.

Os programas de mobilidade internacional se iniciaram em 2009 na UFRB e têm crescido aos poucos, permitindo intercâmbio para países como Portugal, México e Alemanha, nos quais buscam-se promover e fomentar ações acadêmicas, científicas e culturais através da colaboração das atividades de ensino, pesquisa e extensão em uma construção do conhe-

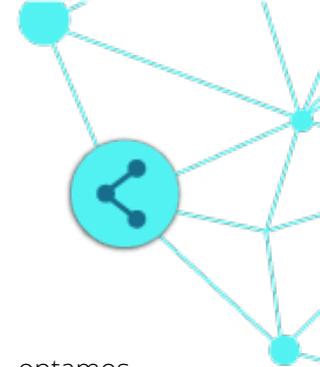
cimento.

Quando houve o processo seletivo, optamos pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB), situado em Portugal, e esta foi uma escolha comum entre nós. Em parte, pela familiaridade com a língua compartilhada entre Brasil e Portugal, assim como pela diversidade e qualidade de ensino destacadas em nossas pesquisas sobre a instituição. Além disso, após diálogo com estudantes que realizaram mobilidade no instituto, recebemos boas indicações sobre as suas instalações e os seus equipamentos, do mesmo modo que a qualidade e baixo custo de vida da cidade de Bragança, foram fundamentais para esta decisão.

O vínculo acadêmico e cultural foi um elemento fundamental quando decidimos pelo IPB e sobre este aspecto ressaltamos que, a referida instituição recebe em média, por ano letivo, 600 estudantes de várias instituições de ensino superior europeias, através do programa Erasmus, e também aqueles oriundos de países de língua oficial portuguesa (IPB, 2020). Apresenta-se, por isso, não apenas como um ambiente de acesso possível, mas especialmente interessado na produção e circulação do conhecimento a partir da troca de diferentes narrativas.

Aqui, portanto, pretendemos expor as vivências acadêmicas das discentes; as abordagens teóricas e práticas dos seus estudos, as participações em eventos científicos, o envolvimento em projetos e produções, bem como a associação dessas experiências ao contato com a comunidade interna e externa do Instituto Politécnico de Bragança. Dá-se também como relato do processo e da compreensão deste como um ciclo substancial para a construção pessoal e profissional das discentes ou mesmo como ferramenta a ser utilizada pela e para a UFRB.

Cada um dos temas expostos neste trabalho foi experimentado entre o período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020, quando realizamos a mobilidade internacional no IPB, em Portugal, por meio dos acordos estabelecidos com a UFRB. Sob essa perspectiva, vale também sublinhar a afinidade destas vivências com as possibilidades que os respectivos cur-





tos de origem ofereciam, sendo estes: a Psicologia e o Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT).

PROCESSO PARA MOBILIDADE

A oportunidade do intercâmbio começou a ser pensada quando a Superintendência de Assuntos Internacionais (SUPAI) lançou um edital para que estudantes pudessem ter uma experiência na modalidade internacional em Portugal. Analisando os relatos das experiências vividas por outros estudantes da UFRB, percebendo o quão rico seria essa vivência cultural, acadêmica, pessoal e profissional, vimos uma grande possibilidade de participar da seleção para a mobilidade.

Dentre os pré-requisitos básicos para a inscrição na modalidade acadêmica internacional da UFRB com o IPB, consideramos importante destacar os seguintes critérios: estar regularmente matriculado em um curso de graduação da UFRB compatível ou equivalente com o curso pretendido na instituição estrangeira; ser maior de 18 anos; possuir Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) igual ou superior a 6; ter no máximo três reprovações nos dois últimos semestres e ter integralizado, no mínimo 20% e no máximo 70% da carga horária do curso, no momento da inscrição.

Também compõe o processo seletivo a etapa da entrevista; análise da carta de intenções; contrato de estudos da instituição de destino; currículo lattes e plano de estudos aprovado e assinado pela coordenação do curso, observando-se que as matérias escolhidas devem somar entre 20 e 36 créditos, aproximadamente entre 4 e 6 componentes. Cumprimos todos os requisitos que nos levaram à aprovação no processo seletivo.

Após a aprovação, foi necessário providenciar a documentação, que foi encaminhada à instituição de destino e a partir daí, aguardar a carta de aceite do instituto, para darmos continuidade aos trâmites, a saber: solicitação do seguro saúde e do visto, compra das passagens e embarque com destino ao nosso sonho. A busca por moradias se deu através de discentes da UFRB que já se encontravam

na cidade de Bragança. Inicialmente enfrentamos algumas dificuldades, mas antes mesmo de chegarmos a Portugal, já tínhamos onde residir.

Duas de nós, sendo uma estudante de Psicologia e outra do BICULT, decidimos estender nossa mobilidade por mais um semestre, enquanto a outra estudante de Psicologia participou da mobilidade no segundo semestre de 2019, no período de setembro a fevereiro de 2020.

ENSINO: A VIDA NO IPB

Ao chegarmos ao instituto, fomos bem recebidas, a instituição faz uma recepção para os estudantes de mobilidade e se coloca à disposição para tirar dúvidas. Durante todo o período letivo, aconteceram vários eventos de socialização entre a comunidade do IPB que possibilitaram a nossa integração com o corpo acadêmico.

Há também a oportunidade de cursar componentes curriculares de mestrado pelos(as) discentes da UFRB matriculados(as) no segundo ciclo dos bacharelados ou que já tenham completado os três primeiros anos dos cursos de progressão linear de graduação (UFRB, 2019). É importante destacar que as graduações em Psicologia e BICULT não fazem parte do quadro de cursos oferecidos pelo IPB, mas há a possibilidade de matrícula em cursos com bases teóricas e curriculares similares.

Como consequência, é necessário buscar por temas comuns a estes campos em cursos de diferentes naturezas. Para a psicologia, destacam-se as grades dos cursos de graduação em Relações Lusófonas e Língua Portuguesa, graduação e mestrado em Educação Social e graduação em Dietética e Nutrição; para o BICULT, por outro lado, e com exceção do último citado, acrescentam-se Arte e Design, além de Animação e Produção Artística.

Metodologicamente, os pilares do IPB se assemelham aos da UFRB em questões de Ensino e Pesquisa, mas observamos uma pouca adesão ao debate sobre a maioria dos assuntos expostos em sala de aula e, quando ocorriam, costumavam ser feitos por alunos que estavam em mobilidade. Nesse sentido, vale

ressaltar também a prioridade dada em uma abordagem prática nas disciplinas de arte e cultura.

Destacamos como ampla, a prática da Pesquisa em todas as escolas do IPB, visto que semestralmente aconteciam apresentações do percurso de um projeto, até o mesmo virar uma pesquisa. Durante o semestre, essas apresentações ocorriam junto a uma banca examinadora para analisar o desenvolvimento da pesquisa do orientando e orientador de diversos cursos do IPB e sobre diferentes temáticas. Elas eram abertas e os alunos tinham a possibilidade de expor os objetivos da pesquisa, as vivências e as reflexões. Ao final do período, ocorria uma última apresentação para exposição das conclusões das investigações.

PESQUISA E EXTENSÃO: PARA ALÉM DOS MUROS DA SALA DE AULA

Não apenas para fins avaliativos foram incentivadas as produções acadêmicas, esse princípio se sustenta também na realização do Encontro de Jovens Investigadores do IPB (EJI), no qual pesquisadores no início de suas formações são convidados a submeter seus estudos à avaliação da comunidade acadêmica do IPB. Busca-se, com isso, introduzir aspectos dos eventos científicos a estes indivíduos, bem como estimular a troca interdisciplinar das produções intelectuais e tecnológicas (EJI, 2020).

Fruto de uma das disciplinas cursadas durante o primeiro semestre da Mobilidade Internacional, “Políticas Públicas de Saúde Mental no Brasil e em Portugal” foi um dos trabalhos apresentados por Joyce. Junto a outra oportunidade, intitulada “Realidade Virtual no Diagnóstico e no Tratamento da Esquizofrenia: Uma Revisão Sistemática”, produto do estágio em iniciação científica realizado no instituto e também de um aprofundamento após a apreciação da primeira apresentação, com a exposição do processo e dos resultados preliminares, por uma banca.

Para além dos muros do IPB, nós, estudantes de Psicologia, participamos do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, promovido

pela Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde (SPPS) e sediada na cidade de Covilhã, Portugal. Apresentamos, Joyce e Emily, respectivamente, “Políticas Públicas e Intervenção Familiar na Esquizofrenia em Portugal e no Brasil”; “Contribuições da Psicologia para a Promoção de Saúde na Escola inclusiva”, em pôster, e “Laoncorb e a Promoção do apoio Psicoterapêutico nas UBS’s no Brasil”, no qual Emily narrou e discutiu as ações de uma das Ligas do Centro de Ciência da Saúde (CCS) da UFRB. Somam-se também a essas experiências a presença em congressos e seminários nacionais e internacionais, palestras e alternativos eventos acadêmicos, especialmente nas áreas da Saúde, do Direito e da Política, da Cultura e da Arte.

Vale enfatizar o interessante vínculo com a comunidade externa que a instituição estabelece, integrando-se às diferentes esferas da sociabilidade bragantina e colaborando com organizações e corpos da cidade e região; sejam elas associadas às áreas da Saúde, da Assistência Social, das Engenharias, das Ciências Agrárias, dentre outras. É importante destacar a oportunidade de aprendizado para além das salas de aula, pois acreditamos que exista um grande proveito dessas áreas mais precisas para colocar em discussão durante o processo formativo na UFRB.

Assim como o estágio de investigação realizado por Joyce, é possível construir um plano de estudos com parte dos créditos destinados à atuação em atividades relacionadas a estes ambientes. Nesse sentido, outro exemplo foi a participação de Emily na Cruz Vermelha, onde atuou na assistência social, com ênfase na organização e distribuição de itens de necessidade básica, bem como na comunicação comunitária. Houve ainda o trabalho desenvolvido por Amanda junto ao Museu do Abade de Baçal (MAB), que consistia em catalogar a coleção de exemplares presentes na biblioteca do local, a fim de garantir a preservação e a consulta interna e externa desses conteúdos.

Por fim, sublinha-se os projetos Erasmus+ realizados na Polônia, subsidiados pela União Europeia (UE) e organizados pela AKTO – Direitos Humanos e Democracia, dos quais Joyce e Amanda fizeram parte; Youth Against





Radicalism e How to organize raising-tolerance events, respectivamente. O primeiro com o intuito de elaborar e produzir um material gráfico a partir das pesquisas e discussões desenvolvidas, enquanto o segundo tinha como objetivo a produção e a execução de um festival internacional. Ambos, porém, contavam com a composição de grupos de diferentes países da Europa, além de oficinas diárias e atividades de interação entre os participantes.

Ainda como um dos principais eixos, as iniciativas preveem uma participação ativa dos jovens no desenvolvimento sustentável dos espaços nos quais são inseridos (COMISSÃO EUROPEIA, c1995); principalmente por meio das organizações locais e do intercâmbio de saberes e de vivências, considerando as diferentes lógicas e modos de fazer, existir dos sujeitos e das suas respectivas culturas. Ao passo que o intenso e constante contato com os demais participantes, para além de uma formação e aquisição de múltiplas competências, produz uma perspectiva mais alargada das possibilidades e das questões particulares, ou mesmo compartilhadas, que emergem de cada realidade.

Pode-se dizer que tais aspectos foram experimentados por nós no decorrer de todo o processo da mobilidade; seja nas rotinas diárias no IPB e em Bragança ou mesmo nas oportunidades de percorrer diferentes e inúmeras cidades pelo continente europeu. Na negociação constante com aqueles que encontramos, anfitriões ou não, e também na construção de uma rede de colaboração cada vez mais diversa, cujas ações e relações se estendem, direta ou indiretamente, ao corpo da UFRB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas posturas são reclamadas a alunos que experimentam a vida em um ambiente diferente daquele de origem, especialmente no atravessar do oceano, como aconteceu conosco. A adaptação passa por, em maior ou menor grau, questões sensíveis a seus valores e crenças, ao seu próprio corpo e existência, a suas relações e afetos. Torna-se notável, por isso, como Oliveira e Pagliuca (2012, p. 196) destacam, “o desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se” e, como consequência, o sentimento de participação e agência na vida social após a vivência.

Cada experiência relatada evidencia uma densa e particular formação pessoal, acadêmica e profissional. Ao passo que nelas também estão uma atuação sobre o espaço, sua sociabilidade e sua composição, de forma que um considerável número de atividades que desenvolvemos resultou em produtos de natureza intelectual ou material para a comunidade interna e externa do IPB.

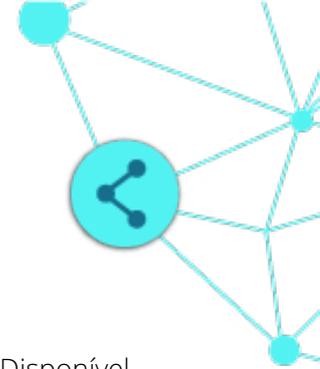
Além da participação individual nesse corpo acadêmico de múltiplas nacionalidades e na comunidade bragantina, é interessante sinalizar positivas possibilidades de uma progressiva e contínua inserção internacional da UFRB, assim como de seus pesquisadores (DALMOLIN et al., 2013) e, por isso, de suas produções; bem como a utilização e readaptação dos conhecimentos e exemplos assimilados durante a mobilidade internacional como ferramenta para instituição e para a região do Recôncavo da Bahia.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Fernanda. Em seus 12 anos, UFRB comemora maioria negra e pobre no ensino superior. UFRB, 2017. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>> Acesso em: 04 ago. 2020.

COMISSÃO EUROPEIA. O que é Erasmus+ ? Disponível em: <https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt> Acesso em: 06 ago. 2020.

DALMOLIN, Indiará Sartori et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. Revista Brasileira de Enfermagem, 2013 Disponível em: <ht-



[tps://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf)> Acesso em: 05 ago. 2020.

EJI. VI Encontro de Jovens Investigadores do Instituto Politécnico de Bragança. 2019. Disponível em:<<http://www.eji.ipb.pt/>> Acesso em: 06 ago. 2020.

IPB. Estudar no IPB. Disponível em: <<http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/ipb/estudar-no-ipb>> Acesso em: 05 ago. 2020.

OLIVEIRA, M. G.; PAGLIUCA, L. M. F. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2012 mar. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n1/a26v33n1.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2020

SUPAI. Abertura de seleção de estudantes da graduação para mobilidade acadêmica internacional no Instituto Politécnico de Bragança, sem contrapartida institucional, custeada integralmente pelo(a) discente. EDITAL N° 03/2019 UFRB - SUPAI/PROGRAD. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/supai/images/editalipbrecursosproprios2019/EditalIPBrecursospr%C3%B3prios_03_2019_julho.pdf> Acesso em: 04 ago. 2020.

SUPAI. Protocolo de Intenções entre a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e o Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/supai/images/IPB.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2020.

UFRB. Mobilidade Acadêmica. Núcleo de programas e projetos. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/nuprop/programa-de-mobilidade-estudantil>> Acesso em: 04 ago. 2020.

PROMOVENDO A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL EM UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA DO LAGO DA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

PROMOTING ENVIRONMENTAL CONSCIOUSNESS IN AN AMAZONIAN
COMMUNITY IN THE RESERVOIR OF TUCURUÍ HYDROELECTRIC POWER
PLANT

Rosete Sabaa Srur de Andrade

Graduanda do curso Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará (IFPA),
Campus Tucuruí.
rosesabaasrur@gmail.com

Beatriz Souza da Silveira

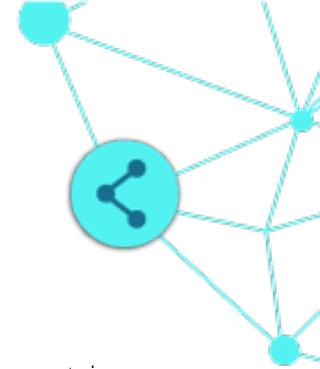
Graduanda do curso Engenharia Sanitária e Ambiental do Instituto Federal do Pará (IFPA),
Campus Tucuruí.
beatriz.souza.silveira20@gmail.com

Enayle Maria de Freitas Silva

Graduanda do curso Engenharia Sanitária e Ambiental do Instituto Federal do Pará (IFPA),
Campus Tucuruí.
enaylesilva2@gmail.com

João Elias Vidueira Ferreira

Professor doutor do Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Tucuruí.
joao.elias@yahoo.com.br



RESUMO

As questões ambientais tem adquirido grande importância nas últimas décadas, pois envolvem diretamente a nossa qualidade de vida e até mesmo a nossa sobrevivência. Esse trabalho é um relato de experiência acerca de ações de extensão universitária, que tiveram como objetivos promover a consciência sobre a preservação do meio ambiente em uma comunidade ribeirinha de pequena extensão territorial conhecida como Vila do km 11, localizada aproximadamente a três quilômetros da hidrelétrica de Tucuruí, no Estado do Pará. Essas ações compreenderam diagnóstico socioambiental da área de estudo, confecção de um livreto sobre Educação Ambiental e conversas sobre preservação do meio ambiente com pessoas que moram, trabalham ou visitam a referida vila. Verificou-se que a comunidade apresenta muitos problemas ambientais e sociais, ocasionados principalmente pela ocupação desordenada desse espaço geográfico. Assim, esse trabalho contribuiu para levar informação à comunidade e conscientizar as pessoas acerca da busca conjunta de soluções para a preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Saneamento básico. Sustentabilidade. Amazônia.

ABSTRACT

Environmental issues have gained great importance in the last decades, since they involve directly our life quality and even our survival. This work describes actions intended to promote conversations about environmental protection in a small community known as Vila do km 11, settled around three kilometers from the reservoir of Tucuruí hydroelectric power plant, Pará state. The actions performed comprised social-environmental diagnosis of the area, production of a booklet on environmental education and conversations about environmental protection with people who live, work or visit the place. It was observed that the community presents many social and environmental problems caused mainly by the disorganized occupation of the geographic space. So this work contributed to convey information to the community and make people reflect on the search of solutions for the protection of the environment.

Keywords. Environmental Education. Basic sanitation. Sustainability. Amazonia.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a preservação do meio ambiente mostra-se cada vez mais relevante para a sociedade atual, pois a nossa sobrevivência depende da relação existente entre os seres humanos e os demais elementos integrantes do meio ambiente. Portanto, a manutenção do planeta Terra é de responsabilidade de todos os seus habitantes.

Nesse sentido, considerando a necessidade de preservar o meio ambiente no planeta, Talamoni et al. (2018) alertam que o planeta vem sofrendo ultimamente com problemas ecológicos de grandes proporções, necessitando de transformações por parte da sociedade, uma mobilização que venha transformar a educação o respeito e a atitude do ser humano para com o meio em que vivem. Essas transformações são necessárias para preser-

vação do meio ambiente que se encontra em acelerado processo de degradação.

Na percepção de Mallmann, Carniatto e Plein (2020), a Educação Ambiental realizada em ambiente formal ou informal assume a função de sensibilizar e capacitar os indivíduos para a tomada de decisão, objetivando dessa maneira que sejam conscientes das consequências das relações entre os homens, a sociedade e a natureza.

Segundo dados do IBGE (2020), a proporção de municípios com serviço de esgotamento sanitário era no Brasil, em 2017, de 60,3%, sendo que na Região Norte essa proporção era a menor de todas as regiões do país: 16,2%. No Estado do Pará, o percentual de municípios com serviço de esgotamento sanitário por rede coletora em funcionamento não chegava a 25%. Essa também é uma triste realidade de



uma pequena comunidade ribeirinha conhecida como Vila do km 11, localizada ao lado da hidrelétrica de Tucuruí, no Estado do Pará.

Este trabalho é um relato de experiência acerca de ações de extensão universitária, que tiveram como objetivos realizar um diagnóstico socioambiental da comunidade Vila do km 11; compreender o comportamento ambiental dos moradores, comerciantes e visitantes do local e orientar as pessoas que moram, trabalham ou visitam a vila sobre a importância da preservação do meio ambiente.

METODOLOGIA

No desenvolvimento deste trabalho de extensão, houve a formação de um grupo composto por um professor orientador e três discentes do Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Tucuruí. Esse grupo realizou as ações descritas a seguir, que aconteceram no final de 2019. No mês de novembro foi realizado um levantamento bibliográfico relacionado à temática ambiental para dar suporte teórico ao andamento do trabalho. Nesse mesmo mês foi feito o diagnóstico socioambiental da área de estudo e produzido um livreto sobre Educação Ambiental para ser usado como material educativo na comunidade Vila do km 11. Em dezembro, aconteceram as conversas educativas.

O diagnóstico socioambiental da área de estudo teve como objetivo fazer um “retrato” do lugar, ou seja, traçar um perfil baseado nos cenários naturais e sociais. Nesse sentido, foram consideradas as condições das edificações, áreas de risco (principalmente aquelas expostas a sofrer inundação), condições de saneamento básico (rede de água e esgoto), pavimentação de vias, limpeza urbana, presença de animais, arborização e áreas de lazer. Para isso, aconteceram visitas em diversas áreas da Vila do km 11, onde foram feitos registros de imagens e observações que serviram para compreender melhor o patrimônio ambiental ali existente. Nesse diagnóstico, foi feito um mapeamento das irregularidades ambientais encontradas e como elas podem comprometer o meio ambiente e a qualidade de vida daquelas pessoas.

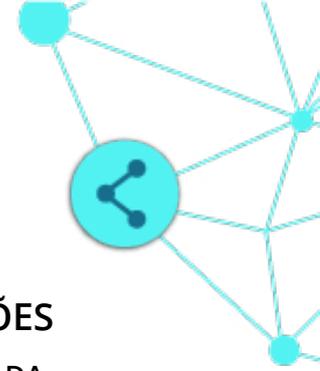
O processo de produção do livreto iniciou com a ideia de se fazer um material educativo que pudesse mostrar desenhos com cenários do lugar onde o mesmo seria distribuído, ou seja, a Vila do km 11. Posteriormente foram selecionadas informações sobre preservação do meio ambiente, que serviram para compor o texto do livreto.

Procurou-se utilizar uma linguagem clara, objetiva e com palavras simples, do dia-a-dia daquelas pessoas. Essa linguagem tinha como objetivo fazer com que o leitor conseguisse localizar rapidamente a informação e entendê-la, considerando as características do público alvo, que eram pessoas com baixa escolaridade. O livreto mostrava frases e imagens educativas destinadas a impulsionar a reflexão do leitor acerca do que se passa na comunidade da Vila do km 11 com relação ao meio ambiente, além de refletir sobre a sua própria postura com relação à situação do lugar. Todos os desenhos foram feitos de forma colaborativa por alunos do IFPA.

O livreto tinha ao todo 12 páginas e media aproximadamente 10 cm de largura por 15 cm de altura. O mesmo foi impresso colorido em uma gráfica de Tucuruí. O papel utilizado era do tipo fotográfico com gramatura de 120 g/m². Após impresso, as folhas de papel foram dobradas ao meio e grampeadas, de tal modo que o material podia ser aberto em duas partes.

Após a produção do livreto, foram realizadas visitas à comunidade para a realização das conversas sobre Educação Ambiental. Para isso, foram formadas duas duplas (autores desse trabalho), que percorreram determinada área da comunidade e conversaram com pessoas em suas residências, nos estabelecimentos comerciais ou na própria rua.

Quando uma pessoa era abordada, havia primeiramente a identificação dos executores do projeto e era apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que informava os propósitos daquela atividade e a metodologia a ser seguida, além da preservação do anonimato dos participantes. Havendo concordância, então se iniciava a conversa sobre meio ambiente.



As conversas eram direcionadas por um mesmo roteiro. Nesse aspecto, o livreto serviu para guiar as conversas, pois ele continha em suas páginas conteúdos relacionados à questão ambiental. Esses conteúdos compreendiam o tempo de decomposição dos resíduos sólidos, as principais doenças relacionadas com o lixo e a importância da reciclagem. Portanto, no decorrer das conversas, esses assuntos tratados no livreto eram sempre explorados.

Além dos conteúdos do livreto, algumas observações que os autores faziam aos moradores, comerciantes e visitantes do local sobre a necessidade de preservação ambiental naquela comunidade também direcionaram as conversas. Os autores comentavam nas conversas sobre as condições de limpeza do lugar, da presença de resíduos sólidos descartados de forma irregular nas vias públicas e no lago e qual o papel de cada um nesse contexto.

A ÁREA DE ESTUDO: A COMUNIDADE VILA DO KM 11, TUCURUÍ-PA

A comunidade Vila do km 11 fica a aproximadamente três quilômetros do imenso paredão de concreto construído para abrigar a usina hidrelétrica de Tucuruí, Estado do Pará. Ela está situada na margem da BR 422, que divide essa vila ribeirinha de uma outra vila, de propriedade da empresa que administra a barragem.

A Vila do km 11 surgiu a partir de uma ocupação desordenada às margens do grande lago formado pelo aprisionamento das águas do rio Tocantins quando a barragem foi construída. O cenário é composto por algumas dezenas de edificações que incluem casas, comércios e templos religiosos. Não possui nenhuma escola, nenhuma praça e a arborização é escassa, mas sobram problemas.

O local é conhecido como um entreposto de pesca e por ele são recebidos e comercializados os peixes capturados nas águas da represa. Além disso, a Vila do km 11 funciona como um local de embarque e desembarque de mercadorias e passageiros que se locomovem em pequenas embarcações até uma das centenas de ilhas que se formam dentro do lago inundado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL DA COMUNIDADE

As construções na comunidade são irregulares e algumas improvisadas, que se amontoam ao longo de pequenas ruas e becos sem calçamento e saneamento básico. Além disso, algumas construções, principalmente as palafitas, ficam a poucos metros do lago e, por isso, estão sob o risco de serem inundadas caso ocorra uma grande cheia.

Neste lugar não existe uma adequada rede de saneamento básico e o esgoto corre a céu aberto, caindo diretamente nas águas do lago. Isso é extremamente preocupante, pois crianças brincam nas proximidades e acabam entrando em contato direto com a água contaminada. Na realidade, constatou-se inclusive a eutrofização da água, a qual em alguns pontos adquiriu a tonalidade esverdeada, como consequência da intensa proliferação de algas, fruto da poluição. A eutrofização é reconhecida como um dos problemas de qualidade da água de maior importância na atualidade. Dentre os males causados pela eutrofização, podem ser destacadas a proliferação acelerada de macrófitas aquáticas e algas que são capazes de produzir substâncias tóxicas nocivas à saúde (BARRETO et al., 2013).

Outro aspecto a considerar diz respeito ao descarte e coleta de resíduos sólidos. Embora exista regularmente um serviço de coleta desses resíduos, não há uma disposição adequada do lixo e tão pouco uma coleta seletiva. Também não há receptores de lixo distribuídos em número suficiente, tendo sido encontrado apenas um container já completamente cheio de lixo. O descarte de materiais orgânicos em via pública e no lago, principalmente restos de alimentos, tem atraído animais como urubus, cachorros, ratos e gatos.

Segundo Silva (2015), o lixo traz problemas diretamente ao ser humano, pois o lixo urbano causa doenças sérias na população. O lixo oferece água, abrigo e principalmente alimento para o desenvolvimento de várias formas de vida, particularmente as de insetos, e de animais considerados pragas urbanas, como

ratos, pombos, baratas e moscas, que são transmissores de doenças, e de agentes que podem causar infecções como vermes, vírus, bactérias e fungos.

Além disso, nessa comunidade, muitas pessoas que ali residem possuem baixa escolaridade e baixa renda econômica. A gravidez na adolescência foi outra realidade constatada, contribuindo para afastar as meninas da escola. O local é ainda considerado violento, mesmo não sendo muito populoso.

O LIVRETO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A capa do livreto trazia o título “Refletindo sobre o meio ambiente na comunidade do km 11, Tucuruí-PA” e um desenho colorido ilustrando a Vila do km 11, com suas palafitas e canoas na beira do lago (Figura 1). A contracapa identificava os autores e novamente mostrava um desenho ilustrando a visão que se tem do lago da hidrelétrica de Tucuruí a partir da Vila do km 11. Na primeira página foram inseridas frases de reflexão e motivação sobre preservação ambiental. Na página seguinte, eram listados os problemas gerados pelo lixo e também havia imagens mostrando o tempo de decomposição de diversos resíduos sólidos como papel, plástico, vidro etc.

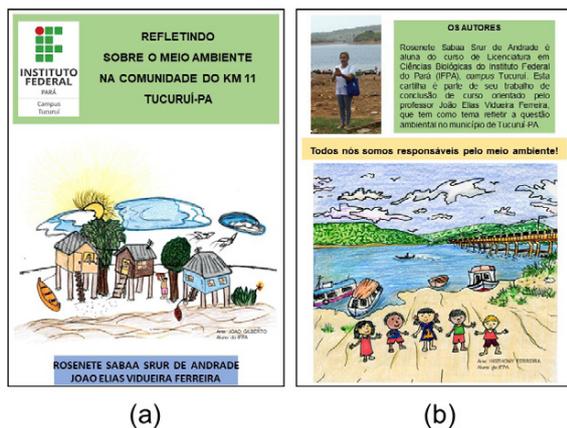


FIGURA 1 – (a) Capa do livreto sobre educação ambiental utilizado na comunidade Vila do km 11, Tucuruí-PA. Na capa aparece o título, os nomes dos autores e um desenho ilustrando as palafitas da Vila. (b) Contracapa mostrando uma das autoras, uma breve descrição sobre os autores e um desenho ilustrando o lago da hidrelétrica de Tucuruí. **Fonte:** Andrade e Ferreira, 2019.

Nas páginas 3, 4 e 5, foram descritas, brevemente, as doenças relacionadas ao problema

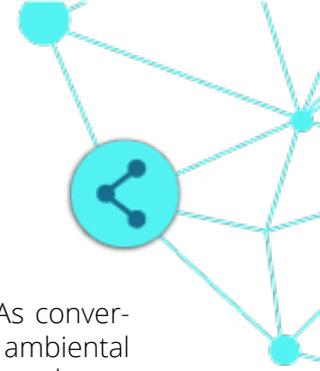
do lixo ou à água contaminada (dengue, amebíase, hepatite A, febre tifóide, leptospirose, cólera, esquistossomose e lombriga). Ao lado de cada doença descrita, havia um desenho colorido do transmissor. Na página 6, foram dadas dicas de como manter um ambiente limpo. As páginas 7 e 8 abordavam os 3Rs: reduzir, reutilizar e reciclar. A descrição dos coletores dos resíduos sólidos em uma coleta seletiva foi feita na página 9 e a última página trazia uma receita simples de como produzir adubo com lixo orgânico.

CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ao todo foram estabelecidas conversas sobre Educação Ambiental com 45 pessoas. Todas elas eram maiores de idade, exceto uma, que tinha 17 anos. A maior parte delas estava na faixa etária entre 18 e 30 anos de idade. Todas as pessoas abordadas aceitaram contribuir com esse projeto.

A conversa começava com a apresentação do livreto. Cada página do mesmo era explicada conforme o conteúdo lá presente, embora as informações por si só já fossem bem explicativas tal como era o propósito do livreto. Fez-se uma reflexão sobre a necessidade de haver coleta seletiva na área, tanto por uma questão de destino adequado do lixo produzido como serviria como fonte de renda para catadores. Também, discutiu-se a questão do lixo jogado no lago, principalmente plástico, e o ato de queimar lixo a céu aberto. Naquele momento, foi ressaltada a importância de cobrarmos das autoridades responsáveis que cuidem melhor daquele espaço e principalmente o quanto devemos dar mais valor ao voto nas eleições, escolhendo representantes que possam ter projetos sociais e sejam capazes de trabalhar para a execução deles. Ao final de cada conversa, o livreto era doado ao participante.

Nessas conversas, as pessoas podiam falar livremente as suas opiniões, fazer perguntas, expressar seus sentimentos. Aliás, todas elas expressavam muito o sentimento de estarem abandonadas com relação à triste realidade do saneamento básico naquela comunidade. Elas se sentiam ao mesmo tempo vítimas e culpadas. Sabiam que deveriam levar uma



vida com condições mais dignas, porém não levavam, embora algumas demonstrassem até gostar (talvez conformadas) de viver naquelas condições. Quase sempre culpavam por aquela situação o poder público, em especial os políticos, e os outros moradores ou as pessoas que ali visitam.

Uma comerciante, ao ser entrevistada, afirmou com indignação: “Aqui tem gente que é culpada também... Aquele vendedor de frango joga os restos de frango lá na entrada. Fica o mau cheiro danado. A gente tem que chamar a atenção dele”. Um morador criticou: “Os políticos só vem aqui pedir voto. Toda eleição eles passam, mas depois somem e não fazem nada”.

Entretanto, algumas poucas reconheceram suas próprias falhas ao confessarem que jogavam garrafas de plástico nas águas da barragem (embora só duas assumissem esse gesto) ou deixavam cachorros soltos fora de casa, ou queimavam lixo: “Eu confesso, não nego. Eu joga às vezes garrafas de plástico no rio. Tem muitos que dizem que não jogam, mas jogam sim”, disse um morador.

Outro ponto a considerar, foi saber que poucos diziam que separavam o lixo de forma seletiva. Quando isso acontecia era esporadicamente, pois algumas vezes passavam catadores recolhendo garrafas de plástico e latas de alumínio de bebidas. Mas havia certa confusão entre os conceitos de reaproveitar e de reciclar. Por exemplo, uma moradora disse: “Aqui em casa a gente recicla. Eu encho as garrafas PET de água na geladeira”.

Nas conversas, o que mais foi apontado como problema no local foi o lixo espalhado pelas ruas e a presença de esgoto a céu aberto. Uma dona-de-casa revelou sua preocupação: “Tem crianças brincando na rua na beira dessas valas com água suja. Faz pouco tempo que um menino adoeceu. Fez tratamento, mas quase morreu”.

Percebeu-se que muitos dos entrevistados haviam recebido conhecimentos relacionados à preservação do meio ambiente quando frequentaram a escola. A televisão foi outra fonte de informação frequentemente mencionada. Aquele público pouco tinha acesso a revistas,

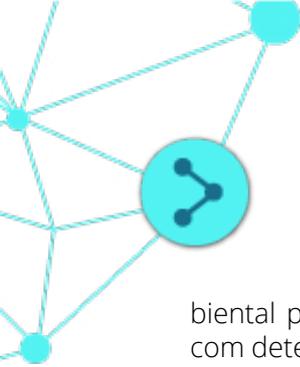
jornais, computadores e internet. As conversas em casa sobre a problemática ambiental raramente aconteciam e, quando eram levadas, elas eram rápidas e superficiais.

Nesse sentido, pode-se dizer que o livreto, que foi comentado nas conversas e depois entregue para os participantes dessa ação educativa, seria um raro material de conscientização a estar presente nos lares e comércios da Vila do km 11. É interessante destacar que em algumas ocasiões, enquanto as conversas aconteciam, outras pessoas que estavam próximas pegavam o livreto e já iam lendo. Isso aconteceu tanto com adultos como com adolescentes.

Inoue (2014) alerta para o fato de que diante das consequências que estamos prevenindo e vivenciando, é necessário conscientizar e promover atitudes que possam interferir positivamente sobre a questão ambiental que o lixo provoca. Foi perceptível durante as visitas naquela comunidade ribeirinha que lá não devia estar acontecendo um trabalho de educação ambiental. Além do mais, essa hipótese se confirmou pelo fato de que apenas dois entrevistados disseram ter participado de alguma atividade relacionada à Educação Ambiental naquela área, descrevendo como sendo algo muito pontual e com pouca participação e impacto. Portanto, esse trabalho já teve algum efeito positivo. Pessoas que vivem em uma área com condições de saneamento básico precárias puderam parar por um instante e ter uma conversa a respeito daquilo que está ambientalmente errado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas que participaram das conversas relataram que foi proveitoso terem participado dessa atividade educativa. Elas reconheciam a relevância do tema preservação do meio ambiente. Além disso, pareciam aliviar suas angústias e ao mesmo tempo alimentar suas esperanças nessas conversas. Havia nelas um sentimento de que elas precisavam ser encorajadas a fazerem a sua parte, embora com frequência apenas atribuíam aos outros os problemas ambientais ali encontrados. Quase sempre o outro é o responsável por aquilo que condenamos, mas a Educação Am-



biental permite identificar o que está errado com determinado lugar, tanto como consequência dos outros como de nós mesmos.

Para os autores desse trabalho, essa experiência foi também gratificante. Foi um encontro com pessoas que estavam vivendo em condições degradantes em um lugar onde as boas práticas de Educação Ambiental precisam ser trabalhadas. Certamente, foi uma grande recompensa se sentir responsável por contribuir para levar informação e fomentar a discussão acerca da busca de soluções para a questão ambiental. Para a sociedade em geral, fica essa iniciativa como um pequeno começo do muito que ainda precisa e pode

ser feito pela comunidade da Vila do km 11. Nesse processo é importante a participação de todos.

A primeira mudança que uma ação de Educação Ambiental visa é a de mudar o pensamento e, conseqüentemente, a atitude das próprias pessoas. Certamente, uma questão ambiental, para ser resolvida, exige participação da coletividade. Considerando os diversos problemas ambientais encontrados na Vila do Km 11, faz-se necessário reforçar o papel de cada um dos homens, mulheres e crianças que são atores nesse processo de mudança para a melhoria da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luciano Vieira; BARROS, Flávia Mariani; BONOMO, Paulo; ROCHA, Felizardo Adenilson; AMORIM, Jhones da Silva. Eutrofização em rios brasileiros. *Enciclopédia Biosfera, Goiânia*, v. 9, n. 16; p. 2165-2179, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional de saneamento básico 2017: abastecimento de água e esgotamento sanitário. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

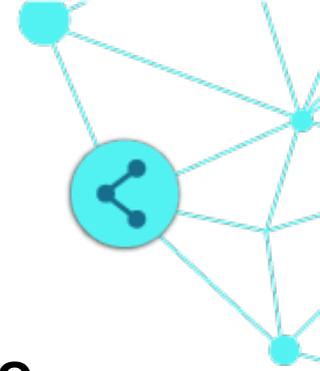
INOUE, Rosa Setuko. A educação ambiental na rua e na escola: a importância da reciclagem. 2014. 48f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) – Polo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira, 2014.

MALLMANN, Adaiana; CARNIATTO, Irene; PLEIN, Clério. A educação ambiental do ponto de vista das concepções de desenvolvimento sustentável na escola do campo. *Revista Brasileira de Educação Ambiental, São Paulo*, v.15, n.1, p. 44-61, 2020.

SILVA, Edina da. Educação Ambiental: Lixo urbano de problema a possibilidades. 2015. 22 f. Monografia (Especialização em Educação em Direitos Humanos) - Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, 2015. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42296/R%20-%20E%20-%20EDINA%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

TALAMONI, Ana Carolina B.; PERES, Williane Costa; PINHEIRO, Helena M. S.; PINHEIRO, Marcelo A. A. Histórico da educação ambiental e sua relevância à preservação dos manguezais brasileiros. In: PINHEIRO, Marcelo; TALAMONI, Ana Carolina B. (Orgs.). *Educação Ambiental sobre Manguezais*. São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista, p. 57-73, 2018. Disponível em: <http://www.crusta.com.br/biblio/04.Cap%C3%ADtulos/21-educacao_ambiental_manguezais_cap02_historico_educacao_ambiental.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.



ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM EQUIPE TRANSPROFISSIONAL DO GRUPO DE EXTENSÃO DA SAÚDE DO CAMPO EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA

PERFORMANCE OF PSYCHOLOGY IN A TRANSPROFESSIONAL TEAM IN A
RURAL HEALTH EXTENSION GROUP IN AGRARIAN REFORM AREAS

Alanna Tays Piton NOGUEIRA

Bacharela em Saúde, graduanda da UFRB e foi bolsista PIBEX,
alannapiton12@gmail.com

Evelyn Siqueira da SILVA

Mestra em Saúde Coletiva, professora da UFRB,
evanyss@gmail.com

Victor Aurélio Santana NASCIMENTO

Mestre (2019) em Psicologia, professor da UFRB,
PsicoAurelio@gmail.com

Monique Araújo de Medeiros BRITO

Mestra em Saúde Coletiva/Comunitária, professora da UFRB,
moniqueambrito@gmail.com



RESUMO

A realidade rural abarca inúmeras particularidades e diversidades do modo de se fazer saúde. O Movimento das(os) Trabalhadoras(es) Rurais Sem Terra (MST) representa nos dias atuais um dos maiores movimentos de luta pela Reforma Agrária da América Latina, em contrapartida, o movimento sofre diversos desafios em seu cotidiano, principalmente pela falta de muitos serviços de saúde que são imprescindíveis para que o exercício do cuidado em saúde seja feito de modo integral. Abordaremos neste artigo estudos e vivências realizadas na extensão em Saúde do Campo, sendo pautados sobre os modos de se fazer saúde, o papel da Psicologia e sobre a transprofissionalidade, naquele contexto de militância. Participaram da extensão professoras(es) e estudantes do campo da saúde, mestras(es) de cuidado do MST e a comunidade de assentamentos e acampamentos localizados no Baixo Sul da Bahia. Realizamos rodas, momentos de cuidado, Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), atendimentos individuais e transprofissionais, dinâmicas e etc. Considerando todas as reconfigurações sociais que se apresentam na atualidade, é de extrema importância tratar sobre as questões de cuidado físico, psíquico e social dessa população para que haja promoção de qualidade de vida, cuidado integrado, bem como o enfrentamento de questões que afetam diretamente suas vidas.

Palavras-chave: Saúde. Campo. MST. Transprofissionalidade. Biopsicossocial.

INTRODUÇÃO

A história do desenvolvimento econômico, sociopolítico e cultural do Brasil é marcada por um conjunto complexo de relações em torno do uso, posse e propriedade da terra, o que provocou um violento processo de ocupação territorial que privilegiou as elites econômicas da época, em detrimento de um grande grupo composto, principalmente, por indígenas, negros e pobres (BRASIL, 2013). Essa configuração desigual produziu aquilo que Caio Prado Jr. (1979) chamou de Questão Agrária,

ABSTRACT

The rural reality encompasses numerous particularities and diversities in the way of doing health. The Movement of Landless Rural Workers (s) (MST), represents today one of the greatest movements of struggle for Agrarian Reform in Latin America, in contrast the movement suffers several challenges in its daily life, mainly due to the lack of many health services that are essential for the exercise of health care to be done in an integral way. In this article, we will cover studies and experiences carried out in the field of Saúde do Campo, focusing on the ways of doing health, the role of Psychology and on transprofessionalism, in that militancy context. Teachers (s) and students from the health field, MST care masters (s) and the community of settlements and camps located in the Lower South of Bahia participated in the extension. We carry out wheels, moments of care, Integrative and Complementary Practices in Health (PICS), individual and transprofessional care, dynamics and etc. Considering all the social reconfigurations that currently appear, it is extremely important to address the physical, psychological and social care of this population so that there is a promotion of quality of life, integrated care, as well as addressing issues that directly affect their lives.

Keywords: health; field; MST; transprofessionalism; biopsychosocial.

uma “relação entre causa e efeito entre a miséria da população rural brasileira e o tipo de estrutura agrária do País, cujo traço essencial consiste na acentuada concentração da propriedade fundiária” (PRADO JR., 1979, p. 18).

Nos últimos anos, têm crescido a quantidade de produções que associam as condições de vida da população camponesa com seus níveis de saúde e defendem a necessidade de uma reforma agrária popular como ponto de partida para a transformação dessa realidade secularmente desigual e, por isso, adoece-dora (DIMENSTEIN et al., 2016). Estudos que



abordam os determinantes sociais da saúde no campo indicam que os piores níveis de saúde caminham lado a lado com as populações mais empobrecidas, expostas à insegurança alimentar e habitacional, ao desemprego e com baixo acesso aos serviços públicos (DIMENSTEIN et al., 2016). Esses são fatores que põem diante da Psicologia o desafio de revisitar alguns dos seus pressupostos e reorientar a sua prática a partir das demandas concretas dos povos. Considerar os aspectos concretos da vida – como o acesso e posse da terra, aos serviços de saúde, educação, saneamento básico, etc. – e seus efeitos sobre a saúde, é substancial para que sejam pensadas novas intervenções em Psicologia abertas à transdisciplinaridade e orientada para um cuidado integral.

Algumas experiências da Psicologia Social Latino-americana – como a Psicologia da Libertação, proposta por Ignacio Martín-Baró – têm reforçado essa orientação ético-política e proposto um giro epistemológico que ponha as demandas concretas das maiorias populares como ponto de partida para a práxis psicológica (BARÓ, 2011). Atuar com produção de cuidados em saúde da população camponesa requer justamente isso: olhar para as suas especificidades e construir junto com esse povo um cuidado integral, ético e transformador. Fazer uma interface entre Psicologia e as questões da terra, atuar em Saúde do Campo, implica em compreender a história que nos constitui como povo e endereçar o olhar da Psicologia para outros âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais, que marcam processos de subjetivação. Implica considerar a importância das lutas relativas às questões da terra, considerando a saúde biopsicossocial, o fazer coletivo e os saberes populares que são intrínsecos à população, proporcionando, assim, um olhar transversalizado entre conhecimentos acadêmicos e populares.

A atuação da Psicologia pode contribuir no processo dialético de trocas de saberes nesses territórios com diversos modos de produção de vida, trabalho e relações sociais. Além dos movimentos sociais, suas disputas e modos de cuidado específicos, agenciados por uma diversidade de pessoas, culturas e vivências (BRASIL, 2013). O fazer psicológico

na Saúde do Campo é importante devido à diversidade étnica, religiosa, cultural, de sistemas de produções, segmentos sociais e econômicos que se encontra no campo brasileiro. Compreender os processos de subjetivação que marcam esse território é primordial na relação com essa complexa realidade, historicamente marcada pela violência colonizadora e demais estratégias de opressão capitalista.

As atividades da Extensão em Saúde do Campo desenvolvidas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) têm contribuído na aproximação da Psicologia com o contexto camponês. Sua finalidade é ampliar a compreensão das(os) discentes sobre as especificidades do campo, proporcionando à(ao) discente vivenciar o cotidiano camponês e aproximar teoria e prática contra hegemônicas. Uma dessas atividades é a Vivência em Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária, que imerge a/o discente em comunidades camponesas, experienciando de forma integrada o fazer em Saúde sob aspectos cultural, político, identitário, de gênero, raça e biopsicossocial. A vivência é construída com metodologias ativas, por meio das quais são realizadas atividades coletivas e a comunidade assume um papel central no processo de ensino-aprendizagem, permitindo um aprendizado coletivo e transversalizado de saberes acadêmicos e populares. O objetivo deste artigo é relatar algumas características da experiência de imersão transprofissional em Saúde do Campo, proporcionada por essas atividades de extensão, além de pontuar contribuições da Psicologia nos processos de produção de saúde nas comunidades.

MÉTODO

A atividade de imersão em áreas de reforma agrária relatada aqui contou com dois eixos que caminharam juntos em sua práxis. Do teórico, que ocorreu na UFRB, entre Agosto e Dezembro de 2019, participaram professoras/es de diversas áreas do conhecimento: Fisioterapia, Psicologia, Medicina, Enfermagem e Farmácia, além de estudantes de diversas graduações. Do eixo prático com imersão que ocorreu nos meses de Agosto e Novembro de 2019. Além das(os) professoras(es) e estudantes, também participaram mestras(es) popula-



res do MST e membros de três comunidades: o Assentamento Manjerona, o Acampamento Mamão e o Assentamento Limoeiro localizados no Baixo Sul da Bahia.

No eixo teórico, que é pautado na educação popular proposta por Paulo Freire, ocorreram atividades de capacitação em sala de aula, estudos sobre plantas medicinais, ginecologia natural, questão agrária no Brasil, Práticas Integrativas de Cuidado em Saúde (PICS), gênero, raça, saúde biopsicossocial, como também, sobre a história do MST. Já na parte prática, aconteceram as vivências nas localidades do MST, no Baixo Sul da Bahia, onde vivem trabalhadoras(es) rurais, em sua maioria negras(os), foram desenvolvidas tanto atividades ligadas à saúde, como também de caráter etnográfico.

É importante salientar que os atendimentos psicológicos individuais ocorreram apenas na segunda imersão, sob supervisão e apenas com estudantes que já estavam estagiando no Serviço de Psicologia da UFRB com psicoterapia. Ocorreram também nas imersões as Práticas Integrativas de Cuidado em Saúde-PICS (ventosa, auriculoterapia, massagem chinesa e o cone chinês). Além também, de rodas de conversa com a comunidade discutindo sobre questões do cotidiano individual e coletivo, como o racismo, a luta pela terra, a sexualidade, o machismo, entre outras questões que foram consideradas pertinentes pelas(os) assentadas(as).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conhecimento na Saúde do Campo perpassa um fazer transversalizado, ou seja, há uma confluência e entrelaçamento de saberes, fazendo com que tudo seja importante no processo de aprendizagem. Por esse motivo, a prática vai além da lógica interprofissional, fazendo com que tenha um caráter transprofissional de cuidado. Segundo Gallassi (2014), essa forma de fazer saúde é implicada, e os profissionais, estudantes e comunidade contribuem para-com o processo de cuidado, visando uma atenção ampliada e integral aos sujeitos por meio do atravessamento de saberes e práticas, conseguindo abranger as especificidades de cada sujeito e aquilo que os

vincula à comunidade enquanto seres sociais.

A interprofissionalidade busca integrar diferentes profissões, que são entendidas como campos específicos de conhecimento científico. Já a transprofissionalidade busca integrar o saber acadêmico com outros modelos de produção de conhecimento. Ou seja, compreende que a humanidade também é atravessada pela ciência, arte, cultura, tradição, religião, território, experiência interior e pensamento simbólico. Ao contrário da neutralidade e objetividade da ciência tradicional, a transprofissionalidade reconhece a importância da subjetividade humana na produção do conhecimento. Dessa forma, transdisciplinaridade diz “respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo e das relações, e um dos imperativos para isso são os múltiplos atravessamentos e de conhecimentos”. (NICOLESCU, 2005, p. 52-53)

Ao longo das vivências pode-se abarcar diversas áreas do conhecimento e atuação – práticas da Medicina Tradicional e Chinesa, técnicas da Psicologia, conhecimentos dos povos tradicionais, etc –, facilitando a construção de um vínculo com a comunidade local, tornando, assim, o cuidado em saúde mais efetivo. De acordo com Feriotti (2009), esse conceito de saúde baseado em uma perspectiva transdisciplinar visa superar os modelos centrados na doença e desenvolver estratégias para resolver os problemas de saúde inerentes. Com base no princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), a/o profissional pode agregar ao seu campo de atuação os conceitos de qualidade de vida, cidadania e inclusão social, buscando a superação do reducionismo e atravessando os conhecimentos da academia, da comunidade/território e das particularidades do sujeito.

Para além da saúde física e mental, foi pensado também sobre como o território constitui um determinante social da saúde (BARCELLOS, 2006), pois sua posse possibilita a geração de renda, a inserção dos sujeitos em territórios de identidade, a vida em comunidade, o acesso a serviços públicos condicionados à fixação no território; além dos pro-



cessos identitários e o desenvolvimento de competências e habilidades sociais importantes para o convívio em sociedade, graças aos processos de organização e luta engendrados pelo MST. A abordagem desses aspectos indicou o quanto é fundamental que a(o) profissional de saúde contribua com a organização social e comunitária, promovendo discussões sobre o processo de luta pela terra, que foi uma das pautas realizadas nas imersões.

Também foram realizadas visitas nos domicílios e nos roçados, onde houve atendimentos individuais e coletivos. Nos atendimentos psicológicos foi realizada uma escuta sensível e qualificada para as demandas, com cuidado e sigilo terapêutico pautado nas premissas do Código de Ética da Psicologia (2005). Foram realizadas oficinas de cuidados terapêuticos com as Práticas Integrativas de Cuidado (PICS), atividades aprovadas pela Portaria 971, em Maio de 2006, regulamentadas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC/MS). Essas oficinas foram desenvolvidas por meio de ações integradas, entre as quais se incluem a Medicina Tradicional Chinesa, a Homeopatia e a Medicina Antroposófica, os Recursos Terapêuticos como a Fitoterapia, as Práticas corporais e meditativas, e o Termalismo-Crenoterapia, além de demais práticas reconhecidas ou que venham a ser reconhecidas pela PNPIC/MS.

Algumas PICS foram ensinadas no Assentamento por mestras e mestres populares, desde a confecção dos instrumentos, até seu uso – a exemplo do cone hindu, a ventosaterapia, auriculoterapia e massagens terapêuticas –, refletindo sobre seus benefícios, riscos e condutas. O cone hindu é um objeto feito a partir de parafina e tecido, que é colocado em chamas na extremidade maior para que a outra parte, a menor, aqueça os ouvidos, a partir da fumaça, fazendo com que haja uma limpeza da parte interior, retirando resquícios de cerume e produtos químicos. Para além da limpeza, o cone é uma terapia muito utilizada para alinhamento energético e desenvolvimento espiritual, como também, para alergias respiratórias, dores de cabeça, estados gripais, entre outros (ZUPO, 2014).

Já a ventosa, segundo a PNPIC (2006), é um

procedimento relativo à prática da Acupuntura, que consiste em aplicar copos de vidro na superfície da pele, com uma produção de vácuo através de álcool e fogo, fazendo com que haja uma aderência na pele em regiões das zonas neuro-reativas. A auriculoterapia é baseada no cuidado através do estímulo de um microsistema que se encontra na orelha. Os pontos desse microsistema mapeado estão correlacionados às partes e órgãos de todo o corpo. A massagem terapêutica, por sua vez, é um procedimento que tem como objetivo promover relaxamento nos pontos de tensão.

As PICS foram essenciais no processo de cuidado, pois fizeram com que os aprendizados extrapolassem a dimensão tecnicista, abrangendo aspectos simbólicos da vida comunitária, da construção dos sujeitos numa coletividade e dos cuidados populares em saúde. Dessa forma, a experiência ultrapassou a mera reprodução de saberes, implicando cuidadoras/es na forma de pensar o modo de ser e se posicionar diante da/o outra/o enquanto ser integral e diverso. Para Junges (2011), a valorização das crenças e das práticas dos indivíduos possibilita a percepção corresponsável do seu processo terapêutico. Dessa forma, o diálogo e a fusão entre os dois universos, o saber popular e o conhecimento científico, configura-se como uma prática indispensável, possibilitando a construção de novos paradigmas, compreendendo os processos de saúde já existentes na comunidade e atrelando-os a outros conhecimentos. Para que isso ocorra é fundamental que se abandone práticas baseadas na sobreposição do conhecimento técnico-científico, atravessando as ações de saúde com a comunidade.

As rodas de conversa foram outro ponto fundamental, pois foram divididas em grupos para mulheres, crianças, adolescentes e homens, fazendo com que houvesse uma partilha com um olhar específico para cada grupo. No de mulheres, foram trabalhadas questões voltadas para o feminismo, o racismo e para o significado de ser mulher negra assentada. Historicamente, o racismo e questões relacionadas ao gênero, vem se acumulando no campo das relações de poder e de forma estrutural, o que direta ou indiretamente promove sofrimento psicológico a mulheres



negras. Nessa perspectiva, a identidade e as relações interpessoais de mulheres negras são invalidadas e demarcadas por várias tentativas de branqueamento subjetivo e social (JESUS JÚNIOR, 2002). Segundo Adrião (2019), a saúde deve estar pautada na problematização de questões relacionadas à raça e gênero, não apenas por ordem cultural ou biológica, mas também por todas as construções sociais e políticas que promovem hierarquias e desigualdades. Diante disso, foram realizadas dinâmicas que promoviam fortalecimento subjetivo e estimulavam o sentimento de solidariedade entre as assentadas.

Como Dimenstein et al (2016) retrata, é importante que se discutam temáticas que atravessam questões relativas à vida no campo de forma interseccional. Dessa forma, foram realizadas várias atividades lúdicas com as crianças, proporcionando também discussões sobre o racismo. Com os homens foram discutidas questões relacionadas ao machismo e o significado socialmente compartilhado de ser homem. Com os adolescentes, por sua vez, foram abordadas questões relacionadas à sexualidade, machismo, feminismo, racismo e dúvidas que surgiram sobre os temas ao longo do encontro. A Psicologia se fez de suma importância nesses espaços, atentando para as dinâmicas subjetivas e contribuindo com a mediação do debate.

O caráter transprofissional da Saúde do Campo abarca peculiaridades e complexidades que tornam a presença da Psicologia importante nesse espaços e, ao mesmo tempo, cobra dela esforços progressivos para compreender a realidade camponesa e produzir mais conhecimentos para essa área e compartilhá-los tanto com outros profissionais, quanto com a própria comunidade que é uma rica fonte de conhecimentos. Os resultados referentes à realização da parte teórica, com estudos voltados especificamente para a Saúde do Campo, puderam propiciar um olhar múltiplo para a intervenção, uma vez que, as(os) alunas(os) de diversos cursos, inclusive da Psicologia, participaram das imersões realizadas no MST. Isso faz com que, dessa forma, haja uma ampliação do olhar de todas(os) para esse modo de se fazer saúde gerando efeitos não apenas na atuação profissional e acadê-

mica, mas, também no modo de apreender outros modos de existência.

Dessa forma, as/os profissionais de saúde que estão submersos na Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária, precisam entender-se em um movimento pedagógico e político tipicamente Latino Americano, pois como Paulo Freire trouxe na Educação Popular em Saúde, não basta atuar na comunidade e sim junto à ela, o fazer em saúde deve ser com e não para. Logo, a importância de atividades extensionistas mergulhadas no modo da Extensão Popular abarca metodologias de participação e empoderamento permeadas por uma base política que promove reais transformações sociais (CRUZ, 2017). Portanto, por meio do alto grau de interação e conexão entre a equipe e a comunidade, a transprofissionalidade pode ser configurada. As trocas entre conhecimentos acadêmicos e tradicionais proporcionam ferramentas mais adequadas para intervenções. Ao final, o que se tem é uma compreensão singular e complexa do sujeito. Como afirma Nicolescu (1999), em "O Manifesto da Transdisciplinaridade", este não é o caminho, mas uma "voz onde ressoam as potencialidades do ser".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar em Saúde do Campo requer o compromisso fundamental de se aproximar dessa realidade, conhecê-la e intervir a partir das suas especificidades. Embora a Psicologia já conte com 57 anos de regulamentação no Brasil, sua aproximação desse cenário é muito recente. Portanto, carece de estratégias que viabilizem ainda mais essa aproximação e, a partir de então, dêem substância para pensarmos sobre a práxis em Saúde do Campo. As vivências realizadas pelo projeto de extensão Saúde do Campo têm sido uma dessas estratégias, viabilizado não só a imersão de estudantes de Psicologia no cenário camponês, mas, fazendo-o de modo transdisciplinar e atento aos saberes populares.

Dessa forma, a experiência em Saúde do Campo traz para a Psicologia diversas práticas, intervenções, formas de fazer saúde e um olhar diferenciado para as especificidades de cada local e de cada ser nele inserido, fazendo



com que haja uma formação compartilhada e permitindo o misturar-se, que implica em criar uma disponibilidade para conviver, conhecer e respeitar o outro, ampliando o olhar para as singularidades e buscando construir relações interpessoais mais inclusivas (BATISTA, 2012). Para além disso, a Extensão proporciona um maior conhecimento sobre a questão agrária brasileira, as questões simbólicas relativas à terra, a noção de coletividade e partilha que estão como princípios fundamentais do MST, bem como a experiência prática de trabalhar a saúde por meio de diversas óticas.

O Projeto de Extensão da Saúde do Campo na UFRB possui a capacidade de tirar o estu-

dante de graduação da sua zona de conforto, fazendo com que este tenha capacidade de compreender não apenas a teoria que está postulada na universidade, como também desenvolver técnicas para trabalhar em equipe, enriquecer seu repertório de cuidado, escutar e aprender junto com a comunidade, construir subsídios para estar e ser com a população rural e possuir ferramentas para trabalhar com as PICS. Portanto, a vivência na Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária da UFRB, possui um arcabouço valioso para a formação de um(a) profissional de saúde engajada(o) com a qualidade de vida, as questões sociais e o fazer transversal entre equipe e comunidade.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, K. G.; RODRIGUES, M. B. Racialização, subjetividades, arte e estética: um estudo de caso a partir da formação em psicologia. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n.44, p. 112 -137, set./dez. 2019.

BARCELLOS, C.; PEREIRA, M. P. B. O território no Programa Saúde da Família. *HYGEIA - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 2 n. 2, p. 47-55, 2006.

BARÓ, M. I. (2011) Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana.. *Psicologia Social para América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 199-219). Campinas, São Paulo: Editora Alínea.

BATISTA, N. A. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. *Cad Fnepas*, v. 2, n. 1, p. 25-8, 2012.

BRASIL. Código de Ética Profissional do Psicólogo, -publ. VI Plenário do Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS/ Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

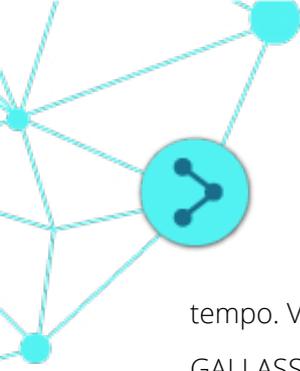
BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed.; 1. reimp. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Referências Técnicas para Atuação das(os) Psicólogas(os) em Questões Relativas a Terra / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013. 122p. ISBN: 978-85-89208-63-5.

CRUZ, P.J.S.C. Extensão popular: um jeito diferente de conduzir o trabalho social da universidade. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2013a.

DIMENSTEIN, M., DANTAS, C., LEITE, J., MACEDO, J. (Orgs.). (2016). *Condições de vida e Saúde Mental em contextos rurais*. São Paulo: Intermeios.

FERIOTTI, M. de L.. Equipe multiprofissional, transdisciplinaridade e saúde: desafios do nosso



tempo. Vínculo, São Paulo , v. 6, n. 2, p. 179-190, dez. 2009.

GALLASSI, VACISKI C., et al. Atenção domiciliar na atenção primária à saúde: uma síntese operacional. ABCS Health Sciences, 2014, 39.3.

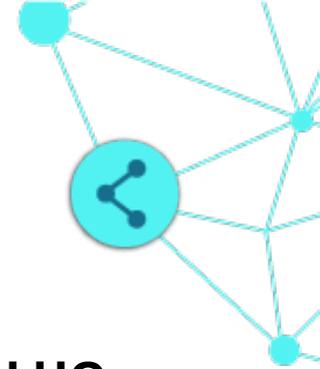
JESUS JUNIOR, A. G. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Psico-USF (Impr.), Itatiba , v. 8, n. 2, p. 215-216, Dec. 2003.

JUNGES, J. R. et al . Saberes populares e cientificismo na estratégia saúde da família: complementares ou excludentes?. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 16, n. 11, p. 4327-4335, Nov. 2011.

NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

PRADO Jr. C. (1979). A questão agrária no Brasil. São Paulo: Brasiliense.

ZUPO, I. V. G (2014). A Cura pela Transpessoal. São Paulo.



PROCESSO DE TRABALHO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF): DESAFIOS DO TRABALHO EM EQUIPE

WORK PROCESS IN THE FAMILY HEALTH STRATEGY (FHS): TEAM WORK CHALLENGES

Airana Ribeiro Santana

Residente de Medicina de Família e Comunidade pela Fundação Estatal de Saúde da Família/ Fundação Oswaldo Cruz (FESF/FIOCRUZ)
airanafsa@gmail.com

Ariana Freire Meira Teixeira

Médica pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
pr_nana77@hotmail.com

Letícia Leão de Oliveira Falcão

Médica pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
leticialeaoo@gmail.com

Ana Maria Freire de Souza Lima

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
anamariafreire@ufrb.edu.br



RESUMO

Esse estudo relata a experiência de intervenções realizadas no âmbito do Estágio Curricular (Internato) em Saúde da Família e Saúde Coletiva do curso de Medicina, em conjunto com uma equipe da Estratégia de Saúde da Família de um município do interior da Bahia. Foram realizadas ações em dois eixos, o primeiro focado na comunicação e relações interpessoais no processo de trabalho, e o segundo destinado ao conhecimento e uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no SUS, particularmente através da prática da auriculoterapia. Os trabalhadores relataram que os espaços e dinâmicas de grupo experienciados auxiliaram na reflexão sobre a importância da comunicação no trabalho em equipe, na percepção das dificuldades e na criação de estratégias e pactuações coletivas para melhorias. Destacaram também a contribuição da auriculoterapia para ampliar o vínculo entre equipe, discentes, docente e usuários envolvidos, e como importante prática de cuidado de si e do outro. As intervenções desenvolvidas fomentaram a perspectiva da integração ensino-serviço-comunidade e potencializaram a incorporação da Educação Permanente em Saúde e das PICS pelos trabalhadores e discentes.

Palavras-chave: Educação Permanente em Saúde. Práticas Integrativas e Complementares. Saúde Coletiva.

ABSTRACT

This study reports the experience of interventions carried out within the scope of the Curricular Internship in Family Health and Collective Health of the Medical course, together with a team from the Family Health Strategy of a municipality in the interior of Bahia. Actions were carried out in two axes, the first more focused on communication and interpersonal relationships in the work process, and the second aimed at knowledge and use of Integrative and Complementary Practices (PICS) in SUS, particularly through the practice of auriculotherapy. The workers reported that the experienced group dynamics and spaces helped to reflect on the importance of communication in teamwork, in the perception of difficulties and in the creation of strategies and collective agreements for improvements. They also highlighted the contribution of auriculotherapy to expand the link between staff, students, teachers and users involved, and as an important practice of caring for oneself and the other. The interventions developed fostered the perspective of teaching-service-community integration and enhanced the incorporation of Permanent Education in Health and PICS by workers and students.

Keywords: Permanent Health Education. Integrative and Complementary Practices. Collective Health.

INTRODUÇÃO

A Estratégia de Saúde da Família (ESF), principal modelo de atenção primária à saúde no Sistema Único de Saúde (SUS), é composta por equipes multidisciplinares que integram diferentes áreas (MARQUI, 2010). O trabalho em equipe apresenta o desafio de conectar processos de trabalhos diversos, com base no conhecimento e valorização dos saberes e competências do outro, e na construção de consensos quanto aos objetivos e resultados a serem alcançados coletivamente (NAVARRO, GUIMARÃES, GARRANHANI, 2013).

Entretanto, a presença de conflitos nas relações e espaços de trabalho compartilhados,

agravados pelas fragilidades na comunicação entre os profissionais, compromete a integralidade da atenção à saúde. Estudo com equipes da ESF e gestores municipais no estado do Rio Grande do Sul revelou que aproximadamente 17% dos participantes tinham dificuldades com a falta de planejamento dos membros, falta de sensibilização e interação das pessoas para o trabalho em equipe, individualização e compartimentalização das atividades, dificuldades no fluxo de informações, entre outras (MARQUI, 2010). No município de São Paulo, 62,5% das enfermeiras relataram problemas no âmbito das relações interpessoais com os demais membros da ESF (ERMEL e FRACOLLI, 2006).



A educação permanente vem sendo fomentada como estratégia de enfrentamento da complexidade do trabalho multi e interdisciplinar da Saúde da Família, tanto para discutir as fragilidades individuais e coletivas dos profissionais envolvidos quanto para aprimorar as práticas. A Política Nacional de Educação Permanente (PNEP) no SUS compreende que a educação no trabalho em saúde ou educação na saúde apresenta duas modalidades: a educação continuada e a educação permanente em saúde (EPS). A educação continuada utiliza conteúdos pré-definidos e metodologias tradicionais, enquanto que a EPS propõe a problematização do trabalho e de suas questões nos seus contextos reais e prioriza o uso de metodologias dialógicas, baseadas em Paulo Freire, reforçando a educação como “atividade continuamente refeita, a partir da leitura crítica da realidade, para a transformação da mesma” (CAMPOS, SENA, SILVA, 2017, p. 2).

Assim, investir na EPS contribui para reconhecer o cotidiano do trabalho de forma mais ampliada, fomentando reflexões e análises, capazes de instigar deslocamentos nos trabalhadores, superação da crítica e construção de novas práticas na atenção primária à saúde (NAVARRO, GUIMARÃES, GARANHANI, 2013; CAMPOS et al., 2019). É fundamental que as ações de educação em saúde estejam articuladas como ferramenta de produção de um saber coletivo, despertando a autonomia e emancipação do sujeito para cuidar de si e do seu entorno. (MACHADO et al., 2007).

A EPS deve ser vista como uma forma de provocar mudanças nos sujeitos por meio de um processo de autoanálise no trabalho, pelo trabalho e para além do trabalho, promovendo a possibilidade de crescimento para lidar com o mundo (CAMPOS, SENA, SILVA, 2017). Nesse sentido, esse estudo relata a experiência de intervenções realizadas em uma equipe da Estratégia de Saúde da Família, com foco na melhoria da comunicação, das relações interpessoais e integração entre os envolvidos.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato da experiência de intervenções no âmbito das atividades do Internato de Saúde da Família e Saúde Coletiva,

do curso de Medicina de uma universidade federal, em uma Equipe de Saúde da Família (ESF) de um município do interior da Bahia, no período de fevereiro a junho de 2019. As ações foram desenvolvidas em conjunto com a equipe multidisciplinar e três discentes, sob supervisão de uma docente.

A Unidade de Saúde da Família (USF) está localizada em um bairro que abrange um território com 2634 usuários e 877 famílias, segundo informações da própria equipe. A equipe é composta por 01 médico, 01 enfermeira, 01 cirurgiã-dentista, 01 auxiliar em saúde bucal, 01 recepcionista, 01 auxiliar de farmácia, 02 técnicas de enfermagem, 01 auxiliar de serviços gerais e 06 agentes comunitários de saúde (ACS). Há também uma equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) que apoia esta ESF, composta por 01 psicóloga, 01 nutricionista, 01 professor de educação física, 01 farmacêutica e 01 fisioterapeuta.

Inicialmente as discentes se reuniram com os profissionais da equipe, apresentaram a proposta do Projeto de Intervenção, e realizaram de maneira conjunta a escolha dos eixos temáticos, bem como a pactuação, o planejamento e o cronograma das ações. A equipe escolheu como tema o processo de trabalho em equipe, com foco na melhoria da qualidade do vínculo, das relações interpessoais e da comunicação entre os profissionais, e destes com os usuários do serviço.

As atividades planejadas assentaram-se nos princípios freirianos de metodologias participativas, que permitem a produção de conhecimento com interpelação entre atores e saberes envolvidos em uma prática social, de maneira que os interesses e as falas dos atores sociais, independente de posições ou papéis que ocupam na dinâmica social, sejam priorizados e valorizados (FREIRE, 1996).

Num segundo momento, a proposta dialogada com a equipe foi apresentada ao NASF, e as profissionais sugeriram que fossem incorporadas às Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no escopo das ações. Foi então discutida e pactuada com a equipe a inclusão da auriculoterapia, por ser uma prática que motivou o interesse da equipe, além das



discentes e docentes já terem conhecimento prévio e domínio para sua realização. As PICS foram instituídas no SUS em 2006, através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), como estratégia para fortalecimento da integralidade e do cuidado em saúde.

Assim, a versão final da intervenção contemplou ações desenvolvidas em dois eixos, o primeiro focado na demanda da equipe de melhorar a comunicação e relações interpessoais, e o segundo destinado ao conhecimento e uso das PICS no SUS, através da prática da auriculoterapia. Maior detalhamento e descrição das atividades desenvolvidas, bem como das formas de avaliação, são descritos na seção de Resultados e Discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estratégias para melhoria da relação interpessoal e comunicação entre a equipe

Foram realizados dois encontros com a participação dos agentes comunitários de saúde (ACS), técnicas de enfermagem, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de saúde bucal, recepcionista, enfermeira e dentista da equipe. No primeiro encontro, inicialmente, as discentes mediarão e conduziram a realização de exercícios de alongamento, auto massagem e respiração. É sabido que “técnicas como a respiração diafragmática auxilia nos sintomas autonômicos e na tensão muscular, assim, também constituem como uma técnica de relaxamento que visa à diminuição da ansiedade” (WILLHELM, ANDRETTA, UNGARETTI, 2015, p.83).

Na sequência, as mediadoras apresentaram uma dinâmica inspirada na “caixa de afecções” (CARVALHO, MERHY e SOUZA, 2019). O grupo foi disposto em círculo e foi colocada uma caixa no centro da roda com diversos objetos. Cada participante, na sua vez, deveria pegar os objetos desejados, e os relacionar à sua dinâmica de trabalho em equipe, respondendo ao grupo as seguintes questões: Como eu tenho me comunicado com o outro? O que eu tenho feito para melhorar minhas habilidades de comunicação? Depois, o participante devolve os objetos à caixa, para que outros membros da

equipe pudessem usar. Todos participaram e a mediação privilegiou que cada um tivesse momentos de fala.

Os objetos mais escolhidos foram livro, flor, chá, fone de ouvido, relógio, absorvente, peneira e batom. O livro foi o objeto mais selecionado é interpretado como uma bíblia. Para alguns participantes, realizar práticas religiosas lhes traziam sensação de bem estar e diminuição da ansiedade, aspectos que refletiam nas relações com o outro. O chá e os fones de ouvido, associados a música, também foram escolhidos e relatados como ferramentas de alívio do estresse cotidiano.

A flor foi simbolizada como uma “forma agradável de tratar o outro”. A ansiedade e impulsividade de fala e escuta, foram representadas pelo relógio, sendo colocado como barreira de comunicação. O batom foi relacionado com a boca como forma de comunicação, os profissionais destacaram ainda a importância da percepção de outras maneiras de comunicar, como o olhar, as expressões faciais e corporais. O absorvente foi associado ao fato de alguns participantes “absorverem” problemas de suas relações interpessoais, entrarem em situação de sofrimento psíquico, e isso afetar a convivência em equipe. E por fim, a peneira foi representada como um filtro no processo de comunicação. O sentido atribuído foi de “filtrar” as informações recebidas, reduzindo esse sofrimento.

A comunicação é fundamental e possibilita a reorientação do modelo de atenção em saúde hegemônico tornando o trabalho em equipe mais resolutivo (PREVIATO E BALDISERA, 2018), entretanto, a comunicação entre as equipes da ESF ainda é marcada por informações unilaterais no processo de trabalho e reuniões esporádicas.

Ao final da intervenção, foi proposta uma roda de conversa, onde cada um poderia livremente avaliar a atividade e expressar suas impressões. O grupo avaliou o momento como positivo e ressaltou a importância de identificar as fragilidades e potencialidades da comunicação para o trabalho em equipe. Referiram que a atividade proporcionou a percepção sobre a dificuldade de escutar o outro, e o quanto isso



prejudica as relações de trabalho. Em contrapartida, se reconheceram enquanto um grupo potente, e, sugeriram e pactuaram estratégias para melhoria do processo de trabalho e comunicação.

Uma das pactuações foi a manutenção regular das reuniões de equipe, e inclusão de discussões voltadas para a EPS. Nesse aspecto, a reunião de equipe configura-se como um espaço essencial para oportunizar o diálogo, quando realizada de forma frequente, e com discussões de casos e situações, planejamento das ações e tomada de decisão de forma compartilhada (PREVIATO e BALDISSERA, 2018).

No segundo encontro, a dinâmica foi baseada na “árvore de problemas”, uma ferramenta utilizada como auxílio na identificação de causas e consequências de determinado problema (SOUZA, 2010). É construída uma análise coletiva da situação-problema, com o objetivo de desenvolver ações que a reduzam ou eliminem (CORAL, OGLIARI, ABREU, 2009).

Para a construção da árvore, a equipe inicialmente listou os “problemas”, relacionados ao trabalho em equipe e ao território. A partir de uma “chuva de ideias” destacaram-se a falta de união entre os profissionais, falta de segurança no território, dificuldades de realização do acolhimento e relacionamento com a comunidade, falta de conhecimento dos usuários sobre seus direitos e deveres, e dificuldades de trabalhar em rede no município. O principal problema escolhido pelo grupo foi o “relacionamento com a comunidade”. Os trabalhadores, juntamente com as discentes e docentes, discutiram e listaram as possíveis causas, nas raízes, e as consequências, na copa da árvore.

Dentre os pontos relatados pelos trabalhadores, apareceu o desconhecimento dos trabalhadores sobre o funcionamento da rede de saúde do município e dos serviços ofertados. Esse é um nó crítico, sobretudo, pela atenção básica ser considerada a porta preferencial de entrada do usuário no sistema de saúde, e desempenhar um papel de ordenadora do cuidado e centro de comunicação do sistema (CECÍLIO e REIS, 2018).

Exercitar autocrítica, trabalhar em conjunto,

diminuir os “ruídos” de comunicação, realizar reuniões de equipe de forma mais regular, assumir e cumprir os compromissos coletivos e ter mais empatia na relação com o outro foram estratégias e aspectos colocados para melhoria do problema. A reunião de equipe aparece novamente como um elemento central e que precisa ser melhorado. Verificou-se que as reuniões ocorrem com baixa frequência, e mais associadas às demandas da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), com pautas administrativas e burocráticas.

As principais recomendações para esse eixo foram a inclusão de reuniões de planejamento, discussão de casos e situações-problemas, bem como criação de um cronograma de reuniões temáticas centradas na educação permanente em saúde, potencializando a integração ensino-serviço-comunidade. Nesse ponto, as discentes e docentes reforçaram o papel da universidade como apoiadora nesse processo de incorporação da EPS pela equipe e desenvolvimento de estratégias de melhorias do serviço e do processo de trabalho. Outra questão discutida foi o uso da Educação Popular em Saúde como estratégia para aproximar equipe e comunidade, e melhorar a comunicação.

Em todos os momentos e espaços buscou-se difundir a concepção destacada por Merhy (2013) de que todos os trabalhadores e gestores do SUS, em suas práticas cotidianas, fazem ou estão em educação permanente, e assim, portanto, também governam as políticas de saúde.

O conhecimento e uso da auriculoterapia como estratégia de vínculo e cuidado em equipe

O cuidado com os profissionais de saúde é fundamental para lidar com conflitos e desgastes entre trabalhadores, usuários e familiares na rotina do trabalho em equipe (KUREBAYASHI et al, 2012). Neste sentido, as práticas integrativas e complementares têm se mostrado eficazes no controle e tratamento de muitas enfermidades e questões de saúde mental, proporcionando melhoria na qualidade de vida dos indivíduos (PRADO, KUREBAYASHI, SILVA, 2012).



O grupo trabalhou com a auriculoterapia enquanto prática integrativa e complementar e ferramenta de cuidado dos profissionais da unidade. Inicialmente, as discentes e docentes apresentaram e discutiram com a equipe noções sobre a auriculoterapia enquanto prática da medicina tradicional chinesa, que usa pontos de pressão na orelha para tratar disfunções do corpo e mente. Em seguida, iniciou-se o agendamento para os profissionais. A procura foi aumentando à medida que os primeiros participantes relataram aos demais os efeitos benéficos sentidos após duas semanas de uso, dentre os quais encontrava-se: redução da insônia, ansiedade, estresse, vícios, dores de cabeça e articulares. Ao final dos quatro meses de estágio, 11 trabalhadores (73%) estavam realizando a prática com as discentes e docentes.

Além dos efeitos individuais, essa prática foi avaliada positivamente por ter melhorado o vínculo da equipe com as discentes inseridas no serviço, e o conhecimento por parte dos profissionais da atenção básica e divulgação dos benefícios para os usuários da unidade, os quais começaram a procurar as agentes comunitárias de saúde e estudantes para realizar a auriculoterapia. A expansão para os usuários foi planejada e iniciada como continuidade do projeto de intervenção.

Apesar dos efeitos benéficos aos usuários e serviços, e da política existir há dez anos, as PICS ainda são oferecidas de forma incipiente

no SUS. Dentre os desafios de sua implementação estão as avaliações das práticas realizadas e impactos da política, a prevalência do modelo biomédico e a tendência mercadológica na área da saúde, formação e incentivo aos profissionais para ampliação do acesso (RUELA et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do Estágio Curricular em Saúde da Família e Saúde Coletiva, notou-se que a experiência desenvolvida a partir dos dois eixos contribuiu com a equipe de saúde auxiliando no processo de identificação, reflexão, proposição e pactuação de estratégias de melhorias, particularmente na comunicação e vínculo entre os trabalhadores e comunidade. Cabe destacar ainda a relevância da integração ensino-serviço-comunidade para a formação em saúde, pois proporciona a vivência e aquisição de competências de discentes e docentes a partir da realidade local.

A prática em experimentação buscou uma formação que contemple a produção de subjetividade, de habilidades técnicas e de pensamento, e o adequado conhecimento do SUS (CECCIM e FEUERWERKER, 2004). Como reforçam esses autores, a educação permanente em saúde coloca o SUS como protagonista da formulação e implementação dos projetos político-pedagógicos dos cursos de saúde, e não “mero campo de estágio”.

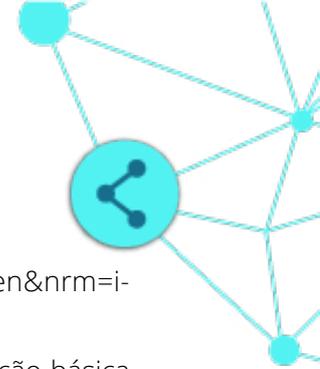
REFERÊNCIAS

CAMPOS, K. F. C.; SENA, R. R.; SILVA, K. L. Educação permanente nos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. v.21, n.4, p. 1-10, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127752022009>>. Acesso em: 24.07.2020.

CAMPOS, K. F. C. et al. Educação permanente em saúde e modelo assistencial: correlações no cotidiano de serviço na Atenção Primária à Saúde. Minas Gerais: APS em Revista, v. 1, n. 2, p.132-140, 2019. Disponível em: <<https://apsemrevista.org/aps/article/view/28/26>>. Acesso em: 24.07.2020.

CARVALHO, M. S.; MERHY, E. E.; SOUSA, M. F. Repensando as políticas de Saúde no Brasil: Educação Permanente em Saúde centrada no encontro e no saber da experiência. São Paulo: Interface, v. 23, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100285&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08.10.2020.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Rio de Janeiro: Physis, v.14, n.1, p.41-65, 2004. Disponível em: <<http://>



www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08.10.2020

CECILIO, L. C.O.; REIS, A. A. C. Apontamentos sobre os desafios (ainda) atuais da atenção básica à saúde. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública. v. 34, n. 8, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00056917>>. Acesso em: 26.07.2020.

CORAL, E.; OGLIARI, A.; ABREU, A. F. Gestão integrada da inovação: estratégia, organização e desenvolvimento de produtos. São Paulo: Atlas, 1º ed, 2009.

ERMEL, R C.; FRACOLLI, L. A. O trabalho das enfermeiras no Programa de Saúde da Família em Marília/SP. São Paulo: Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 40, n.4, p. 533-539, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a11.pdf>>. Acesso em 05.04.2019.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUREBAYASHI L. F. S., et al. Aplicabilidade da auriculoterapia para reduzir estresse e como estratégia de coping em profissionais de enfermagem. São Paulo: Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 20, n. 5, p. 1-8, 2012.

MACHADO, M. F. A. S et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do sus - uma revisão conceitual. Rio de Janeiro: Ciência e Saúde Coletiva, v.12, n.2, p. 335-342, 2007.

MARQUI, A. B. T. et. al. Caracterização das equipes da Saúde da Família e de seu processo de trabalho. São Paulo: Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.44, n.4, p. 956-61, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/14.pdf>> Acesso em: 05.04.2019.

MERHY E. Educação permanente em saúde em movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, construindo encontros no cotidiano das práticas de saúde. Porto Alegre; 2013. (Texto escrito como contribuição para o DEGES/SGTES/MS).

NAVARRO, A. S. S.; GUIMARÃES, R. L. DE S.; GARANHANI, M. L. Trabalho em equipe: o significado atribuído por profissionais da estratégia de saúde da família. Minas Gerais: REME Revista Mineira de Enfermagem, v.17, n.1, p.61-68, 2013.

PRADO J. M, KUREBAYASHI L. F. S., SILVA M. J. P. Eficácia da auriculoterapia na redução de ansiedade em estudantes de enfermagem. São Paulo: Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.46, n.5, p.1200-1206, 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n5/23.pdf>>. Acesso em: 25.07.2020.

PREVIATO, G. F.; BALDISSERA, V. D. A. A comunicação na perspectiva dialógica da prática interprofissional colaborativa em saúde na Atenção Primária à Saúde. São Paulo: Interface - Comunicação, Saúde, Educação. v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0647>>. Acesso em: 26.07.2020.

RUELA, L. O; et al. Implementação, acesso e uso das práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde: revisão da literatura. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva. v. 24, n.11, p.4239-4250, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.06132018>>. Acesso em: 08.10.2020.

SOUZA, B. C. C. Gestão da mudança e da inovação: árvore de problemas como ferramenta para avaliação do impacto da mudança. São Paulo: Revista de Ciências Gerenciais, v. 14, n.19, p.1-18, 2010.

WILLHELM, A. R.; ANDRETTA, I; UNGARETTI, M. S. Importância das técnicas de relaxamento na terapia cognitiva para ansiedade. Rio Grande do Sul: Contextos Clínicos, vol. 8, n. 1, p. 79-86, 2015.

SEMINÁRIO REENCÔNCAVO SAÚDE NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: RELATANDO EXPERIÊNCIAS EM NOVE EDIÇÕES DO EVENTO

REENCÔNCAVO HEALTH SEMINAR AT THE HEALTH SCIENCES CENTER:
REPORTING EXPERIENCES IN NINE EDITIONS OF THE EVENT

Camila Matos Magalhães da Silva

Bacharela Interdisciplinar em Saúde e graduanda em Psicologia – Centro de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CCS/UFRB.
E-mail: camilamatosm@outlook.com

Joyce Souza Dantas

Bacharela Interdisciplinar em Saúde e graduanda em Psicologia – Centro de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CCS/UFRB.
E-mail: dantassjoyce@gmail.com

Karine Sampaio de Carvalho

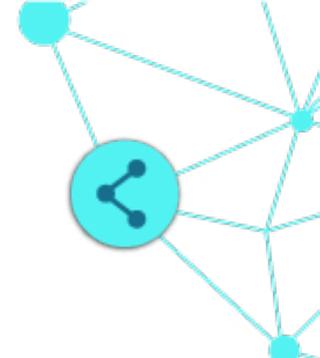
Bacharelada Interdisciplinar em Saúde – Centro de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CCS/UFRB (incompleto) / Universidade Federal da Bahia (em curso)
E-mail: karine.s.carvalho@hotmail.com

Adriana Cristina Boulhoça Suehiro

Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia – Docente do Centro de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CCS/UFRB.
E-mail: dricbs@ufrb.edu.br

Ana Lúcia Moreno Amor

Bióloga. Mestre em Patologia Humana. Doutora em Biotecnologia em Saúde. Docente do Centro de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CCS/UFRB.
E-mail: ana_amor@ufrb.edu.br



RESUMO

O Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, realiza, a cada início de período letivo, o evento "Seminário Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica", em Santo Antônio de Jesus (Bahia). Para além de uma atividade acadêmica extensionista, trata-se de uma oportunidade de fortalecimento do vínculo junto à comunidade externa do Recôncavo da Bahia. O objetivo deste relato é de compartilhar as edições realizadas em quatro anos, a partir do olhar de discentes que colaboraram ativamente na construção das mesmas. Neste evento, aconteceram reuniões dos colegiados com docentes e respectivos discentes, a oferta e participação da comunidade interna e externa em atividades diversas (rodas de conversa, oficinas, apresentações orais/banner, artísticas e/ou culturais, entre outras). No breve histórico das edições, registramos os temas: "Na luta contra o Aedes: o perigo aumentou e a responsabilidade também"; "CCS 10 anos"; "SUS: cenário de saberes e práticas no campo da saúde"; "Segurança Alimentar e Nutricional: impacto sobre a saúde"; "Saúde e Democracia"; "Ser Re(en)concavo é compromisso!"; "Contemporaneidade e Gestão do Sofrimento Psíquico"; "Ensino, Pesquisa, Extensão, Cultura e Políticas Afirmativas no CCS" e "Fortalecendo para (re)existir!". Nelas, a participação social no processo de educação e promoção da saúde, foi valorizada, bem como os pilares universitários.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Extensão. Divulgação científica. Cultura.

ABSTRACT

The Health Sciences Center, of the Federal University of Recôncavo da Bahia, holds, at each beginning of the academic period, the event "Seminar Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica", in Santo Antônio de Jesus (Bahia). In addition to an academic extension activity, this is an opportunity to strengthen the bond with the external community of Recôncavo da Bahia. The purpose of this report is to share the editions carried out in four years, from the perspective of students who actively collaborated in their construction. In this event, meetings of the collegiate with teachers and respective students took place, the offer and participation of the internal and external community in the various proposed activities (conversation circles, workshops, oral / banner, artistic and / or cultural presentations, among others). In the brief history of the editions, we recorded the themes: "In the fight against Aedes: the danger increased and so did the responsibility"; "CCS 10 years"; "SUS: scenario of knowledge and practices in the health field"; "Food and Nutritional Security: impact on health"; "Health and Democracy"; "Being Re (en) concavo is a commitment!"; "Contemporaneity and Management of Psychic Suffering"; "Teaching, Research, Extension, Culture and Affirmative Policies at CCS" and "Strengthening to (re) exist!". In them, social participation in the process of education and health promotion was valued, as well as the university pillars.

Keywords: Teaching. Research. Extension. Scientific divulgation. Culture.

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) sedimentou-se a partir de quatro pilares de políticas e práticas educacionais, são eles: Ensino, Pesquisa, Extensão e Ações Afirmativas. A Extensão Universitária, junto com os demais pilares, busca cumprir o princípio substancial da Universidade, que é a formação humana em seu sentido mais abrangente, para além da formação técnica e profissional, primando pela formação de sujeitos capazes

de interagir e contribuir para a transformação social. Vivenciar a extensão como um destes pilares e que fomenta a potência da UFRB é de extrema importância, pois esta colabora de forma substancial com a interação da universidade com a comunidade.

O conceito de extensão evoluiu ao longo dos dez anos, indo da concepção socio-interacionista para a concepção da complexidade, da ecologia dos saberes, acreditando, portanto, no potencial transformador do encontro de saberes, produzidos tanto na academia como pela tradição das culturas

populares. Nessa perspectiva, o saber acadêmico é mais um saber na multifacetada trama do exercício de compreender e de explicar os fenômenos do mundo, da vida. (SOGLIA; VELLOSO, 2017, p. 1)

O Centro de Ciências da Saúde (CCS), campus da UFRB, no município de Santo Antônio de Jesus (Bahia), realiza no início de cada período letivo, o evento “Seminário Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica”. Para além de uma atividade acadêmica, se constituiu, principalmente nos últimos quatro anos, em uma oportunidade de fortalecimento do vínculo junto à sociedade santoantoniense e demais municípios do Recôncavo da Bahia, a exemplo de sua capital Salvador.

Acreditamos na relevância que a universidade tem em criar um compromisso ético, político e social, para assim criar vínculos com as co-

munidades. E o evento Reencôncavo Saúde “carrega” estes elementos em sua essência.

O objetivo deste relato é compartilhar as experiências colaborativas nas edições realizadas em quatro anos do Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica, a partir do olhar de três discentes que participaram ativamente na organização e realização das mesmas junto à coordenação do evento.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiências desenvolvido por discentes a partir do olhar destas. A Figura 1A apresenta o desenho esquemático geral da metodologia do evento e a Figura 1B os temas intitulados para os períodos de 2015.2 a 2020.1.

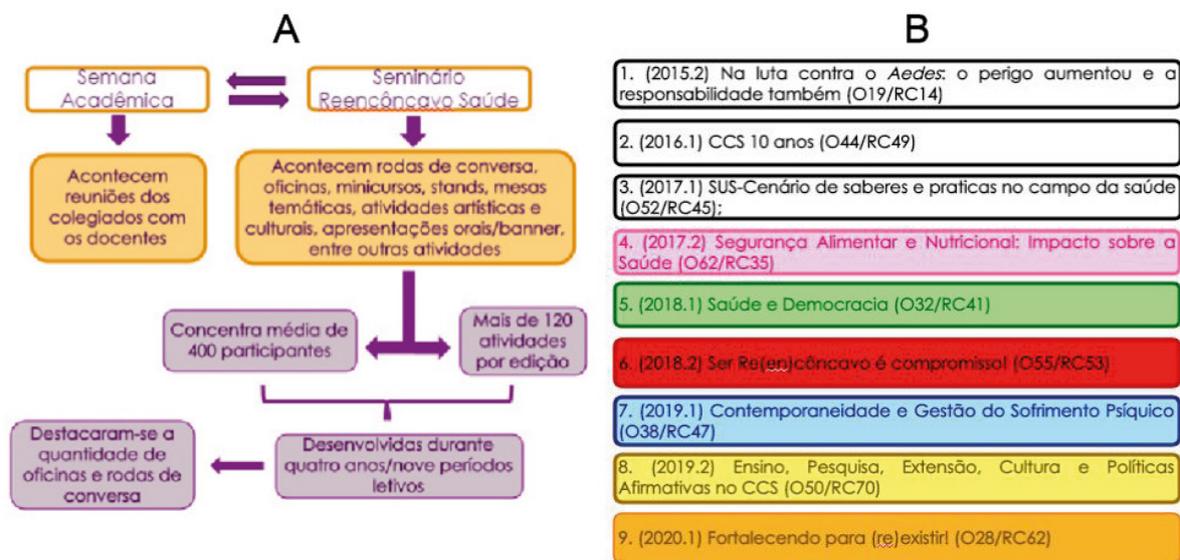


Figura 1 – Semana Acadêmica e Reencôncavo Saúde: A. Esquema metodológico da organização do evento; B. Temas do evento por edição com respectivos quantitativos de oficinas (O) e rodas de conversa (RC). **Fonte:** As autoras, 2020

Durante a Semana Acadêmica, aconteceram reuniões dos colegiados e da direção do CCS/UFRB com os docentes e discentes, estabelecendo-se como um momento central no planejamento acadêmico do próximo semestre, bem como o fechamento do anterior.

No Seminário Reencôncavo Saúde, propriamente dito, aconteceram rodas de conversa, oficinas, minicursos, stands, mesas temáticas, atividades artísticas, esportivas e culturais, apresentações no formato oral e em banner,

ofertas de serviço, lançamento de livros, entre outras atividades.

As atividades foram previamente submetidas por todas as categorias da comunidade acadêmica e também pela comunidade externa e avaliadas por comissão científica interna. Estas, poderiam ser submetidas por estudantes de ensino técnico, graduados ou pós-graduados, servidores técnicos administrativo ou docentes vinculados à UFRB ou a outras instituições de Ensino Superior ou por mestres de

ofício e/ou saberes da comunidade externa (do Recôncavo da Bahia, arredores e demais cidades do Brasil).

RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS

O evento se consolidou com média de 400 participantes, distribuídos em mais de 120 atividades por edição. Um breve histórico das edições (Figura 1B), mostra temáticas diversas desenvolvidas em quatro anos (nove períodos letivos), com destaque apenas para o quantitativo de oficinas (O) e rodas de conversa (RC) especificamente: 1. (2015.2) Na luta contra o Aedes: o perigo aumentou e a responsabilidade também (O19/RC14); 2. (2016.1) CCS 10 anos (O44/RC49); 3. (2017.1) SUS-Cenário de saberes e práticas no campo da saúde (O52/RC45); 4. (2017.2) Segurança Alimentar e Nutricional: Impacto sobre a Saúde (O62/RC35); 5. (2018.1) Saúde e Democracia (O32/RC41); 6. (2018.2) Ser Re(en)concavo é compromisso! (O55/RC53); 7. (2019.1) Contemporaneidade e Gestão do Sofrimento Psíquico (O38/RC47); 8. (2019.2) Ensino, Pesquisa, Extensão, Cultura e Políticas Afirmativas no CCS (O50/RC70) e 9. (2020.1) Fortalecendo para (re)existir! (O28/RC62). Um e-book está sendo confeccionado bem como a historicidade deste evento em página própria de natureza virtual e nestes, todo o quantitativo por atividade será socializado. Informações gerais poderão ser encontradas no site do CCS (UFRB, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b, 2020). Registra-se que, em virtude de adequações no calendário acadêmico da instituição, não aconteceu o evento no período letivo de 2016.2.

Ocorreram atividades que fomentaram diálogos de forma interdisciplinar entre as graduações e pós-graduação do CCS, suscitando discussões ampliadas em saúde, viabilizando também a promoção e divulgação do conhecimento científico. Com participantes, ouvintes e convidados, da comunidade interna e da comunidade externa.

As rodas de conversa tinham como objetivo a socialização de experiências de formação

acadêmica, atuação profissional, resultados de pesquisa e de extensão, apresentadas pelo(s) proponente(s) da atividade em debate com os ouvintes. As oficinas aconteciam em grupo com o objetivo da discussão da temática proposta envolvendo a utilização ou produção de artefatos e/ou outros materiais. Os minicursos eram levados como uma proposta teórico-práticas a partir do(s) proponente(s), com o objetivo da reflexão sobre o tema tratado e também de se colocarem em um local de atividade em relação ao assunto proposto. Os stands, apresentavam mostras e/ou exposições de cunho científico, artístico ou cultural, de um produto produzido por projetos, ligas, grupos de estudos, grupos de pesquisas e afins.

Também ocorreram atividades artísticas, culturais ou esportivas com o objetivo da divulgação destas modalidades, de entretenimento e socialização, que ocorreram sob as mais diversas formas de expressão, jogos, dança, apresentações musicais, teatrais, práticas de cuidado terapêutico com o corpo, entre outras. Também foram propostas ofertas de serviços, que tinham por objetivo oferecer algum serviço gratuito a toda comunidade participante do evento, como por exemplo, oferta de acupuntura, reiki, massagem terapêutica, avaliação ocular, raio-x, entre outros serviços. Ocorreram lançamentos de livros e debates sobre o tema com os autores. Aconteceu também atividades específicas para crianças e adolescentes que vinham de várias escolas do município, convidadas para somar ao evento enquanto visitavam os espaços prediais e laboratórios didáticos, com o auxílio de interação destes com os servidores técnicos dos respectivos setores.

Registros fotográficos estão dispostos, por edição do evento, nas Figuras 2 e 3, alguns com parte da equipe organizadora e monitores. Os registros mostram que este evento, para além de uma atividade acadêmica, sempre trabalhou como uma atividade de vínculo com a sociedade, preferencialmente do Recôncavo da Bahia.



Figura 2 - Registros fotográficos do Reencôncavo Saúde: 2015.2 a 2018.2. **Fonte:** Fotos pelas comissões organizadoras dos respectivos eventos e pelos servidores técnicos Anderson Maia Meira e Maitê dos Santos Rangel, 2015-2018.

A própria logomarca do Reencôncavo Saúde, elaborada pelos estudantes Eledionax Ludovico Silva e Raíssa de Figueirêdo Carvalho, bacharéis em saúde e graduandos em medicina, parceiros do evento (Figura 4), transmite uma

sensação de pertencimento e acolhimento, visto que o próprio evento carrega esses sentimentos como principal objetivo em suas ações, atividades e compartilhamentos.

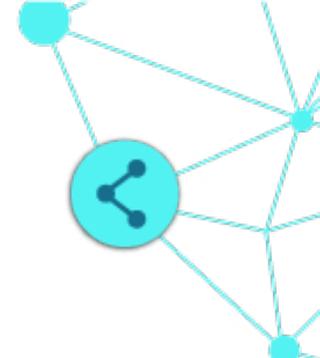


Figura 3 - Registros fotográficos do Reencôncavo Saúde: 2019.1 a 2020.1. **Fonte:** Fotos pelas comissões organizadoras dos respectivos eventos e pelos servidores técnicos Anderson Maia Meira e Maitê dos Santos Rangel, 2019-2020.

Ao longo desses semestres, o Reencôncavo foi uma construção conjunta de servidores terceirizados, técnicos administrativos, docentes, discentes, gestoras de extensão, pesquisa e ensino, direção, coordenação de colegiados de cursos de graduação do CCS-UFRB, serviço de Psicologia e PROPAAE do CCS, com colaboração de todas as Pró-reitorias da UFRB.



Figura 4 - Logomarca do Reencôncavo Saúde¹. **Fonte:** Evento Reencôncavo Saúde, 2016.

1 Logomarca elaborada por Eledionax Ludovico Silva e Raíssa de Figueirêdo Carvalho.



É importante destacar que as parcerias externas e internas que colaboraram financeiramente (independente de valor), possibilitaram a confecção de camisetas para a comissão organizadora e monitores e de banners de agradecimentos, oferta de água, lanches solidários e/ou brindes para sorteios, ofertando também serviços e outras atividades que enriqueceram a proposta e efetivação da mesma.

Participar da organização do Reencôncavo teve um impacto bastante significativo na trajetória das discentes e na formação enquanto Bacharelas em Saúde e futuras Psicólogas. Possibilitando descobertas relevantes, como: a importância do trabalho em grupo, da interdisciplinaridade, do cuidado, da escuta e do compartilhamento de ideias e experiências. Destaca-se que o evento foi construído com a colaboração de inúmeras pessoas e somos gratas a todas as comissões organizadoras, monitores, apoiadores e parceiros que se dispuseram a ajudar com todo empenho possível.

O evento acolhe, abraça e constrói! Em paralelo ao momento histórico em que vivemos, a pandemia ocasionada pelo Sars-CoV-2, percebemos a diferença que o evento traz ao nosso cotidiano. Sua construção viabilizada pela aglomeração de discentes, docentes e comunidade externa é o que o torna completo, desde o juntar de mãos da comissão, até rodas de conversa, o Reencôncavo é conexão! O momento, apesar do isolamento social, traz à tona que devemos, mesmo que virtualmente, estarmos em harmonia uns com os outros,

não perdendo de vista o desenvolvimento da ciência, da pesquisa, do ensino, da extensão, permeados pela cultura.

Fazer parte da construção do evento foi extremamente gratificante, nos enchendo de alegria e orgulho. Reencôncavo é parceria, afeto, união, construção em grupo e o mais importante é que tudo isso transcende os muros da universidade e chega à comunidade externa para assim podermos construir vínculos.

CONCLUSÃO

O Reencôncavo Saúde é uma excelente oportunidade de renovação de compromisso institucional, com apoio de terceirizados, técnicos, docentes e discentes que se somam com a população para além dos muros da Universidade.

Sugere-se que a regularidade do evento seja mantida e que ocorra a realização de mais propostas, que possibilitem a interação da comunidade acadêmica com a comunidade externa, ampliando sua divulgação, bem como integrando outros centros da UFRB com uma troca de saberes multidisciplinares.

Assim, será possível superar e atravessar desafios que possam ocorrer na construção de uma Universidade mais inclusiva, garantindo ainda mais a legitimidade de nosso Centro/ Universidade diante da sociedade, com o compromisso ético-político da construção do conhecimento.

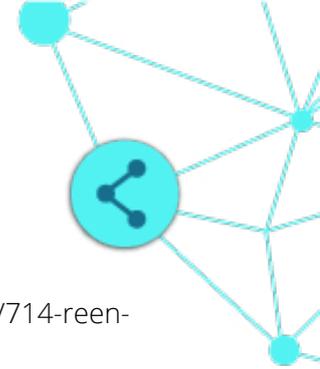
REFERÊNCIAS

SOGLIA, Sílvio Luiz de Oliveira; VELLOSO, Tatiana Ribeiro. Apresentação. In: SOUZA, Adriele de Jesus; CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira; ROCHA, Valdéria Oliveira (Org.). Extensão universitária na UFRB. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2017. 325 p.

UFRB. Reencôncavo 2015.2: Inscreva-se!. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016a. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/noticiasccs/483-reenconcavo-2015-2-inscreva-se>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo Saúde 2016.1: Inscrições Abertas. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016b. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/noticiasccs/612-reenconcavo-saude-2016-1-inscricoes-aberta>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo 2017.1: Participe!. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do



Recôncavo da Bahia, 2017a. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/noticiasccs/714-reenconcavo-2017-1-participe>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo Saúde 2017.2: Inscrições Abertas. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017b. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/eventos/799-reenconcavo-saude-2017-2-inscricoes-abertas>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

UFRB. Seminário Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2018.1. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018a. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/eventos/873-seminario-reenconcavo-saude-e-semana-academica-2018-1>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2018.2. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018b. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/eventos/948-reenconcavo-saude-e-semana-academica-2018-3>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2019.1. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019a. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/noticiasccs/1022-reenconcavo-saude-e-semana-academica-2019-1>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

UFRB. Seminário Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2019.2: Apresentações premiadas. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019b. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/eventos/1140-seminario-reenconcavo-saude-e-semana-academica-2019-2>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

UFRB. Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2020.1. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ccs/eventos/1258-reenconcavo-saude-e-semana-academica-2020-1>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

EMPODERAMENTO DE MULHERES PARA AO PARTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA

EMPOWERMENT OF WOMEN FOR CHILDBIRTH: EXPERIENCE REPORT OF EXTENSIONIST ACTIVITY

Ana Beatriz Argolo Cavalcante Lima

Graduanda do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. bia.aclima@hotmail.com

Bruna Rafaela Barreto Sousa

Graduanda do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde; UFRB. brunarafaellas2@hotmail.com

Luis Eduardo Pessoa Farias

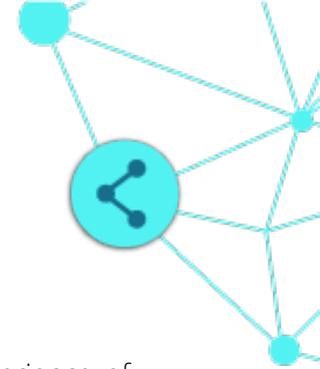
Graduando do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB. luispessoafarias@gmail.com

Yasmim Magalhães Ribeiro

Graduanda do curso de Enfermagem da UFRB. yasmimr1@gmail.com

Amália Nascimento do Sacramento Santos

Doutora em enfermagem da UFRB. amaliasacramento@ufrb.edu.br



RESUMO

Objetiva-se relatar a experiência docente e de discentes no desenvolvimento de um projeto extensionista sobre práticas de cuidado e empoderamento de mulheres no parto, realizado em duas edições junto ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária – PIBEX da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. A primeira edição ocorreu nos meses de agosto a dezembro de 2018 e a segunda, de julho a novembro de 2019. As atividades iniciais de formação discentes ocorreram na UFRB e as ações com as mulheres em uma Maternidade do Recôncavo da Bahia, tendo as autorizações institucionais. Somou-se nas duas edições a ocorrência de 10 encontros de formação com discentes, 11 ações educativas, 02 reuniões com pessoal do serviço, produção de fotos e 02 folders educativos. Participaram aproximadamente 110 pessoas nas atividades educativas. Contribuiu-se para o empoderamento de mulheres na visita de vinculação, também de gestantes, puérperas e acompanhantes internadas. Visualizaram-se alterações na estrutura física da instituição, focadas na humanização do parto; descreveu-se contribuições dessa atividade na formação acadêmica. Apesar dos avanços na atividade e na discussão sobre empoderamento feminino e humanização do parto, nota-se lacunas e desafios no processo de cuidado às mulheres que demandam mais ações do serviço e universidade.

Palavras-chave: Humanização do Parto. Saúde da Mulher. Relações Comunidade-Instituição.

INTRODUÇÃO

A atenção em saúde obstétrica no Brasil vem passando por uma remodelação no que tange às perspectivas de qualidade do serviço. Nesse contexto, políticas de saúde específicas vêm se arvorando e dando possibilidade de enfrentamento a questões da violência obstétrica, avaliações negativas do serviço quanto a práticas de cuidado e resolutividade, para além das necessidades de enfrentamento da morbimortalidade materna (PEREIRA RODRIGUES, 2015).

ABSTRACT

The objective is to report the experience of students and teachers in the development of an extension project on practices of care and empowerment of women in childbirth, carried out in two editions with the Institutional Program of University Extension Grants - PIBEX of the Federal University of Recôncavo da Bahia-UFRB. The first edition took place from August to December 2018 and the second, from July to November 2019. Initial training activities for students took place at UFRB and actions with women in a Maternity Hospital in Recôncavo da Bahia, with institutional authorizations. In both editions, there were 10 training meetings with students, 11 educational actions, 02 meetings with service personnel, photo production and 02 educational folders. Approximately 110 people participated in educational activities. It contributes to the empowerment of women in the bonding visit, also of pregnant women, puerperal women and hospitalized companions. Changes were seen in the physical structure of the institution, focused on the humanization of childbirth; contributions of this activity to academic formation are described. Despite advances in activity and in the discussion on female empowerment and humanization of childbirth, there are gaps and challenges in the process of caring for women who demand more service and university actions.

Keywords: Humanizing Delivery. Women's Health. Community-Institutional Relations.

A partir de discussões e aprofundamentos da Política de Humanização do Sistema Único de Saúde e relacionando com a atenção obstétrica, em 2011, foi aprovada a "Rede Cegonha", política que propõe a implantação de um modelo de atenção ao parto e ao nascimento que vem sendo discutido e construído no país desde a década de 1980. Essa é uma estratégia para garantir às mulheres e às crianças uma assistência que lhes permitam vivenciar a experiência da maternidade e nascimento com segurança, respeito e dignidade, focando o parto como fisiológico e natural, que constitui uma experiência rica para a mulher,



parceiro(a) e sua família, e não um processo patológico (BRASIL, 2011).

Contudo, o estudo realizado por Sampaio (2014), no Recôncavo da Bahia, revelou que a assistência ainda continua baseada no modelo biomédico, utilizando técnicas e procedimentos de rotina, que nem sempre são necessários em um cenário onde a parturiente é vista como objeto de trabalho. O estudo aponta reflexões para a reavaliação das práticas assistenciais que estão sendo oferecidas às mulheres, de forma que a humanização do cuidado seja inserida na rotina de trabalho da equipe, ressaltando ainda que precisam ser oferecidas condições de trabalho ao profissional que possibilite ações de humanização.

No desenvolvimento de práticas de ensino em um centro de parto normal, frequentemente durante o trabalho na área de acolhimento com classificação de risco e na visita de vinculação, foi surgindo a necessidade de empoderamento das mulheres e acompanhantes para o trabalho de parto e parto, visto que as mesmas demonstravam insegurança, medo, dúvidas sobre o papel do acompanhante, insatisfações pela demora e falta de informações para o atendimento. Apesar de realização de ações de ensino para minorar algumas dessas questões, sentiu-se a necessidade de avançar para além de atividades pontuais durante o período das práticas de ensino, de forma a articular um trabalho de extensão mais contínuo e com planejamento de ações para enfrentamento de problemas junto à instituição, que demonstrava interesse na parceria.

O acolhimento com classificação de risco - ACCR, bem como a visita de vinculação do pré-natal da gestante ao local de parto fazem parte dos componentes, eixos da política vigente de humanização da assistência ao parto. Segundo Lansky (2014), o vínculo entre os serviços que realizam o pré-natal e o parto e o estabelecimento de referências e contra referências no cuidado à mulher e ao bebê permitem a integração entre os níveis de atenção, garantindo a continuidade do cuidado. Com a visita ao local de parto durante a gestação, a mulher conhece a instituição, podendo ter maior segurança e evita a peregrinação pelos serviços.

A partir do fomento da gestão de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia foi possível estabelecer esse trabalho e objetiva-se aqui relatar a experiência docente e de discentes no desenvolvimento de um projeto extensionista sobre práticas de cuidado e empoderamento de mulheres no parto.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a participação de discentes dos cursos de enfermagem, medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a partir do projeto de extensão "Práticas de cuidado e empoderamento de mulheres sobre a humanização do parto numa maternidade do Recôncavo, realizado em duas edições junto ao Programa de Bolsas de Extensão - PIBEX da UFRB.

A primeira edição do projeto ocorreu nos meses de agosto a dezembro de 2018 e a segunda edição entre os meses de julho a novembro de 2019.

Na primeira edição foram realizados 06 encontros de formação com os discentes; seis atividades educativas na maternidade, campo do projeto, 01 reunião com profissionais do serviço para organização, produção de fotos e 01 folder educativo para as mulheres. Na segunda edição foram realizados 04 encontros de formação; 01 reunião com profissionais do serviço para organização e participação nas atividades e 05 ações educativas no campo de estudo e produção de 01 folder educativo. Em média houve o alcance de 110 pessoas nas atividades educativas, tomando por base a participação de uma média de 10 pessoas (gestantes, puérperas e acompanhantes) por cada ação educativa.

A equipe executora foi orientada previamente a escrever em diário de campo sobre as atividades desenvolvidas durante a experiência na instituição e registro das percepções sobre o contato com as mulheres. Conforme indicam Freitas e Pereira (2018), o diário de campo é um instrumento de registro, um caderno de notas, onde são registradas as vivências, impressões pessoais, conversas informais, ob-

servações dos fatos ocorridos, inclusive comportamentos contraditórios com as falas das pessoas envolvidas, dentre outros aspectos.

Na perspectiva ética, a entrada na maternidade foi precedida por autorização do serviço de ensino e pesquisa da instituição. Nesse contexto, observou-se os princípios éticos de respeito à privacidade das pacientes e da instituição, motivo pelos quais não foram apresentadas imagens e fotos nesse relato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EMPODERAMENTO DAS MULHERES DURANTE VISITAS DE VINCULAÇÃO

As visitas de vinculação ocorriam durante dois dias na semana, às terças e quintas-feiras, no turno matutino das 09 às 11 horas. A participação nesse processo possibilitou a apresentação de todos os espaços físicos da instituição, acompanhando as mulheres, juntamente com uma profissional do serviço (assistente social, nutricionista, psicóloga e enfermeira). A maternidade recebia gestantes do município local e circunvizinhos, com uma agenda previamente organizada. Geralmente as mulheres vinham acompanhadas de uma profissional do serviço pré natal (enfermeiras ou técnicas de enfermagem, Agentes comunitários de Saúde), por seu companheiro ou outro familiar.

As unidades mais observadas e que suscitaram mais atenção das mulheres foram o centro de parto, as enfermarias do alojamento conjunto e o berçário, nas quais muitas mulheres se mostram apreensivas. Nesse contexto, como ação de empoderamento, principalmente no ambiente do centro de parto normal, eram apresentados às mulheres os equipamentos e materiais relacionados com as boas práticas de estímulos ao parto natural, a exemplo de leves tecnologias através do uso de equipamentos como a bola suíça, o cavalinho, o espaldar e de movimentos corporais possíveis para o alívio da dor e favorecimento do trabalho de parto.

Os cuidados não farmacológicos de alívio da dor tem o potencial de tornar o parto o mais natural possível, diminuindo as intervenções, as cesarianas e a administração de fármacos.

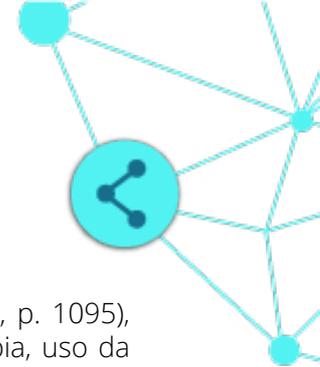
De acordo com Araújo et al (2018, p. 1095), “musicoterapia, banho, aromaterapia, uso da bola, método cavalinho, banquinho U, massagens e deambulação permite o protagonismo da mulher e inibe estressores do parto”. Esses métodos permitem ainda a correção da postura, o relaxamento e alongamento e o fortalecimento da musculatura que associada à ampliação da pelve auxilia na descida da apresentação fetal no canal de parto.

Algumas mulheres relatam suas experiências anteriores com a instituição, notaram mudanças na ambiência física e algumas desafiavam com a questão: “esse parto humanizado que vocês estão falando, de fato acontece mesmo aqui?”. Nota-se uma abordagem com olhar crítico e provocativo, denotando desconfiança quanto à qualidade do serviço no foco da humanização. Nessa questão específica, aproveitava-se para aprofundar a discussão sobre humanização da assistência e direitos das mulheres. Nesse contexto, profissionais do serviço indicam que o desenvolvimento dessas práticas variava entre as equipes de atendimento, entre os diversos profissionais, alguns aplicavam mais e outros menos, vislumbrando, assim, práticas não homogêneas em todos os períodos de atendimento.

AÇÕES EDUCATIVAS ÀS MULHERES INTERNADAS NAS UNIDADES DE PRÉ E PÓS-PARTO

Foram realizadas ações educativas nas unidades de pré parto do centro de parto normal e na unidade de alojamento conjunto junto às mulheres puérperas, no pós parto. Na unidade de pré parto, onde as mulheres estavam em trabalho de parto, as ações consistiam em empoderá-las para assumir o trabalho de parto com mais autonomia, com maior participação do acompanhante nesse processo. O ensino sobre o uso de equipamentos para movimentação disponíveis no hospital, de técnicas de relaxamento como exercício respiratório, massagens, o estímulo à deambulação e ao banho morno, quando possível. Essas ações favorecem o relaxamento corporal e alívio da dor.

Dito isto, era notório o sentimento de satisfação e de acolhimento das mulheres, no mo-





mento de atenção e escuta qualificada, traduzidos através do interesse pelas orientações e pela conversa, pelos gestos de agradecimentos. Além disso, as puérperas relataram que realizaram a visita de vinculação e elogiaram a qualidade do atendimento e o trabalho dos profissionais no parto. A comunicação efetiva é de suma importância para o aperfeiçoamento do atendimento e para a segurança do paciente, já que de acordo com Massoco e Mel-leiro (2015) a comunicação com os usuários deve ser para além da troca de informações, mas uma forma de olhar e incentivar mudanças de comportamentos, neste caso com o intuito de empoderá-las para o momento do parto.

Para desenvolvimento das ações educativas, utilizou-se de dinâmicas interativas e participativas junto às mulheres, com o uso de jogos de perguntas e respostas e a partir da metodologia de roda de conversa. As mulheres e acompanhantes entravam no universo das temáticas discutidas e ao mesmo tempo havia uma atmosfera de distração e entretenimento. Nesse formato era possível perceber o conhecimento sobre o tema e algumas práticas de cuidado adotadas por elas. As temáticas mais discutidas foram aleitamento materno, cuidados com o recém-nascido, direitos das mulheres, boas práticas de atenção ao parto e humanização do atendimento.

Tais metodologias favorecem um ambiente acolhedor e de troca de experiências, visto que as práticas educativas com metodologias participativas possibilitam, aos envolvidos no processo de aprendizagem, a articulação entre um conhecimento prévio e um novo. Nesse sentido, todos podiam contribuir e participar, sem julgamentos e avaliações rígidas, o que fortalecia o vínculo e a confiança entre os participantes, concretizando assim a educação em saúde pontual e eficaz (KALINOWSKI et al, 2013).

A partir da realização das atividades educativas com puérperas, gestantes e acompanhantes sobre parto humanizado foi possível apreender uma cultura de ampla valorização do parto cesáreo, explicitada por ser menos doloroso para a mulher em detrimento do parto natural, ao mesmo tempo, essa era uma

constatação pelo grande número de puérperas com esse tipo de parto.

A alta incidência de cesáreas no Brasil pode ser explicada por fatores socioculturais, pois se tornou uma prática rotineira e abusiva, significando, muitas vezes, uma assistência obstétrica medicalizada e representa um problema social. Para que a incidência de cesarianas diminua é necessário que seja restituído o protagonismo da mulher, além de considerar aspectos psicológicos, afetivos, emocionais, espirituais, culturais e contextuais no parto (GOMES et al, 2018).

OBSERVAÇÃO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO SERVIÇO

Durante a execução das duas versões do projeto foi possível observar alterações na estrutura física institucional em benefício da humanização do parto. No primeiro momento, durante os meses de agosto a dezembro de 2018, havia um centro obstétrico, com duas salas de pré-parto, uma com seis leitos e outra com três leitos, com uma sala de parto possuindo duas mesas de parto. Entre os leitos não havia divisória e tentava-se possibilitar privacidade às mulheres com uso de biombos. Havia um consultório para acolhimento com classificação de risco acoplado com o consultório do obstetra plantonista para avaliação da mulher.

Na segunda versão do projeto, durante os meses de julho a dezembro de 2019, observou-se a criação do Centro de Parto Normal – CPN, melhoria da ambiência no que tange a cor de pintura das paredes com um tom de cor amena, rosa claro, com cinco salas de pré-parto e parto, com leitos individuais, sendo que dois quartos possuem dois leitos, com divisórias que permitiam a privacidade da mulher e seu acompanhante, onde as mulheres podiam parir e continuar naquele ambiente. Contudo, possuindo também uma sala de parto com equipamentos para o parto normal, presença de equipamentos para permitir a movimentação livre da mulher no trabalho de parto, consultório de Acolhimento com Classificação de Risco – ACCR, consultório médico, sala de procedimentos, estando perto dessa estrutura uma sala para registro do



nascimento da criança.

Os profissionais da maternidade relataram uma mudança significativa no local após a adesão à Rede Cegonha. Principalmente, pelo aumento da verba destinada à compra de aparelhos e ao tratamento mais humanizado às mulheres.

As mudanças refletem os efeitos da implantação da política Rede Cegonha no hospital em questão. Afinal, a melhoria no espaço físico propicia uma organização mais eficaz, o que consequentemente aumenta o acesso, o acolhimento e a resolutividade, sendo esses alguns dos objetivos que norteiam essa estratégia (BRASIL, 2011).

CONTRIBUIÇÕES DA ATIVIDADE EXTENSIONISTA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

As atividades desenvolvidas a partir do projeto permitiram a aprendizagem de conteúdo teórico e habilidade de desenvolvimento de projetos e de produção de outras práticas extensionistas e de pesquisa.

No que tange às aprendizagens de conteúdos teóricos evidenciou-se aprofundamento nas temáticas de humanização e boas práticas da assistência ao parto, empoderamento feminino, aleitamento materno, violência obstétrica, acolhimento e classificação de risco. Esses temas foram aprofundados a partir dos manuais técnicos de órgãos oficiais relacionados à saúde da mulher e de artigos científicos atualizados;

Com o projeto, foi possível aproximação com a sistemática de projetos operativos, os quais estimulam a observação crítica de problemas e o pensar em ações de enfrentamento para resolutividade. Esse projeto permitiu o desenvolvimento de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu na temática “acolhimento com classificação de risco”, com metodologia de projeto de intervenção de uma das autoras.

Na perspectiva da contribuição no desenvolvimento de outras atividades de extensão e pesquisa, descreve-se a produção de rodas de conversa, organização de stand com dinâ-

micas interativas e apresentações do tema em eventos científicos de pesquisa e extensão, permitindo a interação com a comunidade externa e outros discentes da universidade, favorecendo a ampliação da discussão sobre empoderamento feminino nas situações de parturição. Além disso, essas atividades permitiram publicações de trabalhos científicos baseados na experiência obtida e produção de material educativo no formato de folders para interação com as mulheres e acompanhantes na maternidade. Foram produzidos dois folders, um em cada edição do projeto.

Todo esse contexto corrobora com as discussões contemporâneas acerca da curricularização da extensão, tendo em vista a possibilidade de ensino aprendizagem contidos nesse processo e de que o aprender ocorre em diversos espaços e modos, para além da sala de aula (ALMEIDA, BARBOSA, VAZ, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto permitiu a contribuição para o empoderamento de mulheres no enfrentamento do momento do trabalho de parto e parto, de forma a experimentar esses momentos mais positivamente, bem como no empoderamento de acompanhantes para participar mais ativamente junto à mulher.

Sobre o aspecto formativo, os discentes foram capacitados em humanização da assistência ao parto e metodologias de enfrentamento de situações problemas, tendo com a formação extensionista, o contato com um cuidado humanizado e menos intervencionista. Ademais, foi possível um estreitamento das relações da universidade com o campo da maternidade.

Observa-se que mesmo com dispositivos legais e recursos de políticas específicas para mudar o modelo de atenção ao parto em favor da humanização da assistência, há lacunas e desafios no processo de cuidado que demanda mais ações do serviço e da universidade no desempenho do seu papel social.

Enquanto novos desafios e recomendações, evidencia-se a necessidade de ampliar cuidados com a segurança em saúde; a falta de placas identificadoras na instituição, a neces-



sidade de mais ações educativas sobre temas que permeiam a gravidez e o puerpério; a possível implementação de práticas integrati-

vas e complementares no cuidado, a exemplo da musicoterapia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sinara Monica Vitalino de; BARBOSA, Larissa Marcelle Vaz. Curricularização da Extensão Universitária no Ensino Médico: o Encontro das Gerações para Humanização da Formação. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, v. 43, n. 1, supl. 1, p. 672-680, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190013>

ARAÚJO, Alane da Silva Clemente et al. Métodos não farmacológicos no pato domiciliar. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, v.12, n. 4, 1091-6, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a230120p1091-1096-2018>.

BATISTA FILHO, Malaquias; RISSIN, Anete. A OMS e a epidemia de cesarianas. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 18, n. 1, p. 3-4, 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. Diretrizes gerais e operacionais da rede cegonha. Brasília, DF, 2011.

FREITAS, Mateus; PEREIRA, Eliane Regina. O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, v. 20, n. 3, 235-244, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

GOMES, Samara Calixto et al. Renascimento do parto: reflexões sobre a medicalização da atenção obstétrica no Brasil. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 71, n. 5, p. 2594-2598, out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0564>.

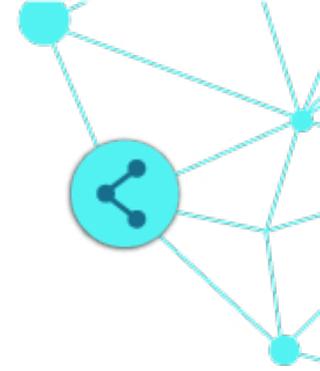
LANSKY, S; FIGUEIREDO, V.O.N. Acolhimento e Vinculação: diretrizes para acesso e qualidade do cuidado perinatal. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento. Cadernos HumanizaSus. Brasília (DF), v. 4, p. 155-70, 2014. Disponível em: http://www.redehumanizazus.net/sites/default/files/caderno_humanizazus_v4_humanizacao_parto.pdf. Acesso em: 5 jul. 2015.

KALINOWSKI, Carmen Elizabeth et al. Metodologias participativas no ensino da administração em Enfermagem. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 17, p. 959-967, 2013.

MASSOCO, Eliana Cristina Peixoto; MELLEIRO, Marta Maria. Comunicação e segurança do paciente: percepção dos profissionais de enfermagem de um hospital de ensino. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 187-195, 2015.

PEREIRA RODRIGUES, et al. A peregrinação no período reprodutivo: uma violência no campo obstétrico. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, n 19, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127743547013>>. Acesso em 15 de maio 2020.

SAMPAIO, Maiana Rodrigues de Almeida. Percepção das mulheres sobre a assistência obstétrica recebida numa maternidade do Recôncavo Baiano. Trabalho de Conclusão de curso de Enfermagem. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências da Saúde, Santo Antônio de Jesus, 2014.



OS DESAFIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE TRADICIONAL DO QUEBRA FOGO / IRARÁ – BA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE CHALLENGES OF FAMILY AGRICULTURE AND FOOD PRODUCTION IN THE TRADITIONAL COMMUNITY OF QUEBRA FOGO / IRARÁ - BA: EXPERIENCE REPORT

Jasciene Goes Batista

Discente do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos – CETENS (UFRB)
Email: jasciene@ceter.org.br

Kassia Aguiar Norberto Rios

Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFRB)
Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Email: kassiaros@ufrb.edu.br



RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada durante o Projeto de Extensão “Educação do Campo e das Águas: rompendo desafios e demarcando novas territorialidades”, a destacar as ações de formação desenvolvidas com os/as camponeses/as da comunidade tradicional do Quebra Fogo (Irará/BA). Para a organização das ideias e discussões, recorreremos metodologicamente a técnicas e instrumentos da pesquisa participante, dentre as quais destacamos a observação, realização de oficinas de formação com os/as agricultores/as, dirigentes da associação, grupos de mulheres etc. A comunidade do Quebra Fogo encontra-se localizada no município de Irará-Bahia e possui aproximadamente 270 moradores, distribuídos em diversas localidades (Bongue, Alto do Cruzeiro, Olhos D’água e Periquito). A economia local e a renda dos/as moradores/as têm como base a atividade da agricultura familiar, em que se destacam o cultivo e comercialização de produtos: feijão, milho, mandioca, amendoim e batata-doce. No entanto, devido à inexistência de políticas públicas e dificuldades de acesso às mesmas existentes, a comunidade tem vivenciado, no decorrer dos últimos anos, uma série de contradições e desigualdades sociais. Frente a essa realidade, os/as moradores/as do Quebra Fogo vêm buscando alternativas de permanência no campo através da agricultura familiar. As discussões e análises desenvolvidas permitiram observar a importância e a necessidade do desenvolvimento de ações extensionistas, em especial voltadas às comunidades tradicionais baianas. Todas as ações desenvolvidas no âmbito do projeto foram construídas visando ao crescimento e à valorização do homem do campo, assim como a integração dos conhecimentos tradicionais e científicos.

Palavras-chave: Questão Agrária. Comunidade. Agricultura. Produção.

ABSTRACT

This work aims to report the experience lived during the Extension Project “Education of the Field and the Waters: breaking challenges and demarcating new territorialities”, highlighting the training actions developed with the peasants of the traditional Quebra Fogo community (Irará / BA). For the organization of ideas and discussions, we methodologically resort to techniques and instruments of participatory research, among which we highlight observation, conducting training workshops with farmers, association leaders, women’s groups, etc. The Quebra Fogo community is located in the municipality of Irará - Bahia and has approximately 270 residents, distributed in several locations (Bongue, Alto do Cruzeiro, Olhos D Agua and Periquito). The local economy and the income of the residents are based on the activity of family farming, which stand out in the cultivation and commercialization of products: beans, corn, manioc, peanuts and sweet potatoes. However, due to the lack of public policies and difficulties in accessing those that exist, the community has experienced, over the past few years, a series of social contradictions and inequalities. Faced with this reality, the residents of Quebra Fogo have been looking for alternatives to stay in the countryside, through family farming. The discussions and analyzes carried out made it possible to observe the importance and the need to develop extension actions, especially aimed at traditional Bahian communities. All the actions developed in the project scope were built aiming at the growth and the valorization of the rural man, as well as the integration of traditional and scientific knowledge.

Keywords: Agrarian Question. Community. Agriculture. Production.



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto das reflexões e atividades que têm sido desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão “Educação do Campo e das Águas: rompendo desafios e demarcando novas territorialidades” em execução no Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Esse projeto foi construído num contexto de reivindicação das comunidades tradicionais baianas por ações que possibilitem a jovens e adultos vivenciarem espaços de aprendizagem que compreendam suas especificidades e valorizem seu modo de vida. Seu principal objetivo, portanto, consiste em desenvolver ações formativas para os sujeitos oriundos das comunidades tradicionais do estado da Bahia, tendo como referência uma pedagogia que dialogue com os saberes tradicionalmente construídos e os modos de vida dessas comunidades.

Neste trabalho, em especial, temos por objetivo relatar a experiência vivenciada durante as ações de formação desenvolvidas com os/as camponeses/as da comunidade tradicional do Quebra Fogo (Irará/BA). A comunidade do Quebra Fogo encontra-se localizada no município de Irará – Bahia e possui aproximadamente 270 moradores, distribuídos em diversas localidades (Bongue, Alto do Cruzeiro, Olhos D’água e Periquito).

A economia local e a renda dos/as moradores/as têm como base a atividade da agricultura familiar, em que se destacam o cultivo e a comercialização de produtos: feijão, milho, mandioca, amendoim e batata-doce. Na comunidade, além dos agricultores, também existe um grupo de mulheres que trabalham no cultivo e na produção de alimentos com base agroecológica.

Foi a partir desse cenário que elencamos como tema central das formações desenvolvidas durante o projeto: os desafios da agricultura familiar e a produção de alimentos. Com a escolha do tema, traçamos como objetivos: i) Contribuir na formação dos/as agricultores/as familiares em relação à agroecologia; ii) De-

bater novas formas de agregação de valor na produção local, compreendendo os desafios e possibilidades que envolvem a comunidade do Quebra Fogo; e iii) Combinar ações de ensino, pesquisa e extensão que busquem fortalecer a identidade das comunidades tradicionais, a partir de suas vivências/experiências.

Além disso, as ações planejadas visam também à construção de novas pontes de diálogo e troca de conhecimentos entre as comunidades, docentes e discentes da UFRB. Portanto, é a partir desse breve contexto que apresentamos algumas experiências vivenciadas e os resultados observados.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a organização das ideias e discussões, recorreremos metodologicamente a técnicas da pesquisa participante (BRANDÃO; BORGES, 2007), e utilizamos como instrumentos a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Nesta última, destacamos a realização de oficinas de formação com os camponeses, dirigentes da associação e grupos de mulheres e entrevistas com agricultores e lideranças de associações e cooperativas.

Nosso embasamento teórico são os conceitos e as categorias de Questão Agrária, Educação do Campo, Comunidades Tradicionais, Agricultura Familiar e Agroecologia. Para tal elencamos alguns autores, os quais destacamos: Arruti (2006); Caldart (2012); Germani (2006); Mazalla Neto (2014); Primavesi (2016); Santos (2017); Stédile (2000) e Zamberlam; Fronchetti (2012).

As atividades realizadas ocorreram entre os meses de junho e dezembro de 2019 e foram organizadas através de 3 eixos principais: Formação Política (questão agrária, direitos das comunidades tradicionais, gênero e diversidade etc.) Formação Técnica (agroecologia, produção de alimentos, associativismo etc.), e Diversos (demandas pontuais). Nosso público-alvo foram moradores/as, agricultores/as, representantes de associações e lideranças da comunidade tradicional do Quebra Fogo e localidades vizinhas e estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos da UFRB.



É importante destacar que o município citado é constituído por diversas comunidades tradicionais que têm como principal fonte de renda a agricultura familiar e a produção de alimentos. No entanto, mesmo com tal especificidade, o que se observa no decorrer de décadas é uma invisibilidade histórica desses sujeitos, principalmente no que se refere às políticas públicas locais, à estrutura fundiária e às condições de produção/comercialização dos produtos.

É por esse contexto que as ações formativas planejadas têm dentre seus objetivos capacitar os (as) agricultores (as) familiares, visando à promoção de desenvolvimento e renda na comunidade, através do fortalecimento da produção, diversificação e comercialização de alimentos de base agroecológica.

O primeiro momento de formação ocorreu no mês de junho de 2019 e foi destinado basicamente à apresentação da equipe, construção da proposta e organização das oficinas de formação a serem realizadas. Após esse momento, foram realizadas as seguintes ações: 1) Roda de conversa: A produção de alimentos saudáveis e os princípios da agroecologia; 2) Oficina de produção de hortaliças; 3) Organização de Feira Comunitária; 4) Curso sobre manejo ecológico do solo; 5) Curso sobre manejo da água (reflorestamento de nascentes); 6) Oficina sobre diversificação da produção; 7) Oficina sobre políticas públicas para agricultura familiar e 8) Formação sobre Estudo de Viabilidade.

As oficinas de formação ocorreram duas vezes no mês, sendo algumas delas realizadas na sede da Associação Rural do Quebra Fogo e outras nas propriedades dos agricultores, para realização das atividades práticas. Nas oficinas, os formadores convidados (docentes, pesquisadores da temática, moradores e lideranças da comunidade) geralmente iniciavam sua exposição através de frases, textos e figuras ilustrativas e, em seguida, abriam para o debate e diálogo, havendo a participação da maioria dos presentes, em todos os momentos.

Nas oficinas práticas, destaca-se a troca de saberes e a efetivação de um momento enri-

quecedor para todos. Ao final de cada oficina eram realizadas avaliações e, em seguida, a sistematização em relatórios.

Ao todo participaram das atividades entre 80 e 100 pessoas, entre moradores, lideranças locais, agricultores(as), estudantes da UFRB etc.

AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS E OS RESULTADOS OBSERVADOS

A comunidade do Quebra Fogo está localizada no município de Irará/BA a 6 km da sede do município e compreende as localidades de Olhos D'Água, Bongue, Alto do Cruzeiro e Periquito. Quebra Fogo é uma comunidade de origem camponesa que tem seu processo histórico de formação sócio-territorial marcado por ações de luta e resistência dos/as moradores/as contra fazendeiros e garimpeiros da região de Irará.

A população local, segundo dados das Associações locais, é de aproximadamente 270 (duzentos e setenta) moradores/as. Cabe destacar que, nos últimos anos, mais de 87 (oitenta e sete) moradores/as saíram da comunidade em busca de oportunidade de emprego. A migração, sobretudo, da juventude do campo é um fator que tem fragilizado a organização da comunidade, fazendo-se necessário pensar ações que discutam possibilidades de produção e reprodução dos camponeses em seus locais de origem.

Sobre a produção da agricultura camponesa, destaca-se que mesmo em pequenas porções de terra, os agricultores conseguem produzir uma diversidade de produtos, a exemplo do feijão, milho, mandioca, amendoim, batata-doce. Na pecuária destaca-se a produção da galinha caipira, codorna, porco, ovelha, cabra e o bode.

A comercialização dos produtos acontece de várias formas, através de feira livre, circuitos curtos, feiras comunitárias organizadas pelos próprios moradores e através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), intermediado através da Cooperativa dos Produtores da região de Irará (COOPRIL).



Tais dados demonstram a importância e o papel da produção de alimentos para os agricultores familiares da comunidade. Nesse sentido é importante lembrar que o modelo de produção de alimentos no Brasil vem ao longo dos anos se caracterizando pelo aumento indiscriminado do uso de agrotóxicos, como forma de atender a uma demanda hegemônica, priorizando o modelo de agricultura que não respeita as relações da natureza.

Na comunidade do Quebra Fogo, as dificuldades variam desde a falta de terra à dificuldade de acessar algumas políticas públicas. A má distribuição de terra no Brasil coloca a população camponesa numa situação crítica, até a última década, quase a metade das terras cultiváveis do país ainda estavam na mão dos grandes latifundiários, o que representa menos de 1% das propriedades existentes no país (GERMANI, 2006). Enquanto isso, milhões de agricultores familiares encontram-se nos denominados minifúndios, espremidos entre as grandes propriedades ou sem terra alguma para residir e plantar (GEOGRAFAR, 2020).

Um contexto histórico que também se materializa na comunidade do Quebra Fogo, quando percebermos que os camponeses que possuem a terra o fazem através de sistemas de posseiro, parceria, arrendatário e/ou ocupante, sendo todas consideradas pequenas propriedades ou minifúndios.

Outro agravante é a inexistência de políticas públicas presentes nesses espaços e as dificuldades de acesso àquelas existentes, que por vezes negam e invisibilizam a cultura e a identidade camponesa, o que acaba por contribuir para as desigualdades e contradições existentes, impossibilitando o desenvolvimento local.

Em relação à comercialização, as dificuldades enfrentadas pelos agricultores são muitas, pois os mesmos não detêm um espaço organizado para a venda dos produtos. A política pública de comercialização existente na comunidade é o PNAE, que de forma tímida não garante o mínimo dos 30% exigidos na lei.

É nesse contexto de enfrentamento e resistência pela permanência no campo que observamos a luta dos moradores locais pela

preservação do modo de vida camponês, expresso por meio da agricultura familiar. Nesse contexto de luta, também surge, no ano de 1999, a Associação Rural da Região do Quebra Fogo. Ao perceber que, organizados socialmente, poderiam criar instrumentos de resistência contra as ações devastadoras do capital, os moradores da comunidade se uniram na construção da Associação, uma importante parceira dos/as agricultores/as familiares locais.

Frente a essa realidade objetivamos o desenvolvimento das ações planejadas no projeto de extensão citado, a destacar as oficinas de formação com os/as agricultores/as familiares. Essas que tiveram por objetivo contribuir para a promoção do desenvolvimento e renda na comunidade, através do fortalecimento da produção, diversificação e comercialização de alimentos de base agroecológica.

Conforme já pontuado, foram desenvolvidas 8 ações de formação, no período de junho a dezembro de 2019, que envolveram cerca de 80 a 100 pessoas (figura 1).



Figura 1. Oficinas de Formação realizadas com lideranças das comunidades tradicionais locais **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2019.

De maneira geral, durante o desenvolvimento do projeto foi possível observar a ausência da assistência técnica para ajudar os/as agricultores/as em suas atividades e a carência por políticas públicas voltadas à produção de alimentos. Fato que elevou ainda mais a impor-



tância das ações que estavam sendo desenvolvidas pela equipe do Projeto.

A cada encontro foi nítido o amadurecimento dos/as participantes sobre as temáticas trabalhadas. A realização de leituras, exposição de slides e imagens e as atividades práticas possibilitaram aos participantes a construção de novos conhecimentos e aprimoramento daqueles já existentes. Ao final de cada encontro, eram realizadas avaliações orais de forma coletiva, e o resultado sempre era bastante positivo.

Dentre os principais resultados observados destacam-se: i) agricultores/as entusiasmados quanto à produção de alimentos e valorizando os conhecimentos tradicionais; ii) agricultores/as se reconhecendo como parte fundamental da produção de alimento no município de Irará; iii) agricultores/as respeitando os princípios da agroecologia, conhecendo e dominando técnica antes desconhecidas; iv) elevação da renda através de organização dos grupos produtivos e, com isso, a melhoria na qualidade de vida e, v) a demanda por novas atividades de pesquisa e extensão na comunidade.

Outro resultado importante, durante o desenvolvimento do projeto, foi a realização do estudo de viabilidade nos grupos produtivos. Tal ação possibilitou uma ampla reflexão por parte dos/as agricultores/as sobre o custo de produção, pois eles/elas passaram a analisar criticamente a forma como produziam e comercializavam seus produtos.

Além disso, e visando à agregação de valor aos produtos locais, também foram realizadas formações voltadas à construção da ficha técnica e layout de apresentação dos produtos (tabela nutricional dos alimentos processados, logo, embalagem etc.). Tal ação contribuiu para inserir os produtos em outros e novos espaços de comercialização.

Com essas ações esperamos contribuir para

o fortalecimento da identidade territorial da comunidade envolvida. Para as lideranças da comunidade, as oficinas foram de suma importância para compreender a realidade que envolve o campo baiano: de um lado encontra-se o capital, materializado no campo entre outras formas, com o agronegócio, e que a todo momento tenta negar os saberes dos camponeses, e de outro, estão os/as agricultores/as familiares, na luta diária pela permanência em seus territórios e do seu modo de vida.

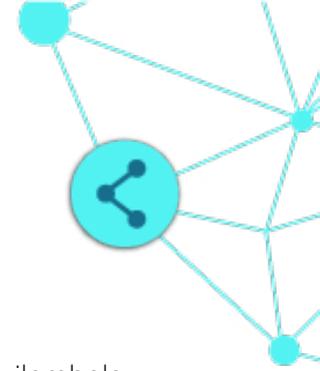
Um ponto destacado pelos/as agricultores/as foi a importância de conhecer novas formas de valorização dos produtos locais, o que irá contribuir para o desenvolvimento territorial local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e análises aqui relatadas nos permitem observar a importância e a necessidade do desenvolvimento de ações extensionistas, em especial voltadas às comunidades tradicionais baianas. Todas as ações desenvolvidas no âmbito do projeto foram construídas visando ao crescimento e à valorização do homem do campo, assim como a integração dos conhecimentos tradicionais e científicos.

Com essas ações foi possível contribuir para o fortalecimento da identidade territorial da comunidade envolvida e possibilitar aos camponeses um melhor entendimento e reflexão das discussões que envolvem os desafios e perspectivas da produção de alimentos na perspectiva da agroecologia e da agricultura familiar.

Para a equipe executora, destacam-se as contribuições desta vivência em ações extensionistas, a partir do diálogo e da troca de saberes com as comunidades tradicionais. Por fim, reforça-se a construção de novas pontes de diálogo e troca de conhecimento entre comunidades, docentes e discentes da UFRB.



REFERÊNCIAS

- ARRUTI, José Mauricio. Mocambo – história e antropologia do processo de formação quilombola. Bauru; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2006.
- BRANDÃO, Carlos R.; BORGES, Maristela C. Pesquisa participante: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257-265.
- GEOGRAFAR. A Geografia dos Assentamentos na Área Rural. Estrutura fundiária – Brasil e Bahia – Banco de Dados 2020. Salvador/BA: Universidade Federal da Bahia. Acesso em: jan. 2020.
- GERMANI, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. Geotextos: Revista da Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, vol. 2, nº 2, p. 115-147, 2006.
- MAZALLA NETO, W. Agroecologia e Movimentos Sociais: entre o debate teórico e sua construção pelos agricultores camponeses. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola, Área de Concentração Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- PRIMAVESI, Ana. Manual do solo vivo: solo sadio planta sadia ser humano sadio. São Paulo: Expressão Popular, 2016. Disponível em: <https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-de-campo/> Acesso em: 26 de novembro de 2019.
- SANTOS, T. R. Entre Terras e Territórios: Luta na/pela terra, dinâmica e (re)configurações territoriais em Bom Jesus da Lapa (BA). 2017. 303f. Tese (Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.
- STÉDILE, João Pedro (coord.). A questão agrária. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. Agroecologia: caminho de preservação do agricultor e do meio ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ao Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) e à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) por possibilitar que os discentes participem de projetos que tanto contribuem para a formação acadêmica e iniciação a práticas extensionistas. Ao PIBEX, por fornecer as bolsas de extensão, essenciais ao desenvolvimento das ações planejadas no Projeto. Ao Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Comunidades e Territórios Tradicionais (LIECTT), pela experiência vivenciada e a troca de conhecimentos com diversos colegas e docentes. À Profa. Dra. Kássia Rios (orientadora), por sua atenção, ensinamentos e a maneira com que tratou toda a equipe executora. A todos os envolvidos no projeto reafirmo aqui meu muito obrigado!





Apresentação da Camerata Dedilhadas do Recôncavo **Fonte:** acervo do projeto

ARTIGOS

ASPECTOS MOTIVACIONAIS EM AULAS COLETIVAS DE VIOLÃO: O PROJETO DEDILHADAS DO RECÔNCAVO

MOTIVATIONAL ASPECTS IN COLLECTIVE GUITAR LESSONS: THE DEDILHADAS DO RECÔNCAVO PROJECT

Marcelo Brazil

Doutor em Educação Musical (UFBA) - Docente na Universidade Federal de Sergipe - UFS
brazilmar@academico.ufs.br

Jonathas Souza

Graduando do curso de Licenciatura em Música Popular da UFRB
john.acordes@gmail.com

RESUMO

O projeto de extensão Dedilhadas do Recôncavo (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - UFRB) ofereceu oficinas de violão para iniciantes ao longo de três semestres e criou um grupo de cordas dedilhadas na cidade de Santo Amaro da Purificação - BA. Ao longo do processo, foi possível realizar observações acerca da motivação dos alunos em permanecer no projeto. Baseada em pesquisas anteriores, a investigação se utilizou também da aplicação de um questionário que permitiu uma visão mais detalhada dos fatores motivacionais existentes no processo educativo utilizado. Foi observado que o professor possui um papel relevante, sendo o ponto central da motivação dos alunos para a permanência no projeto. Destacam-se também as estratégias de ensino utilizadas que buscaram favorecer a ocorrência de experiências de êxito por parte dos alunos, além da utilização da modalidade de aulas coletivas.

Palavras-chave: Ensino coletivo. Violão. Motivação.

ABSTRACT

The Dedilhadas do Recôncavo extension project (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - UFRB) offered classical guitar workshops for beginners over three semesters and created a group of plucked strings in the city of Santo Amaro da Purificação - BA. Throughout the process, it was possible to make observations about the students' motivation to stay on the project. Based on previous research, the investigation also used the application of a questionnaire that allowed a more detailed view of the motivational factors existing in the educational process used. It was observed that the teacher has a relevant role, being the central point of the students' motivation to stay in the project. Also highlighted are the teaching strategies used that sought to favor the occurrence of successful experiences on the part of the students, in addition to the use of the collective class modality.

Keywords: Collective teaching. Classical Guitar. Motivation.

INTRODUÇÃO - ENSINO COLETIVO

A modalidade de ensino coletivo de instrumentos musicais já está amplamente difundida no Brasil e tornou-se, ao longo do tempo, um forte instrumento de ensino e de inclusão social no campo da pedagogia musical. Entre os diversos instrumentos musicais que podem ser ensinados através dessa modalidade pedagógica, os instrumentos de cordas dedilhadas ganham destaque por estarem bem difundidos na cultura popular brasileira e pelo baixo custo de aquisição e manutenção. Diante desse fato, é possível localizar ações de ensino coletivo de violões em uma diversidade de locais como igrejas, escolas e associações culturais.

As técnicas usadas para o ensino coletivo de violão (...) são diferentes de um ensaio, música de câmara, orquestra de sopros ou cordas, onde as informações semelhantes e simultâneas são dadas para todas as pessoas que irão tocar a mesma peça. Em nossa opinião este fato diferencia o ensino coletivo de violão de outros instrumentos, visto que pode ser ensinada ao mesmo tempo, para todos os presentes uma melodia ou um acompanhamento para uma melodia (cantada ou tocada), com ou sem leitura musical, com ou sem cifras. Outra característica do ensino coletivo de violão, aplicado geralmente para os iniciantes, é que rapidamente podem ser aprendidos acompanhamentos simples, onde o executante tenha condições de estudar em casa uma peça de forma completa, porque não estará fazendo vozes intermediárias ou contracantos. (TOURINHO, 2011, p. 113)

Uma outra característica das aulas de instrumentos musicais em formato coletivo é a possibilidade de agrupar, em uma mesma turma, participantes com níveis de conhecimento diferentes, o que agrega um caráter inclusivo à ação. Lógico que isso depende da proposta e da disponibilidade do professor em buscar estratégias que possibilitem essa heterogeneidade da turma em seu planejamento de ensino. Quando isso está previsto, amplia-se o caráter inclusivo da ação e a expectativa de alcance em uma determinada comunidade. Esse último aspecto, aproxima uma ação dessa natureza do conceito de extensão universitária e de suas perspectivas. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), por exemplo, a define como sendo

(...) a comunicação que se estabelece entre universidade e sociedade visando à produção de conhecimentos e à interlocução das atividades acadêmicas de ensino e de pesquisa, através de processos ativos de formação. (...) Exercidas como direito social, as práticas extensionistas primam pelo respeito à diversidade cultural e têm como eixo o encontro entre os saberes acadêmicos e os saberes espontâneos. (CRUZ DAS ALMAS, 2020)

O ensino de música no formato coletivo, quando aplicado de forma aberta e buscando incorporar em sua prática pedagógica a diversidade cultural local, se adequa de forma íntegra ao conceito estabelecido para as práticas extensionistas, não só dessa instituição de ensino superior, como da grande maioria delas. Foi dentro dessa perspectiva que foi implantado o projeto de extensão Dedilhadas do Recôncavo no Centro de Culturas, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sediado na cidade de Santo Amaro da Purificação - BA.

O PROJETO DEDILHADAS DO RECÔNCAVO

Iniciado em 2018 sob a coordenação do Prof. Dr. Marcelo Brazil, o projeto de extensão Dedilhadas do Recôncavo teve o objetivo de fomentar o aprendizado e a prática dos instrumentos de cordas dedilhadas na região de Santo Amaro da Purificação-BA, através do ensino coletivo de violão e da prática coletiva. O violão e demais instrumentos de cordas dedilhadas são parte integrante da cultura nacional e o seu aprendizado desperta interesse nas mais diversas camadas da sociedade. No Recôncavo, é possível encontrar instrumentos dessa família em diversas manifestações culturais como o samba de roda e a chula, por exemplo. A iniciativa buscou dialogar com a cultura local, apresentando conteúdos como: leitura musical, técnica do instrumento, postura, ritmos populares, compositores e violonistas, abordando um repertório que foi da música instrumental ao samba de roda do Recôncavo Baiano. As oficinas gratuitas com encontros semanais foram realizadas nas dependências do Cecult - UFRB, abertas para iniciantes e iniciados em violão, sem restrição de idade, por meio de aulas práticas divididas em exposição do conteúdo e atividades práticas



buscando a participação ativa dos participantes. Ao longo de três semestres, as três edições das Oficinas de Violão receberam mais de 120 inscrições e muitos dos interessados cursaram as oficinas até a sua conclusão, alguns participando de mais de uma edição. Entre junho e novembro de 2019, o projeto contou com dois bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão - Pibex, um remunerado e um voluntário.

Em agosto de 2019 foram iniciados os ensaios da Camerata Dedilhadas do Recôncavo, grupo que buscou fomentar a prática de instrumentos de cordas dedilhadas na cidade de Santo Amaro - BA. Essa atividade, que contou com dez alunos e os dois bolsistas, também teve o papel de propiciar um espaço de estudo e prática instrumental coletiva para os integrantes e ex-integrantes das oficinas de violão, além de pretender atender a discentes e servidores do Cecult-UFRB e músicos da comunidade.

A realização dos objetivos propostos na submissão do projeto de extensão se deu através dos módulos de curso (oficinas), ensaios e uma apresentação. Nos ensaios da camerata foi trabalhado o repertório para a apresentação que foi realizada dentro da programação do II Encontro Internacional de Linguagens, Culturas e Tecnologias Aplicadas - Enicecult em 26 de setembro de 2019. Essa apresentação (Figura 1) aconteceu no foyer do Teatro Dona Canô, cidade de Santo Amaro - BA.



Figura 1: Apresentação da Camerata Dedilhadas do Recôncavo **Fonte:** os autores

A MOTIVAÇÃO EM AULAS DE MÚSICA

Em uma atividade de ensino coletivo de instrumento musical, é bastante comum ocorrer um número significativo de desistências por uma série de fatores, desde alguém que simplesmente não gostou da aula, do seu formato, até outro que não se adaptou à turma por alguma razão pessoal. Outro fato recorrente é que é bastante difícil investigar com precisão as verdadeiras razões das desistências. Muitos desses ex-alunos não retornam para se justificar ou, se retornam, muitas vezes não deixam claro o verdadeiro motivo do abandono do curso. Nesse tipo de atividade pedagógica é comum existir um esforço no sentido de buscar essas respostas para realizar uma melhora nos cursos e no planejamento aplicado com o objetivo de diminuir esses índices, mas o resultado, na maioria das vezes, se mostra frágil.

Durante sua pesquisa de doutorado, na qual realizou um experimento que buscou medir a variação da crença de autoeficácia para a leitura musical na pauta de alunos em turmas iniciantes de violão, Brazil (2017) aplicou um questionário ao final das oficinas onde realizou uma sondagem sobre a motivação por um viés diferente.

Para uma melhor compreensão do processo desenvolvido, cabe esclarecer previamente o que são crenças de autoeficácia. Desenvolvida pelo psicólogo canadense Albert Bandura, a Teoria da Crença de Autoeficácia está inserida dentro de um estudo amplo publicado em 1986 intitulado *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*, considerado um evento significativo na história do estudo científico da personalidade. (KIHLMSTROM, HARACKIEWICZ, 1990 apud AZZI, 2014).

Entre os mecanismos através dos quais a agência humana é exercida, nenhum é mais central ou penetrante do que as crenças de eficácia pessoal. Este sistema de crenças é a base da agência humana. A menos que as pessoas acreditem que podem produzir os efeitos desejados por suas ações, eles têm pouco incentivo para agir ou perseverar diante das dificuldades. Quaisquer que sejam os outros fatores que sirvam de motivadores, eles es-



tão enraizados na crença central de que alguém tem o poder de produzir mudanças por meio de suas ações. A autoeficácia percebida ocupa um papel central na teoria cognitiva social porque afeta a ação não apenas diretamente, mas também por seu impacto em outras classes de determinantes. (BANDURA, 1999, p. 28, tradução nossa)

Bastante utilizada em pesquisas na área de educação, a teoria de Bandura possui uma relação direta com a motivação, como se pode verificar através dessa definição do autor:

Autoeficácia percebida é definida como as crenças das pessoas sobre suas capacidades para produzir níveis designados de desempenho que exercem influência sobre os eventos que afetam suas vidas. As crenças de autoeficácia determinam como as pessoas se sentem, pensam, motivam-se e comportam-se. (BANDURA, 1994, tradução nossa)

Na sondagem realizada por Brazil (2017), ao invés de buscar as razões dos desistentes para a evasão, a opção utilizada foi perguntar aos alunos que permaneceram quais as principais razões para terem realizado a oficina até a conclusão da mesma. Em outras palavras, qual a motivação para terem permanecido até o final.

Embora o foco da pesquisa estivesse na variação das crenças de autoeficácia, esse questionário acabou revelando um fato interessante sobre a motivação: a principal razão para a permanência, na opinião dos alunos, foi a maneira de ensinar do professor, no caso, o próprio pesquisador. Em um universo de oito opções, essa alternativa obteve 19 pontos em 36 possíveis, sendo que a segunda opção mais pontuada foi relacionada ao conteúdo ministrado nas oficinas, que obteve 16 pontos.

Na opinião de Brazil (2017, p. 198),

Isso mostra o quão importante é o papel do professor em um processo de ensino-aprendizagem desta natureza. Independente do conteúdo a ser trabalhado, a forma como isso é feito pode ter um valor bastante significativo na permanência dos alunos nas atividades propostas. Esse dado também está, certamente, atrelado às estratégias utilizadas pelo professor para trabalhar os conteúdos que deseja, o que pode tornar a aula mais dinâmica e até divertida.

Fita (2015) afirma que o professor tem um papel central na motivação de seus alunos, podendo alguns motivar seus alunos apenas

pela presença. “Ao entrar na classe, a atitude dos alunos muda, mostrando-se dispostos a realizar tarefas que com outros professores pareciam impossíveis.” (FITA, 2015, p. 91). Considerando que não foi realizada uma averiguação aprofundada acerca da motivação nesse processo educativo, a afirmação de Fita (2015) pode, de alguma maneira, respaldar o resultado obtido na pesquisa realizada por Brazil (2017). As pesquisas sobre motivação em ambientes educacionais estão bastante avançadas e mostram resultados que podem ser aplicados a diversas situações, fornecendo elementos para a avaliação e melhoria dos processos educacionais em suas diversas modalidades.

Nas Oficinas de Violão realizadas no Cecult-UFRB entre 2018 e 2019, os problemas de evasão ocorreram, como já era esperado. Por exemplo, na II Oficina, realizada entre 3 de abril e 24 de julho de 2019, passaram 46 alunos, mas apenas 13 obtiveram a frequência mínima para a obtenção do certificado de conclusão. Cabe destacar que alguns desses concluintes já haviam participado da I Oficina e demonstraram interesse em prosseguir nos estudos.

Outro fato a ser destacado é que, apesar de ser uma oficina totalmente aberta à comunidade, a maioria dos alunos concluintes era da comunidade externa e apenas dois eram discentes do Cecult. Foi realizada uma sondagem informal com os discentes desistentes e as razões para a evasão foram as mais diversas, incluindo dificuldades para acordar cedo e excesso de compromissos com as disciplinas do curso de graduação. Cabe frisar que, nesse período, a maioria dos cursos de graduação do Cecult-UFRB ocorriam nos turnos vespertino e noturno, ficando o turno matutino propício para a realização das atividades de extensão.

Mesmo com esse índice de desistência elevado, foi também para as razões da permanência que essa breve investigação se voltou, buscando elementos para tentar reduzir a evasão na sequência do projeto de extensão através da adequação das ações visando a motivação e a permanência dos alunos.



ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Existem duas, ou até mais, leituras possíveis no momento de se investigar a razão que levou um aluno a afirmar que o que mais o motivou a permanecer em uma atividade educativa foi a maneira de ensinar do professor. Uma delas pode ter sido o jeito extrovertido, a forma afetuosa como este lida com os alunos que apresentam mais dificuldades ou a paciência em rever o mesmo conteúdo quantas vezes forem necessárias. Outra leitura pode estar relacionada diretamente às estratégias de ensino utilizadas, os caminhos escolhidos de maneira sistemática pelo professor para atingir os seus objetivos de ensino.

Abordando essa segunda leitura, é relevante afirmar que foram utilizadas, nas oficinas de violão do Cecult-UFRB, algumas estratégias já experimentadas em diversas outras situações com resultados satisfatórios. Não havia, portanto, um caráter de experimentação, e sim de aplicação propositada, mesmo que com as devidas adaptações em função do público presente. Em especial, destaca-se a forte presença de pessoas da comunidade em uma faixa etária entre 40 e 73 anos, sendo 30% na primeira oficina, 30% na segunda e cerca de 35% na terceira, considerando apenas as inscrições iniciais. Dos participantes que ingressaram ao longo do período das aulas não foram coletados todos os dados, incluindo a idade.

Da mesma forma que em Brazil (2017), nas oficinas de violão do Cecult-UFRB as estratégias utilizadas direcionaram os participantes para o aprendizado da execução de cifras (acordes) com ritmos diversos e leitura de melodias na pauta em notação musical tradicional (partituras). A principal delas foi a realização de exercícios curtos, elaborados com pequenos desafios de aprendizagem e possíveis de serem assimilados e executados, com uma expectativa de razoável eficiência, em apenas um encontro de duas horas e meia.

Realizando atividades com essas características, a possibilidade de que os alunos vivenciem experiências de êxito é aumentada e isso pode se refletir em um aumento das crenças de autoeficácia e, conseqüentemente, da motivação.

Segundo Bandura,

As crenças das pessoas sobre sua eficácia podem ser desenvolvidas por quatro fontes principais de influência. A maneira mais eficaz de criar um forte senso de eficácia é através de experiências de domínio. Sucessos constroem uma crença robusta na eficácia pessoal. (BANDURA, 1994, tradução nossa)

Por sua vez, sabendo que a crença de autoeficácia é um fator que interfere diretamente na motivação para a realização de uma atividade, possibilitando que os alunos vivenciem êxitos rapidamente a motivação poderá ser incrementada de forma positiva.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre a forma tradicional de ensino de violão (aulas individuais ou tutoriais) onde pode acontecer um fato curioso: ao sair de uma aula dessa natureza, é comum o aluno receber do professor uma lista de exercícios ou peças que deverá estudar em casa, no período entre uma aula e outra, normalmente uma semana. Ao estudar em casa, o aprendiz buscará seguir as orientações prévias do professor, mas é comum que crie dúvidas e pratique com algumas deficiências.

No encontro seguinte, o professor verificará o desempenho do aluno na execução das tarefas, dará novas orientações, irá corrigir pequenos erros e, possivelmente, o aluno sairá da aula com a mesma lista da aula anterior, agora com a incumbência de corrigir os erros e aprimorar outros aspectos. Esse processo poderá durar alguns encontros até que, finalmente, o professor se sente satisfeito com o desempenho do aprendiz e, para avançar nos estudos, lhe apresenta uma nova lista de exercícios ou peças. E, assim, o ciclo se reinicia.

Lógico que não se pode comparar o grau de habilidade técnica e refinamento que se busca em um processo dessa natureza com o exigido em uma oficina de violão para iniciantes dentro de uma atividade aberta à comunidade, mas o fato é que se pensarmos na vivência de experiências de êxito, elas podem acontecer poucas vezes no processo da aula individual. Ao longo do tempo, o aluno de uma aula tradicional de violão parece vivenciar um número muito mais alto de experiências de fracasso do que de êxito do ponto de vista musical e,



no momento em que parece ter sido exitoso, se inicia um novo ciclo de aprendizado onde o professor irá, na maioria das vezes, destacar as suas deficiências até que atinja mais uma performance aceitável.

Sob esse ponto de vista, pode-se presumir que em uma atividade coletiva com estratégias bem estruturadas existirá uma quantidade maior de experiências de êxito, favorecendo a motivação para o prosseguimento nos estudos.

METODOLOGIA

Uma investigação sobre fatores motivacionais em uma atividade educativa demanda uma metodologia específica e esse não foi um dos objetivos dessa experiência realizada no Cecult-UFRB. Mas, a partir da experiência e de estudos realizados pelo coordenador da atividade, especialmente sua pesquisa de doutorado (BRAZIL, 2017), foi possível observar e detectar variações na motivação, além de ter sido realizada a aplicação de um questionário acerca do tema. Alguns fatores aproximaram a realização das oficinas de violão do Cecult-UFRB da pesquisa desenvolvida por Brazil (2017), incluindo o uso de estratégias similares e a presença do pesquisador como instrutor principal. Dessa forma, é possível analisar alguns aspectos partindo dessa experiência anterior e validar, de certa forma, os resultados coletados e observados.

O mesmo questionário utilizado por Brazil (2017) ao final de suas oficinas realizadas em um colégio da cidade de Salvador foi aplicado no último encontro da segunda turma da Oficina de Violões para iniciantes do projeto Dedilhadas do Recôncavo, com pequenas alterações. A questão que se refere especificamente à motivação para a permanência aparece na figura abaixo (Figura 2):

- 1) Se você chegou até o final da oficina, parabéns! Marque abaixo três principais razões para que tenha seguido firme até aqui, numerando de 1 a 3, sendo 1 a principal razão:
- () a - Sentí que estava aprendendo
 - () b - Os colegas me incentivaram
 - () c - O professor me motivou
 - () d - A maneira de ensinar do professor me motivou
 - () e - O tipo de música tocado nas aulas me motivou
 - () f - Ver os colegas aprendendo me motivou
 - () g - Não costumo desistir das atividades que inicio
 - () h - O conteúdo das aulas era exatamente o que eu estava procurando
 - () i - Outro: _____

Figura 2: Questão sobre a motivação **Fonte:** os autores

Como cada aluno poderia distribuir notas de 1 a 3 em até três alternativas, a pontuação total do questionário foi de 66 pontos, considerando que eram onze respondentes. As outras questões abordaram as estratégias utilizadas, a motivação para seguir nos estudos de violão e as habilidades para a leitura musical.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de treze alunos terem sido certificados na II Oficina de Violão, apenas 11 estavam presentes no dia da aplicação do questionário. Ainda assim, é um número representativo do grupo e os dados coletados puderam refletir um perfil válido da turma.

Na ocasião, a alternativa d - A maneira de ensinar do professor me motivou obteve 22 de um total de 33 pontos possíveis, bem acima da segunda alternativa mais pontuada (13 pontos) que foi a g - Não costumo desistir das atividades que inicio. A pontuação máxima seria alcançada se todos os respondentes atribuíssem três pontos para uma mesma questão. No gráfico abaixo (Figura 3) está a representação da pontuação total atribuída pelos alunos para cada alternativa.

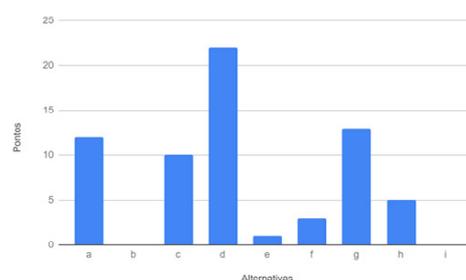


Figura 3: Gráfico de pontuação para a questão sobre motivação **Fonte:** os autores

É possível perceber que, além da alternativa d já comentada, a alternativa c - O professor me motivou também reflete, de certa maneira, a importância do professor na motivação do participante da oficina. Durante a elaboração do questionário, a intenção era que o aluno assinalasse essa alternativa se percebesse que, em algum momento, alguma atitude do professor pudesse tê-lo motivado, algo pontual como um estímulo direcionado, uma



conversa pessoal ou algo dessa natureza. A alternativa d, por sua vez, buscava abordar uma postura mais geral do professor, da sua forma de ensinar. São aspectos distintos, mas que podem não ter ficado devidamente esclarecidos no momento da aplicação do questionário. Pensando sobre isso, é possível admitir que as pontuações para essas duas questões possam estar mal distribuídas em relação ao real entendimento do aluno ao responder. Apesar desse fato, se levarmos em conta que o papel do professor como motivador nessa ação educativa pode considerar a soma da pontuação das questões c e d, revela-se ainda mais a importância dele no processo desenvolvido.

A pontuação atribuída à alternativa a - Senti que estava aprendendo pode ser diretamente relacionada às estratégias aplicadas, especialmente àquelas que buscavam propiciar experiências de êxito, conforme descrito anteriormente. No universo do ensino de instrumento musical, é possível imaginar que um aluno sente que está aprendendo quando é capaz de executar algo sozinho ou em grupo, com o mínimo de fluência. Dessa forma, propiciar que os alunos possam desfrutar dessa sensação é cuidar especialmente da seleção do repertório (exercícios e peças) que será trabalhado durante as aulas. Brazil e Tourinho (2013), Brazil (2012), Tourinho (1995), entre outros trabalhos, abordam essa necessidade e destacam a importância dessa escolha minuciosa para os resultados musicais obtidos.

Durante a realização das oficinas de violão do Cecult-UFRB surgiu uma outra reflexão que abre possibilidades de novas investigações sobre as experiências de êxito vivenciadas pelos alunos em aulas coletivas de violão e que possui uma relação direta com o repertório escolhido. Para pensar sobre isso, é possível partir dos questionamentos: Será que existem, em práticas coletivas de violão, níveis diferentes de satisfação com o seu resultado pessoal (autoavaliação) que podem variar de acordo com o resultado musical do grupo? Será que um aluno executando o mesmo trecho musical em contextos sonoros diferentes fará avaliações diferentes sobre seu desempenho?

Um exemplo prático pode esclarecer melhor: um aluno executa uma melodia simples em um grupo onde todos executam a mesma melodia juntos e, em outro momento, o mesmo aluno executa o mesmo trecho como parte de um arranjo elaborado, com diversas vozes e até outros instrumentos. Embora esteja executando exatamente o mesmo trecho, com a mesma habilidade técnica, pode-se imaginar que o grau de satisfação, ou sensação de êxito, possa variar diante das duas situações.

Alguns métodos de ensino de instrumento utilizam esse recurso, colocando uma parte de acompanhamento a ser executada pelo professor, criando um resultado musical mais atraente para os exercícios iniciais. Alguns exemplos são os métodos *The First Guitar Lessons* de Torlaksson (2000) e *Duetos Populares* de Nakamura (2006).

Foi possível observar, nas oficinas do Cecult-UFRB, que alguns participantes se sentiam mais envolvidos e entusiasmados com o resultado pessoal quando eram executados, de forma coletiva, exercícios mais elaborados, com acompanhamento e outras melodias. Tais exercícios eram criados e desenvolvidos durante a aula, buscando respeitar os níveis de habilidades existentes na turma, conforme o exemplo da Figura 4. Em um exercício dessa natureza, é possível o aluno escolher se deseja tocá-lo na íntegra (parte escrita na pauta a duas vozes), só uma voz (melodia da região grave, por exemplo) ou o acompanhamento cifrado.

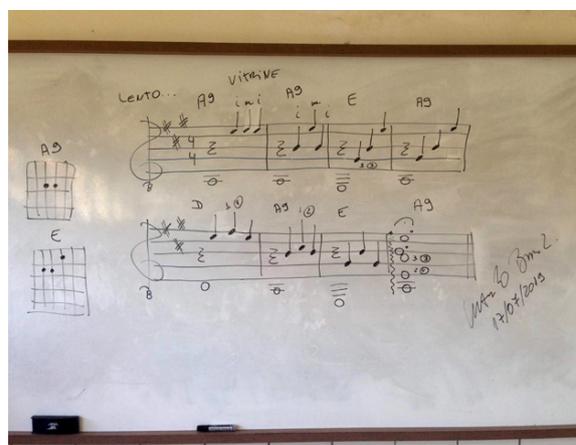


Figura 4: Exercício no quadro **Fonte:** os autores



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividades coletivas de ensino e prática musical se mostram, cada vez mais, uma fonte de vivências e resultados que estimulam a reflexão e auxiliam na evolução dos estudos sobre o ensino de instrumentos musicais. Com o suporte de áreas como a psicologia e a sociologia, por exemplo, é possível avançar nas pesquisas e alcançar resultados que abrem novos caminhos de compreensão dos processos educativos em música.

As ações de extensão, por sua vez, propiciam a ampliação do alcance da intervenção sociocultural das universidades em uma determinada comunidade, tornando-se também um valioso campo de aprendizagem para os futuros profissionais que atuam como bolsistas.

O projeto Dedilhadas do Recôncavo parece ter cumprido seu papel na comunidade de Santo Amaro - BA através das ações propostas e dos resultados obtidos. Por meio de suas ações, atingiu discentes, docentes, servidores administrativos e comunidade externa, além de dois discentes que atuaram como bolsistas.

As observações e reflexões apresentadas neste artigo certamente poderão contribuir para

a evolução das pesquisas em pedagogia musical, especialmente na área de ensino coletivo de instrumentos, e servir como estímulo para a criação de novas ações de extensão nessa área.

Sobre a motivação, tema central desta investigação, novos caminhos de pesquisa podem ser traçados a partir dos questionamentos advindos das ações executadas. Por exemplo, quando percebemos a possibilidade de que alunos se sintam mais motivados pela influência do resultado musical coletivo, mesmo executando um trecho muito simples (uma melodia ou uma sequência de acordes) com algumas deficiências, surge uma outra indagação: Será que o desempenho técnico e musical esperado pelo professor é realmente determinante para a permanência dos alunos nas atividades de ensino de música? Que outros fatores podem fortalecer essa continuidade nos estudos? A experiência nas oficinas do Cecult-UFRB mostra que outros fatores podem ser também elementos de motivação e permanência e novas pesquisas podem ser realizadas nessa perspectiva.

Destaca-se ainda a confirmação do amplo papel do professor como elemento central em ações educativas, especialmente naquelas que lidam também com aspectos como inclusão e disseminação aberta de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Roberta Gurgel. Introdução à teoria social cognitiva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

BANDURA, Albert. Self-efficacy. In: RAMACHAUDRAN, V. S. (ed.). Encyclopedia of human behavior. Vol. 4. New York: Academic Press, 1994. p. 71-81. Disponível em: <<http://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/BanEncy.html>>. Acesso em 25/07/2020.

_____. Social Cognitive Theory: an agentic perspective. Asian Journal Of Social Psychology, [s.l.], v. 2, n. 1, p.21-41, abr. 1999. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-839X.00024/full>>. Acesso em: 22 jul. 2017

BRAZIL, Marcelo Alves. Leitura musical para iniciantes em aulas coletivas de violão: uma visão através da teoria da autoeficácia. 2017. 288 f. Tese (Doutorado) - Curso de Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25384/1/Marcelo%20Brazil%20-%20Tese%20-%20Final.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRAZIL, Marcelo. Na ponta dos dedos: exercícios e repertório para grupos de cordas dedilhadas. São Paulo: Digitexto, 2012.



BRAZIL, Marcelo; SOUZA, Jonathas. Dedilhadas do Recôncavo: camerata de cordas dedilhadas e oficinas de violão. 2019. Disponível em: <<https://marbrazil.wixsite.com/dedilhadas>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRAZIL, Marcelo; TOURINHO, Cristina. As crenças de autoeficácia e a criação de arranjos para aulas coletivas de violão. In: SIMPÓSIO SERGIPANO DE PESQUISA E ENSINO EM MÚSICA, 5., 2013, São Cristóvão. Anais... . São Cristóvão: UFS, 2013. p. 12 - 25. Disponível em: <https://www.academia.edu/18227681/As_crenc_as_de_autoefica_cia_e_a_criac_a_o_de_arranjos_para_aulas_coletivas_de_viola_o>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CRUZ DAS ALMAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. O que é Extensão Universitária? Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/proext/o-que-e-extensao-universitaria>. Acesso em: 25 jul. 2020.

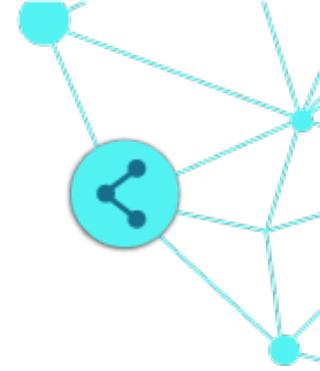
FITA, Enrique Caturla. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 64-135. Tradução de Sandra Garcia.

NAKAMURA, Ricardo. Duetos Populares: 12 peças a quatro mãos para o iniciante do piano. Brasília: Rona, 2006.

THORLAKSSON, Eythor. The firstguitarlessons. Iceland: The Guitar School, 2000. 38 p. Disponível em: <https://www.classical-guitar-school.com/en/Download/1037>. Acesso em: 25 jul. 2020.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno. 1995. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Musical, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

TOURINHO, Cristina. Desenvolvimento musical e aprendizagem no ensino coletivo de violão. In: ENCUESTRO DE CIENCIAS COGNITIVAS DE LA MÚSICA, 10., 2011, Buenos Aires. Actas. Buenos Aires: Saccom, 2011. v. 1, p. 113-115. Disponível em: <http://sacom.org.ar/v2016/sites/default/files/15.Tourinho.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.



PROGRAMA DE EXTENSÃO BRINQUEDOTECA CIRANDAS DO SABER

EXTENSION PROGRAM TOY LIBRARY CIRANDAS DO SABER

Karina de Oliveira Santos Cordeiro

Doutora em Educação (UFBA)

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

koscordeiro@ufrb.edu.br

Ana Carla Nunes Pereira

Mestre em Tecnologias Aplicadas a Educação (UNEB)

Especialista em Projetos Culturais e Sociais

Licenciada em História e Turismóloga

Casa da Mãe

Consultora em Turismo e Projetos Culturais

acnpereira@hotmail.com

Rafaela Guimarães

Mestranda em Educação Científica, Diversidade e Inclusão- UFRB

Especialista em Educação Infantil (UESC)

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Casa da Mãe

rafaelasousa@ufrb.edu.br



RESUMO

Este artigo socializa dados das ações e da parceria do programa de extensão universitária “Brinquedoteca Cirandas do Saber” da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de Professores com a Casa da Mãe em Amargosa. Problematiza-se como a organização desse programa tem influenciado a formação dos sujeitos que fazem uso da Brinquedoteca que se encontra vinculada ao curso de Pedagogia da UFRB. O enfoque principal desse programa é a formação de professores, das redes municipais de educação, além dos discentes do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores, na compreensão de que a ludicidade se constitui como um campo de saberes e fazeres humanos voltados para as ações diretas com crianças nas instituições formais e não formais de Educação de Amargosa e municípios circunvizinhos. Nossas proposições e inquietações emergiram de nossas práticas docentes como professoras do Ensino Superior, bem como das ações cotidianas em ambientes não escolares, a saber, a Casa da Mãe e a Casa de Brincar Alecrim, pois reconhecemos que as culturas infantis presentes nesses espaços mobilizam práticas pedagógicas que reconhecem as crianças como produtoras de saber e sujeitos de direitos.

Palavras-chave: Ludicidade. Formação de Professores. Brincar.

ABSTRACT

This article socializes data about the actions and partnership between the university extension program known as “Cirandas do Saber Toy Library” from the Center of Teachers Training in the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) with the Casa da Mãe in Amargosa city. We problematize how the organization of this program has influenced the formation of subjects who use the Toy Library that is linked to the Pedagogy Major of UFRB. The focus of this program is the teachers training, from the municipal education network to the students of the Pedagogy Major from the Center of Teachers Training, in the understanding that playfulness constitutes itself as a field of knowledge and of human actions aimed at direct initiatives with children in formal and informal education institutions of Amargosa and surrounding municipalities. Our propositions and concerns have emerged from our teaching practices as Higher Education Professors, as well as our everyday actions in non-school environments, namely the Casa da Mãe and the Casa de Brincar Alecrim as we recognize that the children’s cultures present in these spaces mobilize pedagogical practices that legitimize children as producers of knowledge and subjects of rights.

Key-words: Playfulness. Teaching training. To play.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe apresentar e refletir as ações desenvolvidas no Programa de Extensão da “Brinquedoteca: Cirandas do saber” do Centro de Formação de Professores/ UFRB e as ações desenvolvidas na Casa da Mãe. O programa se constitui como um espaço de formação para os professores da Educação Básica e para os discentes do curso de Pedagogia, com a perspectiva de aprofundar a discussão e a prática acerca da ação lúdica e da valorização da infância. Enquanto a Casa da Mãe é um Projeto que traz a perspectiva de contemplar o cuidado com a maternidade e a primeira infância, configurando uma modalidade diferenciada de atendimento, informa-

ções e auxílio às gestantes, mulheres-mães e crianças, também atendendo as crianças com Necessidades Educativas Especiais e com Deficiências. Através do acolhimento psicoemocional, propõe uma linha de cuidado sequencial, ao promover reflexões através de orientações, desde a gestação e o puerpério, ao estímulo do fortalecimento de vínculos e cuidados com a primeira infância. O projeto tem também como finalidade desenvolver projetos culturais, artísticos e atendimentos individuais ou em grupos de crianças através de uma metodologia lúdica, no espaço das escolas municipais, ONGs e no espaço da Casa da Mãe.

O propósito das ações em um ambiente lúdi-



co-pedagógico como a Brinquedoteca Círculos do Saber se materializa na perspectiva de consolidar um espaço disponível para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, destinados à reflexão e à prática docente. Reafirmamos desse modo, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tanto para os sujeitos que compõem a comunidade acadêmica do Centro de Formação de Professores da UFRB, quanto para a comunidade externa. Nesse sentido, compreendemos que a formação lúdica dos profissionais que atuam ou atuarão nos espaços formais e não formais de educação, se estrutura como fundamental para que os mesmos possam vivenciar uma formação pautada no respeito às crianças e ao modo que elas constroem seus conhecimentos, uma vez que, a partir da realização da brincadeira, a criança reconhece e atribui sentido aos seus saberes, bem como participa ativamente na reconstrução e elaboração de sua cultura, ampliando o seu repertório cultural. Ações como essas, de certa maneira colaboram também para o desenvolvimento da saúde física, emocional e intelectual das crianças.

Dessa forma, a brinquedoteca por ser um espaço destinado também às crianças, por meio das ações lúdicas, proporciona um contato das mesmas a partir da manipulação de brinquedos, da promoção de jogos dramáticos infantis e de brincadeiras da cultura popular, dentre outras atividades, incentivando-as a explorar, a sentir e a experimentar o mundo em sua volta de forma prazerosa. Discute-se nesse espaço lúdico a perspectiva teórica de que as crianças podem e devem explorar o mundo de diversas maneiras. Desse modo, o desenho, a escultura, a colagem, a música, a dramatização, a mímica corporal, a contação de histórias, as conversas, a dança, a leitura compartilhada, entre outras, favorecem a capacidade de criação das crianças por meio da comunicação, da experimentação e da expressão.

A Casa da Mãe foi um projeto embrionário da Casa de Brincar Alecrim, uma instituição não formal de educação também na cidade de Amargosa/Bahia. Na Alecrim, o desenvolvimento infantil era trabalhado através da arte, musicalização, cultura popular, jogos e

brincadeiras tradicionais, oficinas lúdicas e projetos culturais e artísticos. Neste espaço os brincantes tinham a liberdade de ser criança, construindo suas hipóteses de mundo e agindo sobre ele a partir da essência infantil, a brincadeira. A instituição funcionava no contra turno escolar, recebendo crianças de 2 a 8 anos de idade, ao qual não havia uma separação pela faixa etária, pois entendia-se que o brincar age na Zona de Desenvolvimento Proximal, fazendo com que os pares interajam e construam conhecimento e aprendizagens. Neste ambiente era trabalhada a liberdade e autonomia dos sujeitos infantis. Os brincantes brincavam livremente através dos brinquedos estruturados e não estruturados contidos no espaço, brincavam como os animais, com a natureza (água, terra, lama, sementes, folhas, gravetos...) e com as outras crianças. Durante 50 minutos era oferecida diariamente uma oficina lúdica que trazia conteúdos de arte, música, estudo da vida (ciências/biologia), literatura e culinária, em que eram trabalhados conteúdos importantes para o desenvolvimento social, afetivo, emocional, cultural e cognitivo dos brincantes. Era também realizado um processo formativo para professores dos municípios da Bahia. Sendo trabalhados temas como Educação Patrimonial, Arte, Cultura Popular, Ludicidade e Desenvolvimento Infantil através dos Jogos, Brinquedos e Brincadeiras.

No entanto, a Casa de Brincar Alecrim esteve atuante por 3 anos e 9 meses, tendo encerrado suas atividades, dando origem a Casa da Mãe que na área da infância possui os mesmos moldes e bases estruturais pedagógicas de atuação com as crianças da Casa de Brincar Alecrim.

A Casa da Mãe é um projeto público da Prefeitura Municipal de Amargosa-Bahia que traz uma proposta de atendimento lúdico-pedagógico com crianças, mães, mulheres e cuidadores em geral. Os atendimentos são realizados individualmente, por criança e mãe ou grupos infantis. É concebido um trabalho de itinerância cuja proposta é levar a instituição para as comunidades, ONGs, espaços não formais, escolas municipais, praças e à zona rural. Através de projetos culturais e artísticos e oficinas lúdicas, realiza-se um trabalho edu-



cativo para o público infantil. A Casa da Mãe também oferece um trabalho formativo com educadores do município.

Desta maneira, pela trajetória de atuação tanto na esfera privada como Casa de Brincar Alecrim e na pública como Casa da Mãe, a implicação educacional dessas instituições favorecem a parceria formativa com a Brinquedoteca Cirandas do Saber do Centro de Formação de Professores da UFRB, cujo trabalho é voltado à formação profissional dos estudantes do Curso de Pedagogia, voltado a temas como ludicidade, arte, música, cultura popular, educação patrimonial, jogos, brinquedos, brincadeira e desenvolvimento infantil, essenciais a sua atuação profissional e à atuação com as crianças/brincantes que desfrutam do espaço.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Graduação em Pedagogia – Licenciatura do Ministério da Educação¹, os conhecimentos acadêmicos devem ser organizados, de forma a abranger as seguintes áreas: conhecimentos: Filosóficos/Históricos, Antropológicos/Psicológicos, Ambientais-Ecológicos, Linguísticos/Sociológicos, Políticos/Econômicos e Culturais. Ao considerarmos a área da cultura destacada nessas diretrizes, é possível compreender que a formação de professores que atuarão na Educação Infantil e Ensino Fundamental, deve abranger o conhecimento da arte e da cultura infantil, enquanto ações culturais e próprias da natureza do ser criança, sendo uma expressão legítima e peculiar da infância.

Este artigo foi organizado em três partes, a primeira apresenta as estratégias metodológicas para a realização das atividades. No segundo momento, realiza-se a fundamentação teórica acerca da contribuição dos estudos da infância na perspectiva do reconhecimento da formação lúdica dos sujeitos, bem como a importância da prática lúdica em instituições não formais de educação. Por fim apresentam-se as considerações finais.

METODOLOGIA

As ações e estratégias metodológicas para a execução da brinquedoteca Cirandas do saber do CFP/UFRB com as atividades da Casa da Mãe são norteadas pelo tripé acadêmico: ensino, pesquisa e extensão, de forma a estimular o processo de apropriação do saber historicamente acumulado, a geração de novos conhecimentos e a intervenção na realidade social.

É imprescindível salientar a necessidade de articulação dos eixos de pesquisa, ensino e extensão da vida acadêmica, de modo que as ações de ensino possam ser embasadas pela prática da pesquisa e pela ampliação de difusão de saberes por meio da extensão.

No âmbito do ensino, as disciplinas curriculares realizam ações de cunho pedagógico no espaço da Brinquedoteca Cirandas do saber, proporcionando atividades práticas e de abordagem de conteúdos ligados ao processo ensino-aprendizagem sobre o brincar e a cultura lúdica articulados à formação de professores;

Na esfera da pesquisa, a Brinquedoteca Cirandas do Saber e a Casa da Mãe servem de campo de experimentação prática de projetos de pesquisas de professores, bolsistas e estudantes. Tem-se mostrado um espaço propício para a observação das interações sociais da criança, construção coletiva de aprendizagem, apropriação de conceitos, hábitos, valores e mediação pedagógica docente. Busca-se, com os resultados dessas pesquisas, atuar na qualificação de profissionais da educação, por meio da difusão dos resultados dos estudos, através de seminários de pesquisa e publicações em eventos científicos e periódicos de circulação acadêmica e/ou comunitária.

No campo da extensão universitária, a brinquedoteca Cirandas do Saber em parceria com a Casa da Mãe representa um espaço propício para a promoção de eventos, palestras, oficinas, workshops voltados para crianças, estudantes, professores, famílias e co-

1 Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio/2006

munidade de um modo geral. O contexto da cultura lúdica é abordado nas ações de extensão, promovendo a integração entre a universidade e a sua comunidade interna e externa.

PRÁTICA LÚDICA E A FORMAÇÃO HUMANA

Pensar em ludicidade nos remete automaticamente à infância, a jogos, brinquedos e brincadeiras. A palavra ludicidade vai para além do que está posto, se configurando como algo essencialmente prazeroso, que toma o sujeito em um ato de entrega e subjetividade total daquilo realizado. Comumente ouve-se falar sobre o lúdico no meio acadêmico, na educação básica, no contexto social, entre outros, se referindo a algo como diversão, sentido de lazer ou alegria, numa referência à infância. A ludicidade também é isso, mas não só isso.

A concepção de Ludicidade neste escrito toma como referência a teoria de Luckesi (1998), ao qual concebe a mesma como um estado de inteireza e plenitude. Assumindo a característica de “experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos” (LUCKESI, 1998, p. 6). De acordo com o autor, todas as vezes que uma ação é realizada a partir de uma entrega totalizante, de maneira subjetiva e plena, pode-se verbalizar que existiu/existe ludicidade. Desta forma, é possível afirmar que jogos e brincadeiras só podem ser considerados como atividades lúdicas se o sujeito, fruto desta ação, consegue se entregar em um estado pleno e subjetivo. Assim sendo, a ludicidade como prática humana não possui regras, restrições, padrões e formas, mas sim contextos sociais, relacionais, emocionais e afetivos.

As crianças por natureza conseguem vivenciar de maneira natural momentos lúdicos durante a infância. A brincadeira é a essência do desenvolvimento infantil, provocando nas crianças uma imersão no mundo social. Para os adultos, a entrega ao estado de ludicidade requer uma prática, livre das amarras sociais e dos padrões estabelecidos para a vida adulta. No entanto, em uma sociedade contemporânea, onde o individualismo, a competição e a fluidez das relações sociais, se estabelecem como fatores absolutos, pensar em momen-

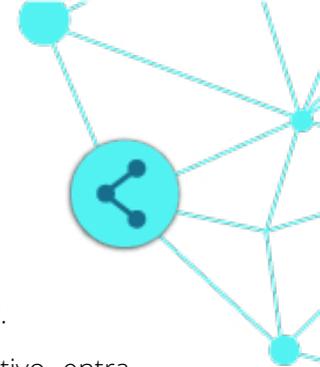
tos lúdicos se torna escasso e difícil.

A ludicidade como princípio formativo, entra como uma categoria que abrange a área social, cognitiva, emocional e afetiva. Para Winnicott (1975), o brincar traz um sentido em si, situado muito além de um instrumento, de um meio para compreender a criança e seus possíveis bloqueios, sendo um recurso externo intimamente ligado à subjetividade do sujeito (ao seu mundo interno). Sendo assim, a brincadeira assume uma categoria de essência fundante da relação da criança com o meio social. Desde o nascimento, os indivíduos transitam entre a realidade e a fantasia, necessitando de uma mediação social que pode ser realizada por um par, um objeto ou uma ação, a brincadeira. Winnicott nos remete a conceber o brincar como um elemento remodelador da ação interna e externa do sujeito no contexto social, pensando numa subjetividade que elabore psiquicamente os indivíduos.

Vygotsky (1998) vê a brincadeira de faz-de-conta, ou o jogo simbólico, ou ainda, o jogo de papéis como um lugar de desenvolvimento. Ele analisa a brincadeira dentro de uma perspectiva biológica, considerando-a como um elemento constituído sócio-historicamente pelo indivíduo e que se modifica, em função do meio cultural e da época em que o sujeito está inserido. Ao referenciar Vygotsky, justifica-se o desenvolvimento infantil a partir do brincar como algo constituinte de um processo tanto biológico, quanto do meio humano.

Para Brougère (2010, p. 106), a brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece às regras criadas pelas circunstâncias. Ainda para Brougère (2010, p. 106), a brincadeira não é um comportamento específico, mas uma situação na qual esse comportamento toma uma significação específica. Por fim, Brougère expõe o brincar como contextos sociais, aprendidos mediante o meio ao qual a criança está inserida.

Efetivar práticas lúdicas no contexto social e escolar requer uma concepção da legitimação da ludicidade como processo formativo do





ser humano, importante na sua integralidade. Nos espaços formais de ensino, essa prática acontece baseada no entendimento que a ludicidade se configura através de jogos, brinquedos e brincadeiras, concebidas como recreação, ocupação de tempo, premiação e de maneira pedagogizada. A arte e o lúdico têm sido vistos como atividades secundárias, supérfluas ou utilizadas para abordar determinados conteúdos de disciplinas consideradas mais importantes, e de uma forma menos cansativa na sala de aula.

Em contraponto a essa visão, nos espaços não formais de educação, a ludicidade é conduzida como mediadora da criança com o mundo social. As práticas lúdicas percorrem um caminho baseado nas artes, na cultura popular, nos jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais, nas tradições, nos festejos e folguedos.

Como exemplo desses espaços não formais que obtêm a ludicidade como processo metodológico, podem ser abordadas as brinquedotecas, que são essencialmente lócus destas práticas lúdicas. As brinquedotecas são ambientes que proporcionam às crianças um ambiente lúdico e prazeroso, estimulando a socialização entre elas. O brincar neste espaço é entendido como algo natural e essencial ao desenvolvimento humano, englobando o aspecto motor, cognitivo, social e emocional. A criança que está presente neste ambiente, aprende a se relacionar com o outro e consigo mesma, a trocar, explorar, jogar, brincar, elaborar questões internas, desenvolver a linguagem e socializar. Trata-se de um espaço que coloca ao alcance do brincante inúmeras atividades que possibilitam a ludicidade individual e coletiva, permitindo à criança construir seu significado de mundo.

De acordo com a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), uma brinquedoteca é “um espaço criado para proporcionar às crianças, oportunidade de brincar de forma enriquecedora e em que há muitos brinquedos, muita magia, muita criatividade e as “brinquedistas” prontas a favorecer a brincadeira”. Nas brinquedotecas utilizam-se brinquedos e brincadeiras como via de construção para a comunicação expressiva da criança, para o seu processo de socialização e desenvolvi-

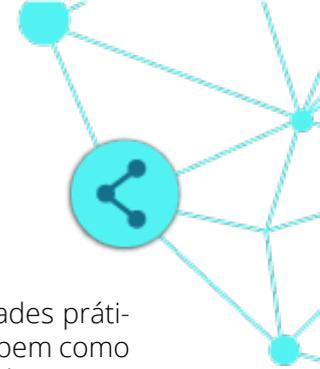
mento, além da arte, da cultura e das manifestações e tradições culturais.

Desse modo, assumimos neste escrito a ludicidade como eixo norteador do processo formativo dos sujeitos em qualquer espaço ou contexto social. Compreendemos que a prática lúdica, a criação, o brincar, apreciação artística, as manifestações e as tradições culturais, assim como a cultura popular, se constituem em aprendizados fundamentais na formação do ser humano.

PRÁTICAS LÚDICAS NA BRINQUEDOTECA CIRANDAS DO SABER

Compreende-se que o ensino, a pesquisa e a extensão constituem as três funções básicas da universidade, as quais devem ser realizadas durante a formação da comunidade interna e externa da UFRB. Com o compromisso de promover ações que possibilitem a aproximação dos sujeitos do entorno da universidade com a “Brinquedoteca Ciranda do Saber” realiza-se enquanto Programa de Extensão a articulação com as instituições da Educação Básica de Amargosa – Bahia, com o fito de promover e realizar atividades lúdicas que envolvam momentos de experiências formativas das crianças, bem como para os professores da rede municipal de educação.

A implantação da Brinquedoteca Ciranda do Saber foi o resultado da participação do Edital 028/2010 do Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência, que tinha entre os seus objetivos a contribuição de proporcionar a qualificação dos cursos de licenciaturas no cenário brasileiro. Desse modo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, selecionou projetos que dentre outras coisas pudessem: a) contemplar novas formas de gestão institucional; b) desenvolver experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador; c) apresentar projetos de cooperação entre unidades acadêmicas que elevem a qualidade da formação dos futuros docentes; d) integrar a educação superior com a educação básica; e) orientar a superação de problemas identificados nas avaliações feitas nos cursos de licenciatura. A



inauguração da Brinquedoteca ocorreu em 07 de dezembro de 2012 e desde então a equipe executora tem realizado ações de ensino, pesquisa e extensão junto com a comunidade interna e externa da UFRB (instituições formais e não formais de educação de Amargosa - Bahia).

A equipe de coordenação da Brinquedoteca atualmente é composta por professores do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), há também parceiros externos da UFRB, como exemplo os profissionais da “Casa da Mãe” e professores da rede municipal de Amargosa. Há semestralmente um processo seletivo para aproximadamente 20 bolsistas (PIBEX, PPQ e/ou monitores voluntários) que são distribuídos nos turnos de funcionamento da Brinquedoteca de acordo com a disponibilidade de horário de cada um/a deles/as. A carga horária das atividades dos bolsistas é de 12 horas semanais, enquanto para os monitores voluntários é de 8 horas semanais. Os dias e horários de funcionamento da Brinquedoteca ocorrem entre segunda a sexta nos turnos matutino, vespertino e noturno. As atividades realizadas pela equipe de docentes, discentes e outros parceiros são desenvolvidas a partir de realização de oficinas lúdicas pedagógicas, brincadeiras com as crianças que frequentam a universidade juntamente com seus responsáveis, visitas guiadas para a comunidade interna e externa do CFP. Além disso, realiza-se curso de formação continuada de professores a fim de dar suporte e orientação para a criação de espaços criativos dentro das instituições da rede municipal de educação de Amargosa e cidade circunvizinhas.

O espaço da Brinquedoteca Cirandas do Saber fica no Laboratório de Pedagogia, localizado nas dependências do Pavilhão de Aulas do CFP/UFRB, a organização do espaço é feita de modo a garantir um ambiente seguro para as crianças e para a comunidade em geral. Possui diversos materiais pedagógicos, livros, brinquedos e mobiliário infantil para a realização das atividades, além de banheiros adaptados para crianças. A brinquedoteca pode ser utilizada com agendamento prévio por todos os docentes do curso de Pedagogia, que ne-

cessitem de um espaço para atividades práticas dos componentes curriculares, bem como pelos professores da rede municipal.

Para nós, a Brinquedoteca Cirandas do Saber se configura como uma estratégia política de atuação na formação, tanto para os discentes que estão em formação inicial no Centro de Formação de Professores da UFRB, quanto para os professores que estão em exercício na rede da Educação Básica. O caráter desse espaço formativo se ancora na perspectiva de que a brinquedoteca pode proporcionar uma formação para a cultura lúdica. Nesse sentido, Brougère (1998) diz que:

Pode-se analisar nossa época destacando as especificidades da cultura lúdica contemporânea, ligadas às características da experiência lúdica em relação ao, entre outras, com o meio-ambiente e os suportes de que a criança dispõe (BROUGÈRE, 1998, p. 109)

Desse modo, as ações de pesquisa, ensino e extensão que ocorrem nesse espaço, proporcionam aquilo que é denominado por Brougère como a experiência lúdica, uma vez que, as crianças, os discentes de Pedagogia do CFP e os professores da rede municipal de Amargosa desenvolvem ações permeadas de significação para sua constituição como seres humanos. Segundo o autor, não basta apenas ter o contato com o objeto para realizar a cultura lúdica, e sim, estabelecer apropriações decorrentes dessa experiência com os artefatos e com o ambiente.

A Brinquedoteca Cirandas do Saber, ao longo do ano letivo recebe visitas dos alunos das escolas municipais de Amargosa tanto da área urbana, quanto das escolas do campo. Essas visitas oferecem a esses sujeitos um espaço de desejo e de projeções futuras. É comum ouvir as crianças dizerem que querem vir estudar no CFP. A universidade para essas crianças torna-se algo possível para se sonhar. Como nos afirma Brougère (1998, p. 110) “O desenvolvimento da criança determina as experiências possíveis, mas não produz por si mesmo a cultura lúdica”, para o autor são as interações sociais que estabelecem essa relação com a experiência.

Nesse sentido, ao possibilitar o acesso das



crianças aos brinquedos, às brincadeiras, aos livros de literatura infantil, às rodas de conversa e de contação de histórias, dentre outras atividades, tem propiciado a elas, a produção da cultura lúdica, como também tem proporcionado aos discentes da graduação uma formação lúdica. Os alunos da graduação têm a oportunidade de estar imersos nesse ambiente, possibilitando que eles façam junção da teoria e da prática. Os alunos desempenham a atividade de monitoria no ambiente da brinquedoteca, realizando, oficinas diversas, projetos de contação de histórias, além de visitas guiadas para as crianças das escolas municipais. Esse trabalho se configura como um campo de observação e intervenção para as ações futuras no que tange às pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso, bem como uma aproximação com as ações extensionistas da universidade.

Um aspecto importante a ser considerado nas ações extensionistas desse Programa, é a formação dos profissionais que atuam ou atuarão nos espaços formais e não formais de educação, a fim de que eles possam reconhecer a necessidade das brincadeiras coletivas ou individuais nos processos pedagógicos. Segundo Pedrosa, Pereira e Mello (2018, p. 217):

A brincadeira coletiva constitui um espaço de significações em que as crianças apropriam-se de seu entorno social ao mesmo tempo em que constroem atividades estáveis, compartilham regras e interesses, assim efetivam novas aprendizagens com seus pares de idade.

Garantir esse espaço de significações tem sido um dos objetivos das ações do Programa de Extensão da Brinquedoteca Cirandas do Saber, uma vez que, assim como as autoras, compreendemos que as brincadeiras constituem espaços de negociações e conquistas da autonomia das crianças. As autoras, destacam ainda que:

brincar por brincar é garantir um espaço de criação, de apropriação do mundo, de construção de processos psicológicos relevantes, de incentivos a grandes empreendimentos coletivos infantis, de aprendizagem e aquisições, de deleite e de satisfação pessoal e social (PEDROSA, PEREIRA E MELLO, 2018, p. 231).

O espaço de formação lúdica da brinquedoteca possibilita também um contato maior do educador com fundamentação e formulações teóricas sobre a infância, de maneira a proporcionar uma visão real, e não idealizada, da criança, enquanto sujeito social e cultural capaz de interagir socialmente nas formas de ensinar e aprender. De acordo com os estudos de Kishimoto (2018, p. 33) “o brincar como lugar de infância nem sempre esteve ao lado da educação infantil”. Ainda para Kishimoto (2018), o mesmo decorre dessa compreensão equivocada de práticas arraigadas de cunho higienista e assistencialista que distanciava as práticas de educação do brincar. Atualmente as ações pedagógicas procuram inverter essa lógica, a fim de proporcionar o brincar como centralidade de práticas para o desenvolvimento infantil.

Conforme Kishimoto (2018, p. 44), é preciso fortalecer o poder de resistência para manter o princípio de que toda criança é ativa, tem saberes, é criativa, e brinca para aprender”. Assim, destaca-se a necessidade em garantir “o respeito às crianças, às diferenças e à diversidade de situações e contexto” (KISHIMOTO, 2018, p. 44).

Diante do exposto, salientamos também a importância da promoção e estímulo de ações relacionadas à infância, à arte e à ludicidade. Desse modo, o espaço cultural e pedagógico da brinquedoteca visa impulsionar as ações ligadas ao ensino, à pesquisa e à extensão com temáticas ligadas ao fazer pedagógico.

PRÁTICAS LÚDICAS EM UMA INSTITUIÇÃO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO

Como espaços não formais de educação, entende-se ambientes que assumem de maneira muito consciente seu papel formativo, aos quais os sujeitos são percebidos de maneira integral, suprimindo muitas vezes as ausências metodológicas e objetivas dos espaços formais de educação. Esses ambientes são concebidos por Trilla (2008, p. 33), como “Toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de apren-



dizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis”. Para Gohn (2010, p. 17), na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos intencionais. Assim, tomando como referência os autores citados, percebe-se a importância dos espaços não formais de educação para formação de sujeitos artísticos e culturais que incorporam elementos sociais como práticas educativas.

Neste contexto, abordaremos a experiência de práticas lúdicas em um espaço não formal de educação situado no município de Amargosa/Bahia. Esse ambiente surge justamente pela inquietação em levar para os grupos em situação de vulnerabilidade, um espaço lúdico-educativo, objetivando atender não só crianças, mas adultos e idosos para o alcance efetivo da importância de uma aprendizagem pautada em práticas e concepções lúdicas.

Sendo assim, a Casa da Mãe surge como um projeto da Prefeitura Municipal de Amargosa-Bahia, trazendo a perspectiva de contemplar o cuidado com a maternidade e a primeira infância, configurando-se em uma modalidade diferenciada de atendimento, informações e auxílio às gestantes, famílias e crianças.

A Casa da Mãe é uma instituição que foi implantada em 25 de abril de 2018, sendo idealizada por 2 educadoras e 1 psicóloga, objetivando criar um ambiente de formação de vínculo entre os cuidadores e as crianças, recebendo um público em situação de vulnerabilidade. É um projeto intersetorial, ao qual pertence às secretarias de Educação, Assistência Social, Saúde e Secretaria de Governo. O espaço funciona de segunda à sexta das 8h às 12h e das 13:30h às 17:30. Conta com a presença de 2 psicólogas, 1 educadora que é Mestre em Educação e Especialista em Projetos Sociais e Culturais, 1 educadora que é Brinquedista, Psicopedagoga e Mestranda em Educação, 1 atendente-recepcionista e 1 pessoa encarregada da limpeza e organização do ambiente. O espaço físico da instituição é configurado como uma casa para trazer o sentimento de acolhimento às usuárias. O espaço

contém uma sala central que utilizamos como recepção, uma sala organizada como brinquedoteca para que as crianças brinquem ou leiam durante a espera do atendimento, uma sala de atendimento para as famílias, uma sala de atendimento individual, uma cozinha, uma sala de arte e um quintal.

Diferente do projeto Casa de Brincar Alecrim que tínhamos uma parceria com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB para receber alunos do curso de Letras e Pedagogia do Centro de Formação de Professores-CFP, onde os alunos realizavam os estágios da disciplina Espaços Não Formais, executando oficinas lúdico-pedagógicas, a Casa da Mãe, por receber um público que se encontra em situação de vulnerabilidade, situações de violência doméstica, emocional e física, casos encaminhados pelo Conselho Tutelar, casos, portanto, que exigem uma confidencialidade, desenvolve um trabalho mais voltado à formação pedagógica dos estudantes do CFP. Recebemos alunos interessados na realização de pesquisas sobre o espaço não formal, a partir da observação do espaço físico.

Estruturamos uma proposta de atendimento lúdico-pedagógico com crianças de 0 anos a 12 anos de idade. Inicialmente atendemos apenas crianças de 0 a 6 anos, no entanto, pela procura e encaminhamentos das secretarias, assim como do Conselho Tutelar, ampliamos a idade das crianças atendidas. Os atendimentos são realizados individualmente, gestantes, mulheres, criança-mãe ou grupos infantis. É realizado um trabalho de itinerância, onde a proposta é levar a instituição para as comunidades, ONGs, espaços não formais, escolas municipais, praças e a zona rural. Através de projetos culturais, artísticos e oficinas lúdicas, realiza-se um trabalho educativo para o público infantil. A Casa da Mãe também realiza processos formativos com educadores do município.

O projeto se apresenta como uma perspectiva e uma proposta inovadora para a gestão pública, que ao investir em espaços que contribuem para a promoção da saúde emocional dos núcleos familiares do município, de modo especial aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade devido a fatores



econômicos e socioculturais, estará repercutindo também para o bem-estar da sociedade como um todo. Uma infância bem cuidada dá suporte a adultos mais saudáveis, física e emocionalmente, a profissionais competentes, a pais comprometidos, a cidadãos participativos e a uma sociedade mais digna e justa.

A Casa da Mãe funciona como um espaço humanizado, sensível, de acolhimento emocional, e com uma proposta de atendimento lúdico para a infância. A instituição também segue realizando projetos, atendimentos e mobilizações em comunidades, a grupos de idosos, espaços não formais de educação, nas comunidades rurais e nas escolas. São realizadas intervenções no processo formativo dos docentes do município e dos Educadores e Facilitadores Sociais do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) da Secretaria de Assistência Social.

Outro ponto que merece ser destacado são os projetos em torno da valorização da cultura e da educação patrimonial, da história da Bahia, da música popular brasileira e da literatura infantil que são implantados e trabalhados nas escolas municipais, no SCFV e nas ONGs. Todos eles recheados de muita ludicidade. Vale destacar alguns projetos como: “Com tiranos não combinam, brasileiros corações”; “Prima-verando”; A África e suas contribuições para o Brasil; “Ô abre-alas, as mulheres do carnaval querem passar”, “A poesia que mora em ti”, um passeio pela vida e obra de Cora Coralina, Elisa Lucinda e Cecília Meirelles, e “Forró! Patrimônio Cultural de Amargosa”. Este último implantado em todas as escolas do município. São realizadas também oficinas lúdicas para as crianças e os professores, em um processo formativo.

O projeto Casa da Mãe tomou grandes proporções, chegando à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, em parceria com a Brinquedoteca Cirandas do Saber, tendo como objetivo intensificar ainda mais a atuação não só com o público infantil, mas estendendo as ações aos estudantes da UFRB, contribuindo no processo formativo dos estu-

dantes da licenciatura em Pedagogia. Entendemos que a formação humana se estrutura a partir das conexões estruturadas com o meio ambiente, as relações sociais e culturais, e o processo de ensino. Assim, compreendemos que enquanto projeto público, a Casa da Mãe vem alcançando êxito na sua proposta de ampliar a educação, atingindo as comunidades em geral e os grupos intergeracionais do município de Amargosa-Bahia.

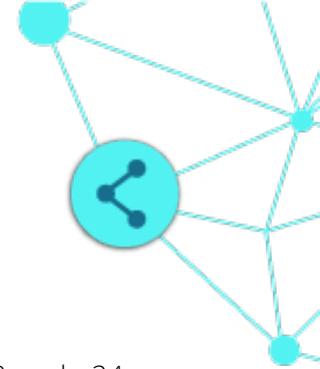
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências lúdicas realizadas entre as ações da Brinquedoteca Cirandas do Saber e da Casa da Mãe em Amargosa, promoveu-se a integração dos estudantes da graduação do Curso de Pedagogia com a participação formativa dos professores da Educação Básica, bem como as experiências da cultura lúdica das crianças vinculadas aos espaços formais e não formais de educação.

As proposições futuras das ações desse Programa de Extensão vislumbram atividades para a implementação sistematizada de uma formação inicial e/ou continuada para a prática lúdica, artística e educativa. Ao mesmo tempo, tendo como perspectiva o aprimoramento da práxis pedagógica dos professores da Educação Básica, dos discentes da graduação, bem como dos profissionais que atuam na Casa da Mãe.

Desse modo, continuaremos proporcionando integração do ensino, pesquisa e extensão nas ações desenvolvidas, tanto na Brinquedoteca Cirandas do Saber, quanto na Casa da Mãe, a fim de proporcionar a construção de subsídios teóricos e práticos nas áreas de arte-educação, infância, corpo, educação especial, ludicidade, formação docente, dentre outros.

Com isso reafirmamos a compreensão de que o Programa de Extensão Brinquedoteca Cirandas do Saber do Centro de Formação de Professores e de que a Casa da Mãe são organismos ativos e importantes para a construção de uma sociedade mais democrática e menos desigual.



REFERÊNCIAS

BROUGERE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. Rev. Fac. Educ. [online]. 1998, vol .24, n. 2 p.103-116. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007&lng=en&nrm=iso> Acesso em 11 de abr. de 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais, São Paulo: Cortez, 2010.

LUCKESI, Cipriano. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. In: Elizete Silva Passos. (Org.). Cadernos de Pesquisa NUFHE. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA, 1998, v. 1, p. 09-25.

KISHIMOTO, Tizuko. O educar como lugares de infância na Educação Infantil. In: SANTOS, Maria Walburga dos; TOMAZZETTI, Cleonice Maria; MELLO, Sueli Amaral (Orgs). Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência. São Carlos: EdUF CAR, 2018, p. 33-46.

PEDROSA, Maria Isabel, PEREIRA, Melina de Carvalho; MELLO, Mayara Lacerda de. Brincar por brincar: o espaço de criação, apropriação e conquistas na Educação Infantil In: SANTOS, Maria Walburga dos; TOMAZZETTI, Cleonice Maria; MELLO, Sueli Amaral (Orgs). Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência. São Carlos: EdUF CAR, 2018, p. 217-234.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TRILLA, Jaume. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

A OFERTA DA LÍNGUA INGLESA NA UFRB: UM MAPEAMENTO DAS ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

ENGLISH LANGUAGE OFFER AT UFRB: A MAPPING OF EXTENSIONIST ACTIVITIES

Lucineide Souza Alves

Licenciada em Letras (UFRB)

Maria da Conceição de Melo Torres

Mestre em Estudos Culturais pela California State University, Fullerton, professora Assistente (UFRB)

Flávio Almeida dos Anjos

Doutor em Língua e Cultura (UFBA), professor Adjunto (UFRB)

RESUMO

Este artigo discute o papel das atividades extensionistas de língua inglesa para a formação discente, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Objetivando averiguar a relevância dessas ações, procedemos à análise de documentos produzidos pela UFRB, MEC e PROEXT e à pesquisa bibliográfica sob a luz do pensamento de Freire (1987, 2001), Almeida (2015), Velloso e Almeida (2018). O estudo, de cunho analítico, de abordagem quanti-qualitativa desdobra a partir de pesquisa bibliográfica e documental mapeou ações de extensão relacionadas à Língua Inglesa, desenvolvidas no período entre os anos de 2009 e 2019 na UFRB. Durante a investigação, os seguintes elementos foram observados: tipos e temáticas das ações; centros que mais desenvolveram ações; o cumprimento da Lei nº 13.005/2014 pela UFRB; e os locais onde ocorreram as ações de extensão. Este estudo concluiu que o papel das atividades de extensão de língua inglesa na formação dos discentes da UFRB extrapola o ensino teórico do idioma e que as atividades extensionistas têm a função de atuar diretamente na formação plena, social e acadêmica desses sujeitos, envolvendo a relação dialógica entre eles e as comunidades parceiras para gerar conhecimento e suscitar no discente um ser crítico e transformador.

Palavras-Chave: língua inglesa. Ações de Extensão. Mapeamento.

ABSTRACT

This paper discusses the role of the English language extension activities for undergraduate student education, at the Recôncavo of Bahia Federal University (UFRB). Aiming at verifying the relevance of these actions, we proceeded with the analysis of the documents produced by UFRB, MEC and PROEXT and with the bibliographic research in the light of the thoughts of Freire (1987, 2001), Almeida (2015), Velloso and Almeida (2018). The study, of analytical nature, with a quantitative and qualitative approach unfolded from bibliographical and documentary research, mapped extension actions related to the English language, developed between the years 2009 and 2019 at UFRB. During the investigation, the following elements were observed: types of activities and themes addressed; the centers that offered the highest number of actions; compliance with Law no. 13.005/2014 by UFRB, and the venues where the activities were held. This study concluded that the role of the English language extension activities, in the formation of UFRB students, extrapolate the theoretical teaching of the language itself. Also, that extension activities act upon the full social and academic education of those students, involving the dialogical relationship between the latter and their partner communities to construct knowledge and raise, in the student, a critical transforming being.

Keywords: English language. Extension actions. Mapping.



INTRODUÇÃO

A língua inglesa é o idioma mais falado entre os povos, considerado, portanto, uma língua franca e internacional. É reconhecido como língua oficial em mais de 55 países e, em muitos outros, como segunda língua, sendo falado por aproximadamente 430 milhões de falantes nativos, e 950 milhões não nativos (POLIDÓRIO, 2014). Isso significa que há aproximadamente um bilhão, trezentos e oitenta mil pessoas que se comunicam através dele. É, ainda, o idioma mais usado na internet, mídias sociais, propagandas, publicações, diplomacia, dentre outras áreas. Paiva avalia que “falar inglês, nas últimas décadas passou a ser um anseio das populações urbanas” visto que o domínio do idioma é um veículo necessário para a leitura do mundo e inclusão social (PAIVA, 2003, p. 02). Desse modo, ter domínio da língua inglesa em um mundo globalizado é ter a capacidade de comunicação com milhares de outras pessoas em vários países do mundo e ampla oportunidade de trabalho em diversas áreas. Falar inglês, portanto, tem se tornado imprescindível, contribuindo principalmente para uma qualificação profissional eficaz. Por causa da importância do saber inglês, mais que ensinar o idioma, as universidades precisam também investir na formação cidadã dos estudantes bilíngues com o fito de promover uma nova compreensão de mundo.

No meio acadêmico, a Extensão Universitária é reconhecida como um dos principais pilares do ensino superior, em conjunto com o ensino e a pesquisa, conforme dispõe o artigo 207, da Constituição Federal do Brasil de 1988. Nesse sentido, Freire (2001) tem respaldado a extensão universitária como ferramenta de formação profissional de modo integral que possibilita sistematizar, descobrir e inventar o conhecimento, contribuindo com a formação do cidadão e com a transformação da sociedade. Considerando a importância da extensão universitária para com o ensino e aprendizagem da língua inglesa, nos propomos a refletir sobre a oferta da língua inglesa na UFRB através de um mapeamento das atividades extensionistas, pontuando suas contribuições para com a formação discente na instituição. Para tanto, este estudo de cunho

analítico investiga tais ações entre os anos de 2009 e 2019, período relevante para a obra extensionista na UFRB.

Neste estudo observamos os seguintes elementos: tipos de atividade e temáticas abordadas; os centros que mais desenvolveram ações; o cumprimento da Lei nº 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação-PLE) pela UFRB; e os locais onde ocorreram as ações. Objetivando refletir sobre a oferta da língua inglesa na instituição, ao apresentarmos o mapeamento das atividades extensionistas e sua contribuição para com a formação discente na UFRB, discutiremos sobre a extensão universitária; a língua inglesa, aprendizagem e a extensão universitária; e a análise dos dados. Nas considerações finais, apresentaremos as implicações resultantes das ações da extensão na formação discente na UFRB.

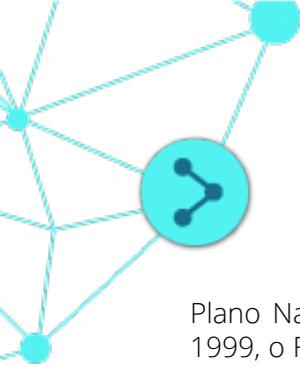
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A criação da Extensão Universitária foi um grande marco na história da educação superior, propulsionada pela promulgação da Lei Básica da Reforma Universitária (Lei n. 5.540/68):

As instituições de ensino superior [...] por meio de suas atividades de extensão proporcionarão aos seus corpos discentes oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento. (Lei n. 5.540/68, Artigo 40).

A lei atrelou o ensino superior e a extensão à sociedade de modo a produzir conhecimento, promovendo as resoluções das demandas sociais vigentes desde então. Temos observado que as instituições de ensino superior têm trabalhado em prol de atividades que superam o aprendizado científico, oferecendo oportunidades de participação das comunidades interna e externa em trocas de saberes com vistas a contribuir com o conhecimento científico e com as práticas sociais.

Inicialmente, ao buscar desenvolver o eixo extensivo, os pró-reitores das universidades públicas passaram a realizar encontros intitulados de Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FOR-PROEX) para discutir questões pertinentes às ações. Como consequência da análise do



Plano Nacional de Extensão Universitária de 1999, o FORPROEX apresentou entre os anos de 2009 e 2012 novas diretrizes, princípios e objetivos, almejando políticas que fomentam a transformação da universidade em instrumento gerador de mudança social e promoção de justiça, solidariedade e democracia. Aquele momento reflexivo ajudou a compreender a Extensão Universitária como um processo conjunto, contínuo e articulado entre ensino, pesquisa e extensão, apresentando-se como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”(2012, p. 28).

Ainda no caminho do progresso extensionista, o FORPROEX elencou diretrizes de suporte ao referido eixo que têm sido observadas desde então: 1- Interação Dialógica: entende que a relação entre a universidade e setores sociais deve ocorrer a partir de diálogos e troca de saberes, modificando o discurso hegemônico acadêmico em prol da relação de união com movimentos, setores e organizações sociais; 2- Interdisciplinaridade e interprofissionalidade: combina várias disciplinas e áreas do conhecimento no desenvolvimento das ações com os diversos setores da comunidade; 3- Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão: mantém o processo de ensino e pesquisa atrelado às ações de extensão de modo que o estudante, envolvido em seu próprio crescimento profissional e de formação cidadã, torne-se agente de transformação na sociedade; 4- Impacto na Formação do Estudante: oportuniza um currículo flexível e concede créditos através das ações de Extensão Universitária; 5- Impacto e Transformação Social: concebe uma extensão de caráter político através da qual a universidade possa desenvolver um relacionamento com outros setores da sociedade e com ações que respondam às necessidades dessa mesma sociedade com vistas a transformá-la. (FORPROEX, 2012).

Após o estabelecimento de tais diretrizes, criou-se o Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE) através do Ministério de Educação e Cultura (MEC) em 1993. O programa vem desde então contribuindo para o financiamento da Extensão Universitária e para a elaboração das diretrizes, objetivos,

ações e metodologias a serem utilizadas para sua implantação. Ao PROEXTE é atribuída, portanto, a responsabilidade de oferecer ferramentas que possibilitem a consolidação das ações da extensão no dia a dia acadêmico.

Em 2001, o PNE 2001-2010 institucionalizou e estabeleceu, através da implantação do Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária, um percentual mínimo de 10% do total de créditos dos cursos de graduação para participação em atividades de extensão “em todas as Instituições Federais de Ensino Superior no quadriênio 2001-2004”(FORPROEX, 2009, p. 30). Importante registrar que, ao colocar o percentual mínimo em 10% da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação na forma de componentes curriculares, o PNE exige que as universidades realizem ações extensionistas observando tal percentual.

A LÍNGUA INGLESA, APRENDIZAGEM E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

É senso comum que a língua inglesa pode contribuir para a construção da cidadania e a formação global dos envolvidos no aprendizado, uma vez que oportuniza o acesso aos processos sociais, políticos e econômicos que fazem parte do mundo contemporâneo. Desse modo, a ausência do idioma atinge diretamente a sociedade ao privá-la de oportunidades e formação completa do sujeito, impedindo-o de compreender a si mesmo e a seu lugar no mundo. A partir da popularização da World Wide Web nas últimas quatro décadas, a língua inglesa vem se tornando um instrumento de comunicação eficiente, ágil e democrático, possibilitando novas trocas de saberes e auxiliando na formação integral de estudantes e profissionais em todas as áreas do conhecimento. “Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural”, alerta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2014, p. 241). Saber inglês, portanto, significa acesso a maiores oportunidades de conhecimento, auxiliando na geração do espírito crítico, no engajamento e na participação



como cidadão ativo no mundo globalizado.

Ao refletirmos sobre a relação entre o ensino de inglês e a extensão universitária, essa última apresenta-se como uma das ferramentas para promover o estímulo do aprendizado acadêmico. Acreditando que são nas relações entre universidade e comunidade que o aprendizado pode ser mais produtivo na formação integral do discente, Almeida (2015, p. 58) argumenta que:

Somos seres do mundo, com o mundo, históricos e sociais, [sic] também somos inacabados e estamos aptos a sempre aprender, e aprender não é acumular conhecimentos e sim aprender a refletir, aprender a problematizar, aprender a pensar e a conviver com erros e acertos.

São, portanto, nas relações sociais que o aprendizado se torna conhecimento real, entendimento que a teoria Freireana respalda através da ênfase no envolvimento do aluno com o problema a ser analisado. Seja como processo global ou através da extensão universitária, para tornar duradouro, o aprendizado precisa se desenvolver a partir da nossa compreensão de mundo e da nossa interação com ele. Freire (1987) observa que o estudante deve ser estimulado e motivado a buscar conhecimento através do aprofundamento temático de seu interesse para que desenvolva suas habilidades e adquira conhecimento, entenda e construa seu próprio conhecimento e reflita sobre as suas ações com o intuito de descobrir o significado do conhecimento adquirido.

A oportunidade de aprender através da vivência e da experiência também gera conhecimento, objetivo que a extensão universitária pretende alcançar ao colocar os discentes em contato com a comunidade externa. É certo que a extensão universitária também visa a fomentar a aprendizagem do estudante; porém, aprender não trata apenas de acumular conhecimentos, mas de ser reflexivo, crítico e participante na sociedade (FREIRE, 2001).

Torna-se necessário, portanto, que os discentes sejam autônomos, questionem porque conhecem ou desconhecem, saibam agir e intervir nas situações, sejam capazes de criticar e de criar projetos próprios e, que nesse

processo, o professor seja um orientador de questionamento dos sujeitos envolvidos. Desse modo, ao promover a interação dos alunos com a comunidade externa, o conhecimento desejado ocorre a partir do ouvir das vozes da sociedade no sentido de entender o que a comunidade está comunicando. Nesse caso, é necessário que esse ouvir seja direcionado às questões voltadas para o curso no qual o aluno está inserido. O processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa não foge à regra e tem suscitado uma série de questionamentos tais como: o que a comunidade pensa sobre o idioma? Por que precisa dele? Quais demandas a comunidade requer para aprendê-lo? Diante dos anseios da comunidade, quais projetos e ações extensionistas podem atendê-los? Quais benefícios as ações de inglês podem trazer para a população?

Isso significa que, envolvidos com os anseios e necessidades da comunidade, os alunos tendem a descobrir o propósito do conhecimento adquirido ao tempo que processam os saberes que são formados a partir da experiência vivida. Desse modo, a universidade, atuando na comunidade a partir de ações extensionistas que desenvolvam a pesquisa, tematização e problematização produzirão a experiência necessária para a aprendizagem e formação dos discentes. Nesse processo de aprendizagem, Almeida (2015) destaca três agentes relevantes: o professor, como o sujeito responsável por provocar a reflexão sobre o sentido da aprendizagem junto ao aluno de inglês; o próprio aluno, que é o sujeito a responder às provocações e a buscar sentido na sua ação e no seu processo de aprendizagem; e a comunidade, lócus da transformação através da ação.

Feitas essas considerações, a seguir trataremos dos procedimentos metodológicos que nos auxiliaram neste estudo e os dados gerados no processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para averiguar qual é o papel da extensão de língua inglesa na complementação da formação dos discentes da UFRB, a pesquisa seguiu a linha quali-quantitativa, ao analisar documentos



produzidos pela UFRB, MEC e relatórios disponibilizados pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRB (PROEXT). As atividades registradas pela PROEXT nos anos de 2009 a 2019 foram analisadas em três diferentes arquivos, dois dos quais estão disponíveis online; o terceiro arquivo, contendo algumas das atividades de língua inglesa, nos foi enviado pela Pró-Reitoria exclusivamente para contribuir com esta pesquisa.

Nesse momento, faz-se necessário ressaltar que a UFRB é uma universidade considerada nova. Tendo iniciado suas atividades em 2006, tem apenas quatorze anos de existência e ainda passa por estruturação e aperfeiçoamento de seus setores e corpo administrativo. Portanto, a ausência de registros de muitas atividades extensionistas no período entre a sua inauguração e a realização das ações dificultou o trabalho de mapeamento e de compreensão dos dados em sua totalidade. Sendo assim, procedemos à análise por amostragem, ou seja, apenas dos dados registrados e divulgados.

ANÁLISE DOS DADOS

Com a interiorização das universidades e a busca pela expansão do ensino superior fora das principais capitais, surge a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Velloso e Almeida (2018) relatam que a UFRB surgiu a partir da busca por mais acesso ao ensino superior na Bahia. Sua efetivação se deu em 2005 a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, com base na Constituição Federal, através da Lei 11.151. A UFRB, segunda Universidade Federal na Bahia, foi concebida com estrutura multicampi tendo, em 2006, suas atividades sediadas em sete cidades. Desde então, a UFRB tem se expandido consideravelmente, tornando-se uma instituição comprometida com a educação e o desenvolvimento do Recôncavo Baiano. Atualmente, a instituição oferece 40 cursos de graduação distribuídos entre os sete centros, o CAHL, o CCAAB, o CCS, o CECULT, o CETEC, o CETENS e o CFP, todos empenhados em desenvolver uma educação de excelência.

A missão da UFRB coaduna com o papel que

a Universidade precisa desempenhar através das ações de extensão. (UFRB, 2019). A instituição observa o desenvolvimento humano e social, preparando o discente para atuar na sociedade com vistas a transformá-la. As atividades extensionistas são desenvolvidas através de programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviço, publicações e outros produtos acadêmicos de modo a integrar as ações de extensão, pesquisa e ensino. Essas ações podem ser executadas a médio e longo prazo de acordo com as orientações do Plano Nacional de Extensão Universitária.

Entende-se por programa como um conjunto de ações planejadas para alcançar um determinado objetivo da instituição; o projeto promove ações objetivas e específicas, de natureza diversificada, vinculadas ou não a um programa; o curso é uma ação extensionista que promove a interação entre universidade e sociedade de modo a possibilitar o conhecimento através de um conteúdo programático, com duração mínima de oito horas; evento é uma programação específica, realizada dentro ou fora da universidade e que objetiva a produção, sistematização e divulgação de conhecimentos; produção é o resultado de trabalho produzido pelos participantes no processo de ensino e aprendizado da instituição (UFRB, 2019).

Apesar de ter sido estabelecida em 2005 e iniciado suas atividades acadêmicas em 2006, a UFRB só veio a iniciar suas ações extensionistas em 2008 com o curso "Metodologia Participativa para Atuação em Extensão" promovido pelo CCS. A partir daquele ano, as atividades de extensão foram crescendo gradativamente e, em 2009, as ações em língua inglesa também foram iniciadas.

A primeira ação extensionista no idioma foi oferecida pelo CCAAB com o curso de "Inglês Instrumental para Estudantes de Zootecnia". Não há registros de ações dessa natureza nos dois anos seguintes. A segunda ação só ocorreu em 2012 no CCS, quando foi oferecido o "Curso de Extensão Universitária de Inglês". Em 2013, através da PROPAAE e PROEXT foram realizados dois outros cursos - "Inglês Básico e Intermediário" e "Produção de Textos em Língua Inglesa".



Não há registro de ações em língua inglesa em 2014. Porém, em 2015, o CCS ofereceu o “Curso de idiomas – Inglês” e o CECULT criou o “Programa de Extensão em Língua Inglesa CECULT – NUVEM/UFRB”. Denominado ProELI, o programa atua em três centros e visa a estimular e implementar o ensino-aprendizagem de língua inglesa na UFRB. O ProELI oferece cursos, minicursos, eventos e palestras em língua inglesa visando a atender às necessidades de complementação da formação em língua inglesa dos estudantes do CECULT (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas), localizado em Santo Amaro, CETENS (Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade), localizado em Feira de Santana e CCS (Centro de Ciências da Saúde), localizado em Santo Antônio de Jesus. O ProELI tem como público alvo os servidores e alunos da UFRB assim como as comunidades onde os centros estão situados. Porém, mesmo com as ofertas supracitadas, os relatórios disponibilizados pela PROEXT indicam que poucas ações extensionistas foram oferecidas durante a década seguinte ao estabelecimento da UFRB e que tais ações ocorreram lentamente na trajetória educacional da instituição.

Em 2015, o curso para formação de professores de língua inglesa do Centro de Formação de Professores (CFP) já era realidade através do curso de Letras: Libras/Língua Inglesa/Língua Portuguesa implantado no segundo semestre de 2012. Contudo, observa-se que não há registros de ações de língua inglesa realizadas pelo CFP em anos anteriores ou até mesmo entre 2012.2 e 2015. A primeira ação do centro só foi registrada em 2016, seis anos após a sua criação, através do Projeto de Ensino de Língua Inglesa na UFRB e sob a coordenação de um docente da área de língua inglesa.

A partir de 2016, as atividades de extensão foram se fortalecendo e se expandiram. No período pesquisado, entre 2009 e 2019, constatamos 3.824 ações realizadas por todos os centros a partir de 2009, número esse aproximado de ações arquivadas¹. Destacamos apenas 132 na área de língua inglesa, inscritas

até setembro de 2019. Durante os dez anos informados, muitas ações foram executadas por todos os centros, mas apenas 3% dessas ações foram em/sobre língua inglesa.

Observamos, igualmente, que houve crescimento gradual no decorrer dos anos, exceto em 2010, 2011 e 2014, quando não há registro de ações arquivadas. A partir de 2016, contudo, nota-se um envolvimento maior dos centros, culminando em 2018, ano com o maior número de registros até o momento. Os registros relativos a 2019 indicam uma queda no número de ações, considerando que os nossos acessos foram realizados até setembro daquele ano. Presumimos, porém, que as ações realizadas em 2019 serão visualizadas completamente ao final de 2020, elevando o número de registros dessas ações.

Após esse panorama geral das ações da Extensão Universitária da UFRB, faz-se necessário que analisemos as atividades de ações extensionistas para aprimoramento e desenvolvimento da língua inglesa. Desse modo, responderemos aos questionamentos desta pesquisa sobre os tipos de ações extensionistas realizadas no período de interesse.

Os arquivos disponibilizados pela PROEXT (2019) demonstram que entre 2009 e 2019 houve aumento de tipos de ações, tipos esses que se diversificaram ainda mais entre os anos de 2015 e 2019. Os cursos para complementação da formação discente lideraram as ofertas da década em questão. Foram oferecidos 76 cursos em todos os centros, contabilizando 58% do total ofertado na UFRB. Os eventos ocuparam o segundo lugar com 35 ofertas ou 27% do total em todos os campi. Os projetos vêm em seguida com 15 ofertas ou 11% do total registrado. As produções e programas aparecem com 3 ofertas cada, representando 2% do total das atividades.

Os temas abordados nas ações foram relevantes para as competências que buscaram desenvolver. Essas temáticas favoreceram diretamente a capacitação do discente, fortalecendo a sua comunicação em língua inglesa

1 Número aproximado visto que pode haver ausência de registros de mais ações realizadas devido ao desconhecimento de servidores sobre os procedimentos administrativos e/ou lentidão burocrática para registrar as atividades na época



e compreensão geral do idioma através do desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas básicas: ouvir, falar, ler e escrever (i.e., listening, speaking, reading e writing). Os temas gerais (cultura, ensino-aprendizagem e conhecimentos gerais sobre o idioma) prevaleceram em 69% das ações, seguidas por temas específicos tais como diálogos (17%), leitura (7%), gramática (5%) e escrita (2%).

Destacamos também a atuação dos centros que mais realizaram ações extensionistas e quantas dessas ações foram direcionadas para a área de língua inglesa. Os dados coletados demonstram que 51% dessas atividades foram realizadas pelo CECULT, seguido pelo CFP com 27% delas. Em seguida, aparece a SUPAI com 16%, seguidos pelo CCS com 3%, CETENS com 2% e outros centros com 1%. Visto que o CECULT e o CFP se destacaram na área de língua inglesa, analisaremos mais profundamente as ações realizadas por esses Centros.

É relevante destacar que as 67 atividades (17% das ações) promovidas pelo CECULT priorizaram temas e habilidades específicas que desenvolvessem a leitura, o diálogo, a escrita e a gramática da língua inglesa. Nesse sentido, as ações em língua inglesa buscaram desenvolver as competências comunicativas através das quatro habilidades linguísticas básicas - ouvir, falar, ler e escrever.

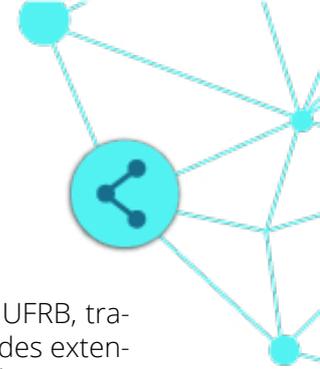
Paralelamente, as 36 ações extensionistas do CFP buscaram oferecer conhecimentos gerais sobre a língua, cultura e formação docente, mostrando-se alheias às especificidades. Aparentemente, os 8% de ações do CFP não buscaram desenvolver as quatro habilidades linguísticas básicas. Sendo o CFP um centro de formação de professores de língua inglesa, carente de falantes fluentes, observamos a ausência de ênfase na promoção e desenvolvimento linguístico dos discentes. Como um centro de formação de professores que abriga o curso de Licenciatura em Letras: Libras/Língua Inglesa/Língua Portuguesa além de vários outros em diversas áreas do conhecimento, a oferta de atividades extensionistas na área de língua inglesa esteve aquém daquela promovida pelo CECULT no período em questão. Os arquivos da PROEXT indicaram ter havido 447

ações registradas por todos os cursos no CFP, mas apenas 11 delas foram oferecidas pelo curso de Letras. Das 447 ações, 36 delas foram na área de língua inglesa, contabilizando 8% das ações e apresentando um percentual abaixo dos 10% do total da carga horária curricular estudantil da graduação exigidos pela Lei nº 13.005/2014, Art. 12.

O CECULT, por outro lado, abriga cursos de licenciatura e de bacharelado em diversas áreas do conhecimento. Porém, o centro em questão ofereceu 400 ações para todos os cursos no mesmo período. As ações extensionistas de língua inglesa do CECULT, contudo, foram e continuam sendo oferecidas como complemento para a formação dos discentes de sete cursos dessa e de outras áreas. Das 400 ações do centro, 67 foram de língua inglesa, ou seja, 17% das ações, destacando-se acima dos 10% mínimo exigido por Lei.

Comparando os dados anteriores, observa-se que, em sua totalidade, as ações extensionistas no CECULT são em menor número do que aquelas no CFP. Em dez anos, porém, o número de atividades na área de língua inglesa no CECULT ultrapassou aquele do CFP. Nesse sentido, é importante questionar por que o CFP, sendo um centro de formação de professores de língua inglesa, tem realizado um menor número de ações de extensão no/ sobre o idioma do que o CECULT que não forma professores na área? Dados disponibilizados pela PROEXT sugerem duas variáveis que podem esclarecer a questão: o número de docentes da área de língua inglesa lotados no CECULT (i.e., 5) tem se mantido estável e quase o dobro do que aquele do CFP (i.e., 1-3) nos últimos dez anos; os docentes da área no CECULT permanecem na instituição por mais tempo do que aqueles lotados no CFP, visto que a cidade de Amargosa, onde o centro está localizado, é relativamente distante das cidades de origem da maioria deles.

O terceiro questionamento da pesquisa faz referência ao local de desenvolvimento das ações: as ações extensionistas de língua inglesa têm ocorrido em ambas as comunidades, interna e externa? Segundo análise dos documentos acessados, das 132 atividades de língua inglesa (cursos, eventos, projetos, pro-



gramas e produções) entre os anos de 2009 e 2019, a maioria das atividades foi desenvolvida na comunidade interna e objetivou a formação discente. Porém, as ações não possibilitaram o intercâmbio de ideias e a prática do idioma entre os alunos e a comunidade externa. Poucas ações foram realizadas em parceria com a comunidade externa; dentre eles, o CFP, com 16 atividades; e o CETENS, com apenas 3. Os dados sugerem que essas atividades foram realizadas em espaços alheios à universidade.

O CFP registrou atividades externas em parceria com outras instituições educacionais, objetivando divulgar a cultura estadunidense através de eventos como “Exposições da Cultura e História Americana: Picturing USA”. O CFP realizou o evento no campus apenas uma vez; em todas as outras, a exposição foi itinerante. O evento realizou uma exposição de fotos em parceria com a Embaixada dos Estados Unidos com o intuito de divulgar a cultura daquele país. Propagar a cultura hegemônica como única detentora da língua inglesa não se alinha com a proposta de ensino contemporâneo e diverso que desenvolvemos no centro. Uma atividade comprometida com ideais colonizadores pode vir a suscitar problemas identitários para os nossos discentes ou até mesmo levá-los a desistir do idioma por considerarem o processo algo inatingível. Ao analisarmos mais profundamente a atividade, constatamos que os participantes não tiveram a oportunidade de exercitar o pensamento crítico, praticar a comunicação oral em língua inglesa ou, ainda, de dialogar sobre as necessidades da comunidade acerca da língua inglesa como sugere Almeida (2015) ao se referir à importância do diálogo entre a universidade e a sociedade. Portanto, o acesso ao processo que promove mudança não ocorreu visto que nesse evento explicou-se aos visitantes em língua portuguesa e a partir de fotos sobre a cultura de um país estrangeiro. Dessa forma, o CFP esteve aquém da demanda necessária para o desenvolvimento da prática do idioma e das transformações inerentes à troca de saberes no período pesquisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa foi possível refletir

sobre a oferta da língua inglesa na UFRB, trazendo um mapeamento das atividades extensionistas e pontuando sua contribuição na formação discente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi necessário também entender que a Extensão foi pensada a partir de um novo olhar para a educação. Essa nova visão diz que educação não é apenas teoria, que formação cidadã requer envolvimento e que conhecimento pede experiência.

Ao refletir sobre o ensino do Inglês nas universidades, entendemos que os futuros professores de inglês necessitam de formação plena. Essa formação é complementada através das atividades extensionistas de língua inglesa que devem promover para os discentes experiências e sentido para o aprendizado, ensino e uso da língua. Desse modo, a formação através da extensão necessita ser produzida através da aprendizagem integral, contendo estímulo e motivação para a busca do conhecimento, o desabrochar do entendimento e a certeza da importância do conhecimento adquirido (ALMEIDA, 2015).

Com o crescimento e expansão das universidades, a UFRB apresentou-se como um braço forte da educação superior no interior do Brasil. Situada no recôncavo baiano, a instituição oferece oportunidades de ingresso a muitos estudantes em situação socioeconômica desprivilegiada. As ações de extensão universitária na promoção do aprendizado do inglês na UFRB entre 2009 e 2019 e desenvolvidas a partir de cursos, eventos, projetos, programas e produções buscaram primeiramente instruir os discentes sobre o idioma em geral e a cultura estrangeira, assim como desenvolver habilidades pertinentes ao seu aprendizado. Essas ações, em sua maioria, foram realizadas na comunidade interna, tendo com a comunidade externa pouquíssimas trocas e/ou promoção do desenvolvimento nas quatro áreas de aquisição da língua (ouvir, falar, ler e escrever). Os centros que mais se destacaram nas realizações das ações foram o CECULT e o CFP. O CECULT, apesar de não formar professores de língua inglesa, desenvolveu 17% de suas ações de extensão na formação dos discentes dos cursos que oferece. O CFP, no entanto, desenvolveu apenas 8% de ações de língua inglesa, nivelando as ações de extensão



do curso de licenciatura em Letras: Libras/Língua Inglesa/Língua Portuguesa abaixo do percentual mínimo dos 10% que os cursos de graduação precisam desenvolver com base nas diretrizes da educação da Lei nº 13.005/2014, Art. 12.

Pontuando sobre a contribuição da extensão universitária de língua inglesa na formação dos discentes da UFRB, entende-se que o trabalho da extensão na formação discente da UFRB está além do ensino teórico do idioma. As atividades de extensão têm a função de atuar diretamente na formação plena, social e acadêmica da comunidade supracitada com vistas à relação dialógica entre os discentes e as comunidades parceiras de modo que essa interação gera conhecimento e suscita no discente um ser crítico e transformador. O papel da extensão de língua inglesa também está vinculado à prática e à apropriação do idioma, visando preparar os discentes para assumirem o protagonismo como cidadãos conscientes na prática do idioma e como agentes de transformação social.

Ao pesquisar sobre a contribuição da extensão universitária de língua inglesa na formação dos discentes da UFRB, percebe-se quão profundo é o seu impacto na vida dos discentes. Indubitavelmente, as ações extensivas em/sobre a língua inglesa no mundo contemporâneo têm um papel significativo, pois visam contemplar a sociedade através de ações educativas, envolvendo os discentes no processo de transformação social e promoção do conhecimento de língua. No entanto, faz-se necessário sair de dentro dos muros da universidade e adentrar a comunidade externa, da qual faz parte.

Portanto, diante da forte relação existente entre a universidade e a comunidade externa e do valor imensurável do papel da extensão de língua inglesa na formação discente da UFRB, faz-se necessário que os docentes da área em questão na UFRB inquietem - se ao observarem três pontos importantes: 1) que as ações em língua inglesa envolvam as quatro esferas do conhecimento linguístico do idioma (i.e., ouvir, falar, ler e escrever); 2) que as ações dialoguem com a comunidade externa com o intuito de conhecer suas demandas; 3) que as atividades desenvolvidas dentro ou fora do campus contemplem a formação plena dos discentes sejam eles futuros professores do idioma ou não.

É provável que para os docentes haja um desgaste maior em trabalhar com a comunidade externa, mas com o apoio institucional adequado essa troca pode vir a ser bastante prazerosa e produtiva. Entretanto, para sair da zona de conforto faz-se necessário que o docente vislumbre o processo de ensino-aprendizagem como um todo, transcorrendo de forma plena em benefício das comunidades envolvidas. De acordo com Freire (1987, 2001), Almeida (2015), Velloso e Almeida (2018) e os documentos analisados, o deslocamento das ações extensionistas em direção à comunidade externa é justamente o processo de aprendizagem que ajudará os discentes a desenvolver a sua consciência crítica, fortalecer a sua formação cidadã e garantir o seu envolvimento pleno com as demandas sociais.

A pesquisa finaliza com a certeza de que a extensão universitária protagoniza um importantíssimo papel como colaboradora na formação discente da UFRB.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. A extensão universitária no Brasil processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido: Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande – MS – Brasil. 2015. In: DIRE nº7 | 2015: Les universités latino-américaines aujourd'hui : expressions locales. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/dire/692&file=1>> Acessado em 12 de outubro de 2019.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC), 2014. Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acessado em 06 de maio de 2019.



BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968 – publicação original. Brasília, 1968. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acessado em 12 de outubro de 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acessado em 02 de junho de 2019.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Diretrizes da Extensão para a Educação Superior. N. 242, 19 de dezembro de 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sai/legislacao/DiretrizesparaExtensaoEducaoSuperior2018.pdf>> Acessado em 08 de outubro de 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS-FORPROEX, 2012. Política Nacional de Extensão Universitária /Manaus-AM: Disponível em: <https://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/7_CONIF_Politica_Nacional_de_Extensao_Forproext_2012.pdf> Acessado em 03 de maio de 2019.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. 5. Ed. Coleção Questões de Nossa Época; v. 23. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

PAIVA, V. L. M. O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M. T.; CUNHA, M.J. Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: UnB, 2003. Pp. 53- 84.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Coleção Extensão Universitária. FORPROEX, vol. I. Disponível em: <https://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/8_Plano_Nacional_de_Extensao_Universitaria.pdf> Acessado em 10 de abril de 2019.

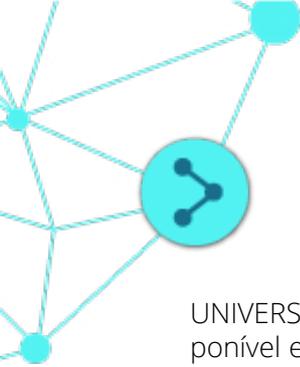
POLIDÓRIO, V. O ensino de Língua Inglesa no Brasil. Revista Unioeste, n. 2, v. 8. 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10480>> Acessado em 20 de setembro de 2019.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA; elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. 74 p. Apresentado no XXVI Encontro Nacional FORPROEX (2009: Rio de Janeiro, RJ) e aprovado no XXXI Encontro Nacional em Manaus, AM. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/wp-content/uploads/2015/10/PNE_07.11.2012.pdf> Acessado em 30 de agosto de 2019.

ROCHA, F; ANJOS, F. A. ProELI- Programa de Extensão em Língua Inglesa CECULT/NUVEM/UFRB: Narrativas do início da trajetória. In: LORDELO, L (Org.). Relatos extensionistas: Cecult em ação. 1ª ed. Santo Amaro, 2018, v. 1, pp. 6-13. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/proeli/images/artigo_Proeli_2.pdf> Acessado em 22 de novembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA (UFRB). Apresentação e história da UFRB. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/portal/ensino/40-lei-de-acesso-a-informacao/102-apresentacao-e-historia>> Acessado em 03 de maio de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Projeto de criação da UFRB. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/portal/images/historia/projeto-ufrb.pdf>> Acessado em 03 de maio de 2019.



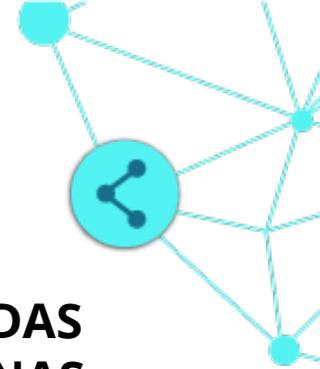
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). O que é extensão universitária. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br /cetens/ extensao#prestacao](https://www.ufrb.edu.br/cetens/ extensao#prestacao)> Acessado em 15 de setembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Página oficial da UFRB. Disponível em:< <https://www2.ufrb.edu.br/anuario/conhecendo-a-ufrb> > Acessado em 07 de maio de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Página oficial da PROEXT. Disponível em:< <https://www.ufrb.edu.br/portal/extensao> > Acessado em 15 de maio de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Registro de atividades, 2015-2019: Arquivos da PROEXT. Disponível em: <[https://docs.google.com/spreadsheets/d/13MDdG4bgKk-zJJKIZv-wYLo-TCLKnIIKs6DfaMKi5RM8/ edit# gid=61067588](https://docs.google.com/spreadsheets/d/13MDdG4bgKk-zJJKIZv-wYLo-TCLKnIIKs6DfaMKi5RM8/edit#gid=61067588)> Acessado em 26 de maio de 2019.

VELLOSO, T. R.; ALMEIDA, A. S. Trajetória da Extensão Universitária na UFRB: da concepção às principais políticas acadêmicas./ Trajectory of University Extension: from conception to the main academic policies. In: Extensão universitária na UFRB. Cruz das Almas, UFRB, 232; il.; livro Vol. 2, pp. 10-23, 2018.



TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DAS LUTAS SOCIAIS E DAS NARRATIVAS SUBALTERNAS EM CONTEXTOS DE CONFLITOS AMBIENTAIS

DIGITAL TECHNOLOGIES AS A TOOL OF SOCIAL STRUGGLES AND SUBALTERN NARRATIVES IN CONTEXTS OF ENVIRONMENTAL CONFLICTS

Uiny Lene Ferreira Oliveira

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias da Universidade Federal do Recôncavo Baiano
E-mail: lene_bol@hotmail.com

Juliana Neves Barros

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: juliananeves@ufrb.edu.br

RESUMO

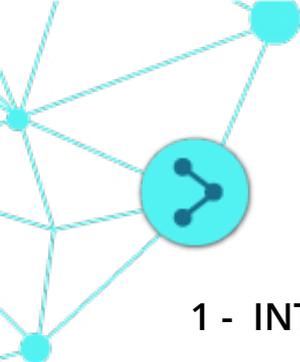
O artigo busca analisar usos sociais de tecnologias digitais como ferramenta de produção e visibilização de narrativas de grupos recorrentemente portadores de discursos subalternizados pela lógica dominante na esfera pública. Como fio condutor da análise, abordaremos a experiência desenvolvida no âmbito do projeto “Territorialidades e racismo ambiental: conflito, reconhecimento e lutas por justiça em Santo Amaro – Ba”, onde oficinas de formação em tecnologias audiovisuais e de cartografia experimental junto a comunidades quilombolas e pescadoras impulsionaram registros livres de percepções sobre os processos de luta, conflitos ambientais e resistências nos seus territórios.

Palavras-chaves: Tecnologias.Territórios.Comunidades tradicionais.

ABSTRACT

The article seeks to analyze social uses of digital technologies as a tool for the production and visualization of narratives of groups recurrently carrying discourses subordinated by the dominant logic in the public sphere. As the guiding thread of the analysis, we will address the experience developed within the scope of the project “Territorialities and environmental racism: conflict, recognition and struggles for justice in Santo Amaro – Ba”, where training workshops in audiovisual technologies and experimental cartography with quilombola communities and fishermen boosted records free of perceptions about the processes of struggle, environmental conflicts and resistance in their territories.

Keywords: Technologies.Territories.Traditional communities.



1 - INTRODUÇÃO

Este artigo decorre da experiência e das reflexões tecidas no âmbito do projeto de extensão “Territorialidades e racismo ambiental: conflito, reconhecimento e lutas por justiça em Santo Amaro – Ba”, que foi contemplado com uma bolsa do programa PIBEX entre os meses de maio a novembro de 2019. Dentre as várias dimensões teórico-práticas que se poderia abordar na execução do projeto, o objeto central escolhido – o uso das tecnologias digitais – justifica-se pela afinidade direta da discussão com o curso de graduação no qual se insere a autora bolsista: o Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias (BICULT), ofertado pela Universidade Federal do Recôncavo no município de Santo Amaro, Bahia.

A partir de uma compreensão do contexto de difusão e popularização das tecnologias digitais, buscamos refletir sobre os potenciais de apropriação dessas ferramentas expressos em iniciativas que valorizam técnicas de auto-mapeamento para dar visibilidade às narrativas de comunidades e grupos subalternos em contextos de conflitos ambientais e violações de direitos.

Inspirado por esse campo mais abrangente de discussão, o referido projeto de extensão desenvolveu uma linha de atividade denominada “Narrativas ambientais: olhares de Santo Amaro”, que consistiu na realização de oficinas para o compartilhamento do uso de tecnologias audiovisuais e de produção de cartografias experimentais com participantes oriundos de comunidades pesqueiras, quilombolas e vítimas da contaminação por chumbo em Santo Amaro.

O texto abordará a experiência vivenciada na realização dessas oficinas e dos itinerários pelos territórios, buscando levantar alguns elementos de resultados no que toca à proposta de protagonismo dos sujeitos participantes e de fortalecimento de suas narrativas.

2 - DIFUSÃO E USOS CONTRA-HEGEMÔNICOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Desde as últimas décadas, o uso das tecnologias digitais vem se expandindo. Ferramentas que anteriormente eram somente acessíveis a governantes e grandes empresas tornaram-se acessíveis a grande parte da população. Segundo Brunet (2010), a geolocalização e a cartografia tornaram-se as mais comuns dentre as práticas digitais. A geolocalização se popularizou na Internet e em particular nas mídias sociais, onde informações geográficas são incorporadas a partir de serviços como Google Maps. Outro aspecto propulsor foi o grande número de celulares móveis com conexão à internet e sistema GPS.

Assim, afirma Brunet (2010), os mapas digitais passaram a ser produzidos continuamente pelos usuários desses serviços, mediando as relações das pessoas com seus territórios, localizando suas posições na relação com outros elementos espaciais, permitindo não somente marcar pontos fixos no mapa, mas também trajetórias. Segundo a autora, a ideia de mapas interativos, dinâmicos, artísticos, associados ao uso de múltiplos recursos audiovisuais e iconográficos de livre construção pelos cartografantes vem ganhando espaço sobre as formas fechadas, fixas, acabadas.

Nesse campo de discussão, o geógrafo Renato Emerson dos Santos (2012) chama atenção para uma crescente construção de mapas como instrumentos de resistências, de disputa das representações de poder/saber estabelecidas pelos movimentos sociais, recebendo nomenclaturas como “novas cartografias sociais”, “cartografias participativas”, “cartografias da ação”. Tais iniciativas, impulsionadas nas mais diversas partes do mundo, se distinguem dos modelos tradicionais cartográficos porque são narradas pelos próprios protagonistas dos territórios e buscam representar aspectos da realidade pouco valorizados/invisibilizados nas representações espaciais cartográficas hegemônicas, servindo como instrumento de fortalecimento das identidades culturais. Como mapas, confrontam as relações de poder tanto no processo



de produção cartográfica, legitimando outros atores a fazê-lo, quanto no objeto cartográfico, “em que se disputa o que se cartografa e como se cartografa” e no uso da cartografia como instrumento de grupos desfavorecidos (SANTOS, 2012, online).

No Brasil, boa parte dessas experiências tem se dado junto a populações tradicionais em contextos territoriais atravessados por acirrados conflitos pelo uso e apropriação de recursos ambientais, normalmente travados entre comunidades locais, de um lado, e grandes corporações extrativistas, aliadas ao poder estatal, de outro, numa correlação bastante desproporcional de poder e marcadas estruturalmente pelo chamado “racismo ambiental”. O racismo ambiental refere-se ao fato de se impor aos grupos historicamente vulnerabilizados por condições de raça, classe, gênero e etnia a maior parte da carga dos efeitos negativos sobre o meio ambiente decorrente do modelo de desenvolvimento adotado. Segundo Selene Herculano (2008, online), o conceito diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas”.

Partindo do pressuposto que a noção de meio ambiente é uma construção social, passível de distintas representações e apropriações, num campo de disputa no qual o Estado também se insere, entende-se que valorizar o protagonismo das narrativas representadas pelos próprios grupos contribui para a legitimação de práticas territoriais que normalmente se encontram fora dos mapas e o fortalecimento de processos políticos autônomos capazes de se contrapor aos efeitos expansivos, degradantes e expropriatórios do modelo econômico prevalente (ACSELRAD, 2008).

É nesse sentido que foi construído o projeto de extensão universitária “Territorialidades e racismo ambiental: conflito, reconhecimento e lutas por justiça em Santo Amaro – Ba”, buscando – por meio das tecnologias digitais e de técnicas de automapeamento – registrar/cartografar as percepções de grupos de comunidades quilombolas, pesqueiras e vítimas da contaminação no município de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, sobre o ambiente em que vivem.

3 O PROJETO DE EXTENSÃO E SEU CONTEXTO

Santo Amaro é um município do Recôncavo baiano, que integra parte da mata atlântica do sistema costeiro-marinho brasileiro e possui uma população estimada em torno de 60 mil habitantes (IBGE, 2010).

Sua história de ocupação mais remota aponta a forte presença de índios tupinambá na região até serem expulsos ou dizimados pelos colonizadores portugueses. A povoação foi crescendo às margens dos rios Traripe, Sergi-mirim e Subaé até ser elevada à categoria de município em 1837 (IBGE, 2010). O Rio Subaé, no passado, era o responsável pelo transporte fluvial de várias mercadorias e transporte de passageiros para a capital, o que não é mais possível dada a condição de poluição.

Atualmente, o município é constituído por 3 distritos - Santo Amaro, Acupe e Campinhos -, com mais de 15 povoados rurais, muitos dos quais reconhecidos como comunidades quilombolas. Tem belas atrações naturais, como as cachoeiras, e caracteriza-se pela presença do solo massapê, rico em matérias orgânicas. Em termos de dinâmica econômica, por 04 séculos predominou o cultivo da cana-de-açúcar e fumo, sendo recentemente introduzidos os monocultivos de dendê, eucalipto e bambu. Os monocultivos foram responsáveis pelo desmatamento de boa parte da vegetação nativa de mata atlântica (CARVALHO, 2016).

Historicamente, agricultores livres e negros escravizados já se habituavam a pescar e mariscar nas porções de mangues que se mantinham preservadas ao lado das fazendas e engenhos. Com o declínio das produções açucareira e fumageira, algumas dessas propriedades foram abandonadas e, às margens dos mangues, em terras antes pertencentes aos fazendeiros e donos de engenhos, formaram-se comunidades negras que viviam da pesca artesanal e atividade agrícola e continuaram ligadas a essa atividade quando da abolição oficial da escravidão (CARVALHO, 2016). A decadência econômica viabilizou a permanência dessas populações nos territórios, com liberdade de acesso aos recursos naturais. Essa trajetória, que não deixou de ser atravessada



por conflitos territoriais, repercutiu na presença atual tão significativa de comunidades pesqueiras e quilombolas¹ no Recôncavo baiano, em especial em Santo Amaro, bem como a presença forte da cultura negra e das religiões de matriz africana, como terreiros de candomblé.

Desde a 2ª metade do século XX, entretanto, a implantação de empreendimentos minero-metalúrgicos e agroindustriais vem provocando alterações drásticas no meio ambiente e nas possibilidades de acesso a recursos territoriais tradicionalmente importantes para a reprodução do modo de vida dessas comunidades negras rurais, causando processos de contaminação ambiental em larga e grave escala no município.

Uma das situações mais emblemáticas refere-se à instalação da metalurgia COBRAC/PLUMBUM, que manipulou minério de chumbo na cidade de Santo Amaro desde 1960. Quando deixou de operar em 1993, cerca de 500 mil toneladas de escória de chumbo e cádmio foram irresponsavelmente deixadas no ambiente, contaminando muitas famílias, inclusive levando a óbito em determinadas situações. A fábrica fechou deixando milhares de pessoas desempregadas e principalmente sem a devida assistência para tratamento de saúde. Houve a contaminação do lençol freático, do Rio Subaé e dos solos, o que comprometeu a renda dos que viviam da atividade agrícola e pesqueira para sua subsistência (OLIVIERI, 2014).

Muitas ações foram movidas junto ao Estado, no entanto, ao longo do tempo, sem nenhuma resposta judicial efetiva, a situação acabou sendo naturalizada. Segundo relatos de alguns mais velhos, muitas pessoas ficaram desassistidas, algumas sofreram ameaças para não reivindicar direitos na justiça e outras receberam alguma quantia em troca do silêncio. Outros relatos apontam que “a empresa contratava principalmente as pessoas

de pele mais retinta, pois aguentava mais o tranco”, destacando o fator racial na forma de exploração e exposição ao risco da força de trabalho.

Além do chumbo, outra prática degradante relaciona-se com a expansão de monocultivos de bambu e eucalipto por parte de empresas do setor de papel e celulose², pois as mesmas fazem o descarte indevido do material poluindo rios, mangues e se apropriando indevidamente dos territórios. Outro aspecto que atinge a terra também é a pulverização do agrotóxico nas fazendas, onde existem plantações agroecológicas por perto, fazendo com que esses produtos químicos se espalhem por todo solo (ARTICULAÇÃO SUBAÉ, 2018).

Se alguns anos atrás a formulação da questão ambiental já esteve no centro da esfera pública, com a estigmatização da cidade como a de “maior índice de contaminação pelo chumbo no mundo”, a longa duração do processo sem ações efetivas dos órgãos públicos produziu um cenário de certa naturalização e silenciamento sobre graves problemas ambientais persistentes no tempo. Produziu-se, no município, fruto de anos de contaminação ambiental, um quadro próprio da violência lenta, entendida como aquela decorrente de uma destruição diferida, dispersa pelo tempo e pelo espaço, uma violência de atrito que normalmente nem sequer é entendida como violência, uma violência que é gradual e cumulativa, cujas repercussões calamitosas se movem através de uma série de escalas temporais” (NIXON, 2011, p. 2).

Cabe destacar, entretanto, o potencial organizativo das comunidades no Recôncavo, ganhando fôlego, em especial nas últimas duas décadas, com o reconhecimento formal de direitos aos povos e comunidades tradicionais e seus territórios.

Considerando esse contexto conflitivo, a partir de um processo de diálogo com organizações

1 Segundo o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003 são consideradas terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural

2 O Grupo Penha Papel e Celulose, de atuação em âmbito nacional, tem uma das unidades industriais em Santo Amaro, que utiliza carvão vegetal no seu processo produtivo. A empresa é denunciada há alguns anos por lançar dejetos químicos sem o devido tratamento ou fiscalização no rio Pitinga, contribuindo para a degradação ao meio ambiente e poluindo diretamente o rio.



locais de pescadores, quilombolas e vítimas da contaminação por chumbo³, o projeto de extensão “Territorialidades e racismo ambiental: conflito, reconhecimento e lutas por justiça em Santo Amaro – Ba” assumiu como um dos seus objetivos contribuir para a visibilização das narrativas das próprias comunidades afetadas sobre a situação ambiental de Santo Amaro, a partir de estratégias de socialização do uso de tecnologias audiovisuais e de mapeamento digital. Foram projetadas oficinas de formação, sensibilização e compartilhamento de experiências, tentando explorar as diferentes percepções sobre o ambiente, as disputas territoriais, as práticas degradantes e poluentes e as estratégias de enfrentamento. Em seguida, foi proposta a realização de percursos nas áreas de conflito identificadas para registro e captação de imagens e outras formas de representação, com o apoio de tecnologias diversas. O material produzido deve tornar-se parte de uma exposição a circular em associações comunitárias e escolas de Santo Amaro com o objetivo de sensibilizar para o tema da proteção ao meio ambiente e da importância de políticas públicas ambientais.

A metodologia foi referenciada nos pressupostos metodológicos da pesquisa-ação, onde pesquisadores e participantes realizam de modo cooperativo e participativo as ações representativas da situação da realidade, em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo (THIOLLENT, 1985). Propôs-se que o itinerário para captura de representações da poluição ambiental fosse um processo de livre experimentação dos grupos, contando para tanto com o apoio de docente e outros colaboradores que tem desenvolvido projetos de mapeamentos artísticos, interatividade e experimentação tecnológica.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

A realização do projeto implicou, desde sua concepção, a valorização do protagonismo das organizações locais que agregaram representantes de comunidades de pescadores,

quilombolas e vítimas do chumbo. Por meio de várias reuniões com a Articulação Subaé, MST e AVICCA foram discutidos e definidos o formato e o calendário das oficinas. Os participantes ficaram circunscritos às comunidades de São Braz, Acupe, ao assentamento Paulo Cunha e alguns associados da AVICCA (Associação das Vítimas da Contaminação de Chumbo, Cadmio, Mercúrio e outros elementos químicos).

Em um primeiro momento, reunindo todos os grupos conjuntamente, aconteceu a oficina de formação sobre conflitos ambientais e compartilhamento de percepções sobre a relação dos grupos com os territórios e o ambiente do entorno. A turma foi dividida em grupos que deveriam discutir entre si algumas perguntas orientadoras relacionadas à temática e buscar representá-las em imagens, desenhos, mapas, feitos com o auxílio de cartolina, lápis e canetas coloridas. O objetivo desse momento foi construir um levantamento das principais questões apontadas pelo grupo como significativas dentro de uma discussão de justiça e combate ao racismo ambiental, situando-as em termos de espaço, tempo e agentes envolvidos.

Os resultados que emergiram dos grupos foram muito semelhantes. Guardadas as particularidades de cada território, os principais problemas apontados e os sentidos de importância dos bens ambientais foram compartilhados em torno de duas dimensões:

i) a importância do acesso aos recursos territoriais para a reprodução física e cultural das comunidades, onde se destacaram com relevo a questão do acesso à terra e da valorização de uma prática produtiva agroecológica (de aipim, abóbora, hortaliças, laranja, ervas medicinais que são comercializados na feira) e o significado primordial da maré, dos rios e dos mangues para a pesca artesanal e a mariscagem, principais fontes de renda das comunidades de Acupe e São Braz. A frase “a maré é mãe” foi bastante reproduzida e expressa emblematicamente essa importância;

3 Conselho Pastoral de Pescadores - CPP, o Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais, a Articulação de Pescadores e Quilombolas do Subaé e a Associação das Vítimas da Contaminação de Chumbo, Cadmio, Mercúrio e outros elementos químicos (AVICCA)



ii) de outro lado, multiplicaram-se as representações de situação de ameaça, conflitos e violação de direitos ambientais, tendo como principais opositores o poder público e grupos econômicos atuantes no município. Dentre esses, destacaram-se: a contaminação dos solos por agrotóxicos e desmatamento em áreas de assentamento de reforma agrária por fazendeiros locais; a poluição decorrente do processo produtivo da empresa de papel Penha, que emite rejeitos tóxicos no ar e nas águas, comprometendo a saúde das pessoas e a qualidade do pescado, e a expansão do plantio de eucalipto e bambu para a produção de celulose dessa mesma empresa, cercando outras possibilidades de uso das terras; a contaminação do chumbo, que atinge todo o município e afeta o ambiente e às pessoas; o uso de produtos químicos e destruição dos mangues por viveiros de camarão; ameaças de privatização da ilha Cajaíba e das ilhotas – consideradas patrimônio comum de todas as comunidades pesqueiras – para serem entregues a empresas ligadas ao setor do turismo; a localização do lixão vizinho à comunidade quilombola de São Braz, que libera um odor tóxico e aumenta o risco de proliferação da leptospirose.



Oficina sobre conflitos ambientais **Registro fotográfico:** Luana, participante da oficina

A segunda oficina teve como objetivo o compartilhamento de técnicas de fotografia por meio de recursos presentes tanto nos celulares quanto nas câmeras digitais profissionais. Simultaneamente à exposição dialogada do conteúdo pelo professor-facilitador, foram distribuídas câmeras digitais para que os participantes pudessem manusear a câmera e conciliar a teoria com a prática. A conclusão da oficina consistiu numa proposta de per-

curso para captar alguns dos elementos levantados no diagnóstico da oficina anterior. O local escolhido foi o assentamento Paulo Cunha, onde os participantes buscaram registrar os pontos afetados pelos resíduos de agrotóxicos jogados pelas fazendas próximas e o plantio agroecológico realizado nos lotes. Foram feitas fotos também de alguns outros pontos importantes do assentamento, que chamaram atenção durante o percurso, e feitos vídeos para gravar depoimentos de alguns moradores.



Waldir, participante da oficina, na roça do assentamento Paulo Cunha **Registro fotográfico:** Pampão, participante da oficina

Na sequência, foi realizada a oficina de cartografia experimental, contando com uma primeira parte mais expositiva, em que foi discutido o conceito de cartografias digitais e suas derivações e expostas várias iniciativas de construções cartográficas empreendidas por coletivos e pesquisadores em diferentes partes do mundo. Os projetos de cartografia artística e experimental que traziam múltiplas possibilidades de representações nos mapas – como cheiros, sons, imagens – causaram surpresa em muitos dos participantes que só imaginavam o mapa como uma simples marcação de pontos e traçados. Muitas dessas iniciativas estavam ligadas a propostas de apropriação das tecnologias como ferramenta de luta e resistência, de visibilização de contextos sociais subalternos.

A partir dos exemplos mostrados, os participantes aprenderam a utilizar um aplicativo – o GeoTracker –, sob a orientação do facilitador da oficina, com o intuito de capturar pontos através do GPS que são importantes para

eles em suas comunidades e lugares marcados pela degradação ambiental. Foi feito um pequeno trajeto no entorno do bairro Sacramento para colocar em prática o uso do aplicativo, no que a maioria dos participantes não apresentou maiores dificuldades. Ao final, sob orientação do facilitador, cada participante projetou o mapa na internet com a ajuda de servidor gratuito, onde puderam visualizar, em diferentes escalas, o desenho do trajeto que tinham acabado de realizar e os pontos marcados com os respectivos nomes que lhe foram atribuídos.



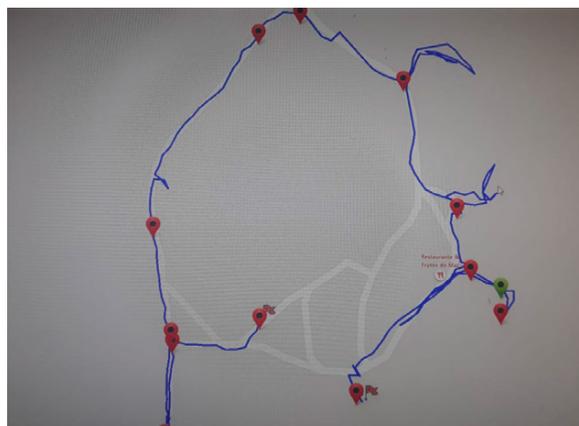
Oficina de cartografia experimental com o Prof. Toni Oliveira-
Registro fotográfico: Ivonete, participante da oficina

Com a realização das oficinas, os participantes passaram a compartilhar em grupo de whatsapp os registros (fotos, vídeos, mapas) que foram sendo produzidos por eles no cotidiano de suas comunidades.



Foto registrada pela participante Viviane, em Salina, Açupe

Diante de algumas dificuldades de deslocamento para o registro em determinadas áreas mais distantes, bem como dúvidas que persistiram no uso do aplicativo Geotrack, foram feitos mais 03 itinerários do grupo com facilitadores no assentamento Paulo Cunha, na Salina (Açupe) e em São Braz. Nesses itinerários, além das questões levantadas desde a primeira oficina, ganhou importância nas falas as consequências do desastre ambiental do maior derramamento de óleo da costa brasileira, que afetou a comercialização dos mariscos e pescado do Recôncavo.



Cartografia do itinerário em São Braz

Observa-se, da experiência, que houve uma crescente apropriação e entusiasmo dos participantes com o uso das tecnologias compartilhadas nas oficinas. Muitos passaram a enviar autonomamente mapas de trajetórias associadas ao dia-a-dia das marisqueiras e pescadores e registros fotográficos dos seus territórios, assumindo assim uma ação proati-



va e participativa na construção das narrativas relacionadas ao meio ambiente. A abordagem dos participantes para ouvir outras pessoas, mediada pelas relações de vizinhança já existentes, também foi exitosa, contando com uma boa disposição para depoimentos, muitos dos quais ávidos por fazer ecoar denúncias de práticas degradantes e omissão dos agentes públicos responsáveis.

As diferentes narrativas foram se convergindo em torno de algumas percepções comuns sobre a relevância do componente racial e de gênero como fatores determinante do maior sofrimento que é impingido aos negros, pobres, mulheres e moradores de comunidades tradicionais:

Nós reivindicamos tanto, mas eu acho que a gestão da cidade é tão voltada para outras coisas, e principalmente a classe pesqueira, a classe mais negra, é deixada um pouco de lado. A gente sente isso porque a gente que trabalha com o povo vê as dificuldades que é conseguir qualquer coisa pra aqui. Por exemplo, a associação... tanto que a gente pediu... e a Bahia Pesca, a prefeitura, eles não estão nem aí... é muito complicado, tem hora que desanima, mas o que nos fortalece é a força de continuar trabalhando, junto com a comunidade, com os pescadores, e aí a gente vai levando (depoimento de Nego, liderança quilombola de Acupe)

Trazem também com mais força a dimensão temporal das violações de direitos, que tem seu caráter de longa duração invisibilizado no dia-a-dia, circunscritos a uma dimensão do presentismo, e são retomados por esse trabalho de estímulo ao afloramento da memória. Percebe-se isso de modo mais notório quando se faz uma digressão a respeito da fábrica de papel, com mais de 30 anos de presença no município e com denúncias que trazem um histórico forte de apropriações indevidas de terras de pequenos agricultores e quilombolas que aparentemente já flertam com o esquecimento público, assim como também ameaça ocorrer com a história de contaminação pelo chumbo, cujo fio narrativo vem se perdendo nas gerações mais novas. Percebeu-se que a proposta do trabalho estimulou a desnaturalização do contexto e renovou a percepção de estranhamento e inadequação dos participantes ao interpelar a produção da memória dos interlocutores, uma memória que é individual, mas que ao mesmo tempo

expressa histórias compartilhadas .

A memória e a experiência são os principais recursos para se desvelar “as promessas de um progresso vazio”. Ao passar pela experiência de rupturas bruscas em seus modos de vida e ambientes, as pessoas tendem a buscar no passado um referencial para enunciação das perdas sofridas, da destruição acumulada. Constatam que o que se produziu sob a bandeira do progresso e do desenvolvimento foi uma deterioração da qualidade de vida das comunidades e dos bens da natureza, como se percebe no depoimento abaixo:

A gente tá aqui na mangueira onde existia uma área importante da comunidade com muitas árvores frutíferas e hoje foi tomada pelo eucalipto. Dentre essas árvores tinha muita goiaba, era área de lazer. Hoje não tem mais por causa do eucalipto, porque toma conta de tudo. Essa área podia até ser usada pra construir casas, porque faz falta, e hoje boa parte é de bambu e eucalipto (depoimento de Carla, liderança quilombola de São Braz).

O próximo passo do projeto é estimular todos os participantes a revisitarem conjuntamente todo material produzido e selecioná-lo na construção de uma narrativa coletiva que possa ser expressa por diversos meios, incluindo a proposta de elaboração de um mapa artístico, na concepção trazida por Brunet como “um mapa aberto a criações, interpretações, novas visões, novas formas de visualização e compreensão do espaço” (BRUNET, 2010). Utilizando-se de uma série de recursos, as representações sobre o mapa serão construídas de modo dinâmico, na interface com o uso de fotos, vídeos, áudios, dando fluidez e multiplicidade de enredos, vozes, tempos e contextos que compõem as narrativas sobre os territórios (VALENTE, 2014).

5 CONCLUSÕES

O desenvolvimento e a popularização de tecnologias digitais, acompanhada de diversos ativismos cartográficos alinhados às lutas sociais, mostra – ao contrário do tecnicismo tradicional – um potencial de subversão e tensionamento das relações de poder estabelecidas. A experiência de produção de mapas pelos próprios sujeitos coletivos dos territórios – que vivenciam os impactos negativos das atividades degradantes em suas localidades



- é “instrumento de identidade e articulação e também de disputa nas leituras e representações da realidade que servem de base para tomadas de decisão e ações” (SANTOS, 2012).

A iniciativa do projeto “Territorialidades e racismo ambiental: conflito, reconhecimento e lutas por justiça em Santo Amaro – Ba”, ainda em curso, expressa uma dessas modalidades de uso contra-hegemônico das tecnologias, apresentando dimensões pedagógicas e políticas. As oficinas realizadas tiveram o condão de partilha individual e coletiva de percepções

ambientais e de informações jurídico-institucionais sobre direitos e políticas ambientais. De outro lado, as narrativas sobre os danos ambientais surgem para as comunidades atingidas como estratégias de mobilização e conscientização; ferramentas de luta cujas narrativas possibilitam a construção argumentativa num contexto de forte disputa sobre a produção do dano e dos seus efeitos, com a expectativa de interferir nos processos de tomada de decisão e de implantação de políticas públicas.

5 REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; COLI, Luís Regis. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: Acselrad, H. (org.) Cartografias Sociais e Território. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ/IPPUR. 2008

ARTICULAÇÃO SUBAÉ. Carta pública. 2018

BRUNET, Karla Schuch; FREIRE, Juan. Cultura digital e geolocalização: a arte ante o contexto técnico-político. VI Enececult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24695.pdf>

CARVALHO, Ana Paula Comin de. Tecnologias de governo, regularização de territórios quilombolas, conflitos e respostas estatais. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 22, n. 46, p. 131-157, 2016. Acesso em 29/01/20

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. ©INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, v.3, n.1, Artigo 2, jan./ abril 2008

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro>

NIXON, Rob. Slow Violence and the Environmentalism of the Poor. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2011.

OLIVIERI, Renata; ARAUJO, Eliane. Santo Amaro (BA) convive com passivo socioambiental de antiga metalúrgica. In: Fernandes, Francisco; Araujo, Elaine(orgs). Recursos minerais e comunidades: impactos humanos, socioambientais e econômicos. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2014, pp.131-133.

SANTOS, Renato E. Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder. Rio de Janeiro: Universidade do estado do rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/16-R-Nascimento.pdf>

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985

VALENTE, José Armando; BIANCONCINI, Maria Elizabeth. Narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem. Revista de Educação à Distância, v. 1, n. 1. São Paulo, 2014.



MEDIADORES DE LEITURA: SUJEITOS, PRÁTICAS E ESPAÇOS NUMA CARTOGRAFIA INICIAL DO TERRITÓRIO DE IRECÊ

READING MEDIATORS: SUBJECTS, PRACTICES AND SPACES IN AN INITIAL CARTOGRAPHY OF THE TERRITORY OF IRECÊ

Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho

Mestre em Educação Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT/UNEB-Campus XVI), pesquisador do Grupo de Pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR).
E-mail: ubiratansobrinho80@gmail.com

Karolaine Soares dos Santos

Graduanda em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB)
E-mail: karol2001escritora@gmail.com

RESUMO

Neste estudo dialogamos sobre a indispensabilidade dos mediadores de leitura para efetivação das políticas públicas de acesso ao livro e à leitura, também o seu papel fulcral na dinamização dos artefatos de leitura e no fomento à formação de leitores. Nesse contexto, utilizamos enquanto tecido de fundo as informações e experiências produzidas/vivenciadas durante o desenvolvimento e participação em ação extensionista, - curso de extensão -, Cartografias de Leitura: Comportamentos Leitores no Território de Irecê, cujo objetivo era a formação de agentes [mediadores] de leitura. Assim, para basilar as discussões, recorreremos aos dados produzidos durante o desenvolvimento de curso de extensão analisando-os à luz dos estudos de Silva (1987), Petit (2009), Coscarelli e Cafiero (2013) entre outros. Com a investigação, constatamos o potente espaço que a extensão pode ocupar na formação desses formadores, também identificamos boas práticas mediadoras ocorridas no Território de Irecê.

Palavras-chave: Leitura Literária; Extensão; Formação leitora.

ABSTRACT:

In this study we talked about the indispensability of reading mediators for the realization of public policies for access to books and reading, also their central role in the dynamization of reading artifacts and in promoting the formation of readers. In this context, we use as background fabric the information and experiences produced / lived during the development and participation in extension action, - extension course -, Reading Cartographies: Readers Behaviors in Irecê Territory, whose objective was the formation of agents [mediators] of reading. Thus, to base the discussions, we used the data produced during the development of an extension course, analyzing them in the light of the studies by Silva (1987), Petit (2009), Coscarelli and Cafiero (2013), among others. With the investigation, we verified the powerful space that the extension can occupy in the training of these trainers, we also identified good mediating practices that occurred in the Territory of Irecê.

Keywords: Literary Reading; Extension; Reader training.



INTRODUÇÃO

Inúmeros são os benefícios que o encontro com o texto literário pode proporcionar aos sujeitos; (in)formações, viagens, saberes, sabores e prazeres experienciados, exclusivamente, por aqueles que ousam abrir um livro [em suas múltiplas formas]. Por essas e tantas outras razões é que as escolas, as famílias e demais instituições que se ocupam da formação leitora se valem da Literatura para apresentarem o mundo letrado aos os “leitores de primeiras letras”. Porém, apesar das várias benesses produzidas a partir deste exercício, o mergulho nos mares das letras ainda não é uma realidade para todos, principalmente quando especificamos a leitura literária.

Tais afirmações são sustentadas a partir da análise dos dados oriundos das avaliações e investigações públicas e privadas que, entre outras questões, objetivam aferir os índices e níveis de proficiência leitora dos sujeitos em idade escolar compreendendo e direcionando as políticas públicas para o livro, leitura e a formação de leitores no Brasil. Avaliações como Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA sigla em inglês), verificações que, nas últimas décadas, desvelaram a estagnação ou declínio de parte significativa dos estudantes no desempenho dos índices de leitura, situação que faz o país amargar complexas problemáticas e ocupar um espaço vexatório em rankings internacionais.

Bem verdade que no decorrer dos anos algumas ações – no âmbito nacional, estadual e municipal –, foram adotadas na tentativa de mitigar e reverter, paulatinamente, esses índices como, por exemplo, a ampliação dos acervos das bibliotecas escolares, celebração de parcerias público-privada (PPP) em ações de fomento à leitura (como a distribuição de livros), a construção de bibliotecas e salas de leituras públicas nas municipalidades do interior e outras práticas que dinamizaram o acesso ao livro. Contudo, se por um lado temos a maior circulação de livros por outro não podemos tomar esses indicativos enquanto sinônimos de acesso, em outros termos afir-

mar que a disponibilização do livro significa que ele será aberto ou que encontrará leitores, pois para isso precisa-se investir numa política tão necessária quanto a da democratização das obras, a formação e o incentivo a práticas mediadoras.

Desse modo, o presente estudo objetiva contribuir com essa discussão reiterando a relevância da mediação para formação de leitores, debatendo a partir de experiência construída/vivenciada por intermédio de ação extensionista, colaborativa e integrada.

MEDIADORES DE LEITURA: BIBLIOTECÁRIOS, PROFESSORES E A SEMEADURA

*Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!
(ALVES, C. Espumas Flutuantes, 1870).*

Nas escolas (principais agenciadoras da formação leitora), no âmbito familiar (em suas composições mosaicas), nas bibliotecas, nas praças, nos parques públicos ou nos canais do YouTube – nos mais diversos espaços – os mediadores de leitura atuam seduzindo os leitores para atravessá-los com as mais surpreendentes, instigantes e adjetiváveis narrativas. Como ilustrado nos versos de Castro Alves, esses atores são indispensáveis para garantia das ações de fomento à leitura, as quais resultam na formação de leitores críticos responsivos a todos os discursos; vetor basilar para solidificação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A apropriação do conceito de mediação realizada pelo campo educacional também pelo literário é relativamente nova, contudo a prática da edificação de pontes para propiciar o encontro entre os textos e os seus atualizadores de sentidos é uma antiga e recorrente aliada no ensino e no deleite das leituras. Nesse caso, cabe sublinhar que o fato de um sujeito elevar essa ponte não significa dizer que ele conduzirá a leitura ou que emprestará as suas



lentes para que o leitor mire e veja, antes favorecerá o encontro exibindo um vasto bosque (ECO, 1994) no qual o leitor possa desbravar.

Em outros termos, como defende Petit (2009), estudiosa que há décadas investiga as relações de impacto exercidas pela leitura na constituição do cidadão ativo, os leitores [em sua maioria] não descobrem o mundo da leitura de modo autônomo, é necessário, como cunha a autora, a existência de trocas intersubjetivas, de alguém que possa apresentá-las a este universo:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem ser letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras 'verdadeiras', é essencial. (PETIT, 2009, p. 154 grifos nossos)

Nesse sentido, para os leitores com maior experiência, esse mediador pode ser o narrador [também personagem] como em *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira; desvelar-se em algo ou alguém que, na própria narrativa [além do narrador], apresente a obra ou quem sabe no próprio jogo de linguagem, de edição ou na estética adotada pelos autores, como na composição das *Cartas à Redação em Capitães da Areia*, de Jorge Amado, podem assumir essa função. Porém, para os leitores em processo de formação inicial, também aos sujeitos que precisam ampliar os níveis de letramento faz-se necessário um moderador que, embora conheça e aprecie, esteja do lado de fora do texto. Com essas características, entre os vários sujeitos possíveis, dois ostentam premente relevo: o primeiro o professor e o segundo o bibliotecário/agente de leitura.

Desde os primeiros anos escolares até os últimos níveis da formação superior [continuada] as escolas e demais instituições de ensino se incubem da maturação do pensamento crítico dos discentes, habilidade garantida por meio do ensino da leitura. Embora, como já mencionado, o fomento às práticas de leituras sejam perenes nas formações é na escola básica, principalmente no ensino fundamental, que

os maiores esforços são concentrados, pois é nesse ínterim que, maiormente, é possibilitado ao aluno o conhecimento dos mais variados códigos e a relação desses com a comunicação, bem como com o entendimento dos universos e dos fenômenos sociais.

E, é baseando-se nos objetivos centrais das aprendizagens que os professores se revestem mediadores, adotando as mais variadas estratégias para desenvolver nos educandos o gosto pela leitura literária e a consequente formação leitora. Uma tarefa hercúlea, haja vista que os professores necessitam ensinar a ler [incluindo toda hermética envolta desse processo] e, concomitantemente, dispor de estratégias que apresentem aos alunos as práticas da leitura enquanto atividade prazerosa e a literatura como linguagem artística indispensável; promotora de encontros com "outros mundos".

Compreendemos também que, em muitas das situações, as ações mediadoras realizadas pelos docentes se complexificam ao passo que eles necessitam realizar um trabalho com o resgate e com a memória; pois, vários desses leitores principiantes apresentam em algum grau uma repulsa ao exercício leitor, isto por inúmeras motivações, comumente o contato com obras que não se aproximam das suas vivências culturais ou pelo modo [equivocado] como se deu os primeiros contatos com a interpretação dos signos, o que nem sempre ocorre de maneira harmoniosa, em forma de achado ou descoberta pode ser fruto de imposição e traduzir-se em combate, em colisão "[...] quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo (PETIT, 2009, p. 148).

Logo, o professor deve dispor em seu acervo de uma diversidade de obras para que assim as ficções [multitemáticas] possam se aproximar da pluralidade cultural, contemplando a heterogeneidade presente na escola e, acima de tudo, que o próprio docente tenha uma relação de intimidade com o livro, de paixão pela leitura; ninguém consegue convencer alguém com eficácia se ele próprio não estiver também convencido.



O outro grupo de mediadores recordados nesse diálogo é o dos bibliotecários, agentes de biblioteca e/ou de leitura. Tais atores são fundamentais para que os livros e leituras, sobretudo as que estão além das recomendadas nos currículos escolares, sejam semeadas e brotem nas mãos dos ávidos leitores. A esse respeito, conforme observa Martins et al (2013, p. 120), outros espaços têm se aproximado dos anseios leitores das crianças e jovens que encantam-se cada vez mais pelos bruxos, pelos vampiros, pelos caçadores e aventureiros retratados nos best-sellers; ficcionalizações carregadas de estigmas cujas escolas e programas ainda são morosos em incorporar em suas tertúlias, rodas e cantinhos de leituras e é nesse contexto que os bibliotecários exercem uma oportuna ação, a de mostrar outros circuitos de leituras, não para preencher um espaço lacunar deixado pelas mediações escolares, antes para suplementar as possibilidades de leitura.

Nessa perspectiva, para Moro et al “Nos espaços da biblioteca em que se estabelecem relações entre leitor e leitura e o bibliotecário atua como um mediador de leitura, propiciando a cidadania, a inclusão social, digital e o acesso à informação” (MORO et al, 2011, p. 54). Desse modo, a atuação dos referidos agentes se torna indispensável para garantia e organização de outros momentos e espaços para leitura possibilitando que, para além do circuito escolar, crianças e jovens contem com outras estruturas favoráveis ao encontro com a leitura: ambiências recorrentemente buscadas no contraturno escolar, promotoras de diversidade e autonomia leitora.

No desenvolvimento da função de mediadores de leitura, os bibliotecários/ agentes de biblioteca esbarram em sérios entraves, o primeiro de ordem estrutural, material: pois, muitas das bibliotecas públicas [principalmente as instaladas em pequenas municipalidades] não dispõem de espaço adequado, acolhedor ao desenvolvimento de cirandas de leitura, de cine debates, de rodas de contação de histórias entre outras atividades de mediação. Também é premente a ausência de programas eficientes que auxiliem na preservação e renovação de acervos, sem contar que algumas dessas bibliotecas se tornaram

verdadeiros lugares de guarda nos quais os livros não podem ser tocados, pois desorganiza as estantes/prateleiras e, infelizmente, é cada vez mais recorrente percebermos salas de leituras funcionando enquanto depósitos de objetos em desuso [mimeógrafos, troféus, materiais esportivos desgastados etc]. Sobre esse cenário, Silva (1987) aduz:

O que melhor caracteriza uma biblioteca não é a beleza de sua decoração, mais sim a qualidade do acervo e a funcionalidade de seus serviços. A qualidade do acervo da biblioteca é estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários voltados à busca do conhecimento, recreação e fruição estética (SILVA, 1987, p. 143)

Já elencamos aqui, à luz de Petit (2009), a indispensabilidade de os livros serem encontrados abertos, à disposição do leitor, contando com apoio desse mediador que assegurará, sobretudo aos leitores de primeiras viagens, “a fruição estética”. Com a discussão suscitada por Silva (1987) expomos o segundo grande entrave para assunção da condição de mediador por parte dos bibliotecários; a demanda por recursos humanos. Como observa Lima (2017), muitos dos servidores lotados em bibliotecas não dispõem de formação específica para ocuparem tais cargos, recorrentemente são servidores em desvio de função [por inúmeras motivações], oriundos de outros setores/áreas de atuação que não se correlacionam diretamente com o universo livresco, cumprem horário arrumando e emprestando livros. Em paralelo a isto, não há por parte dos poderes públicos o desenvolvimento de ações contínuas para o aperfeiçoamento desses profissionais.

Nessa perspectiva, percebendo os incontáveis benefícios exercidos pela leitura na vida dos sujeitos e a sua contribuição para pluralidade social é urgente que as políticas/ações relacionadas à distribuição/acesso aos livros e ambientes de leitura seja garantido e prestigiado pelos órgãos competentes “que o livro caia n’alma, que faça a palma e que obrigue o povo a pensar”. Como observamos, além da seguridade dos artefatos literários chegarem às mãos dos leitores é preciso considerar que “Ter prazer na leitura, sobretudo na leitura de alguns textos, exige iniciação”(MARTINS et al, 2013, p. 124) pressuposto que torna eviden-



te a necessidade de leis, diretrizes, projetos e ações por parte dos Governos [nas três esferas], Universidades, Escolas, Organizações Não Governamentais (ONGs) e demais setores sociais organizados à prática perene de formar mediadores de leitura.

PERCURSOS METODOLÓGICOS: BOSQUES POSSÍVEIS

Nesse sentido, compreendemos que as Universidades, por intermédio dos seus pilares institucionais [ensino-pesquisa-extensão], despontam enquanto espaço profícuo reunindo meios de garantir essas formações. Primeiro, porque dispõem de dados, informações, cenários e debates atualizados acerca do livro e dos comportamentos leitores, também por sua cristalizada tradição no fomento à leitura e, por fim, em decorrência da amplitude alcançada com as ações de cunho extensionista, práticas que transcendem os muros da universidade e de modo sensível, colaborativo, podem construir, junto aos variados sujeitos, grupos e segmentos sociais, conhecimentos cruciais ao desenvolvimento das comunidades nas quais as Universidades estão inseridas.

Desse modo, conceituamos a extensão enquanto função acadêmica da Universidade; espaço-tempo de formação do fazer com, do fazer junto, se afastando da equivocada concepção que fora nutrida ao longo dos anos por alguns sujeitos de que a Universidade, detentora do saber, se aproximaria dos grupos e comunidades para legitimá-los ou prestar assistencialismo. Sobre essa concepção Jezine (2004) discute:

[...] diante dessa nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (JEZINE, 2004, [n.p]).

Partindo desses pressupostos construímos a proposição da investigação científica e também ação de cunho extensionista Cartografias de Leitura: Comportamentos Leitores no Território de Irecê, movimento que detém

por objetivos centrais: o mapeamento das bibliotecas públicas do Território de Irecê, o levantamento das ações de fomento que são desenvolvidas e/ou apoiadas por elas, a descrição e análise dos comportamentos de leitura que nelas são assumidos e, principalmente, o desenvolvimento de atividade colaborativa (em formato de curso de extensão) para formação de agentes mediadores de leitura e oficinas temáticas destinadas aos bibliotecários e agentes de biblioteca, voltadas para elaboração de projetos e ações de incentivo à leitura nesses espaços.

O “Cartografias de Leituras” foi dividido em duas etapas: a primeira [e já concluída] compreendeu o contato inicial com as municipalidades, por intermédio das Secretarias de Cultura ou de Educação (órgãos mantenedores das bibliotecas); a construção de informações a partir de visita observação, levantamento de dados iniciais, reconhecimento dos sujeitos e lugares. Findando esse primeiro grupo de ações, ocorreu o curso de formação para mediadores de leituras. Na segunda etapa [em planejamento], ocorrerá a cartografia do perfil dos leitores, dos gêneros mais lidos, dos comportamentos de leitura assumidos nos espaços dessas bibliotecas, assim como o desenvolvimento das oficinas temáticas com os bibliotecários.

Isto posto, por melhor se adequar à proposta de escrita do artigo [e a necessidade de se estabelecer filtro, haja vista o volume de dados obtidos], optamos por recorrer, exclusivamente, às informações produzidas durante o desenvolvimento do curso de extensão, essas registradas por intermédio do dispositivo Observação Participante (OP).

As observações e Observações Participantes podem apresentar diferentes naturezas. Neste estudo foi realizada uma Observação Participante Artificial (OPA), a qual, de acordo com os estudos de Gil (2008) consiste na inserção programada do indivíduo em grupos para fins investigativos. Ainda sobre as OP, Gil (2008) elucida que é impossível perceber todos os aspectos de uma determinada comunidade observada; por mais aguçada que seja a percepção do investigador ou quão eficientes sejam os instrumentos utilizados para os registros e



capturas, dada complexidade da OP, alguns aspectos poderão passar despercebidos. Por essa razão, buscando direcionar os sentidos durante a observação, adotou-se a modalidade de OP sistemática ou estruturada, tipo de observação que segundo Gil (2008), Marconi e Lakatos (2010) consiste na construção prévia de documentos (roteiros) que norteiem quais aspectos serão observados (de acordo com os objetivos da pesquisa), bem como quais os critérios para os registros. A adoção dessa modalidade não excluiu a observação e os registros de elementos não estabelecidos nos roteiros das observações.

Para registrar o material construído (dados e informações) durante as observações, foi utilizado um diário de observação. Nesse dispositivo, contam as descrições, por escrito, sobre: os comportamentos dos colaboradores da investigação, a compreensão de mediação leitora, o entendimento sobre leitura e as correntes teóricas/epistemológicas que conferiram maior autonomia ao leitor frente ao processo de análise de textos, a mediação nos multimeios, instrumentos e recursos para viabilização da leitura em espaços escolares; ações e sujeitos mediadores no Território de Irecê. Cabe salientar que, durante as observações, outros aspectos (não previamente delimitados) se converteram em objetos para percepção. Neste diário, constam ainda algumas análises, problematizações e impressões pessoais dos pesquisadores, elementos os quais se julgam pertinentes para a etapa de triangulação dos dados e para percepção holística das atividades observadas.

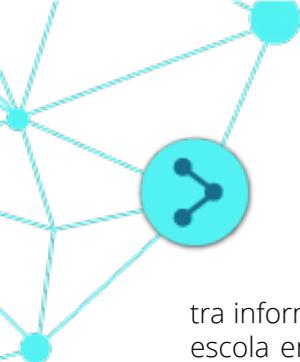
“QUEM LÊ UM LIVRO SALVA UM AFOGADO”: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MEDIADORES DE LEITURA

O curso de extensão ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2019, contando com oito encontros presenciais [de quatro horas de duração cada], mais 8 horas de atividade de campo, perfazendo, dessa maneira, uma carga horária de 40 horas de formação. Os encontros foram organizados em três grandes eixos temáticos, a saber: a) eu leitor b) mediador e práticas de mediação e c) me-

dição leitora no Território de Irecê. Adotamos por metodologia e estratégias didáticas exposições dialogadas, sessões reflexivas, tertúlias, círculos de debates, contação de história, recitais, exposições de obras filmicas, projeções em multimídias entre outras. Participaram da formação trinta e dois alunos, discentes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, também discentes do Bacharelado em Música, homens e mulheres com idades variadas, dos 19 aos 55 anos.

Logo no primeiro encontro quando propusemos a dinâmica “eu leitor”, atividade que consistia na apresentação dos sujeitos a partir da sua experiência com a leitura construindo uma narrativa de acordo com os espaços, objetos, ciclos, pessoas que os auxiliaram na constituição da identidade leitora, percebemos que o mediador pode fulgurar diferentes perfis, assumindo essa função em períodos variados na vida do leitor. Os cursistas evidenciaram a introdução ao mundo letrado por intermédio dos diversos artefatos tais como os romances de banca, a proibida literatura cor de rosa [na época], as histórias em quadrinhos, revistas e livros religiosos, como a bíblia e os catecismos e, o grande recordista, os contos clássicos da literatura infanto-juvenil, o que confirma a tese de diversos estudiosos, a sedução e a relação de fascínio com a literatura, sobretudo com os gêneros que recorrem ao mágico, fantástico, maravilhoso para contar as suas histórias e estórias (TODOROV, 2003).

Em seus relatos os colaboradores também apresentaram os espaços onde estabeleceram os primeiros contatos com a leitura [compreendida de modo amplo], lugares como as igrejas, casa de familiares, associações educativas. Nesse momento da narrativa, ficou premente duas informações: a primeira é que poucos dos participantes tiveram em seu próprio lar o ambiente de fomento para as primeiras leituras, situação convergente com a máxima de que a maioria dos lares brasileiros, pelos inúmeros e complexos fatores, não cultivam o hábito da leitura; situação a qual a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, por intermédio de amostragem domiciliar, em seus dados afirmam estar mudando (FAILLA, 2016). A ou-



tra informação, também já cristalizada, é a da escola enquanto espaço central de apresentação e de primeiros contatos com a leitura.

Nesse segmento, ao relatarem sobre os primeiros mediadores, os responsáveis por ascender o comichão pela literatura, emergiram sujeitos como irmãos e irmãs mais velhas, esses que já manifestavam maior experiência com a literatura, expressando maturidade leitora e, novamente oriundo da cultura escolar, os professores – que aparecem na maioria significativa das reflexões –. Nas narrativas fica evidente que os docentes ocuparam esse espaço por meio de ações diretas, planejadas como a contação de histórias: tanto por recorrerem ao lúdico para denotarem autores, personagens e obras ou ainda, quanto de maneira indireta, por figurarem sempre munidos de livros ou ao passo que utilizavam exemplos extraídos de contos e romances para ilustrar uma determinada situação corriqueira, menção que aguçava a curiosidade.

Se por um lado “O professor pode, em alguns momentos, ser um modelo de leitor para o aluno, lendo um texto em voz alta e comentando as estratégias e atitudes que julgar mais produtivas a cada passo ou momento da leitura” (COSCARELLI; CAFIERO, 2013, p. 27), por outro ele também pode causar verdadeira ojeriza a essa prática, como desvelado por alguns participantes cujos primeiros contatos com a leitura se deu na escola e de modo catastrófico. Ações didáticas que propunham “a ditadura da leitura”, atividade nas quais o aluno era obrigado a ler uma determinada quantidade de obras ou então quando a “visita” à sala de leitura se convertia num processo de castigo/punição “não vai fazer a atividade?”, “não apresentou comportamento adequado em sala”, sala de leitura... Logo, torna-se imprescindível o desenvolvimento de propostas didáticas comprometidas com as subjetividades e com as culturas, em outros termos:

Assim quando falamos de esforço consciente e motivado de suas dificuldades intelectuais, estamos sugerindo que nossas ações como docentes possam promover a reflexão dos alunos sobre o lugar da leitura em suas vidas, tanto na escola como fora dela. Para isso, eles precisam perceber que a leitura, em especial na sociedade em que vivemos atualmente, é uma necessidade para o

estabelecimento de relações sociais, além de uma questão de ‘sobrevivência’. (DIEB, 2013, p. 45)

Nessas circunstâncias, salientamos o que já havíamos debatido a respeito do professor trabalhar com o resgate e com a memória, é exatamente em circunstâncias traumáticas as quais o docente mediador precisa se entropor [salvar o leitor]. Evidenciando que a leitura é em si uma prática prazerosa, pois ela possibilita aos sujeitos a compreensão/interpretação de si e do mundo. Desse modo, é necessário que as instituições de ensino e os professores abandonem as esgaçadas e, comprovadamente, ineficazes estratégias de mediação condicionadas a reproduções, à obrigatoriedade, ao castigo/punição, resposta a questionários e, exclusivamente, “condicionadas ao ensino da leitura”.

Solidificar a mediação na condição de prática contínua nas escolas e em outros espaços é uma tarefa complexa e consideravelmente benéfica. Por essa razão, inúmeros foram os questionamentos e tensionamentos expressados no decorrer do curso acerca de como iniciar, em quais momentos atrelar a leitura a uma atividade avaliativa, de que maneira construir propostas de leitura que não resultem em exposições, intimidação, de qual modo oportunizar leituras prazerosas, como mediar de modo geral. Inquietações que tornaram os debates instigantes e produtores. Buscamos iniciar por meio dos estudos que conferiram/conferem mais autonomia para os leitores, pois nos estudos literários, assim como nas práticas de ensino, prevaleceu durante muito tempo o trabalho com a leitura voltado para intencionalidade autoral e para as estruturas internas do texto.

Em vista disso, recorreremos às teorias e estudos provenientes da Estética da Recepção, dos Estudos Culturais e da Sociologia da Leitura com os quais pudéssemos nutrir a compreensão de que “Ler não é uma tarefa simples, é uma atividade complexa da qual o leitor participa ativamente, ele não é passivo. A Estética da Recepção (JAUSS, 1994) e a Sociologia da Leitura, são importantes teorias que apresentaram ao campo literário, num período em que as leituras e análises literárias eram centralizadas nas intencionalidades autorais



(o que o autor quis dizer) ou voltadas à estrutura dos textos, as formas e fórmulas, a leitura pautada na experiência e na história de vida do leitor. As teorias supracitadas, auxiliaram a inserir o leitor neste processo, demarcando que compreender o universo exterior à obra seria tão importante quanto considerar o autor e a linguagem cunhada na obra, e essa exterioridade, que conduziria à subjetividade e aos efeitos estéticos, só poderiam ser alcançados pelo leitor.

Logo, difunde-se a compreensão de que o leitor não 'recebe' sentidos prontos, mas age sobre o texto e o processa (re)construindo sentidos a partir de suas próprias experiências de mundo [...]" (COSCARELLI; CAFIERO, 2013, p. 16). Maturando que cada leitor dispõe de gostos, interpretações particulares uma vez que a leitura está atrelada a construções prévias, à subjetividade, à historicidade e à cultura de cada sujeito. Assim, é necessário considerar as diversas práticas de leitura, também as variadas interpretações para um mesmo objeto [desde que haja autorização por parte do texto].

Logo, para se tornar um mediador, momentânea ou perenemente, não há receitas ou preceitos prontos, contudo existem caminhos e estratégias mais exitosas, tais como: a) a posse de um diversificado repertório de narrativas, para que se possa contemplar quanto mais leitores possíveis, b) recorrer a recursos lúdicos como fantoches, dedoches, contação de histórias, e outros recursos –, ao contrário do que se pensa, o lúdico não está atrelado apenas a objetos e práticas, a maneira como o mediador lê a história, apresenta as personagens, a sua postura corporal, corrobora, significativamente, para o jogo de sedução (SISTO, 2005) –, c) respeito à autonomia interpretativa dos leitores; cabe possibilitar momentos interativos, para que a exposição não se converta num monólogo, d) compreender a importância desse fomento e amor aos livros.

Nesse sentido, experienciamos os momentos de contação de histórias enquanto estratégias lúdicas para apresentar o mundo dos livros. Nessa ação, trabalhamos com as histórias oriundas do imaginário popular, coletadas pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, A

Sopa de Pedras e O Homem Sem Sorte, narrativas cujo enredo é amplamente conhecido, contudo, a maneira como o mediador conta, explora, brinca, favorece que a história se converta nas águas do rio de Heráclito, sempre novas. Dado o fascínio presente nessa manifestação a contação de histórias tem sido incorporada às práticas mediadoras, sobre a questão Patrini (2005) dialoga:

Se antes o artista de teatro ocupava a biblioteca para apresentar suas peças, hoje associa esta prática à arte de contar histórias. Bibliotecários também aprendem a contar. Atualmente vem acontecendo, em várias cidades do Brasil, estágios de formação e congressos voltados para a arte de contar histórias. Assim, um novo contador começa a surgir, pois nasce também um novo mercado para ele, estimulado pela solidão não só dos ouvintes, como das editoras e instituições preocupadas em ampliar o público interessado em narrativas (PATRINI, 2005, p.67).

Com o objetivo de apresentar, de maneira mais dinâmica, a atuação do mediador assim como os impactos das suas ações sobre a vida dos sujeitos, realizamos o cinedebate a partir da exibição da obra fílmica *Minhas Tardes com Marguerite* (2010), de Marie-Sabine Roger. Na narrativa, a Sra. Margaritte, ávida leitora que todos os dias praticava em praça pública, se esbarra com Germain, homem marcado por traumas carregados desde a infância, cujas sequelas perpassam pela aversão à leitura, aos poucos e com muitos desdobramentos, Margaritte, por meio das leituras, consegue reverter algumas decisões e situação até então interpostas na vida de Germain. Com tal ilustração, começamos a pensar que outros sujeitos e situações, além das "formais, institucionais" podem se converter em mediadoras.

Com a compreensão construída acerca dos diversos sujeitos e espaços que emergem enquanto mediadores, propomos uma atividade de campo que objetivou a busca por atividades de fomento ao livro e à leitura e, é evidente, à mediação. E, entre espaços, práticas e sujeitos, apresentamos duas delas.

Numa relação de afetividade familiar e de paixão pela leitura, a filha¹ presenteia o pai com uma sala de leitura, espaço que posteriormente se converte na Biblioteca Comunitária do Aleixo. O Aleixo é um distrito/povoado

1 Por questões éticas e de direitos ocultamos o nome de todos os sujeitos envolvidos das ações mediadoras aqui relatadas.



formado por poucas centenas de habitantes que fica situado no espaço rural do município de Ibipeba – BA. Essa biblioteca converteu-se num verdadeiro referencial de solidariedade, inventividade e mediação para toda comunidade. Os habitantes do povoado, assim como alguns da sede do município, se engajam na promoção de atividades de contação de histórias, encenações teatrais, suplementação escolar e rodas de leitura. A gestão da biblioteca é realizada de forma dinâmica e coletiva, conta com auxílio de alguns voluntários e as obras do seu acervo, maiormente, são frutos de doações.

Com a instauração desse espaço, percebemos o ganho que é para comunidade haja vista que se não fosse ela, os habitantes ficariam sem um espaço próximo de acesso à leitura, uma vez que as Bibliotecas e bibliotecas escolares estão alocada na sede do município:

Imagem 01 – Identidade visual da Biblioteca Comunitária do Aleixo **Fonte:** Facebook/bibliotacacomunitarialeixo



Outro exemplo de boas práticas é o Piquenique Literário que ocorre na cidade de Presidente Dutra – BA. A ação é idealizada por quatro professoras que, próximo ao período do natal, fomentam uma rede de doações de livros fazem a coleta de livros de literatura e, de modo voluntário, recolhem e catalogam as obras. Sob posse dos objetos, as professoras preparam o evento, que já está circunscrito no calendário municipal, onde os livros serão apresentados [de diversos modos] e distribuídos. Importante ação que congrega a acessibilidade, sabemos que mesmo com os recorrentes movimentos de democratização de acesso ao livro estes objetos continuam não cabendo no bolso de muitas das famílias

brasileiras, também de mediação. Garantindo que as crianças e pré-adolescentes, principais beneficiados com a distribuição dos livros, possam adentrar ao mundo da leitura ou, para aqueles que já estão dentro, dar mais alguns passos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findarmos esse estudo [e também a etapa do projeto de extensão] observamos que, embora o debate sobre a leitura seja amplamente difundido e às vezes pareça banal falar da sua relevância, ainda há muito a ser construído. Constatamos que o ensino da leitura já ocupa um lugar expressivo, cuja tradição está arraigada a diversas instituições, contudo quando nos voltamos para as práticas de mediação, analisamos que elas nem sempre são atreladas aos processos de ensino ou adotadas por professores, e demais agentes de fomento à leitura. Fato este que consiste em um grave equívoco, haja vista o comprovado potencial que a leitura desnuda de compromissos marcados, acentos, sujeitos e predicados, não que não seja importante, contribui significativamente para construção de outras habilidades – autorreconhecimento, pertencimento cultural, construção de identidades.

Outra conclusão que se estabelece com a análise do observado e do escrito, é a necessidade da Universidade, principalmente nos cursos de licenciatura, possibilitar espaços que suscitem esse debate. Mesmo com a maioria dos cursistas graduandos em licenciatura, muitos ainda não haviam se debruçado sobre a formação de leitores a partir das lentes da mediação. Por essa razão, além do amplo debate, também da inserção da temática nos componentes curriculares, defendemos a extensão enquanto esse espaço de construção, de integralização entre as dimensões Universitárias para formação de mediadores de leituras. Dessa forma, nos valem dos escritos de Santos (2010) para salientar o relevo da extensão nas práticas universitárias contemporâneas:

A extensão propicia a complementação da formação acadêmica de docentes e discentes universitários, dada nas atividades de ensino e pesquisa, alicerçadas com a aplicação prá-



tica. Assim, forma-se um ciclo onde a pesquisa aprimora e produz novos conhecimentos, os quais são difundidos pelo ensino e pela extensão, de maneira que as três atividades tornam-se complementares e dependentes, atuando então de forma sistêmica (SANTOS, 2010).

Logo, é possível afirmar que as práticas e

ações extensionistas têm oportunizado vivências que corroboram e impactam nas comunidades e grupos externo, mas que também contribuem significativamente para concatenação de saberes, integralização de conhecimentos e aperfeiçoamento da formação inicial e em exercício, para docentes e discentes, sendo também um importante e emergente campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- COSCARELLI, Carla Viana.; CAFIERO, Delaine. Ler e ensinar ler. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Orgs.). Leituras sobre a leitura: passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Vereda, 2013.
- DIEB, Messias. Leitura na sala de aula. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). Leituras sobre a leitura: passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Vereda, 2013
- ECO, Umberto. Seis passeios pelo bosque da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FAILLA, Zoara. Retratos da leitura no Brasil 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
- JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. Sérgio Tellaoli. São Paulo: Ática, 1994.
- JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>. Acesso em: 21/04/2020.
- LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. Bibliotecas escolares: realidades, práticas e desafios para formar leitores. 2017. 285 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- MARTINS, Aracy Alves. et al. Espaços da literatura. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). Leituras sobre a leitura: passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Vereda, 2013.
- MORO, Elaine et al. Biblioteca escolar: presente! Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.
- PETIT. Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. Revista Conexão UEPG, v. 6, p. 10-15, 2010.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1987.
- SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Curitiba: Positivo, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ISSN 2236-6784



9 772236 678001 00001